

FREDRIK BACKMAN

AUTOR DO BEST-SELLER INTERNACIONAL
MINHA AVÓ PEDE DESCULPAS

BRITT-MARIE
ESTEVE AQUI





FREDRIK BACKMAN

BRITT-MARIE
ESTEVE AQUI

Tradução
Maira Parula

FÁBRICA231

Para minha mãe, que sempre cuidou para que houvesse
comida em minha barriga e livros em minha estante.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)

Borg é um lugar imaginário, qualquer semelhança
com lugares reais será coincidência.

Garfos. Facas. Colheres.

Nesta ordem.

Britt-Marie certamente não é o tipo de pessoa que julga os outros. Longe disso.

Mas uma pessoa civilizada chegaria a pensar em arrumar uma gaveta de talheres de um jeito diferente de como devem ser arrumadas as gavetas de talheres?

Não somos animais, somos?

É uma segunda-feira de janeiro. Ela está sentada a uma mesa na agência de empregos. Claro que não há talheres à vista, mas eles estão em sua mente porque resumem tudo que deu errado recentemente. Os talheres deviam ser arrumados como sempre foram, porque a vida deve continuar sem alterações. A vida normal é apresentável. Na vida normal, você limpa a cozinha, mantém a varanda arrumada e cuida dos filhos. É trabalho árduo — mais árduo do que se possa imaginar. Na vida normal, por certo você não se vê sentada numa agência de empregos.

A garota que trabalha ali tem o cabelo extremamente curto, pensa Britt-Marie, como o de um homem. Não que haja algo de errado nisso, não mesmo — sem dúvida é moderno. A garota aponta para uma folha de papel e sorri, é evidente que tem pressa.

— É só preencher com seu nome, número do seguro social e endereço aqui, por favor.

Britt-Marie precisa ter uma ficha. Como se fosse uma criminosa. Como se tivesse vindo roubar, em vez de procurar um emprego.

— Leite e açúcar? — pergunta a garota, servindo um pouco de café em uma caneca de plástico.

Britt-Marie não julga ninguém. Longe disso. Mas quem se comportaria assim? Uma caneca de plástico! Estamos na guerra? Ela gostaria de dizer isso à garota, mas como Kent sempre insiste que Britt-Marie “tenha mais consciência social”, ela se limita a sorrir com a maior diplomacia que pode e espera que lhe ofereçam um porta-copos.

Kent é o marido de Britt-Marie. Ele é empresário. De um sucesso incrível, incrível mesmo. Tem negócios com a Alemanha e uma consciência social

extrema, verdadeiramente extrema.

A garota lhe oferece duas caixas descartáveis e mínimas do tipo de leite que não precisa ser guardado na geladeira. Depois estende uma caneca de plástico com colheres de plástico que se projetam dela. Britt-Marie não poderia aparentar maior sobressalto se lhe oferecessem a visão de um atropelamento.

Ela balança a cabeça e passa a mão pela mesa como se estivesse coberta de migalhas invisíveis. Há papéis para todo lado, em alguma antiga ordem. Sem dúvida a garota não tem tempo para arrumá-los, percebe Britt-Marie, provavelmente é ocupada demais com a própria carreira.

— Tudo bem — diz a garota num tom simpático, virando-se para o formulário —, é só colocar seu endereço aqui.

Britt-Marie fixa o olhar no próprio colo. Sente falta de estar em casa com sua gaveta de talheres. Sente falta de Kent, porque é Kent que preenche todos os formulários.

Quando a garota dá a impressão de que vai abrir a boca de novo, Britt-Marie a interrompe:

— Você se esqueceu de me dar um porta-copos — diz Britt-Marie, sorrindo, com toda a consciência social que consegue invocar. — Não quero deixar marcas na sua mesa. Você se importaria de me dar algo onde colocar minha... xícara de café?

Britt-Marie usa aquele seu tom muito particular, a que sempre recorre quando precisa reunir toda sua bondade interior, para se referir ao objeto como uma “xícara”, embora seja uma caneca de plástico.

— Ah, não se preocupe, coloque em qualquer lugar.

Como se a vida fosse assim tão simples. Como se usar um porta-copos ou organizar a gaveta de talheres na ordem correta não importasse. A garota — que claramente não valoriza porta-copos, nem xícaras adequadas, nem mesmo espelhos, a julgar pelo corte de cabelo — bate a caneta no papel, junto do espaço para o endereço.

— Mas não podemos simplesmente colocar nossas xícaras na mesa, não é? Deixa marcas, certamente sabe disso.

A garota olha para a superfície da mesa, que dá a impressão de que crianças estiveram tentando comer batatas ali. Com garfos. No escuro.

— Na verdade não importa, a mesa é muito velha e já está bem arranhada! — diz ela com um sorriso.

Britt-Marie está gritando por dentro.

— Suponho que você não tenha pensado que a mesa está assim porque não usa porta-copos — diz em voz baixa, nem tanto de um jeito “passivo-agressivo”, como os filhos de Kent certa vez a descreveram quando acharam que ela não

estava ouvindo. Britt-Marie na verdade não é passivo-agressiva. Ela tem consideração. Depois de ouvir os filhos de Kent dizerem que era passivo-agressiva, esta sua consideração aumentou ainda mais por semanas.

A garota da agência de empregos parece meio tensa.

— Tudo bem... como disse que é seu nome? Britt, não é isso?

— Britt-Marie. Só minha irmã me chama de Britt.

— Tudo bem, Britt-Marie. Se puder preencher o formulário. Por favor.

Britt-Marie dá uma olhada no papel, que requer que ela dê garantias sobre onde mora e quem é. Hoje em dia exigem uma quantidade irracional de papelada só para ser humana. Uma quantidade absurda de administração para a sociedade permitir que alguém participe. No fim, ela preenche com seu nome, o número do seguro social e o número do celular, com relutância. O espaço para o endereço fica vazio.

— Qual o seu grau de instrução, Britt-Marie?

Britt-Marie aperta a bolsa.

— Devo lhe informar que minha educação é excelente.

— Mas sem educação formal?

— Para sua informação, resolvo um número enorme de palavras cruzadas. Não é o tipo de coisa que alguém sem instrução possa fazer.

Ela toma um gole muito pequeno do café. O gosto não é nada parecido com o café de Kent. Kent faz um café muito bom. Todo mundo diz isso. Britt-Marie cuida dos porta-copos e Kent cuida do café.

— Tudo bem... que experiência você tem?

— Meu último emprego foi como garçoneiro. Tenho referências excelentes.

A garota parece esperançosa.

— E quando foi isso?

— Em 1978.

— Ah... e você não trabalhou desde então?

— Eu trabalhei *todo dia* desde então. Ajudei na empresa do meu marido.

Mais uma vez, a garota parece esperançosa.

— E que tipo de tarefas realizou na empresa do seu marido?

— Eu tomava conta das crianças e cuidava para que nossa casa ficasse apresentável.

A garota sorri para esconder a decepção, como fazem as pessoas quando não têm a capacidade de distinguir entre “um lugar para morar” e “uma casa”. Na verdade, é a consideração que faz a diferença. Graças à consideração, existem porta-copos, xícaras de café e camas que são tão bem-feitas pela manhã que Kent brinca com os conhecidos a respeito disso, dizendo que se tropeçar na soleira a caminho do quarto, há “um risco menor de quebrar a perna se você cair

no chão do que na colcha”. Britt-Marie odeia quando ele fala assim. É claro que gente civilizada levanta os pés quando passa pela soleira do quarto, não?

Sempre que Britt-Marie e Kent saem, Britt-Marie borrifava bicarbonato de sódio no colchão por vinte minutos antes de fazer a cama. O bicarbonato absorve a sujeira e a umidade, deixando o colchão muito mais fresco. O bicarbonato de sódio ajuda em quase tudo, segundo a experiência de Britt-Marie. Em geral, Kent reclama de estar atrasado; Britt-Marie cruza as mãos sobre a barriga e diz: “Eu preciso mesmo poder fazer a cama antes de sairmos, Kent. Imagina se nós morrermos!”

Este é o verdadeiro motivo de Britt-Marie detestar viagens. A morte. Nem mesmo bicarbonato de sódio tem efeito sobre a morte. Kent diz que ela exagera, mas as pessoas morrem o tempo todo quando estão fora, e o que o senhorio ia pensar se tivessem de arrombar a porta e encontrassem um colchão sujo? É claro que iam concluir que Kent e Britt-Marie viviam na própria imundície.

A garota olha o relógio.

— *Muito bem* — diz ela.

Britt-Marie sente que o tom contém certa crítica.

— As crianças são gêmeas e temos uma varanda. É mais trabalho do que se pensa, ter uma varanda.

A garota concorda, hesitante.

— Que idade têm seus filhos?

— Os filhos de Kent. Têm trinta.

— E eles já saíram de casa?

— Naturalmente.

— E você tem sessenta e três anos?

— Sim — diz Britt-Marie com desprezo, como se isso fosse assaz irrelevante.

A garota dá um pigarro como se na verdade fosse assaz relevante.

— Bom, Britt-Marie, para falar com sinceridade, devido à crise financeira e tudo, quer dizer, há uma escassez de empregos para pessoas em sua... situação.

A garota dá certa impressão de que “situação” não era sua primeira opção como forma de concluir a frase. Britt-Marie sorri com paciência.

— Kent disse que a crise financeira acabou. Ele é empresário, compreenda. Ele entende desse tipo de coisa, que talvez esteja um tanto fora de seu campo de competência.

A garota pisca por um tempo desnecessariamente longo. Olha para o relógio. Parece pouco à vontade, o que irrita Britt-Marie. Rapidamente ela decide fazer um elogio à garota, só para mostrar sua boa vontade. Procura o que elogiar pela sala e por fim consegue dizer, com o sorriso mais generoso que consegue achar:

— Você tem um corte de cabelo muito moderno.

— O quê? Ah. Obrigada — responde ela, as pontas dos dedos se movem com constrangimento para o couro cabeludo.

— É muita coragem sua manter o cabelo tão curto quando tem uma testa tão grande.

Por que a garota parece ofendida?, pergunta-se Britt-Marie. É claro que é o que acontece quando você tenta ser sociável com os jovens hoje em dia. A garota se levanta da cadeira.

— Obrigada por vir, Britt-Marie. Você está registrada em nosso banco de dados. Entraremos em contato!

Ela estende a mão para se despedir. Britt-Marie se levanta e coloca a caneca de plástico com café na mão da garota.

— Quando?

— Bom, é difícil saber.

— Imagino que eu não deva só me sentar e esperar — argumenta Britt-Marie com um sorriso diplomático —, como se não tivesse nada melhor para fazer.

A garota engole em seco.

— Bom, meu colega entrará em contato com você sobre um curso de treinamento funcional, um...

— Não quero curso nenhum. Quero um emprego.

— Perfeitamente, mas é complicado saber quando algo vai aparecer...

Britt-Marie tira um bloco do bolso.

— Digamos amanhã, então?

— O quê?

— Pode aparecer alguma coisa amanhã?

A garota dá um pigarro.

— Bom, pode, ou melhor...

Britt-Marie pega um lápis na bolsa, olha para o lápis com certa reprovação, depois olha para a garota.

— Posso lhe pedir um apontador? — pergunta.

— Um apontador? — indaga a garota, como se tivessem lhe pedido um artefato mágico de mil anos.

— Preciso colocar nossa reunião na lista.

Algumas pessoas não entendem o valor das listas, mas Britt-Marie não é desse tipo. Tem tantas listas que precisa manter uma lista distinta relacionando todas as listas. Caso contrário, qualquer coisa pode acontecer. Ela pode morrer. Ou se esquecer de comprar bicarbonato de sódio.

A garota lhe oferece uma caneta e diz algo que pretende ser “Na verdade, não terei tempo amanhã”, porém Britt-Marie está ocupada demais encarando a caneta para ouvir o que ela diz.

— Mas não podemos escrever listas a *tinta*, não é? — ela reclama.

— É só o que tenho. — A garota fala isto com certo caráter decisivo. — Tem mais alguma coisa em que possa ajudá-la hoje, Britt-Marie?

— Ha — responde Britt-Marie depois de algum tempo.

Britt-Marie costuma dizer isso. “Ha.” Não “ha-ha”, mais como quem diz “aha”, falado em um tom particularmente decepcionado. Como acontece quando encontramos uma toalha molhada jogada no chão do banheiro.

“Ha.” Logo depois de dizer isso, Britt-Marie sempre fecha a boca com firmeza para enfatizar que é a última coisa que pretende falar sobre o assunto. Mas raras vezes é a última.

A garota hesita. Britt-Marie pega a caneta como se ela estivesse ensebada. Olha a lista com o título “terça-feira” em seu bloco e, no alto, acima de “Limpeza” e “Compras”, escreve “A agência de empregos entrará em contato comigo”.

Ela devolve a caneta.

— Foi um prazer conhecê-la — diz a garota como um robô. — Entraremos em contato!

— Ha — diz Britt-Marie, assentindo.

Britt-Marie sai da agência de empregos. A garota evidentemente tem a impressão de que aquela é a última vez que vão se encontrar, porque não tem consciência dos escrúpulos com que Britt-Marie adere a suas listas. É óbvio que a garota nunca viu a varanda de Britt-Marie.

É uma varanda surpreendente e espantosamente apresentável.

É janeiro lá fora, um frio de inverno no ar, mas não há neve no chão — está abaixo do congelamento, sem qualquer evidência disto. A pior época do ano para plantas de varanda.

Depois de sair da agência, Britt-Marie vai a um supermercado que não é o seu habitual, onde compra tudo que está na lista. Não gosta de fazer compras sozinha, porque não gosta de empurrar o carrinho. Kent sempre empurra o carrinho enquanto Britt-Marie anda a seu lado e segura um canto do cabo do carrinho. Não porque tente conduzir, só porque gosta de segurar coisas enquanto ele também as segura. É pela sensação de que eles vão a algum lugar ao mesmo tempo.

Ela consome seu jantar frio exatamente às seis horas. Costumava ficar sentada a noite toda, esperando por Kent, então tenta colocar a porção dele na geladeira. Mas a única geladeira ali está cheia de garrafinhas de álcool. Ela se deita numa cama que não é a dela, enquanto esfrega o dedo anular, um hábito em que recai quando está nervosa.

Alguns dias antes, estava sentada na própria cama, girando a aliança de casamento, depois de limpar o colchão com um cuidado a mais e bicarbonato de sódio. Agora esfrega a marca branca na pele onde antes ficava o anel.

O prédio tem um endereço, mas certamente não é lugar nem para se morar, nem é uma casa. No chão estão duas caixas plásticas retangulares para flores de varanda, mas o quarto de hóspedes não tem varanda. Britt-Marie não tem por quem esperar a noite toda sentada.

Mas fica sentada mesmo assim.

A agência de empregos abre às nove da manhã. Britt-Marie espera até as 9:02 para entrar. Não quer parecer obstinada.

— Você devia ter entrado em contato comigo hoje — anuncia, não muito obstinadamente, quando a garota abre a porta do escritório.

— O quê? — exclama a garota, o rosto inteiramente livre de qualquer emoção positiva. Está cercada por pessoas vestidas de forma parecida que seguram canecas de plástico. — Bem, olha, vamos começar uma reunião agora...

— Ah, sim. Imagino que seja importante — diz Britt-Marie, ajeitando um vinco na saia que só ela consegue enxergar.

— Bom, sim...

— E naturalmente eu não sou importante.

A garota se contorce como se suas roupas de repente tivessem diminuído de tamanho.

— Sabe, eu lhe disse ontem que entraria em contato se algo aparecesse. Nunca disse que seria hoje...

— Mas eu coloquei isso na lista — argumenta Britt-Marie, pegando o bloco e apontando, decidida, para ele. — Eu não teria colocado na lista se você não tivesse dito, precisa entender isso. E você me fez escrever à tinta!

A garota respira fundo.

— Escuta, sinto muito se houve um mal-entendido, mas preciso ir para minha reunião.

— Talvez você tivesse mais tempo para encontrar empregos para as pessoas se não passasse seus dias em reuniões, não é? — observa Britt-Marie enquanto a garota fecha a porta.



Britt-Marie fica sozinha no corredor. Nota que há dois adesivos na porta da garota, pouco acima da maçaneta. Em uma altura onde seriam colocados por uma criança. Ambos são bolas de futebol. Isso faz com que se lembre de Kent, porque Kent ama futebol. Ele ama futebol de um jeito que nada mais na vida pode se comparar. Ele ama futebol ainda mais do que contar a todos quanto custa alguma coisa depois de comprar.

Durante os grandes campeonatos de futebol, os suplementos de palavras cruzadas são substituídos por seções especiais de futebol, e depois disso quase não é possível obter uma palavra sensata de Kent. Se Britt-Marie pergunta o que ele quer para o jantar, ele resmunga que não importa, sem nem mesmo tirar os olhos da página.

Britt-Marie nunca perdoou o futebol por isso. Por tirar Kent dela, e por privá-la de seu suplemento de palavras cruzadas.

Ela esfrega a marca branca no dedo anular. Lembra-se da última vez em que o jornal matutino substituiu o suplemento de palavras cruzadas por uma seção sobre futebol, porque ela leu o jornal quatro vezes, na esperança de encontrar palavras cruzadas pequenas e escondidas em algum lugar. Não encontrou nenhuma, mas descobriu uma notícia sobre uma mulher, da idade de Britt-Marie, que havia morrido. Britt-Marie não consegue tirá-la da cabeça. A matéria descrevia que a mulher ficou prostrada por várias semanas até ser encontrada, depois que os vizinhos deram uma queixa sobre um cheiro ruim saindo do apartamento dela. Britt-Marie não consegue parar de pensar naquela notícia, não consegue parar de pensar em como seria vexatório se os vizinhos comessem a reclamar de cheiros ruins. Dizia na matéria que a causa da morte foi “natural”. Um vizinho disse que “o jantar da mulher ainda estava na mesa quando o senhorio entrou no apartamento”.

Britt-Marie perguntou a Kent o que ele achava que a mulher havia comido. Ela pensou que devia ser medonho morrer no meio do jantar, como se a comida fosse horrível. Kent resmungou que isso não fazia diferença nenhuma e aumentou o volume da televisão.

Britt-Marie pegou a camisa dele no chão do quarto e colocou na máquina de lavar, como sempre. Depois lavou e reorganizou o barbeador elétrico dele no banheiro. Kent insistia em dizer que ela “escondia” o barbeador, quando se postava ali de manhã, gritando “Briiiiitt-Mariiiiie” porque não conseguia encontrá-lo, mas ela não o escondia de forma alguma. Só estava reorganizando. Existe uma diferença. Às vezes ela reorganizava porque era necessário e às vezes o fazia porque adorava ouvi-lo chamar seu nome pela manhã.

Depois de meia hora, a porta do escritório da garota se abre. Saem pessoas; a garota se despede e sorri com entusiasmo, até notar a presença de Britt-Marie.

— Ah, você ainda está aqui. Então, como eu disse, Britt-Marie, lamento muito, mas não tenho tempo para...

Britt-Marie se levanta e passa a mão na saia para tirar uma migalha invisível.

— Vejo que gosta de futebol — fala Britt-Marie, apontando com a cabeça para os adesivos na porta. — Deve ser bom para você.

A garota se ilumina.

— Sim. Você também?

— É claro que não.

— Tudo bem... — A garota consulta o relógio de pulso, depois outro relógio na parede. Claramente está inclinada a tentar tirar Britt-Marie dali, e assim Britt-Marie sorri com paciência e decide dizer alguma coisa sociável:

— Seu cabelo está diferente hoje.

— O quê?

— Diferente de ontem. Creio que seja moderno.

— O quê, o cabelo?

— Nunca ter de se decidir.

E então acrescenta prontamente:

— Não que haja algo de errado nisso, é claro. Na verdade, parece muito prático.

O fato é que ele é curto e espetado, como acontece quando alguém derrama suco de laranja em um tapete felpudo. Kent sempre derramava vodca quando tomava com suco de laranja durante as partidas de futebol, até que um dia Britt-Marie deu um basta e transferiu o tapete para o quarto de hóspedes. Isso já faz treze anos, mas ela ainda pensa muito no assunto. Os tapetes de Britt-Marie e as lembranças de Britt-Marie têm muito em comum neste sentido: é muito difícil limpar os dois.

A garota dá um pigarro.

— Escuta, adoraria conversar mais, mas como venho tentando lhe dizer, no momento não tenho tempo.

— Quando você terá tempo? — pergunta Britt-Marie, retirando o bloco e repassando metodicamente uma lista. — Às três horas?

— Estou com a agenda cheia hoje...

— Também posso encaixar às quatro ou às cinco horas — propõe Britt-Marie, conferindo consigo mesma.

— Hoje vamos fechar às cinco — diz a garota.

— Digamos às cinco, então.

— Como é? Não, fechamos às cinco...

— Certamente não podemos ter uma reunião depois das cinco — protesta Britt-Marie.

— O quê? — diz a garota.

Britt-Marie sorri com enorme, imensa paciência.

— Não quero fazer cena aqui. De forma alguma. Mas, minha cara, as pessoas civilizadas jantam às seis horas, e assim qualquer horário depois das cinco certamente é um tanto tarde para uma reunião, não concorda comigo? Ou está dizendo que devemos ter nossa reunião enquanto comemos?

— Não... quer dizer... o quê?

— Ha. Bem, neste caso você deve cuidar para não se atrasar. Assim as batatas não ficam frias.

Depois ela escreve “6h. Jantar” na lista.

A garota diz algo atrás de Britt-Marie, mas Britt-Marie já se foi, porque na realidade não tem tempo para ficar ali falando sobre aquilo o dia todo.

São 4:55 da tarde. Britt-Marie está esperando sozinha na rua na frente da agência de empregos, porque seria falta de educação entrar cedo demais para a reunião. O vento agita gentilmente seu cabelo. Ela sente tanta falta de sua varanda que até pensar nisso é um sofrimento — precisa fechar os olhos com tanta força que as têmporas começam a doer. Ela costuma ficar na varanda à noite, esperando por Kent. Ele sempre diz que ela não devia ficar esperando por ele. Ela sempre espera. Em geral, avista o carro dele da varanda e, quando ele entra, a comida já está na mesa. Depois que ele adormece na cama dos dois, ela pega sua camisa no chão do quarto e a coloca na máquina de lavar. Se o colarinho estiver sujo, primeiro ela passa vinagre e bicarbonato de sódio. De manhã cedo, acorda, ajeita o cabelo e arruma a cozinha, borrifa bicarbonato de sódio nos vasos de flores da varanda e dá um polimento em todas as janelas com Faxin.

Faxin é a marca de limpa-vidros de Britt-Marie. É ainda melhor do que bicarbonato de sódio. Ela só se sente um ser humano pleno quando tem um frasco mais ou menos cheio à mão. Não tem Faxin? Qualquer coisa pode acontecer numa situação dessa. Assim, ela escreveu “Comprar Faxin” em sua lista de compras desta tarde (pensou em acrescentar pontos de exclamação no final, para destacar a gravidade do caso, mas conseguiu se conter). Depois foi ao supermercado que não é o de costume, onde nada está organizado como de hábito. Ela perguntou pelo Faxin a um jovem que trabalhava ali. Ele nem mesmo sabia o que era. Quando Britt-Marie explicou que era sua marca de limpa-vidros, ele simplesmente deu de ombros e sugeriu outra marca. Nessa hora, Britt-Marie ficou tão irritada que pegou a lista e acrescentou um ponto de exclamação.

O carrinho de compras estava meio avariado e ela até atropelou o próprio pé com ele. Fechou os olhos, sugou as bochechas e sentiu falta de Kent. Encontrou um salmão em promoção e pegou batatas e outros legumes. De uma prateleira pequena com a placa “Papeleria”, escolheu um lápis e dois apontadores e os colocou no carrinho.

— É cadastrada? — perguntou o jovem quando ela chegou ao caixa.

— Em quê? — indagou Britt-Marie, desconfiada.

— O salmão só está na promoção para cadastrados — disse ele.

Britt-Marie sorriu com paciência.

— Este não é o supermercado a que vou habitualmente, entende? Lá, meu marido tem cadastro.

O jovem estendeu-lhe um folheto.

— A senhora pode se inscrever aqui, só leva um minuto. Só precisa preencher seu nome e endereço aqui e...

— É claro que não — disse imediatamente Britt-Marie. Por que será que não há nenhum limite? É preciso mesmo ter de se registrar e deixar nome e endereço como algum terrorista suspeito só porque você quer comprar um pedaço de salmão?

— Bom, nesse caso a senhora não terá direito à promoção.

— Ha.

O jovem parece inseguro de si.

— Escute, se a senhora não tem dinheiro suficiente, eu pos...

Britt-Marie o encara de olhos arregalados. Ela queria muito elevar a voz, mas suas cordas vocais não ajudariam.

— Meu caro rapazinho. Eu tenho muito dinheiro. Muito mesmo. — Ela tentou gritar e bater com a carteira na esteira transportadora, só que mais pareceu um sussurro e um leve empurrão.

O jovem deu de ombros e aceitou o pagamento. Britt-Marie queria dizer a ele que o marido era empresário, e que ela portanto tinha condições sim de pagar o preço fora da promoção de um pouco de salmão. Mas o jovem já começara a atender o cliente seguinte. Como se ela não fizesse diferença nenhuma.

Às cinco horas em ponto, Britt-Marie bate na porta da sala da garota. Quando ela abre a porta, está vestindo o casaco.

— Aonde você vai? — pergunta Britt-Marie. A garota parece pegar um tom incriminador na voz dela.

— Eu... bom, estamos fechando agora... como eu lhe disse, tenho q...

— Então você vai voltar? A que horas devo esperar por você?

— O quê?

— Preciso saber quando devo preparar as batatas.

A garota esfrega as pálpebras com os nós dos dedos.

— Sim, sim, tudo bem. Desculpe-me, Britt-Marie. Mas eu tentei lhe dizer, não tenho temp...

— Isto é para você — diz Britt-Marie, oferecendo-lhe o lápis. Quando a garota o aceita, um tanto confusa, Britt-Marie também estende dois apontadores, um deles azul, o outro rosa. Ela aponta para eles e, em seguida, sem denotar preconceito nenhum, para o corte de cabelo masculino da garota.

— Sabe de uma coisa, hoje em dia não dá para saber do que vocês gostam. Então comprei as duas cores.

A garota parece não entender a quem Britt-Marie se refere por “você”.

— Ob... brigada, acho.

— Agora eu gostaria de saber onde fica a cozinha, se não for incômodo demais para você, senão vou me atrasar com as batatas.

A garota, por um breve instante, dá a impressão de que vai exclamar “Cozinha?”, mas no último instante se contém e, como crianças pequenas perto de banheiras, parece entender que protestar só vai prolongar o processo e torná-lo mais penoso. Ela simplesmente desiste, aponta para a cozinha da agência e pega a sacola de compras das mãos de Britt-Marie, que a acompanha pelo corredor. Britt-Marie decide reconhecer sua civilidade com algum elogio:

— Que lindo casaco esse seu — diz ela por fim.

A mão da garota desliza, surpresa, pelo tecido do casaco.

— Obrigada! — Ela sorri com sinceridade, abrindo a porta da cozinha.

— É coragem de sua parte usar vermelho nesta época do ano. Onde estão os utensílios de cozinha?

Com paciência cada vez menor, a garota abre uma gaveta. Metade dela guarda uma miscelânea de utensílios fora de ordem. A outra contém um compartimento plástico para os talheres.

Um único compartimento.

Garfos, facas, colheres.

Juntos.

A irritação da garota transforma-se numa preocupação autêntica.

— Você... está... o que foi... você está bem? — pergunta a Britt-Marie.

Britt-Marie foi até uma cadeira para se sentar e parece à beira de um desmaio.

— Bárbaros — sussurra ela, sugando as bochechas.

A garota se joga na cadeira de frente para ela. Parece perdida. Seu olhar se fixa na mão esquerda de Britt-Marie. As pontas dos dedos de Britt-Marie esfregam desagradavelmente a marca branca em sua pele, como a cicatriz de um membro amputado. Quando ela nota o olhar da garota, esconde a mão embaixo da bolsa, parece ter flagrado alguém que a espiava no banho.

Gentilmente, a garota ergue as sobrancelhas.

— Posso lhe perguntar... desculpe-me, mas... quer dizer, o que realmente está fazendo aqui, Britt-Marie?

— Eu quero um emprego — responde Britt-Marie, procurando na bolsa um lenço para limpar a mesa.

A garota se remexe numa tentativa confusa de encontrar uma posição relaxada.

— Com todo respeito, Britt-Marie, você não tem um emprego há quarenta anos. Por que agora isso é tão importante?

— Eu tive um emprego por quarenta anos. Eu cuidava de uma casa. Por isso é importante agora — diz Britt-Marie, retirando migalhas imaginárias da mesa.

Como a garota não responde prontamente, ela acrescenta:

— Li no jornal sobre uma mulher que ficou morta no próprio apartamento por várias semanas. Diziam que a causa da morte foi “natural”. O jantar dela ainda estava na mesa. Na verdade, isso não é muito natural. Ninguém sabia que ela estava morta, só quando os vizinhos reagiram ao cheiro.

A garota mexe no cabelo.

— Então... você... você quer um emprego para... — diz ela, atrapalhada.

Britt-Marie suspira com enorme paciência.

— Ela não tinha filhos, nem marido, nem emprego. Ninguém sabia onde ela estava. Se eu tiver um emprego, as pessoas notarão se eu não aparecer.

A garota, ainda no trabalho muito depois de o expediente ter terminado, fica sentada e olha por um tempo longo, muito longo, para a mulher que a retém ali. Britt-Marie senta-se de costas retas, como se senta na cadeira da varanda quando espera por Kent. Jamais quis ir para a cama quando Kent não estava em casa, porque não queria dormir sem que alguém soubesse que ela estava lá.

Ela suga as bochechas. Esfrega a marca branca.

— Ha. É claro que você acredita que isso é absurdo. Certamente tenho consciência de que conversar não é um de meus pontos fortes. Meu marido diz que sou socialmente inepta.

As últimas palavras saem mais baixo do que o resto. A garota engole em seco e aponta para a aliança que não está mais no dedo de Britt-Marie.

— O que aconteceu com seu marido?

— Ele teve um infarto.

— Eu sinto muito. Não sabia que ele morreu.

— Ele não morreu — sussurra Britt-Marie.

— Ah, eu pen...

Britt-Marie a interrompe, levantando-se e arrumando os talheres como se eles tivessem cometido algum crime.

— Eu não uso perfume, então pedi a ele para sempre colocar a camisa diretamente na máquina de lavar quando chegasse em casa. Ele nunca fez isso. Depois ele costumava gritar comigo porque a máquina de lavar fazia muito barulho à noite.

Ela para de repente e dá ao fogão um rápido sermão sobre seus botões girarem para o lado errado. Ele parece se envergonhar. Britt-Marie assente mais uma vez e fala:

— A outra mulher me ligou depois que ele teve o infarto.

A garota se levanta para ajudar, depois se senta vigilante, quando Britt-Marie pega a faca de filetar na gaveta.

— Quando os filhos de Kent eram pequenos e ficavam conosco em semanas alternadas, eu criei o hábito de ler para eles. Meu livro preferido era *O mestre alfaiate*. É um conto de fadas, sabe? As crianças queriam que eu inventasse minhas histórias, mas não consigo ver o sentido disso quando existem outras histórias perfeitas já escritas por profissionais. Kent dizia que era porque eu não tenho nenhuma imaginação, mas a verdade é que minha imaginação é excelente.

A garota não responde. Britt-Marie ajusta a temperatura do forno. Coloca o salmão em uma travessa. Depois simplesmente fica parada ali.

— É preciso uma imaginação excelente para fingir que não se entende nada ano após ano, embora eu lave todas as camisas dele e não use perfume — sussurra ela.

A garota se levanta de novo. Atrapalhada, coloca a mão no ombro de Britt-Marie.

— Eu... lamento, eu... — ela começa a dizer.

E para, embora não tenha sido interrompida. Britt-Marie cruza as mãos sobre a barriga e olha para o forno.

— Quero um emprego porque sinceramente não acho que seja muito edificante perturbar os vizinhos com um cheiro ruim. Quero que alguém saiba que estou ali.

Não há nada a dizer diante disso.

Quando o salmão está pronto, elas se sentam à mesa e comem sem se olhar.

— Ela é muito bonita. Nova. Eu não o culpo, sinceramente não o culpo — diz por fim Britt-Marie.

— Ela deve ser uma vagaba — sugere a garota.

— O que isso significa? — pergunta Britt-Marie, pouco à vontade.

— É... quer dizer... uma coisa que não presta.

Britt-Marie volta a baixar os olhos para o prato.

— Ha. Isso foi gentileza sua.

Ela sente que devia dizer algo gentil também, e assim, com certo nível de tensão, consegue falar:

— Você... quer dizer... seu cabelo está bonito hoje.

A garota sorri.

— Obrigada!

Britt-Marie assente.

— Não vejo muito de sua testa hoje, não como ontem.

A garota coça a testa, pouco abaixo da franja. Britt-Marie olha para o próprio prato e tenta resistir ao instinto de servir uma porção para Kent. A garota diz

alguma coisa. Britt-Marie ergue os olhos e pergunta em voz baixa:

— Como disse?

— Isso foi muito gentil — diz a garota.

Sem que Britt-Marie nem sequer tenha perguntado.

Então Britt-Marie consegue um emprego. Que por acaso é em um lugar chamado Borg. Dois dias depois de convidar a garota da agência de empregos para comer salmão, é para onde Britt-Marie vai em seu carro. Assim, agora devemos dizer algumas palavras sobre Borg.

Borg é uma comunidade construída ao longo de uma estrada. E isto de fato é o que de mais gentil se pode dizer sobre ela. Não é um lugar que possa ser descrito como um em um milhão, mas como um entre milhões de outros. Tem um campo de futebol fechado, uma escola fechada, uma farmácia fechada, uma loja de bebidas fechada, um centro de saúde fechado, um supermercado fechado, um shopping fechado e uma estrada que corre para dois lados opostos.

Existe um centro recreativo que evidentemente não foi fechado, mas só porque ainda não tiveram tempo para isso. Leva tempo para fechar uma comunidade inteira, é claro, e o centro recreativo precisa esperar sua vez. Além disso, as únicas outras coisas dignas de nota em Borg são o futebol e a pizzaria, porque futebol e pizzaria costumam ser as últimas coisas a abandonar a humanidade.

O primeiro contato de Britt-Marie com a pizzaria e o centro recreativo acontece naquele dia de janeiro em que ela para seu carro branco entre os dois estabelecimentos. O primeiro contato com o futebol se dá quando uma bola bate na sua cabeça, bate forte.

O que acontece logo depois de seu carro explodir.

Podemos resumir dizendo que as primeiras impressões que Borg e Britt-Marie tiveram uma da outra não foram inteiramente positivas.

Se quisermos ser minuciosos a esse respeito, a verdadeira explosão acontece quando Britt-Marie está entrando na área do estacionamento. Do lado do carona. Britt-Marie tem certeza disso e, se ela tivesse de descrever o barulho, diria que foi meio parecido com um “cabum!”. É compreensível que fique em pânico, e ela abandona os pedais do freio e da embreagem, daí o carro engasga de forma patética. Após alguns desvios indevidos e dramáticos pelas poças congeladas de janeiro, ele para abruptamente na frente de um prédio com um letreiro parcialmente quebrado, cujas luzes de néon dizem “PizzRai”. Apavorada, Britt-Marie desce do carro, esperando (com bastante razão, nas circunstâncias) que o veículo seja engolfado pelas chamas a qualquer momento. Não acontece. Em vez

disso, Britt-Marie fica parada sozinha no estacionamento, cercada por um silêncio que só existe nas comunidades pequenas e mais remotas.

Tudo é um tanto incômodo. Ela ajeita a saia e segura a bolsa com mãos firmes.

Uma bola de futebol passa rolando de um jeito indolente pelo cascalho, afastando-se do carro de Britt-Marie para o que ela supõe que seja o centro recreativo. Depois de um momento, há um baque desconcertante. Decidida a não ser distraída das tarefas que tem, ela pega uma lista na bolsa. O topo da lista diz: “Ir de carro até Borg.” Ela elimina esse item. O seguinte na lista é: “Pegar a chave na agência de correio.”

Ela pega o celular que Kent lhe deu cinco anos antes e o usa pela primeira vez.

— Alô? — diz a garota da agência de empregos.

— É assim que as pessoas atendem a um telefonema hoje em dia? — diz Britt-Marie. Prestativa, não num tom crítico.

— O quê? — diz a garota, por alguns segundos ainda feliz e alheia ao fato de que Britt-Marie não saiu necessariamente de sua vida só porque saiu da agência de empregos.

— Eu cheguei neste lugar, em Borg. Mas tem alguma coisa fazendo um barulho horrível e meu carro explodiu. Essa agência de correio fica longe?

— Britt-Marie, é você?

— Não consigo te ouvir!

— Você disse que *explodiu*? Você está bem?

— É claro que estou bem! Mas e o carro?

— Não entendo nada de carros — tenta a garota.

Britt-Marie solta um suspiro extremamente paciente.

— Você disse que eu devia telefonar se tivesse alguma pergunta — ela a lembra. Britt-Marie sente que seria ilógico que esperassem que ela entendesse alguma coisa de carros. Só dirigiu em muito poucas ocasiões desde que ela e Kent se casaram — nunca foi a lugar algum em um carro sem a presença de Kent, e Kent é um excelente motorista.

— Eu quis dizer perguntas sobre o *emprego*.

— Ha. É só isso que importa, é claro. A carreira. Que quase fui morta numa explosão, isso naturalmente não é importante — declara Britt-Marie. — Talvez seja bom eu morrer. Assim você terá uma vaga de emprego a mais.

— Por favor, Britt-Mar...

— Não consigo ouvir você!! — grita Britt-Marie, de um jeito muito prestativo, e desliga. Depois fica parada ali, sozinha, sugando as bochechas.

Alguma coisa ainda está batendo do outro lado do centro recreativo, que ainda está de pé só porque na última reunião dos vereadores em dezembro já havia muitas outras coisas programadas para fechar. Os representantes da autoridade local tiveram medo de que isso causasse o adiamento de seu jantar anual de Natal. Em vista da importância do jantar de Natal, o fechamento foi empurrado para o final de janeiro, depois do período de recesso dos vereadores. Evidentemente, o gabinete de comunicações da autoridade local devia ser responsável por comunicar isso ao Departamento de Pessoal, mas infelizmente o secretário de Comunicações estava de férias e se esqueceu de comunicar. Por conseguinte, quando o Departamento de Pessoal descobriu que a autoridade local tinha um prédio sem ninguém para cuidar dele, foi anunciada uma vaga de zelador do centro recreativo na agência de empregos no início de janeiro. É tudo que pode ser dito desta questão.

De todo modo, o emprego não só é excepcionalmente mal-remunerado, mas também temporário e sujeito à chegada da decisão relacionada com o fechamento do centro recreativo à reunião dos vereadores dali a três semanas. E, para completar, o centro recreativo fica em Borg. O número de candidatos para a vaga, por esses motivos, era muito limitado.

Mas acontece que a garota da agência de empregos, que muito a contragosto comeu salmão com Britt-Marie naquele dia da antevéspera, prometeu a Britt-Marie que realmente tentaria encontrar um emprego para ela. Às 9:02 da manhã seguinte, quando Britt-Marie bateu na porta da garota para saber como ia a questão, esta digitou no computador por um tempo e por fim anunciou: “Tem um emprego. Mas fica no meio do nada e paga tão mal que, se você recebe os benefícios do seguro-desemprego, provavelmente vai perder dinheiro nele.”

— Eu não tenho nenhum *benefício* — disse Britt-Marie, como se fosse uma doença.

A garota suspirou de novo e tentou dizer algo a respeito de “cursos de reciclagem” e “medidas” para as quais Britt-Marie poderia ser elegível, mas Britt-Marie deixou claro que certamente não acolheria nenhuma dessas medidas.

— Por favor, Britt-Marie, é só um emprego de três semanas, não é o tipo de coisa a que você queira se candidatar na sua... idade... além disso, você terá de se mudar para aquele lugar...

Agora Britt-Marie está em Borg e seu carro explodiu. Pode-se dizer que dificilmente é o melhor dia possível em seu novo emprego. Ela telefona de novo para a garota.

— Onde devo encontrar o material de limpeza? — questiona Britt-Marie.

— O quê? — pergunta a garota.

— Você disse que eu devia telefonar se tivesse alguma pergunta sobre o emprego.

A garota resmunga algo ininteligível, sua voz parece sair de dentro de uma lata.

— Agora você precisa me ouvir, minha cara. Tenho toda a intenção de encontrar a agência de correio de que você me informou e pegar a chave do centro recreativo, mas só vou colocar o pé dentro do centro recreativo quando você me informar o paradeiro do material de limp...! — Mais uma vez, ela é interrompida pela bola rolando pelo estacionamento. Britt-Marie não gosta disso. Não é nada pessoal, ela não decidiu implicar com esta bola especificamente. É só que ela não gosta de nenhuma bola de futebol. Não há preconceito nenhum nisso.

A bola é perseguida por duas crianças. Elas estão tremendamente sujas, as três, se você incluir a bola.

Os jeans das crianças estão rasgados nas coxas. Elas alcançam a bola, chutam-na para o lado contrário e mais uma vez desaparecem atrás do centro recreativo. Uma delas perde o equilíbrio e se firma colocando a mão na janela, onde deixa uma mancha escura.

— O que está acontecendo? — pergunta a garota.

— Essas crianças não deveriam estar na escola? — exclama Britt-Marie, lembrando-se de colocar outro ponto de exclamação depois de “Comprar Faxin!” em sua lista. Se este lugar tiver um supermercado.

— O quê? — diz a garota.

— Minha cara, você precisa parar de dizer “o quê?” o tempo todo, faz com que pareça ter muito pouco talento.

— O quê?

— Tem *crianças* aqui!

— Tudo bem, mas, por favor, Britt-Marie, eu não conheço nada de Borg! Nunca estive aí! E não estou te ouvindo... acho que você... tem certeza de que não está segurando o telefone de cabeça para baixo?

Britt-Marie examina o telefone atentamente. Vira o aparelho.

— Ha — diz ela no telefone, como se a culpa fosse de quem está do outro lado da linha.

— Tudo bem, até que enfim consigo te ouvir — diz a garota num tom de estímulo.

— Nunca usei esse telefone. Existem pessoas que têm outras coisas para fazer além de passar o dia todo falando no telefone, sabe?

— Ah, não se preocupe. Também foi assim comigo quando tive um telefone novo!

— Claro que não estou preocupada! E este telefone de maneira nenhuma é novo, ele tem cinco anos — Britt-Marie a corrige. — Nunca precisei de nenhum. Eu tinha o que fazer, entenda. Não ligo para ninguém, a não ser Kent, e ligo para ele do telefone de casa, como uma pessoa civilizada.

— Mas e quando você sai? — pergunta a garota, instintivamente incapaz de processar como era o mundo antes de uma pessoa conseguir falar com outra a qualquer hora do dia.

— Minha cara — ela explica com paciência —, quando saio, estou com Kent.

Britt-Marie provavelmente pretendia dizer mais alguma coisa, porém é nesse momento que ela vê o rato, mais ou menos do tamanho de um vaso de flores normal, correndo pelos trechos de gelo no estacionamento. Pensando bem agora, Britt-Marie é da firme opinião de que queria gritar bem alto. Infelizmente, porém, não teve tempo para isso, porque de súbito tudo escureceu e o corpo de Britt-Marie jaz inconsciente no chão.

O primeiro contato de Britt-Marie com o futebol em Borg acontece quando a bola atinge sua cabeça.

Britt-Marie acorda no chão. Alguém está recurvado sobre ela e diz alguma coisa, mas os primeiros pensamentos de Britt-Marie são sobre o chão. Receia que esteja sujo e que as pessoas pensem que ela morreu. Essas coisas acontecem o tempo todo, gente caindo e morrendo. Seria horrível, pensa Britt-Marie. Morrer num chão sujo. O que os outros vão pensar?

— Ei, você está... como se diz mesmo? Falecida? — pergunta Alguém, mas Britt-Marie está de olho no chão.

— Senhora? Você está... humm... morta? — Alguém repete e solta um curto assovio.

Britt-Marie não gosta de assovios e sua cabeça dói. O chão cheira a pizza. Seria pavoroso morrer com dor de cabeça e ainda sentindo cheiro de pizza. Ela não é muito fã de pizza, porque Kent cheirava muito a pizza quando chegava tarde em casa de suas reuniões com a Alemanha. Britt-Marie se lembra de todos os cheiros dele. Sobretudo do cheiro de quarto de hospital. Estava atulhado de buquês (é prática comum receber flores quando a pessoa tem um infarto), mas Britt-Marie ainda consegue se lembrar daquele cheiro de perfume e pizza da camisa ao lado do leito dele.

Ele estava dormindo e roncava de leve. Ela segurou sua mão uma última vez, sem acordá-lo. Depois dobrou a camisa e colocou na bolsa. Quando chegou em casa, limpou o colarinho com bicarbonato de sódio e vinagre e lavou duas vezes antes de pendurar. Depois deu polimento nas janelas com Faxin, refrescou o colchão, pegou as caixas da varanda, preparou a mala e ligou o celular pela primeira vez na vida. Pela primeira vez em toda a vida dos dois. Ela pensou que os filhos dele podiam ligar e perguntar como estavam as coisas com Kent. Não telefonaram. Os dois mandaram uma simples mensagem de texto.

Houve uma época, pouco após a adolescência, que eles ainda prometiam vir de visita no Natal. Depois começaram a fingir motivos para o cancelamento. Depois de um ou dois anos, pararam de fingir ter motivos para cancelar. No fim, pararam de fingir completamente que viriam. E assim a vida continuou.

Britt-Marie sempre gostou de teatro, porque lhe agrada como os atores são aplaudidos no fim do fingimento. O infarto de Kent e a voz da bonita jovem significavam que não haveria aplausos para ela. Não se pode continuar fingindo que alguém não existe quando a mulher fala com você pelo telefone. Assim,

Britt-Marie saiu do quarto do hospital com uma camisa cheirando a perfume e um coração partido.

Ninguém recebe flores por isso.

— Mas, merda, você está... tipo... morta? — pergunta Alguém com impaciência.

Britt-Marie acha de extrema grosseria que Alguém a interrompa no meio de sua morte. Em particular com um linguajar tão chulo. Certamente há um bom número de alternativas para “merda”, se você tiver a necessidade particular de expressar tal sentimento. Ela olha para este Alguém que está de pé acima dela, olhando para baixo.

— Posso saber onde estou? — pergunta Britt-Marie, confusa.

— Oi! No posto de saúde — diz alegremente Alguém.

— Tem cheiro de pizza — Britt-Marie consegue dizer.

— É, o posto de saúde também é a pizzaria — diz Alguém, assentindo.

— Isso não me parece nada higiênico — Britt-Marie consegue articular.

Alguém dá de ombros.

— Primeiro é uma pizzaria. Sabe como é, eles fecharam o posto de saúde. Crise financeira. Uma merda. Então agora a gente faz o que pode. Mas não se preocupe. Temos primeiros socorros!

Alguém, que na verdade parece uma mulher, aponta alegremente para um estojo plástico aberto com uma cruz vermelha na tampa em que está escrito “Primeiros-Socorros”. Depois agita uma garrafa fedorenta.

— E aqui temos também os segundos socorros! Quer?

— Como disse? — Britt-Marie dá um gritinho, com a mão num galo dolorido na testa.

Alguém, que num exame mais atento não está de pé ao lado de Britt-Marie, mas sentada, lhe oferece um copo.

— Fecharam a loja de bebidas daqui, então agora a gente faz o que pode. Toma! Vodca da Estônia, ou uma merda qualquer parecida. As letras são esquisitas, não se entende porra nenhuma. Talvez não seja vodca, mas é a mesma bosta, queima a língua, mas você acaba se acostumando. É bom quando a gente tem aquelas bolhas, como se diz mesmo? Aftas?

Atormentada, Britt-Marie balança a cabeça e vê algumas manchas vermelhas em seu casaco.

— Estou sangrando? — ela grita, sentando-se, apavorada.

Seria um vexame terrível se ela deixasse manchas de sangue no chão de Alguém, quer o chão fosse limpo ou não.

— Não! Não! Porra nenhuma. Talvez você fique com um calombo pelo tirambaço que tomou na cabeça, é, mas isso é só molho de tomate! — grita

Alguém e tenta limpar o casaco de Britt-Marie com um lenço.

Britt-Marie nota que Alguém está numa cadeira de rodas. É difícil não perceber isso. Além do mais, Alguém parece embriagada. Britt-Marie baseia esta observação no fato de que Alguém tem cheiro de vodca e não consegue passar o lenço no lugar certo. Mas Britt-Marie não tem nenhum preconceito com isso.

— Fiquei aqui esperando que você parasse de parecer uma morta. Fiquei com fome, sabe, então almocei um pouco. — Alguém dá uma risadinha, apontando para uma pizza semiconsumida em cima de uma banquetta.

— Almoçar? A essa hora do dia? — resmunga Britt-Marie, porque ainda não são nem onze horas.

— Tá com fome? Tem pizza! — explica Alguém.

Só então Britt-Marie registra o que foi dito.

— O que você quis dizer com um calombo pelo tirambaço que tomei na cabeça? Eu levei um tiro? — exclama ela, procurando com os dedos algum buraco no couro cabeludo.

— Foi, foi. Tomou uma bolada na cabeça, sabe como é. — Alguém balança a cabeça assentindo e acaba respingando vodca na pizza.

Britt-Marie dá a impressão de que talvez preferisse um revólver a uma pizza. Imagina que revólveres sejam menos sujos.

Alguém, que parece ter uns quarenta anos ou mais, a ajuda a se levantar, auxiliada por uma garota no início da adolescência que apareceu ao lado delas. Alguém tem um dos piores cortes de cabelo em que Britt-Marie já pôs os olhos, como se o penteasse com um bicho assustado. O cabelo da menina é mais respeitável, mas seu jeans está rasgado nas coxas. Deve ser moderno.

Alguém ri, sem nenhuma preocupação no mundo.

— Aqueles pestinhas, sabe. A droga do futebol. Mas não fique zangada, eles não estavam mirando em você!

Britt-Marie toca o calombo na testa.

— Meu rosto está sujo? — pergunta, ao mesmo tempo com censura e ansiedade.

Alguém nega com a cabeça e volta-se para a pizza.

O olhar de Britt-Marie cai semiconsciente em dois homens de barba e boné, sentados a uma mesa num canto, com xícaras de café e jornais matutinos. Parece-lhe abominável ter desmaiado na frente de uma gente que tenta tomar seu café. Entretanto, nenhum dos dois nem mesmo a olha.

— Você só desmaiou um pouco — diz Alguém com descontração, enquanto enfia a pizza na boca.

Britt-Marie pega um espelho pequeno na bolsa e começa a esfregar a testa. Achou muito vexaminoso desmaiar, mas quase igualmente vexaminosa é a ideia de ter desmaiado com a cara suja.

— Como você sabe que eles não estavam mirando em mim? — pergunta ela, com um leve toque de crítica.

— Porque eles acertaram você! — ri Alguém, agitando os braços. — Quando eles miram, não acertam. Essas crianças são péssimas no futebol, sabe?

— Ha — diz Britt-Marie.

— Na verdade, não somos tão ruins assim... — diz em voz baixa a adolescente de pé ao lado delas, parecendo ofendida.

Britt-Marie nota que ela segura a bola de futebol nas mãos. Do jeito que alguém segura uma bola quando quer se conter para não chutá-la sem parar.

Alguém gesticula com estímulo para a menina.

— Meu nome é Vega. Eu trabalho aqui! — diz a garota.

— Você não devia estar na escola? — pergunta Britt-Marie, sem tirar os olhos da bola de futebol.

— Você não devia estar no trabalho? — responde Vega, segurando a bola como faz quem abraça alguém que ama.

Britt-Marie segura a bolsa com mais firmeza.

— Vou lhe dizer uma coisa: eu estava a caminho do trabalho quando fui atingida na cabeça. Sou a zeladora do centro recreativo, devo lhe informar. Hoje é meu primeiro dia.

Vega fica boquiaberta de surpresa. Como se isso, de algum modo, mudasse tudo. Mas continua em silêncio.

— Zeladora? — pergunta Alguém. — Por que não disse isso logo, dona! Recebi uma daquelas, como se chama mesmo? Carta registrada! Com a chave!

— Fui informada para pegar a chave na agência de correio.

— É aqui! Eles fecharam o correio, sabe? — grita Alguém, rodando atrás do balcão, ainda com a garrafa de vodca na mão.

Há um breve silêncio. Ouve-se um tilintar da sineta da porta e duas botas sujas cruzam o chão que ninguém limpou. Alguém grita:

— Tudo bem, Karl! Eu embrulho pra você, espere aí!

Britt-Marie se vira e quase é derrubada no chão por alguém que esbarra em seu ombro. Ela olha e vê uma barba densa pouco abaixo de um boné absurdamente sujo, todo o apêndice olha para ela.

Sai um grunhido de algum lugar entre a barba e o boné.

— Olha por onde anda.

Britt-Marie, que nem estava se mexendo, fica profundamente confusa. Depois segura a bolsa ainda mais firme e fala:

— Ha.

— Foi *você* que esbarrou *nela*! — Vega fala num silvo atrás dela.

Britt-Marie não gosta nada daquilo. Fica confusa quando alguém a defende — isto não acontece com muita frequência.

Alguém volta com o embrulho de Karl; Karl olha para Vega com irritação e para Britt-Marie com hostilidade. Depois cumprimenta rabugento os dois homens na mesa do canto. Eles retribuem o cumprimento de cabeça com uma rabugice ainda maior. A sineta tilinta alegremente depois de Karl sair pela porta.

Alguém dá um tapinha encorajador no ombro de Britt-Marie.

— Não ligue pra ele. Karl tem... tipo... como se diz mesmo? Um limão enfiado no rabo, tá me entendendo? É um ressentido com a vida, com o universo, com tudo. As pessoas por aqui não gostam de visitas da cidade grande — diz ela a Britt-Marie e aponta com a cabeça para os homens à mesa quando fala “as pessoas”. Eles continuam lendo os jornais e tomando o café como se nenhuma das mulheres estivesse presente.

— Como ele sabia que eu era da cidade grande?

Alguém revira os olhos.

— Vem! Vou te mostrar o centro recreativo, tá? — ela grita e gira na direção da porta.

Britt-Marie olha para a seção que leva à saída da pizzaria, posto de saúde, agência de correio, o que for. Tem prateleiras de mantimentos ali. Como se fosse um minimercado.

— Pode me dizer se isto é um mercado?

— Eles fecharam o supermercado, sabe, a gente faz o que pode!

Britt-Marie se lembra das janelas sujas do centro recreativo.

— Pode me dizer se tem Faxin disponível aqui? — pergunta.

Britt-Marie jamais usou outra marca além de Faxin. Ela viu um anúncio do produto no jornal matinal do pai quando era criança. Uma mulher olhando por uma janela limpa e abaixo os dizeres: FAXIN DEIXA VOCÊ VER O MUNDO. Britt-Marie adorou a foto. Assim que teve idade para ser dona das próprias janelas, ela as limpava com Faxin, e fez isso diariamente pelo resto da vida, nunca teve nenhum problema para ver o mundo.

Só que o mundo não a via.

— Eu sei, sabe, mas agora não temos Faxin... entendeu? — diz Alguém.

— O que isso quer dizer? — pergunta Britt-Marie, com um tom de censura.

— O Faxin não está mais na... como se diz mesmo? Linha de produtos do fabricante! Não é lucrativo, sabe como é.

Britt-Marie arregala os olhos e solta um leve ofegar.

— Está... mas como... Isso não é contra a lei?

— Não é lucrativo — diz Alguém com um dar de ombros. Como se fosse uma resposta.

— Não é possível que as pessoas possam se comportar assim! — explode Britt-Marie. Alguém dá de ombros de novo.

— Mas não importa, né? Eu tenho outra marca! Quer a marca russa, coisa boa, bem ali... — ela fala e gesticula para Vega correr e pegar.

— De forma alguma! — Britt-Marie a interrompe, andando para a porta enquanto sibila: — Vou usar bicarbonato de sódio!

Porque não se consegue mudar o jeito de Britt-Marie ver o mundo. Porque depois que Britt-Marie assume uma posição no mundo, não há como tirá-la dali.

Britt-Marie tropeça na soleira da porta. Como se não fossem só as pessoas em Borg que tentassem afastá-la dali, mas também as próprias construções. Ela para na rampa para cadeirantes que leva à porta da pizzeria. Enrosca os dedos dos pés e os deixam como pequenos punhos nos sapatos para amortecer a dor. Um trator e um caminhão passam na estrada, seguindo em direções opostas. E depois a estrada fica deserta. Britt-Marie nunca esteve em uma comunidade tão pequena, só passava de carro por lugares assim, e sentada no banco do carona de Kent. Kent estava sempre escarnecendo desses lugares.

Britt-Marie recupera a postura, segura mais firmemente a bolsa enquanto desce a rampa para cadeirantes e atravessa o grande estacionamento de cascalho. Anda depressa, como se fosse perseguida. Alguém roda atrás dela. Vega pega a bola de futebol e corre até um grupo de outras crianças, todas vestindo jeans rasgados nas coxas. Depois de alguns passos, Vega para, olha para Britt-Marie e fala em voz baixa:

— Desculpe pela bola ter batido na sua cabeça. Não estávamos mirando em você.

Depois ela diz rispidamente a Alguém:

— Mas a gente podia acertar, se estivesse mirando!

Ela se vira e chuta a bola na direção dos meninos em uma cerca de madeira entre o centro recreativo e a pizzeria. Um dos garotos recebe a bola e a dispara na cerca de novo. Só então Britt-Marie percebe de onde vêm os baques. Um dos meninos faz mira na cerca, mas em vez disso consegue chutar a bola direto para Britt-Marie, o que, se considerarmos o ângulo, é uma proeza impressionante para incompetentes.

A bola rola lentamente para Britt-Marie. As crianças parecem esperar que ela chute de volta. Britt-Marie sai do caminho como se a bola tentasse cuspir nela. A bola passa rolando. Vega vem correndo.

— Por que você não chutou? — pergunta ela, perplexa.

— Por que raios eu ia querer chutar?

Elas se olham fixamente, cheias da convicção mútua de que a parte contrária é completamente desequilibrada. Vega chuta a bola de volta para os meninos e sai correndo. Britt-Marie esfrega a poeira da saia. Alguém toma um gole de vodca.

— Esses malditos pirralhos são uns pernas de pau pra futebol. Não conseguiriam acertar a água nem que estivessem dentro de um barco! Mas eles não têm onde jogar, sabe? Uma merda. A Câmara de Vereadores fechou o campo de futebol. Vendeu o terreno e agora estão construindo apartamentos lá. Depois veio a crise financeira e toda aquela merda, e agora: nada de apartamentos, como eles dizem, nem de campo de futebol.

— Kent diz que a crise financeira acabou — Britt-Marie a informa, cordial. Alguém solta um bufo.

— Talvez esse tal de Kent seja... como posso dizer? Meio tapado, hein?

Britt-Marie não sabe se fica mais ofendida por não saber o que isso significa, ou porque tem uma ideia do significado.

— Kent deve entender mais dessas coisas do que você. Ele é empresário, fique sabendo. Incrivelmente bem-sucedido. Faz negócios com a Alemanha — diz ela, colocando Alguém no seu lugar.

Alguém não fica nada impressionada. Aponta para as crianças com a garrafa de vodca.

— Eles acabaram com o time de futebol quando fecharam o campo. Os jogadores bons se mudaram pra porcaria do time da cidade.

Ela aponta para a estrada na direção do que Britt-Marie só pode supor que seja a “cidade”, depois de volta às crianças.

— A cidade. A uns vinte quilômetros por ali, sabe? Essas são as crianças que ficaram pra trás. Como o seu, como se diz mesmo? Faxin. Linha de produtos descontinuada. É preciso ser lucrativo. Então esse tal de Kent, humm, ele pode ser mesmo completamente tapado, hein? Talvez a crise financeira tenha melhorado na cidade grande, sabe, mas gostou de Borg. Agora ela veio pra cá, a filha da puta!

Britt-Marie nota a clara distinção entre como ela fala da “cidade” a vinte quilômetros de distância e da cidade grande de onde vem Britt-Marie. São dois níveis diferentes de desprezo. Alguém toma um gole tão grande da garrafa que os olhos lacrimejam enquanto ela continua:

— Em Borg, todo mundo dirige caminhões, tá sabendo? Tinha, como se diz mesmo, uma empresa de transporte aqui! Depois veio a filha da puta da crise financeira. Tem mais gente em Borg agora do que caminhões e mais caminhões do que empregos.

Britt-Marie mantém a mão firme na bolsa e sente a necessidade, por motivos que não são inteiramente transparentes, de se defender.

— Tem ratos aqui — ela informa a Alguém, de um jeito não de todo antipático.

— Os ratos precisam morar em algum lugar, não é?

— Ratos são sujos. Eles vivem na própria sujeira.

Alguém mete o dedo na orelha. Olha o dedo com interesse. Bebe um pouco mais da vodca. Britt-Marie faz um gesto de concordância e acrescenta em um tom que é extremamente prestativo, de todo jeito possível:

— Se vocês se preocupassem em manter as coisas um pouco mais limpas aqui em Borg, talvez não sofressem tanto a crise financeira.

Alguém não dá a impressão de escutar com muita atenção.

— É um daqueles, como se diz mesmo? Mitos? Ratos sujos. É um mito, tá? Eles são limpinhos! Eles se lavam como os gatos, sabia? Com a língua. Os camundongos é que são uns porcos, merda pra todo lado, mas os ratos têm banheiros. Sempre fazem cocô no mesmo lugar, tá? — Ela aponta para o carro de Britt-Marie com a garrafa.

— Devia tirar o carro daí. Eles vão chutar a bola de futebol nele, viu?

Britt-Marie faz que não com a cabeça pacientemente.

— É claro que não pode ser retirado, ele explodiu enquanto eu estacionava.

Alguém ri. Contorna o carro com a cadeira de rodas e olha a marca da bola no amassado da porta do carona.

— Ah. A pedra voadora. — Ela ri.

— O que é isso? — pergunta Britt-Marie, seguindo com relutância atrás dela e olhando o amassado no formato da bola.

— Pedra voadora. Quando a oficina mecânica chama a seguradora, sabe? E aí a oficina diz “pedra voadora” — e Alguém ri.

Britt-Marie atrapalha-se procurando a lista na bolsa.

— Ha. Posso saber onde encontro o mecânico mais próximo?

— Aqui — diz Alguém.

Britt-Marie olha com ceticismo — para Alguém, evidentemente, não para a cadeira de rodas. Britt-Marie não é do tipo de julgar as pessoas.

— Você conserta carros, é?

Alguém dá de ombros.

— Eles fecharam a oficina, né? A gente faz o que pode. Mas não ligue pra isso agora! Vou te mostrar o centro recreativo, tá?

Ela estende o envelope com as chaves. Britt-Marie pega, olha para a garrafa de vodca de Alguém e mantém a mão firme na bolsa.

Depois meneia a cabeça.

— Está tudo muito bem, obrigada. Não quero criar nenhum incômodo.

— Não é incômodo pra mim — diz Alguém, e gira com indiferença a cadeira de rodas para a frente e para trás.

Britt-Marie abre um sorriso largo.

— Eu não me referia a seu incômodo.

Depois ela se vira animadamente e se afasta pelo pátio de cascalho, para o caso de Alguém ter a ideia de tentar segui-la. Ela tira suas malas e jardineiras do carro e arrasta para o centro recreativo. Destranca a porta e entra, depois a tranca. Não porque não goste desta pessoa, Alguém. De forma alguma.

É só que o cheiro de vodca a faz lembrar-se de Kent.

Ela olha o ambiente. A parede está amassada do lado de fora e tem trilhas de rato na poeira do chão. Assim, Britt-Marie faz o que sempre faz quando enfrenta emergências na vida: ela limpa. Dá brilho nas janelas com um pano molhado em bicarbonato de sódio e as limpa com jornal umedecido em vinagre. É quase tão eficaz quanto o Faxin, mas não é assim tão bom. Ela limpa a pia da cozinha com bicarbonato de sódio e água, depois esfrega o chão, em seguida mistura bicarbonato de sódio e suco de limão para limpar os ladrilhos e as torneiras do banheiro, depois mistura bicarbonato de sódio e creme dental para dar polimento na pia. Em seguida borrifa bicarbonato de sódio em todas as suas jardineiras, caso contrário haverá lesmas.

As jardineiras da varanda podem dar a impressão de conter apenas terra, mas por baixo existem flores esperando para brotar. O inverno exige de quem estiver regando um pouco de fé, acreditar que o que parece vazio tem todo o potencial. Britt-Marie não sabe mais se tem fé ou apenas esperança. Talvez nenhuma das duas.

O papel de parede do centro recreativo a olha com indiferença. É coberto de fotos de pessoas e bolas de futebol.

Para todo lado, bolas de futebol. Sempre que Britt-Marie vê outra pelo canto dos olhos, esfrega as coisas com uma agressividade ainda maior com a esponja. Continua limpando, até que as batidas na parede cessam e as crianças e a bola de futebol foram para casa. Só depois que o sol baixou é que Britt-Marie percebe que as luzes ali dentro só funcionam na cozinha. Então ela fica ali, presa em uma pequena ilha de luz fluorescente artificial, em um centro recreativo prestes a ser fechado.

A cozinha é quase inteiramente tomada por um escorredor de pratos, uma geladeira e dois bancos de madeira. Ela abre a geladeira e a encontra vazia, exceto por um pacote de café. Xinga a si mesma por não ter comprado nenhum extrato de baunilha. Se você mistura extrato de baunilha com bicarbonato de sódio, o cheiro da geladeira fica fresco.

Ela para, hesitante, na frente da cafeteira. Parece moderna. Britt-Marie não faz café há muitos anos, porque Kent prepara um café muito bom e ela sempre acha melhor esperar por ele. Mas esta cafeteira tem um botão iluminado, que parece a Britt-Marie uma das coisas mais maravilhosas que ela vê em anos, e

assim tenta abrir a tampa quando supõe que deve colocar o pó de café. A tampa está emperrada. O botão começa a piscar furiosamente.

Britt-Marie sente-se profundamente mortificada por isso. Ela puxa a tampa, frustrada. A luz intermitente se intensifica, e Britt-Marie puxa com tanta insistência que toda a máquina é derrubada. A tampa se abre e uma mixórdia de pó de café e água espirra em todo o casaco de Britt-Marie.

Dizem que as pessoas mudam quando saem de casa, e é por isso que Britt-Marie sempre detestou viajar. Ela não quer mudar.

Assim, deve ser por conta da viagem, conclui ela depois, que agora tenha perdido, como nunca, seu autocontrole. A não ser que se conte a ocasião em que Kent andou pelo piso de parquê com os calçados de golfe logo depois que eles se casaram.

Ela pega o esfregão e bate na cafeteira com o cabo com a maior força que pode. A máquina pisca. Alguma coisa se quebra. Para de piscar. Britt-Marie continua batendo, até que os braços tremem e os olhos não conseguem mais distinguir os contornos do escorredor de pratos. Por fim, sem fôlego, ela pega uma toalha na bolsa. Apaga a luz do teto da cozinha. Senta-se em um dos bancos de madeira no escuro e chora na toalha.

Ela não quer que as lágrimas pinguem no chão. Podem deixar marcas.

Britt-Marie fica acordada a madrugada toda. Está acostumada com isso, como fazem as pessoas que passaram a vida vivendo em função de alguém.

Está sentada no escuro, claro, porque de outra forma o que as pessoas pensariam se passassem por perto e vissem a luz acesa como se houvesse algum criminoso ali dentro?

Mas ela não dorme, porque se lembra da grossa camada de poeira no chão do centro recreativo antes de começar a limpar e, se morrer dormindo, certamente não vai correr o risco de permanecer prostrada ali até começar a feder e ficar toda coberta de poeira. Dormir em um dos sofás no canto do centro recreativo nem é digno de ser cogitado, porque eles estavam tão sujos que Britt-Marie precisou usar luvas de látex duplas quando os cobriu de bicarbonato de sódio. Quem sabe ela possa dormir no carro? Talvez, se fosse um animal.

A garota da agência de empregos insistiu que havia um hotel na cidade, a pouco menos de vinte quilômetros de distância, mas Britt-Marie não consegue nem pensar em passar outra noite em um lugar onde outras pessoas fizeram sua cama. Ela sabe que existem pessoas que não fazem nada além de sonhar em viajar e experimentar algo diferente, mas Britt-Marie sonha em ficar em casa, onde tudo é sempre o mesmo. Ela quer fazer a própria cama.

Sempre que ela e Kent ficam em um hotel, ela coloca a placa “Não Perturbe”, depois faz a cama e limpa ela própria o quarto. Não que julgue as pessoas, de forma alguma; é porque ela sabe que a equipe de limpeza pode muito bem ser do tipo que julga as pessoas, e Britt-Marie naturalmente não quer correr o risco de a equipe de limpeza se sentar em uma reunião no fim da tarde para discutir o horrível estado do Quarto 423.

Certa vez, Kent cometeu um erro sobre a hora do check-in para o voo quando eles voltavam para casa depois de uma visita a um hotel, embora Kent ainda sustente que “aqueles idiotas nem conseguem escrever a hora certa na passagem aérea”, e eles tiveram de sair às pressas no meio da noite, sem terem tempo nem de tomar um banho. Então, pouco antes de Britt-Marie correr porta afora, ela foi apressadamente ao banheiro para abrir o chuveiro por alguns segundos, assim haveria água no chão quando viesse a equipe de limpeza e, portanto, eles não chegariam à conclusão de que os hóspedes do Quarto 423 foram embora sujos.

Kent bufou e disse que ela sempre se preocupava demais com o que os outros pensavam dela. Britt-Marie ficou gritando por dentro durante todo o trajeto até o aeroporto. Na verdade, ela se preocupava principalmente com o que os outros iam pensar de Kent.

Ela não sabe quando ele parou de se importar com o que os outros pensavam dela.

Britt-Marie sabe que antigamente ele se importava. Isso foi no tempo em que ele ainda a olhava como se soubesse que ela estava ali. É difícil saber quando o amor brota; um dia, de repente, você acorda e está em plena floração. Funciona do mesmo jeito quando ele murcha — um dia, é tarde demais. Neste aspecto, o amor tem muito em comum com as plantas da varanda. Às vezes nem bicarbonato de sódio faz alguma diferença.

Britt-Marie não sabe quando seu casamento escapuliu de suas mãos. Quando se tornou gasto e arranhado, por mais porta-copos que ela usasse. Antes ele costumava segurar a mão dela quando eles dormiam e ela sonhava os sonhos dele. Não que Britt-Marie não tivesse sonhos só dela; era só que os dele eram maiores, e quem tinha os sonhos maiores sempre vencida no mundo. Ela aprendeu isso. Assim, ela ficava em casa para cuidar dos filhos dele, sem nem mesmo sonhar em ter os próprios. Ficou em casa mais alguns anos para ter um lar apresentável e dar apoio à carreira dele, sem sonhar com a própria carreira. Descobriu que havia vizinhos que a chamavam de “chata” quando ela se preocupava com o que os alemães pensariam se houvesse lixo no saguão ou se o vão da escada cheirasse a pizza. Não fez amigos dela, só tinha uma ou outra conhecida, em geral a esposa de um dos associados de Kent nos negócios.

Certa vez, uma delas ofereceu-se para ajudar Britt-Marie a lavar a louça depois de um jantar, em seguida foi arrumar a gaveta de talheres de Britt-Marie com as facas à esquerda, depois colheres e garfos. Quando Britt-Marie perguntou, em estado de choque, o que ela estava fazendo, a conhecida riu como se fosse uma piada e disse: “Isso importa de verdade?” Elas não se relacionavam mais. Kent disse que Britt-Marie era socialmente inepta, assim ela ficou em casa por mais alguns anos para que ele fosse sociável em nome dos dois. Os poucos anos se transformaram em mais tempo e esses anos a mais se tornaram todos os anos. Os anos têm o hábito de se comportar desse jeito. Britt-Marie não escolheu não ter mais expectativas, simplesmente acordou certa manhã e percebeu que elas estavam com o prazo fora de validade.

Os filhos de Kent gostavam dela, assim ela pensa, mas crianças viram adultos e adultos se referem a mulheres do tipo de Britt-Marie como chatas. De vez em quando, havia outras crianças morando em seu bloco; ocasionalmente, Britt-Marie preparava o jantar para elas, se estivessem sozinhas em casa. Mas as

crianças sempre tinham mães ou avós que a certa altura chegavam em casa, depois elas cresceram e Britt-Marie tornou-se uma chata. Kent insistia em dizer que ela era socialmente inepta e ela supunha que isto devia ser a verdade. No fim, ela sonhava apenas com uma varanda e um marido que não andasse no piso de parquê com sapatos de golfe, que de vez em quando colocasse a camisa no cesto de roupa suja sem que ela precisasse pedir e que vez por outra dissesse que gostava da comida sem ela precisar perguntar. Um lar. Filhos que, embora não fossem dela, viriam para o Natal, apesar de tudo. Ou pelo menos que tentassem fingir ter um bom motivo para não vir. Uma gaveta de talheres arrumada corretamente. Uma noite no teatro de vez em quando. Janelas pelas quais era possível ver o mundo. Alguém que notasse que Britt-Marie tinha um cuidado especial com os cabelos. Ou pelo menos fingisse notar. Ou pelo menos que permitisse a Britt-Marie continuar fingindo.

Alguém que chegasse em casa e encontrasse um piso recém-esfregado e um jantar quente na mesa e, em uma ou outra ocasião, notasse que ela se esforçou. Pode ser que um coração só se parta, enfim, depois de deixar um quarto de hospital em que uma camisa cheira a pizza e perfume, mas ele se partirá mais prontamente se já sofreu abalos algumas vezes.

Britt-Marie acende a luz às seis horas da manhã seguinte. Não porque sinta falta da luz, mas porque se as pessoas viram a luz acesa na noite anterior e perceberam que Britt-Marie depois acabou dormindo no centro recreativo, ela não quer que pensem que ainda está dormindo a essa hora da manhã.

Há uma antiga televisão perto dos sofás, que ela pode ligar para se sentir menos solitária, mas ela a evita, porque é provável que vá exibir futebol. Sempre tem futebol hoje em dia e, diante desta opção, Britt-Marie sinceramente prefere ficar solitária. O centro recreativo a envolve em um silêncio circunspecto. A cafeteira está caída de lado e não pisca mais para ela. Ela se senta no banco de frente para a cafeteira, lembrando-se de quando os filhos de Kent disseram que Britt-Marie era “passivo-agressiva”. Kent riu como fazia depois de beber vodca com suco de laranja diante de uma partida de futebol, com a barriga balançando e rindo em pequenas explosões de bufo pelas narinas, depois respondeu: “Ela não é passivo-agressiva, ela é agressivo-passiva!” Então riu até derramar a vodca no tapete.

Foi naquela noite que Britt-Marie decidiu que já bastava e transferiu o tapete para o quarto de hóspedes sem dizer uma palavra. Não porque fosse passivo-agressiva, evidentemente. Mas porque havia limites.

Ela não ficou aborrecida com o que Kent dissera, porque o mais provável era que nem ele entendia a si mesmo. Ficou ofendida, isso sim, por ele não ter nem percebido que ela estava a uma distância próxima o bastante para ouvir.

Ela olha para a cafeteira. Por um momento despreocupado e fugaz, ocorre-lhe a ideia de que pode tentar consertá-la, mas ela recupera a razão e se afasta da máquina. Ela não conserta nada desde que se casou. Sempre foi melhor esperar até Kent chegar em casa, ela sentia. Kent sempre dizia que “As mulheres não conseguem nem montar um móvel da IKEA” quando eles viam mulheres em programas de TV sobre construção ou reforma de casas. “Sistema de cotas” era como ele costumava chamar. Britt-Marie gostava de ficar sentada ao lado dele no sofá, resolvendo as palavras cruzadas. Sempre tão perto do controle remoto que ela podia sentir as pontas dos dedos dele em seu joelho quando ele o procurava tateando para mudar para o canal do futebol.

E então ela pega mais bicarbonato de sódio e limpa todo o centro recreativo mais uma vez. Tinha acabado de borrifar outro lote de bicarbonato de sódio nos sofás quando ouve uma batida na porta. Britt-Marie leva um bom tempo para abri-la, porque correr ao banheiro e ajeitar o cabelo na frente do espelho sem lâmpadas funcionando era um processo um tanto complicado.

Alguém está do lado de fora da porta com uma caixa de vinho nas mãos.

— Ha — diz Britt-Marie para a caixa.

— É um bom vinho, sabe. Barato. Caiu da traseira de um caminhão, é! — diz Alguém com muita presunção.

Britt-Marie não sabe o que isso significa.

— Mas sabe como é, eu preciso colocar o vinho numa garrafa com rótulo e toda essa presepada, porque a fiscalização pode aparecer e perguntar — diz Alguém. — Se chama “tinto da casa” na minha pizzeria, se a fiscalização perguntar, tá bom? — Alguém meio que entrega a caixa a Britt-Marie, meio que a joga para ela antes de forçar passagem, a cadeira de rodas batendo na soleira, para dar uma olhada por ali.

Britt-Marie olha a gosma de neve derretida e cascalho deixada pelas rodas com um pavor só um pouco menor do que se fosse excremento.

— Posso saber como anda o conserto do meu carro? — pergunta Britt-Marie.

Alguém assente, exultante.

— Tudo em cima! Tudo em cima! Olha, deixa eu te fazer uma pergunta, Britt-Marie: você se importa com a cor?

— Como disse?

— Sabe como é, a porta que eu arrumei, sabe? É uma porta linda, mas talvez não seja da cor do carro. Talvez... seja mais amarela.

— O que aconteceu com a minha porta? — pergunta Britt-Marie, horrorizada.

— Nada! Nada! Foi só uma pergunta, tá? Porta amarela? Não é bom? É, como se diz mesmo? Oxidada! Porta velha. Praticamente não é mais amarela. Agora é quase branca.

— Sem dúvida não vou tolerar uma porta amarela em meu carro branco!

Alguém agita as palmas das mãos em círculos.

— Tá legal, tudo bem, tá legal. Calma, calma, calma. Consertar a porta branca. Não tem problema. Agora fica fria. Mas a porta branca vai ter, como se diz mesmo? Prazo de entrega!

Ela aponta para o vinho de um jeito relaxado.

— Gosta de vinho, Britt?

— Não — responde Britt-Marie, não porque não goste de vinho, mas porque se você diz que gosta de vinho as pessoas podem chegar à conclusão de que você é alcoólatra.

— Todo mundo gosta de vinho, Britt!

— Meu nome é Britt-Marie. Só minha irmã me chama de Britt.

— Irmã, é? Tem, como se diz mesmo? Outra de você? Que bom para o mundo!

Alguém sorri como se fosse uma piada. À custa de Britt-Marie, é o que Britt-Marie supõe.

— Minha irmã morreu quando éramos pequenas — ela informa a Alguém, sem tirar os olhos da caixa de vinho.

— Ah... que merda, né... eu... como se diz mesmo? Meus pêsames — diz Alguém com tristeza.

Britt-Marie enrosca os dedos dos pés com força dentro dos sapatos.

— Ha. É gentileza de sua parte — diz ela em voz baixa.

— O vinho é um pouco, como se diz mesmo? Barrento! Precisa passar algumas vezes no filtro do café, sabe, depois fica ótimo! — ela explica como uma expert no assunto, antes de olhar para a mala de Britt-Marie e as jardineiras de Britt-Marie no chão. Seu sorriso aumenta.

— Eu queria te dar, sabe como é, um presente de parabéns pelo emprego novo. Mas agora estou vendo que é mais um, como se diz mesmo? Presente de mudança!

Ofendida, Britt-Marie segura a caixa de vinho diante dela como se saísse um tique-taque dali.

— Gostaria de deixar claro a você que não moro aqui.

— Então, onde você dormiu esta noite?

— Eu não dormi — diz Britt-Marie, dando a impressão de que gostaria de jogar a caixa de vinho pela porta e tapar os ouvidos.

— Tem um desses hotéis, sabia? — diz Alguém.

— Ha, imagino que você também tenha um hotel em suas instalações. Posso imaginar que tenha. Pizzaria, oficina mecânica, agência de correio, mercadinho e um hotel? Deve ser ótimo para você, nunca precisa tomar uma decisão.

A cara de Alguém cai com uma surpresa indisfarçada.

— Hotel? Por que eu teria um hotel? Não, não, não, Britt-Marie. Eu me prendo à minha, como se diz mesmo? Atividade principal!

Britt-Marie desloca o peso do corpo do pé esquerdo para o direito e por fim vai à geladeira e guarda nela a caixa de vinho.

— Não gosto de hotéis — ela anuncia e fecha a porta com firmeza.

— Não, merda! Não coloque o vinho na geladeira, vai formar grumos nele! — grita Alguém.

Britt-Marie a olha feio.

— É mesmo necessário falar palavrões o tempo todo, como se fôssemos uma horda de bárbaros?

Alguém empurra a cadeira para a frente e vasculha as gavetas da cozinha até encontrar os filtros de café.

— Merda, Britt-Marie. Vou te mostrar. Você precisa filtrar. Está tudo bem. Ou, sabe como é, misturar com Fanta. Tenho Fanta barata, se você quiser. Da China!

Ela se interrompe quando percebe a cafeteira. O que resta dela, pelo menos. Britt-Marie, tomada de desconforto, cruza as mãos sobre a barriga e parece querer limpar alguma mancha invisível de poeira da abertura de um buraco negro, depois mergulhar nele.

— O que... aconteceu? — pergunta Alguém, olhando primeiro o esfregão, depois as marcas do esfregão na cafeteira. Britt-Marie fica parada em silêncio, com as faces em brasa. É bem possível que esteja pensando em Kent. Por fim ela limpa a garganta, endireita as costas e olha bem nos olhos de Alguém quando responde:

— Atingida por uma pedra voadora.

Alguém olha para ela. Olha para a cafeteira. Olha para o esfregão.

Depois ri. Alto. E então tosse. Depois dá uma gargalhada ainda mais alta. Britt-Marie fica profundamente ofendida. Não era para ser engraçado. Pelo menos Britt-Marie não acha que tenha sido; ela não diz nada com a intenção de ser engraçada há anos, pelo que se lembra. Assim, fica ofendida com o riso, porque presume que seja à custa dela e não pela piada. É o tipo de coisa que você supõe se passou muito tempo com um marido que constantemente tenta ser engraçado. Não existe espaço na relação dos dois para mais comicidade do que a dele. Kent era engraçado e Britt-Marie ia para a cozinha e cuidava de lavar a louça. Era assim que eles dividiam as responsabilidades do casal.

Mas agora Alguém está sentada e ri tanto que a cadeira de rodas quase vira. Isso deixa Britt-Marie insegura e sua reação natural à insegurança é a irritação. Ela parte para o aspirador de pó de um jeito acintoso — para atacar o estofamento do sofá, que está coberto de bicarbonato de sódio.

A gargalhada de Alguém aos poucos se transforma em um risinho, depois em um resmungo geral sobre pedras voadoras.

— Isso foi engraçado pra cacete, sabe? Olha, sabia que tem a porra de uma caixa lá no seu carro?

Como se isso fosse alguma surpresa para Britt-Marie. Britt-Marie ainda consegue ouvir um vestígio de riso na voz dela.

— Estou ciente disso — diz ela, tensa. Ela ouve Alguém rodar a cadeira até a porta de entrada.

— Quer alguma ajuda pra trazer pra dentro?

Britt-Marie liga o aspirador de pó à guisa de resposta. Alguém grita para se fazer ouvir:

— Não tem problema, Britt-Marie!

Britt-Marie esfrega o tubo com a maior força que pode nas almofadas do sofá.

Repetidas vezes, até que Alguém desiste e grita:

— Bom, sabe como é, tem Fanta, como eu disse, se quiser pro vinho! E pizza!

— depois a porta se fecha. Britt-Marie desliga o aspirador de pó. Não quer ser antipática, mas sinceramente não quer nenhuma ajuda com a caixa. Neste momento, nada é mais importante para Britt-Marie do que sua relutância em ser ajudada com a caixa.

Porque tem um móvel da IKEA dentro dela.

E Britt-Marie vai montá-lo sozinha.

De vez em quando passa um caminhão por Borg e, sempre que isso acontece, o centro recreativo estremece violentamente — como se ele, pensa Britt-Marie, fosse construído na linha de falha entre duas placas continentais. Placas continentais são frequentes em palavras cruzadas, então isso é o tipo de coisa que ela sabe. Ela também sabe que Borg é o tipo de lugar que a mãe de Britt-Marie costumava descrever como “onde Judas perdeu as botas”, porque era assim que a mãe de Britt-Marie costumava descrever a zona rural.

Outro caminhão passa trovejando. Verde. As paredes tremem.

Antigamente, Borg era o destino dos caminhões, mas hoje em dia eles só passam pela comunidade. O caminhão a faz pensar em Ingrid. Ela lembra que teve tempo de vê-lo pela janela de trás quando era criança, no último dia de que tem lembrança de pensar em si mesma como tal. Ele também era verde.

Britt-Marie se fez a mesma pergunta infinitas vezes com o passar dos anos: se ela teve tempo para gritar. E se teria feito alguma diferença. A mãe delas dissera a Ingrid para colocar o cinto, porque Ingrid nunca colocava o cinto, e por este exato motivo Ingrid não o colocou. Elas estavam discutindo. Por isso não viram. Britt-Marie viu porque ela sempre colocava o cinto, porque ela queria que a mãe notasse. O que ela evidentemente nunca fazia, porque Britt-Marie nunca precisou ser notada, pelo simples motivo de que sempre fazia tudo sem que precisassem mandar.

Veio do lado direito. Verde. É uma das poucas coisas de que se lembra. Veio da direita e havia vidro e sangue por todo o banco traseiro do carro dos pais. A última coisa que Britt-Marie lembra antes de desmaiar foi que ela queria limpar tudo. Deixar arrumado. E quando despertou no hospital, foi exatamente o que fez. Limpar. Arrumar as coisas. Quando enterraram a irmã e havia estranhos de roupas pretas bebendo café na casa dos pais, Britt-Marie colocou porta-copos embaixo de todas as xícaras, lavou todos os pratos e limpou todas as janelas. Enquanto o pai passava a ficar no trabalho por um tempo cada vez maior e a mãe parava de falar completamente, Britt-Marie limpava. Limpava, limpava e limpava.

Ela esperava que mais cedo ou mais tarde a mãe sairia da cama e diria “Como você deixou tudo arrumado!”, mas isto nunca aconteceu. Elas nunca falaram do acidente e, como não falaram, também não podiam falar de mais nada. Algumas

peessoas retiraram Britt-Marie do carro; ela não sabe quem, mas sabe que a mãe, num silêncio furioso, jamais as perdoou por salvarem a filha errada. Talvez Britt-Marie também não as tenha perdoado. Porque eles salvaram a vida de uma pessoa que a partir daquele dia se dedicou apenas a andar por aí com medo de morrer e ser abandonada para feder. Um dia ela leu o jornal matutino do pai e viu o anúncio de uma marca de limpa-vidros. E assim uma vida prosseguiu.

Agora ela tem sessenta e três anos e está de pé onde Judas perdeu as botas, olhando Borg pela janela da cozinha do centro recreativo, sentindo falta do Faxin e de ver o mundo.

Obviamente, ela fica parada a uma distância suficiente da janela para que ninguém do lado de fora a veja olhando. Que impressão isso causaria! Como se só ficasse parada ali o dia todo, olhando, feito uma criminosa. Mas seu carro ainda está estacionado no pátio de cascalho. Por engano, ela deixou as chaves dentro do carro e a caixa da IKEA ainda está no banco traseiro. Ela não sabe exatamente como vai levá-la para dentro do centro recreativo, porque é muito pesada. Não sabe dizer por que é tão pesada, pois não sabe exatamente o que contém. A ideia era comprar um banco, que não era diferente dos dois bancos na cozinha do centro recreativo, mas depois que ela entrou no depósito self-service da IKEA e encontrou a prateleira certa, descobriu que todos os bancos tinham sido vendidos.

Britt-Marie levava a manhã inteira para tomar a decisão de que ia comprar e montar um banco, e assim este anticlímax a deixou parada ali, petrificada por tanto tempo que ela começou a ter medo de que alguém no depósito a visse com aquele ar de mistério. O que os outros pensariam? Provavelmente, que ela pretendia roubar alguma coisa. Com este pensamento firmemente estabelecido, Britt-Marie entrou em pânico, e com poderes sobre-humanos conseguiu arrastar a caixa disponível mais próxima para o seu carro, de quase todo jeito concebível para passar a impressão de que aquele era o produto que ela procurava o tempo todo. Ela mal se lembra de como colocou a caixa no carro. Imagina ter sido dominada por aquela síndrome de que falam com frequência na televisão, quando as mães levantam pedras enormes sob as quais os filhos estão presos. Britt-Marie é investida desse poder quando começa a alimentar a suspeita de que estranhos estão olhando para ela e se perguntando se é uma criminosa.

Ela se afasta mais da janela, só por segurança. Exatamente ao meio-dia, prepara a mesa perto dos sofás para o almoço. Não é bem uma mesa, nem é bem um almoço, apenas uma lata de amendoins e um copo de água, mas o fato é que gente civilizada almoça ao meio-dia, e se Britt-Marie é alguma coisa neste mundo, certamente é civilizada. Ela abre uma toalha no sofá antes de se sentar, depois esvazia a lata de amendoins em um prato. Precisa se obrigar a não tentar

comer de garfo e faca. Depois lava a louça e limpa novamente todo o centro recreativo com tanta meticulosidade que quase usa todo seu estoque de bicarbonato de sódio.

Há uma pequena lavanderia com uma máquina de lavar e uma secadora. Britt-Marie limpa as máquinas com o restinho do bicarbonato de sódio, como alguém faminto colocando sua última isca na linha de pesca.

Ela não estava pensando em lavar roupa nenhuma, mas não suporta a ideia de todas elas sujas. Em um canto atrás da secadora, encontra um saco inteiro de camisas brancas com números. Camisas de time de futebol, pelo que ela entende. Todo o centro recreativo tem penduradas fotografias de várias pessoas usando essas camisas. Muito provavelmente estão cobertas de manchas de grama, é claro. Britt-Marie não consegue, nem por sua vida, entender por que alguém escolheria praticar um esporte ao ar livre usando camisas brancas. É uma barbárie. Ela se pergunta se a loja/pizzaria/oficina mecânica/agência de correio da esquina por acaso venderia bicarbonato de sódio.

Ela pega o casaco. Junto da porta, ao lado de várias fotos de bolas de futebol e pessoas que não sabem nada além de chutá-las, está pendurada uma camisa esportiva amarela com a palavra “Bank” acima do número “10”. Pouco abaixo está uma foto de um velho estendendo a mesma camisa com um sorriso orgulhoso.

Britt-Marie veste o casaco. Do lado de fora da porta, há uma pessoa que sem dúvida estava prestes a bater. A pessoa tem um rosto e o rosto está cheirando rapé. Isto, de todo jeito possível, é uma maneira pavorosa de determinar o convívio muito breve entre Britt-Marie e o rosto, porque Britt-Marie abomina rapé. A coisa toda acaba em vinte segundos, quando o rosto-rapé se mexe ao dizer algo em voz baixa que parece nitidamente “chata”.

A essa altura, Britt-Marie pega o telefone e disca o número da única pessoa para quem seu telefone já ligou. A garota da agência de empregos não atende. Britt-Marie liga outra vez porque, francamente, telefone não é coisa que você decide se vai atender ou não.

— Sim? — diz enfim a garota, com comida na boca. — Desculpe-me. Estou almoçando.

— Agora? — exclama Britt-Marie, como se a garota estivesse brincando. — Minha cara, não estamos na guerra. Certamente não é necessário almoçar à uma e meia.

A garota mastiga a comida com dificuldade. Corajosamente, tenta mudar de assunto:

— O homem da dedetização chegou? Tive de passar horas telefonando, mas no fim encontrei alguém que prometeu fazer uma visita de emergência e...

— Ela era uma mulher da dedetização. Que cheira rapé — fala Britt-Marie, como se isso explicasse tudo.

— Tudo bem — diz a garota de novo. — E então, ela cuidou do rato?

— Não, certamente que não — afirma Britt-Marie. — Veio aqui de sapatos sujos e eu tinha acabado de limpar o chão. Cheirando rapé também. Disse que ia colocar veneno, que é assim que ela diz, e não se pode fazer isso. Acha realmente que alguém pode fazer isso? Colocar veneno desse jeito?

— *Não...?* — A garota tenta adivinhar.

— Não, não pode mesmo. Alguém pode morrer! E foi o que eu disse. Depois ela ficou parada ali, revirando os olhos, com aqueles sapatos sujos e o rapé, e disse que em vez disso ia colocar uma armadilha e isca com Snickers! Chocolate! No chão que eu tinha acabado de limpar! — Britt-Marie diz tudo isso na voz de alguém que grita por dentro.

— Tudo bem — fala a garota, e logo deseja não ter falado, porque percebe que não está tudo bem.

— Então eu disse que terá de ser veneno, e sabe o que ela me falou? Escute só! Ela disse que se o rato comer o veneno não se pode ter certeza de onde ele vai morrer. Ele pode morrer em uma cavidade na parede e ficar ali fedendo! Já ouviu falar de uma coisa dessa? Sabia que você chamou uma mulher que cheira rapé e acha inteiramente normal deixar bichos mortos morrendo nas paredes e fazendo o lugar todo feder?

— Eu só estava tentando ajudar — diz a garota.

— Ha. Que grande ajuda a sua. Alguns de nós temos outras coisas para fazer do que lidar com mulheres da dedetização o dia todo — diz Britt-Marie com indulgência.

— Concordo plenamente — responde a garota.



Há uma fila na loja da esquina. Ou pizzaria. Ou agência de correio. Ou oficina mecânica. Seja o que for. De qualquer modo, há uma fila. No meio da tarde. Como se as pessoas dali não tivessem nada melhor para fazer a essa hora.

Os homens de barba e boné pedem café e leem os jornais a uma das mesas. Karl está na frente da fila. Ele pega um pacote. Que beleza para ele, pensa Britt-Marie, ter todo o dia de lazer à disposição. Uma mulher cuboide de uns trinta anos está na frente de Britt-Marie, de óculos escuros. Em um ambiente fechado. Muito moderno, reflete Britt-Marie.

Ela está com um cachorro branco. Britt-Marie não consegue deixar de considerar que aquilo não é muito higiênico. A mulher compra um pacote de

manteiga e seis cervejas com caracteres estrangeiros nas latas, que Alguém pega de trás do balcão. Também quatro pacotes de bacon e mais biscoitos de chocolate do que Britt-Marie acredita que qualquer pessoa civilizada possa precisar. Alguém pergunta se ela quer fazer no crédito. A mulher assente carrancuda e joga tudo em uma bolsa. Britt-Marie evidentemente jamais consideraria a mulher “gorda”, porque Britt-Marie de maneira nenhuma é do tipo de gente que classifica as pessoas assim, mas ocorre a ela o quanto deve ser maravilhoso para a mulher passar pela vida sem se preocupar com seu nível de colesterol.

— Você não enxerga ou o quê? — a mulher rosna ao se virar num rompante e esbarrar em Britt-Marie.

Britt-Marie arregala os olhos, surpresa. Ajeita o cabelo.

— Claro que enxergo. Tenho a visão perfeita. Foi o que ouvi de meu optometrista. “Você tem a visão perfeita”, foi o que ele disse!

— Neste caso, poderia sair do caminho? — grunhe a mulher e agita uma bengala para ela.

Britt-Marie olha a bengala. Olha o cachorro e os óculos escuros.

Fala em voz baixa:

— Ha... humm... — E assente como quem se desculpa antes de perceber que mexer a cabeça não faz diferença alguma. A cega e o cão-guia mais andam por ela do que passam. A porta tilinta alegremente depois que eles saem. Não tem o senso de fazer outra coisa.

Alguém passa rodando por Britt-Marie e acena para ela, encorajando.

— Não se preocupe com ela. É como Karl. Tem um limão enfiado no rabo, sabe como é.

Ela faz um gesto com o braço, que Britt-Marie entende que deve indicar a que altura o limão está enfiado, depois forma uma pilha de caixas vazias de pizza no balcão.

Britt-Marie ajeita o cabelo e a saia e, por instinto, ajeita a caixa de pizza do alto, que não está muito reta, depois tenta ajeitar também sua dignidade e diz num tom inteiramente solícito:

— Gostaria de saber como anda o conserto do meu carro.

Alguém coça a cabeça.

— Claro, claro, claro, aquele carro, sei. Sabe como é, preciso te perguntar uma coisa, Britt-Marie: uma porta é importante pra Britt-Marie?

— Uma porta? Por quê... mas o que você quer dizer?

— Sabe como é, só estou perguntando. A cor: importante pra Britt-Marie, eu entendo. Porta amarela: não é bom. Então eu te pergunto, Britt-Marie: uma porta é importante pra Britt-Marie? Se não é importante, o carro de Britt-Marie tem,

como se diz mesmo? O concerto concluído! Se uma porta é importante... sabe como é. Talvez, como se diz mesmo? Um tempo de entrega maior!

Ela parece satisfeita. Britt-Marie não parece nada satisfeita.

— Pelo amor de Deus, preciso ter uma porta no carro! — Ela fica furiosa.

Alguém agita as palmas das mãos, na defensiva.

— Claro, claro, claro, não fique irritada. É só uma pergunta. A porta: um pouquinho mais de tempo! — Ela mede alguns centímetros no ar entre o polegar e o indicador para ilustrar como “um pouquinho mais” significa um curto período de tempo.

Britt-Marie percebe que a mulher tem a vantagem nessas negociações.

Kent deveria estar aqui, ele adora negociar. Sempre diz que você precisa elogiar a pessoa com quem negocia. Assim, Britt-Marie se recompõe e fala:

— Aqui em Borg parece que as pessoas têm todo tempo do mundo para fazer compras à tarde. Deve ser ótimo para vocês ter tanto lazer.

Alguém ergue as sobrancelhas.

— E você? Está muito ocupada?

Com uma paciência profunda, Britt-Marie coloca uma das mãos sobre a outra.

— Estou *extremamente* ocupada. Muito, na verdade, muito ocupada. Mas por acaso fiquei sem bicarbonato de sódio. Você vende bicarbonato de sódio nesta... loja?

Ela diz “loja” com uma complacência divina.

— Vega? — Alguém grita tão de repente que Britt-Marie toma um susto e quase derruba a pilha de caixas de pizza.

A garota da véspera aparece atrás do balcão, ainda segurando a bola de futebol. Ao lado dela está um garoto quase idêntico, mas de cabelo mais comprido.

— Bicarbonato de sódio pra madame! — diz Alguém com uma mesura teatral exagerada para Britt-Marie, que não é nada apreciada.

— É ela — cochicha Vega para o garoto.

O garoto logo dá a impressão de que Britt-Marie é uma chave perdida. Corre até o estoque e volta aos tropeções com dois frascos nos braços. Faxin. Britt-Marie perde todo o fôlego.

Ela supõe que é o que às vezes as definições nas palavras cruzadas chamam de “experiência fora do corpo”. Por alguns instantes, ela se esquece inteiramente do mercado e da pizzeria e dos homens de barba e xícaras de café e jornais. Seu coração bate como se tivesse sido libertado da prisão agora.

O garoto coloca os frascos no balcão como um gato que apanhou um esquilo. Britt-Marie passa os dedos por eles antes que seu senso de dignidade ordene que eles saiam dali. É como voltar para casa.

— Eu... tinha a impressão de que pararam de fabricar — sussurra ela.

O garoto aponta avidamente para si mesmo.

— Relaxa! Omar arruma de tudo!

Ele aponta mais avidamente para os frascos de Faxin.

— Todos os caminhões estrangeiros param no posto de gasolina na cidade! Conheço todos eles lá! Arrumo o que você quiser!

Alguém concorda com a cabeça judiciosamente.

— Fecharam o posto de gasolina em Borg. Sabe como é, não era lucrativo.

— Mas eu arrumo gasolina em lata, se quiser, a entrega é de graça! E posso conseguir mais Faxin para você, se quiser! — o garoto grita.

Vega revira os olhos.

— Fui eu que te falei que ela precisava de Faxin — ela sibila para o garoto e coloca o vidro de bicarbonato de sódio no balcão.

— Fui eu que arrumei! — sustenta o garoto, sem tirar os olhos de Britt-Marie.

— Esse é meu irmão mais novo, Omar — Vega fala num suspiro a Britt-Marie.

— Nascemos no mesmo ano! — protesta Omar.

— Em janeiro e dezembro, tá bom — Vega bufá. No mínimo, Britt-Marie percebe, o irmão parece um pouco mais velho do que ela. Ainda é uma criança, mas se aproxima daquela idade quando eles podem ficar bem mordazes.

— Sou o melhor pra arrumar coisas em Borg. O rei do castelo, entendeu? O que você precisar, fale comigo! — diz Omar a Britt-Marie, piscando, confiante, sem dar nenhuma atenção à irmã, que chuta sua canela.

— Besta — diz Vega com um suspiro.

— Vaca! — rebate Omar.

Britt-Marie não sabe se deve se preocupar ou se orgulhar por saber que isso significa algo ruim, mas não tem muito tempo para refletir sobre o assunto porque Omar já está deitado no chão, com a mão na boca. Vega sai pela porta com a bola de futebol em uma das mãos e a outra ainda formando um punho.

Alguém implica com Omar:

— Você tem, como se diz mesmo? Marshmallow no lugar do cérebro! Será que não aprende nunca?

Omar passa a mão na boca, parece que vai deixar a história toda pra lá. Como uma criança pequena que se esquece de chorar por um sorvete caído quando vê uma bola giroscópica brilhante.

— Se quiser calotas novas pro seu carro, posso arrumar. Ou qualquer coisa. Xampu, bolsas, qualquer coisa. Eu arrumo!

— Quem sabe um Band-Aid? — grita com malícia Alguém e aponta para o lábio dele.

Britt-Marie mantém a mão firme na bolsa e ajeita o cabelo, como se o garoto tivesse ofendido os dois.

— Certamente não preciso de xampu, nem de uma bolsa.

Omar aponta para os frascos de Faxin.

— Custa 30 coroas cada um, mas você pode levar no crédito.

— No *crédito*?

— Todo mundo compra no crédito em Borg.

— Certamente não compro no crédito! Vejo que talvez vocês não compreendam tal coisa em Borg, mas alguns de nós podem pagar à vista! — diz Britt-Marie num silvo.

Esta última parte escapole dela. Não era bem assim que pretendia colocar.

Alguém não está mais sorrindo. O garoto e Britt-Marie ficam com a cara vermelha, causada por vergonhas diferentes. Britt-Marie coloca rapidamente o dinheiro no balcão, e o garoto pega e corre porta afora. Logo a batida pode ser ouvida de novo. Britt-Marie fica onde está e tenta evitar os olhos de Alguém.

— Não recebi a nota fiscal — declara Britt-Marie em voz baixa, que não é de forma alguma incriminadora.

Alguém balança a cabeça e dá um muxoxo.

— O que acha que ele é, a IKEA ou coisa assim? Ele não tem, como se diz mesmo? Companhia limitada, sabe como é. É só um garoto com uma bicicleta.

— Ha — diz Britt-Marie.

— O que mais você quer? — pergunta Alguém, o tom patentemente menos hospitaleiro enquanto coloca o vidro de bicarbonato de sódio e os frascos de Faxin numa sacola.

Britt-Marie sorri com a maior solicitude que pode.

— Você precisa entender que isto tem que ter uma nota. Caso contrário, a pessoa não pode provar que não é criminosa — explica.

Alguém revira os olhos, o que Britt-Marie acha desnecessário.

Alguém aperta algumas teclas na caixa registradora. A bandeja de dinheiro se abre, revelando não muito dinheiro ali dentro, depois a caixa registradora cospe um recibo amarelo-claro.

— São 673 coroas e 50 öre — diz Alguém.

Britt-Marie a encara como se tivesse algo entalado na garganta.

— Pelo bicarbonato de sódio?

Alguém aponta para a porta.

— Pelo amassado no carro. Fiz uma daquelas, como se diz? Inspeção de carroceria! Eu não quero, como se diz mesmo? Ofender você, Britt-Marie! Assim, você não pode ter crédito. São 673 coroas e 50 öre.

Britt-Marie quase deixa cair a bolsa. Isto mostra o quanto a situação é grave.

— Eu tenho... quem... pelo amor de Deus. Nenhuma pessoa civilizada anda por aí com tanto dinheiro na bolsa.

Ela diz isso numa voz muito alta. Para que todos ali possam ouvir, caso um deles seja criminoso. Por outro lado, só os homens barbudos que bebem café estão presentes e nenhum deles nem mesmo levanta a cabeça, mas ainda assim... os tipos criminosos às vezes têm barba. Britt-Marie não tem preconceito nenhum com isso.

— Aceita cartão? — diz ela, registrando certa elevação no calor em suas faces.

Alguém nega firmemente com a cabeça.

— O pôquer aqui é a dinheiro vivo, Britt-Marie. Nada de cartão.

— Ha. Neste caso, terei de perguntar onde fica o caixa eletrônico mais próximo — diz Britt-Marie.

— Na cidade — responde Alguém com frieza, cruzando os braços.

— Ha — diz Britt-Marie.

— Eles fecharam o caixa eletrônico em Borg. Não é lucrativo — diz Alguém de sobrelhas erguidas, apontando para a nota com a cabeça.

O olhar de Britt-Marie adeja desesperadamente pelas paredes, numa tentativa de desviar a atenção de suas faces avermelhadas. Há uma camisa esportiva amarela pendurada na parede, idêntica àquela do centro recreativo, com a palavra “Bank” escrita acima do número “10” nas costas.

Alguém nota o olhar dela, então fecha a caixa registradora, dá um nó na sacola de bicarbonato de sódio e Faxin e a empurra pelo balcão.

— Sabe de uma coisa, não é vergonha nenhuma usar crédito aqui, tá, Britt-Marie. Talvez seja uma vergonha na sua cidade, mas não é vergonha nenhuma em Borg.

Britt-Marie pega a sacola sem saber o que fazer com os olhos.

Alguém toma um gole de vodca e aponta para a camisa amarela na parede.

— O melhor jogador de Borg. Chamado de “Bank”, sabe como é, porque quando Bank jogava por Borg era, como se diz mesmo? Como dinheiro no banco! Já faz muito tempo. Antes da crise financeira. Depois, Bank ficou doente, sabe? Foi como outra crise. Bank se mudou. Agora se foi, é.

Ela olha para a porta. Uma bola bate na cerca.

— O velho do Bank treinava todos os pirralhos, sabe? Dava uma força pra todos. Dava uma força pra esse lugar, tá? Era amigo de todo mundo! Mas Deus, sabe como é, Deus tem uma cabeça de merda pros números. O cara provocou um ataque cardíaco numa pessoa ao mesmo tempo lucrativa e não lucrativa. O pai de Bank morreu um mês atrás.

As paredes de madeira rangem e gemem em volta delas, como fazem as casas velhas e as pessoas velhas. Um dos homens dos jornais e das xícaras de café pega mais café no balcão. Britt-Marie nota que ali o reabastecimento é gratuito.

— Ele foi encontrado no, como se diz mesmo? No chão da cozinha!

— Como disse?

Alguém aponta para a camisa amarela. Dá de ombros.

— O velho do Bank. No chão da cozinha. Certa manhã. Morreu assim.

Alguém estala os dedos. Britt-Marie tem um sobressalto. Pensa no infarto de Kent. Ele sempre fora muito lucrativo. Ela segura ainda mais firmemente a sacola de Faxin e bicarbonato de sódio. Fica em silêncio por tanto tempo que Alguém já começa a se preocupar.

— E aí, precisa de mais alguma coisa? Eu tenho, como se diz mesmo? Baileys! De chocolate! Sabe como é, é imitação, mas você pode colocar O'boy e vodca e depois fica bom pra beber, se você beber, sabe como é... rápido!

Britt-Marie meneia a cabeça vigorosamente. Vai até a porta, mas algo sobre aquele chão de cozinha talvez lhe cause certa hesitação. Assim, ela se vira com cautela, muda de ideia, depois se vira de novo.

Britt-Marie não é uma pessoa muito espontânea, certamente é preciso deixar isso bem claro. “Espontâneo” é sinônimo de “irracional” — esta era a firme opinião de Britt-Marie, e se há uma coisa que Britt-Marie não é, é irracional. Isso não é assim tão fácil para ela, em outras palavras. Mas enfim ela se vira, depois muda de ideia e vira-se outra vez, de modo que no fim está de frente para a porta quando baixa a voz e pergunta, com toda a espontaneidade que consegue invocar:

— Por acaso você tem barras de chocolate Snickers?



Em janeiro, a escuridão cai cedo em Borg. Britt-Marie volta ao centro recreativo e fica sentada sozinha em um dos bancos da cozinha, com a porta da frente aberta. O frio não a preocupa. Nem a espera. Está acostumada com isso. As pessoas se acostumam com isso. Ela tem muito tempo para pensar se o que está passando agora é uma espécie de crise na vida. Leu a respeito delas. As pessoas têm crises na vida o tempo todo.

O rato entra pela porta aberta às seis e vinte. Para na soleira e focaliza o olhar muito vigilante na barra de Snickers, que está em um prato em cima de uma toalha pequena. Britt-Marie lança um olhar severo para o rato e cobre a mão firmemente com a outra em concha.

— De agora em diante vamos jantar às seis horas. Como gente civilizada.

Depois de pensar nisso por certo tempo, ela acrescenta:

— Ou ratos.

O rato olha para o Snickers. Britt-Marie retirou a embalagem e colocou o chocolate no meio do prato, com um guardanapo elegantemente dobrado ao lado. Ela olha para o rato. Dá um pigarro.

— Ha. Não sou particularmente boa em entabular esse tipo de conversa. Sou socialmente inepta, entenda, é o que diz meu marido. Ele é socialmente muito talentoso, todo mundo diz isso. Um empresário, entenda.

Como o rato não responde, ela acrescenta:

— Muito bem-sucedido. Muito, mas muito bem-sucedido.

Ela pensa por um breve instante em falar de sua crise existencial com o rato. Imagina que gostaria de explicar que é difícil saber quem somos depois que ficamos sozinhos, quando você sempre esteve presente para mais alguém. Mas não quer incomodar o rato com isso. Assim, ajeita um vinco na saia e fala com muita formalidade:

— Gostaria de propor um acordo de trabalho. De sua parte, significaria que um jantar seria providenciado para você toda noite, às seis horas.

Ela faz um gesto esclarecedor para o chocolate.

— O arranjo, se o considerarmos mutuamente benéfico, implicaria que, se você morrer, eu não o deixaria ficar prostrado e cheirando mal na parede. E você faria o mesmo por mim. Caso as pessoas não saibam que estamos aqui.

O rato dá um passo hesitante para o chocolate. Estica o pescoço e fareja. Britt-Marie tira migalhas invisíveis do joelho.

— É o bicarbonato de sódio que desaparece quando alguém morre, você precisa entender. Por isso as pessoas fedem. Li isso depois que Ingrid morreu.

Os bigodes do rato vibram com ceticismo. Britt-Marie tosse baixinho como quem se desculpa.

— Ingrid era minha irmã, você precisa entender. Ela morreu. Tive medo de que ela cheirasse mal. Foi assim que descobri sobre o bicarbonato de sódio. O corpo produz bicarbonato de sódio para neutralizar as substâncias ácidas do estômago. Quando alguém morre, o corpo para de produzir o bicarbonato de sódio, e assim as substâncias ácidas abrem caminho para a pele e acabam no chão. É quando fede, você precisa entender.

Ela pensa em acrescentar que sempre achou lógico pressupor que a alma humana é encontrada no bicarbonato de sódio. Quando ela deixa o corpo, não resta nada. Só vizinhos queixosos. Mas ela não diz nada. Não quer incomodar.

O rato come seu jantar, mas não comenta se gostou ou não.

Britt-Marie não pergunta.

Tudo começa pra valer esta noite. O clima é brando, a neve se transforma em chuva quando cai do céu para a terra. As crianças jogam futebol no escuro, mas parece que nem o escuro, nem a chuva lhes dão a menor preocupação. O estacionamento, por sorte, conta apenas com uma luz aqui, outra ali, lançadas pelo letreiro de néon da pizzaria, ou pela janela da cozinha, onde Britt-Marie se esconde atrás da cortina, observando as crianças, mas, para falar a verdade, a maioria delas joga tão mal que uma iluminação mais intensa só teria um efeito marginal na capacidade delas de chutar uma bola.

O rato foi para casa. Britt-Marie trancou a porta, lavou a louça e limpou todo o centro recreativo mais uma vez. Ela está de pé junto da janela, olhando o mundo. De vez em quando, a bola quica pelas poças na estrada, depois as crianças brincam de pedra, papel e tesoura para decidir quem vai pegá-la.

Kent costumava dizer a David e Pernilla quando eles eram pequenos que Britt-Marie não podia jogar com eles porque ela “não sabe”, mas isso não é verdade. Britt-Marie sabe muito bem jogar pedra, papel e tesoura. Ela simplesmente não acha muito higiênico embrulhar pedra num saco de papel. Quanto à tesoura, nem vale a pena pensar nisso. Quem sabe por onde andou?

É claro que Kent está sempre dizendo que “Britt-Marie é terrivelmente negativa”. Faz parte de sua inaptidão social. “Que droga! Em vez disso, fique feliz!” Kent pega os charutos e cuida dos convidados, e Britt-Marie lava a louça e cuida da casa, e foi assim que eles dividiram sua vida. Kent é mais ou menos feliz, droga, e Britt-Marie é terrivelmente negativa. Talvez a vida seja assim. É mais fácil ficar otimista se você nunca precisa limpar a bagunça depois.

Os dois irmãos, Vega e Omar, jogam em lados opostos. Ela é calma e calculista, levando delicadamente a bola com a parte interna do pé, como quem passa os dedos dos pés em alguém que ama enquanto dorme. O irmão dela, por outro lado, é furioso e frustrado, perseguindo a bola como se ela lhe devesse dinheiro. Britt-Marie não entende nada de futebol, mas qualquer um consegue ver que Vega é a melhor jogadora ali no estacionamento. Ou pelo menos, a menos pior.

Omar está constantemente na sombra da irmã. Todos eles estão na sombra dela. Vega faz Britt-Marie lembrar de Ingrid.

Ingrid nunca era negativa. Como sempre acontece com pessoas assim, é difícil saber se todo mundo amava Ingrid porque ela era muito positiva, ou se ela era muito positiva porque todo mundo a amava. Ela era um ano mais velha do que Britt-Marie e treze centímetros mais alta — não é preciso muito para colocar alguém em sua sombra. Britt-Marie nunca se importou que fosse ela que recuasse para o fundo. Ela jamais quis muita coisa.

Às vezes ela desejava verdadeiramente querer alguma coisa, tanto que mal conseguia suportar. Parecia tão fundamental querer coisas. Mas em geral a sensação passava.

Naturalmente, Ingrid estava sempre se desmanchando por querer coisas — sua carreira de cantora, por exemplo, e o status de celebridade que ela estava predestinada a alcançar, e os garotos lá fora no mundo que fossem muito mais do que aqueles comuns em oferta no prédio onde moravam. Os garotos comuns que, Britt-Marie percebeu, eram infinitamente incomuns demais até para olhar para Britt-Marie e, ainda assim, comuns demais em todos os aspectos para merecer sua irmã.

Eles eram irmãos, os garotos que moravam no andar delas. Alf e Kent. Brigavam por tudo. Britt-Marie não conseguia entender. Ela acompanhava a irmã por toda parte. Isso nunca incomodou Ingrid. Era bem o contrário. “Somos você e eu, Britt”, ela costumava cochichar à noite, quando lhe contava histórias de que elas iam morar em Paris, em um palácio cheio de criados. Era por isso que ela chamava a irmã mais nova de “Britt” — porque parecia americano.

Sem dúvida, parecia meio estranho ter um nome americano em Paris, mas Britt-Marie certamente nunca foi do tipo que se opunha às coisas sem necessidade.

Vega está tensa, mas quando seu time marca no campo escuro, na chuva, um gol entre as balizas feitas com duas latas de refrigerante, seu riso parece o de Ingrid. Ingrid também adorava jogar. Como acontece com todas as pessoas assim, é difícil saber se ela era a melhor porque adorava as partidas, ou se ela as adorava porque era a melhor.

Um garotinho de cabelo ruivo leva uma bolada forte na cara. Cai de cabeça em uma poça de lama. Britt-Marie estremece. É a mesma bola de futebol que eles jogaram na cabeça de Britt-Marie, e quando ela vê a lama na bola, sua vontade é de aplicar-se uma injeção antitetânica. Entretanto, ela tem dificuldades para tirar os olhos do jogo, porque Ingrid teria gostado dele.

É claro que se Kent estivesse ali teria dito que as crianças estavam jogando como mulherzinhas. Kent tem a capacidade de descrever quase tudo de ruim acrescentando, antes ou depois, que é meio “mulherzinha”. Britt-Marie não

gosta muito de ironias, mas nota certo nível de ironia no fato de que a única jogadora que não está jogando como uma mulherzinha é justamente a garota.

Por fim, Britt-Marie recupera a razão e sai da janela antes que alguém lá fora comece a ter ideias. Já passa das oito, assim o centro recreativo está imerso na escuridão. Britt-Marie rega suas jardineiras de varanda no escuro. Borrifa bicarbonato de sódio por toda a terra. Sente mais falta de sua varanda do que de qualquer outra coisa. Você nunca fica muito só quando está numa varanda — tem todos os carros, as casas e as pessoas nas ruas. Você fica entre eles, mas também não fica. É o que há de melhor nas varandas. Em segundo lugar, é ficar parada ali de manhã cedo, antes de Kent acordar, fechar os olhos e sentir o vento no cabelo. Britt-Marie costumava fazer isso e parecia Paris. É claro que ela nunca esteve em Paris, porque Kent não tinha negócios por lá, mas ela resolveu uma quantidade incrível de palavras cruzadas sobre Paris. É a cidade mais citada do mundo nas palavras cruzadas, cheia de celebridades ricas e famosas com seus próprios faxineiros. Ingrid costumava falar que elas teriam os próprios criados, e esta era a única parte do sonho de que Britt-Marie não tinha certeza — ela não queria que eles pensassem que a irmã de Britt-Marie era tão ruim na limpeza que precisava contratar alguém para fazer isso. Britt-Marie ouviu a mãe delas falando daqueles tipos de mães com desdém e Britt-Marie não queria ninguém falando de Ingrid desse jeito.

Assim, enquanto Ingrid se superava em tudo que havia lá fora, Britt-Marie se imaginava sendo realmente boa nas coisas de dentro. Limpeza. Fazer bem as coisas. A irmã notava isso. Notava Britt-Marie. Britt-Marie fazia o cabelo dela toda manhã e a irmã nunca se esquecia de dizer, “Obrigada, você foi muito boa nisso, Britt!” enquanto virava a cabeça da frente do espelho para ouvir uma música de um de seus discos de vinil. Britt-Marie nunca teve discos. Ninguém precisa disso quando tem uma irmã mais velha que verdadeiramente enxerga você.

Quando há uma batida na porta, Britt-Marie se assusta como se alguém tivesse acabado de meter um machado por ela. Vega está do lado de fora, mas sem machado nenhum. Pior ainda, está pingando lama e chuva no chão. Britt-Marie grita por dentro.

— Por que você não acende a luz? — pergunta Vega, espremendo-se na escuridão.

— Elas não funcionam, minha cara.

— Já tentou trocar as lâmpadas? — pergunta Vega com o cenho franzido, como se precisasse se controlar totalmente para não acrescentar “minha cara” no final da pergunta.

Omar aparece de repente ao lado da irmã. Tem lama nas narinas. Por dentro das narinas. Britt-Marie não consegue entender como uma coisa dessa pode acontecer. Certamente existe algo chamado gravidade.

— Você precisa comprar lâmpadas. Eu tenho as melhores lâmpadas econômicas! Preço especial! — diz ele com avidez, pegando uma mochila de algum lugar.

Vega lhe dá um chute na canela e olha para Britt-Marie com a diplomacia forçada dos adolescentes.

— Podemos ver o jogo aqui? — pergunta ela.

— Que... jogo? — pergunta Britt-Marie.

— O jogo! — responde Vega, de um jeito não muito diferente de quem diz “O papa” se alguém perguntasse “que papa?”.

Britt-Marie cruza as mãos sobre a barriga, depois as separa.

— O jogo de quê?

— Futebol! — soltam Vega e Omar.

— Ha — resmunga Britt-Marie e olha com repulsa para suas roupas enlameadas. Não para as crianças, evidentemente. Para as roupas. É evidente que Britt-Marie não tem repulsa por crianças.

— Ele sempre deixava a gente assistir aqui — diz Vega e aponta para a foto na parede do lado de dentro da porta, do velho com a camisa “Bank” nas mãos.

Em outra fotografia bem ao lado desta aparece o mesmo homem na frente de um caminhão, e ele veste um casaco branco em que está escrito “Borg SC” num dos bolsos do peito e “treinador” no outro. Precisava de uma boa lavada, observa Britt-Marie.

— Não fui informada sobre isso. Vocês terão de entrar em contato com o homem, neste caso.

O silêncio esgota o oxigênio do ar entre eles.

— Ele morreu — diz Vega por fim, baixando os olhos para os sapatos.

Britt-Marie olha para o homem na foto. Depois para as próprias mãos.

— Isso é... ha. É muito triste saber disso. Mas na verdade não posso ser responsável por isso — diz ela.

Vega a olha com ódio. Depois empurra Omar de lado e fala num silvo:

— Vem, Omar, vamos sair daqui. Não liga pra ela.

Ela já se virou e está se afastando quando Britt-Marie nota as outras crianças, três delas, esperando a certa distância. Todas no início da adolescência. Uma de cabelo ruivo, outra de cabelo preto e uma terceira com colesterol alto. Ela sente a acusação nos olhos delas.

— Posso saber por que vocês não veem o jogo na pizzeria ou na oficina mecânica ou o que for, se é tão importante? — questiona Britt-Marie de um jeito

educado, sem nenhum tom de confronto.

Omar chuta a bola pelo estacionamento e responde em voz baixa:

— Eles bebem lá. Se eles perderem.

— Ha. E se ganharem?

— Então bebem mais ainda. Por isso ele sempre deixava a gente ver aqui.

— E imagino que por essas bandas não teriam uma casa de vocês para ir, com uma televisão? Teriam?

— Não existe espaço para o time todo na casa de ninguém — vocifera Vega de súbito. — Além disso, nós vemos os jogos juntos. Como um time.

Britt-Marie esfrega uma poeirinha da saia.

— Eu tive a impressão de que vocês não tinham mais um time.

— Mas temos um time! — Vega ruge e bate os pés de volta até Britt-Marie. — Estamos aqui, não estamos? Nós estamos aqui! Então somos um time! Mesmo que eles tirem a merda do nosso campo, a merda do clube e nosso treinador tenha uma merda de enfarte e acabe morrendo, nós somos um time!

Britt-Marie está praticamente tremendo enquanto os olhos furiosos da garota estão cravados nos dela. Certamente não é um jeito adequado de um ser humano se expressar. Mas as lágrimas agora escorrem pelo rosto de Vega e Britt-Marie não consegue determinar ao certo se a menina vai lhe dar um abraço ou um soco.

Britt-Marie parece achar qualquer uma das alternativas igualmente ameaçadora.

— Tenho de pedir que vocês esperem aqui — diz ela em pânico e fecha a porta.

É assim que tudo acontece antes de tudo começar pra valer.

Britt-Marie fica parada do lado de dentro da porta, respirando o cheiro da terra molhada no vaso e de bicarbonato de sódio. Ela se lembra do cheiro de álcool e do som das partidas de futebol de Kent. Ele nunca ia na varanda, assim ela pertencia a Britt-Marie e a mais ninguém, o que era uma coisa única. Ela sempre mentia e dizia que havia comprado as plantas, porque sabia que ele diria algo horrível se ela lhe contasse que as encontrara no depósito de lixo e às vezes na rua, abandonadas por alguns vizinhos que se mudavam. As plantas a lembravam de Ingrid, porque Ingrid adorava coisas que estavam vivas. E por esse motivo Britt-Marie sempre salvava plantas sem teto, para dar a si mesma forças para se lembrar de uma irmã cuja vida ela não foi capaz de salvar no passado. Não é possível explicar coisas assim a Kent.

Kent não acredita na morte, acredita na evolução. “Isso é a evolução”, disse ele, assentindo com aprovação, certa vez, quando estava vendo um programa sobre a natureza em que um leão matava uma zebra ferida: “É a extinção do mais fraco, não é? Trata-se da sobrevivência da espécie, você precisa entender

isso. Se você não for o melhor desde o começo, precisa aceitar as consequências e dar espaço para alguém mais forte, entendeu?”

Não se pode discutir sobre plantas de varanda com uma pessoa dessa.

Ou sobre a saudade de alguém.

As pontas dos dedos de Britt-Marie tremem ligeiramente quando ela pega o celular.

A garota da agência de empregos atende no terceiro toque:

— Alô? — diz numa voz ofegante.

— É assim que você atende o telefone? Sem fôlego?

— Britt-Marie? Estou na academia!

— Deve ser muito bom para você.

— Aconteceu alguma coisa?

— Tem umas crianças aqui. Elas dizem que querem ver um jogo aqui.

— Ah, sim, o jogo! Vou ver o jogo também!

— Não fui notificada de que meus deveres incluíam cuidar de crianças...

A garota do outro lado da linha geme de um jeito que é, francamente, indevido e despropositado.

— Britt-Marie, me desculpe, mas eu não devia falar ao telefone na academia.

Depois ela exclama, sem pensar:

— Mas... sabe como é... é uma coisa boa, não? Se as crianças estiverem aí vendo o futebol e você cair morta, todas elas vão saber disso!

Britt-Marie solta uma risadinha curta. Depois faz-se silêncio por um tempo longo, muito longo.

A garota puxa o ar com dificuldade, e ouve-se o som de uma esteira parando.

— Tudo bem, desculpe, Britt-Marie, eu estava brincando. Foi uma bobagem minha falar isso. Eu não quis dizer... alô?

Britt-Marie já havia desligado. Ela abre a porta meio minuto depois com as camisas de futebol recém-lavadas e bem dobradas em uma pilha nos braços.

— Mas vocês não vão entrar com essas roupas sujas de lama, eu acabei de limpar o chão! — diz ela às crianças antes que consiga se conter.

Há um policial entre elas. Ele é baixo, gorducho e seu cabelo parece um gramado no dia seguinte de um churrasco improvisado.

— O que você fez agora? — Britt-Marie sibila para Vega.

O policial parece hesitar. A mulher que está diante dele é muito diferente daquela descrita pelas crianças. É exigente, sim, e mandona, claro, mas também é outra coisa. Determinada, imaculadamente arrumada e de certo modo... única. Ele a encara em silêncio por um momento enquanto tenta pensar em algo para dizer a ela, mas no fim decide que o mais civilizado a fazer é estender um vidro grande para Britt-Marie.

— Meu nome é Sven. Só queria lhe dar as boas-vindas a Borg. Isto é uma geleia.

Britt-Marie olha para o vidro de geleia. Vega olha para Sven. Perdido, Sven se coça em várias partes do uniforme da polícia.

— Geleia de blueberry. Eu mesmo fiz. Fiz um curso. Na cidade.

Britt-Marie o olha cautelosamente, de cima a baixo, e voltando de baixo para cima. Fixa os olhos quando chega na camisa do uniforme, que é apertada na barriga.

— Não tenho uma camisa do seu tamanho — informa ela.

Sven fica vermelho.

— Não, não, não, é claro, não era o que eu queria. Eu quero... só lhe dar as boas-vindas a Borg, só isso mesmo. Era só o que eu queria dizer.

Ele coloca o vidro de geleia nas mãos de Vega e sai apressado da soleira para o estacionamento, na direção da pizzaria. Vega olha para o vidro de geleia. Omar olha para o dedo anular de Britt-Marie sem aliança e sorri.

— Você é casada? — pergunta.

Britt-Marie fica chocada consigo mesma quando percebe a rapidez com que responde:

— Sou divorciada.

É a primeira vez que diz isso em voz alta. O sorriso de Omar se alarga enquanto ele aponta para Sven com a cabeça.

— Sven é solteiro, só pra você saber!

Britt-Marie ouve as outras crianças rindo baixinho. Coloca as camisas nos braços de Omar, arranca o vidro de geleia das mãos de Vega e desaparece no escuro do centro recreativo. Cerca de meia dúzia de crianças continuam na soleira da porta, revirando os olhos.

É assim que tudo começa.

O futebol é um jogo curioso, porque não pede para ser amado. Ele exige isso.

Britt-Marie anda pelo interior do centro recreativo como um espírito confuso cuja sepultura alguém violou para abrir ali uma discoteca.

As crianças estão sentadas no sofá, vestidas com as camisas brancas do uniforme e bebendo refrigerantes. Evidentemente Britt-Marie assegurou-se de que elas se sentassem em toalhas, porque não tem bicarbonato de sódio suficiente para limpar todas as crianças. Desnecessário dizer que havia porta-copos debaixo das latas. Na verdade, não havia nenhum porta-copos adequado, e assim Britt-Marie improvisou com dois pedaços de papel-toalha dobrados. A necessidade não tem regras, mas até a necessidade precisa entender que não se pode colocar uma lata de refrigerante em cima da mesa.

Ela também coloca copos na frente das crianças. Uma delas, um garoto que Britt-Marie evidentemente jamais chamaria de “gordo”, mas que parece tomar alguns refrigerantes que pertencem a outras crianças, diz a ela cautelosamente que ele prefere “beber direto da lata”.

— Certamente que não vai beber, aqui bebemos em copos — Britt-Marie intervém com um tom inflexível.

— Por quê?

— Porque não somos animais.

O menino olha para a lata de limonada, pensa no assunto, depois pergunta:

— Que animal além do ser humano consegue beber numa lata?

Britt-Marie não responde. Em vez disso, pega o controle remoto no chão e coloca na mesa. Assim que faz isso, ela recua apavorada quando os meninos até então tímidos no sofá gritam “Nããão!” como se ela tivesse jogado o controle remoto na cara deles.

— Controle remoto na mesa, não! — esbraveja aterrorizado o garoto da limonada.

— Isso dá azar! Vamos perder se você fizer isso! — grita Omar, e se apressa a jogá-lo de volta no chão.

— O que quer dizer com “vamos perder”? — pergunta Britt-Marie, como se ele estivesse fora de si.

Omar aponta para os homens na televisão, que obviamente nem sabem que ele existe.

— Vamos perder sim! — repete ele com convicção, como se isso de algum modo explicasse alguma coisa.

Britt-Marie nota que ele vestiu a camisa de trás para a frente.

— Não gosto de gritaria em espaços fechados. Também não me agrada roupa vestida ao contrário, como se fossem de uma gangue — observa ela, pegando o controle remoto no chão.

— Vamos perder se vestirmos a camisa do jeito certo!

Britt-Marie nem mesmo sabe como responder a este absurdo, então leva o controle remoto e as roupas enlameadas das crianças para a lavanderia. Quando volta, depois de dar a partida na máquina de lavar, o garoto de cabelo ruivo está parado diante dela. Ele parece constrangido. Britt-Marie coloca a mão em concha sobre a outra e não parece disposta a conversar mais.

— Eles são supersticiosos, tudo tem que ser igual como da última vez que ganhamos — diz o garoto, ao mesmo tempo explicando e se defendendo. De repente ele fica meio nervoso.

— Fui eu que joguei a bola de futebol na sua cabeça ontem. Não fiz de propósito. É que sou ruim de pontaria mesmo. Espero que não tenha estragado o seu cabelo — diz ele. — Seu cabelo é... bonito — acrescenta com um sorriso, depois se vira para voltar ao sofá.

Britt-Marie fica olhando para ele e, no geral, não chega a desgostar inteiramente do menino. Ele se senta do outro lado, encostado na parede, atrás do garoto de cabelos pretos e do outro que tem a maior parte dos refrigerantes, assim ele fica fora de vista.

— A gente chama ele de Pirata — diz Vega.

Ela apareceu de repente ao lado de Britt-Marie. Ao que parece, é o que ela faz: aparecer de repente o tempo todo. A camisa que veste é meio grande demais. Ou, possivelmente, seu corpo é que é pequeno demais.

— Pirata — Britt-Marie repete, daquele jeito que ela costuma repetir quando precisa reunir todos os sentimentos bem-intencionados de que é capaz para não precisar explicar que Pirata não é nome que se dê a alguém, a não ser a um pirata de verdade.

Vega aponta para as outras duas crianças no sofá.

— E aquele é o Sapo. E aquele é o Dino.

E as boas intenções de Britt-Marie chegam ao limite:

— Pelo amor de Deus, não tem ninguém com um nome adequado?

Vega parece não entender o que ela quis dizer.

— É porque ele é somali — diz ela, apontando para um dos garotos, como se isso explicasse tudo.

Como Britt-Marie não demonstra que isso explica tudo, Vega suspira como se estivesse cansada daquela história e explica:

— Quando Dino se mudou para Borg e Omar ouviu dizer que Dino era somali, ele pensou que soava como “sommelier”, sabe, uma daquelas pessoas que bebem vinho na televisão. Então demos a ele o nome de “Vino”. O que rima com “Dino”. Então, agora a gente simplesmente chama ele de “Dino”.

Britt-Marie encara Vega como se esta tivesse acabado de cair bêbada na sua cama.

— Então devo supor que seus nomes verdadeiros não servem, é isso?

Vega parece não compreender a diferença.

— Ele não pode ter o mesmo nome que a gente, pode? Ou não saberíamos para quem passar a bola quando estamos jogando.

Britt-Marie bufa com força pelo nariz, porque é assim que Britt-Marie descarrega a pressão quando ela cresce demais na sua cabeça.

— Certamente o menino tem um nome adequado — diz ela, furiosa.

Vega dá de ombros.

— Ele não falava muito quando se mudou para cá, então não sabemos qual era o nome dele, mas ele riu quando o chamamos de Dino e a gente gostou quando ele riu. Então, ele ficou com esse nome.

“O Sapo foi chamado de Sapo porque sabe arrotar tão alto que chega a dar nojo. E o Pirata nós chamamos de Pirata porque... sei lá, porque sim.”

Ela aponta para o garoto de cabelo ruivo, que ainda não pode ser visto. Britt-Marie sorri educadamente e diz:

— Eu suponho que não haja um time feminino onde você possa jogar, não é? Não, é claro que não.

Vega nega com a cabeça.

— Todas as meninas jogam no time lá da cidade.

Britt-Marie assente balançando a cabeça com absoluta e completa solicitude.

— Suponho que o time delas não seja tão bom para você, não é?

Vega fica irritada.

— Este aqui é o meu time! — diz.

Na TV um jogador cai rolando no gramado. Omar aproveita a paralisação do jogo para subir em uma das banquetas da cozinha e começar a trocar as lâmpadas a crédito. Britt-Marie ronda por ali, nervosa.

Vega de repente olha em volta como se estivesse faltando alguém.

— Onde está a bola? — ela grita para a sala.

— Merda! Lá fora! — exclama Omar, olhando a chuva pela janela.

— Você não está pensando em trazer a bola para cá! — Britt-Marie arqueja, apavorada.

— Ela não pode ficar lá fora na chuva! — diz Vega, com idêntico nível de pavor na voz, como se a bola fosse uma vida humana a ser salva.

Antes que Britt-Marie tenha tempo de perceber o que está acontecendo, uma série de pedras e tesouras colocadas em sacos de papel é iniciada pela sala, até que o Pirata de cabelo ruivo de algum modo perde e sai do sofá na direção da porta em um movimento fluido.

— Virgem Santa! Não com sua camisa recém-lavada, isso não! — Ela o segura pelo colarinho, mas ele já está calçando os sapatos e já passou pela soleira. Britt-Marie, numa agitação absoluta, calça os próprios sapatos e corre atrás dele.

O menino está parado a uns dois metros, com a bola de futebol enlameada nos braços.

— Desculpe — resmunga ele, olhando para o couro.

Britt-Marie não sabe se ele pede desculpas a ela ou à bola de futebol. Ela cobre o cabelo com as mãos para que a chuva não estrague seu penteado. O menino a olha, sorrindo com sinceridade, e depois, sem graça, olha para o chão.

— Posso te fazer uma pergunta? — diz ele.

— Como é? — diz Britt-Marie, a chuva escorrendo por seu rosto.

— Você me ajudaria a dar um jeito no meu cabelo? — ele pede em voz baixa, evitando olhá-la nos olhos.

— Desculpe, o que foi? — pergunta Britt-Marie com o olhar focalizado em um trecho de lama deixado pela bola de futebol na camisa recém-lavada.

— Eu tenho um *date* com alguém amanhã, sabe. Eu ia... estava pensando... eu queria perguntar se a senhora pode me ajudar a arrumar meu cabelo — ele consegue dizer.

Britt-Marie assente como se aquilo fosse normal.

— Imagino que não exista um cabeleireiro em Borg, ah, não. Suponho que agora isso também será minha responsabilidade, é o que quer dizer? É?

O menino meneia a cabeça para a bola.

— Seu cabelo é muito bonito. Eu estava pensando que você é boa fazendo cabelo, porque seu cabelo é bonito. Não tem cabeleireiro em Borg, porque fechou.

A chuva diminui um pouco. Britt-Marie ainda está com as palmas das mãos formando um telhado inclinado sobre a cabeça e a chuva escorre para dentro de suas mangas.

— É assim que se chama hoje em dia? “*Date*”? — pergunta ela um tanto pensativa.

— Como se chamava antes? — indaga o menino, desviando os olhos da bola.

— No meu tempo, era conhecido como ter um “encontro” — diz firmemente Britt-Marie.

É possível que ela não seja especialista nisso, ela estaria disposta a admitir. Só teve dois encontros marcados com rapazes. Um deles terminou em casamento. A chuva cessa completamente enquanto eles estão parados ali: ela, o menino de cabelo ruivo e a bola de futebol enlameada.

— Nós chamamos de *date*, ou pelo menos eu chamo — murmura o garoto.

Britt-Marie respira fundo e evita a evasão dele de olhar nos olhos.

— Você precisa mesmo entender que não posso lhe dar uma resposta agora, porque minha lista está na bolsa — diz ela em voz baixa.

O menino aquiesce no mesmo instante, e com um entusiasmo preocupante.

— Não importa! Posso fazer a qualquer hora amanhã!

— Ha. Imagino que a escola não seja de grande preocupação em Borg.

— Ainda estamos no feriado de Natal.

E então o silêncio deles é rompido subitamente pelos gritos de euforia das crianças lá dentro, a tal ponto que Britt-Marie se assusta e segura a camisa do menino, e o menino por sua vez fica tão surpreso que joga a bola nos braços dela. Ela fica com lama no casaco. Meio segundo depois, os homens na pizzaria explodem em urros e zurros até o letreiro de néon no alto da porta começar a trepidar.

— O que está havendo? — Britt-Marie quer saber, com pânico nos olhos, enquanto joga a bola no chão.

— Nós fizemos um gol! — grita o menino chamado Pirata, em êxtase.

— Como assim “nós”? — pergunta Britt-Marie.

— Nosso time!

— Pensei que vocês não tivessem um time!

— Mas “nosso time” quer dizer aquele time para o qual torcemos! Na TV! — o menino tenta explicar.

— Mas como pode ser o time de vocês se vocês não *jogam* nele?

O menino pensa nisso por um momento. Depois parece apertar firme a bola nas mãos.

— Nós torcemos para esse time há mais tempo do que a maioria dos jogadores dele. Então, é mais nosso time do que deles.

— Que disparate — Britt-Marie bufa.

No segundo seguinte, o barulho de uma porta batendo atravessa a noite de janeiro. Britt-Marie vira o corpo consternada e parte para ela. O garoto corre atrás. A porta é trancada do lado de dentro.

— Olha, eles trancaram pra gente não poder entrar! Porque estávamos aqui fora quando fizemos o gol! — diz o Pirata, em júbilo e sem fôlego.

— Que raios você está tentando dizer? — Britt-Marie exige saber e gira freneticamente a maçaneta.

— Quero dizer que é importante a gente ficar aqui fora, porque enquanto estávamos aqui, fizemos um gol! Nós demos sorte aqui fora! — grita o garoto como se isso fosse lógico. Britt-Marie o encara como se certamente não fosse. Mas então eles ficam no estacionamento, apesar da chuva que voltou a cair, e Britt-Marie não diz mais nada.

Porque é a primeira vez em muito tempo que alguém diz a Britt-Marie que é importante que ela esteja em algum lugar.

É por isso que o futebol é um jogo curioso. Porque não pede para ser amado.

As crianças abrem a porta no intervalo do jogo para deixar que Britt-Marie e o Pirata entrem. Britt-Marie passa o segundo tempo na frente do espelho do banheiro. Primeiro, porque ela não quer sair e correr o risco de ter de falar com qualquer uma das crianças, e, segundo, porque o time deles fez outro gol, então eles a proibiram de sair até o término da partida. Assim, Britt-Marie fica ali, enxugando o cabelo, trazendo sorte para eles e tendo uma crise existencial. É possível fazer todas essas coisas ao mesmo tempo. Sua imagem no espelho pertence a outra pessoa, alguém cujo rosto foi tocado por muitos invernos. Os invernos sempre foram piores, tanto para as plantas da varanda quanto para Britt-Marie. É com o silêncio que Britt-Marie mais luta para viver, porque enquanto imersos no silêncio não sabemos se alguém sabe que estamos ali, e o inverno é também a estação do silêncio, porque o frio isola as pessoas. Deixa o mundo sem som.

Foi o silêncio que deixou Britt-Marie paralisada quando Ingrid morreu.

O pai começou a chegar do trabalho cada vez mais tarde e a certa altura começou a chegar em casa tão tarde que Britt-Marie já estava dormindo quando ele entrava. Depois, ela acordou certa manhã e ele tinha acabado de chegar em casa. E no fim ela acordou certa manhã e ele nem havia chegado. A mãe falava cada vez menos nisso. Ficava na cama por um tempo cada vez maior pela manhã. Britt-Marie ficava andando pelo apartamento como fazem as crianças quando têm de viver em mundos silenciosos. Uma vez ela derrubou um vaso só para que a mãe gritasse com ela do quarto. A mãe não gritou. Britt-Marie varreu ela própria os cacos de vidro. E nunca mais derrubou um vaso. No dia seguinte, a mãe ficou na cama até Britt-Marie preparar o jantar. Um dia depois, ela se levantou ainda mais tarde. E, por fim, não levantou mais da cama. É claro que várias amigas da mãe enviaram lindas flores e condolências, mas estavam ocupadas demais com a própria vida para prestar seus respeitos a alguém que, de todo modo, já estava morto. Britt-Marie aparou o caule das flores e colocou-as em vasos recém-lavados. Limpou o apartamento e todas as janelas e, no dia seguinte, quando levava o lixo para fora, encontrou Kent na escada. Eles se olharam como as crianças que se tornaram adultos costumam fazer. Ele fora casado e tinha dois filhos, mas recentemente havia se divorciado e agora voltava

para casa, para visitar a mãe. Ele sorriu quando viu Britt-Marie. Porque naquela época ele costumava vê-la.

Britt-Marie esfrega o dedo anular na frente do espelho. A marca branca parece uma tatuagem. Uma provocação. Alguém bate na porta do banheiro.

O Pirata está do lado de fora.

— Ha... vocês ganharam?

— Dois a zero! — O Pirata faz que sim, feliz da vida.

— Pois eu só tive de ficar aqui esse tempo todo porque vocês mandaram. Não tenho problemas intestinais — diz Britt-Marie com muita seriedade.

O Pirata assente, um tanto confuso, resmunga “*tá bom*” e aponta para a porta de entrada, que está aberta.

— Sven está aqui de novo.

O policial está na soleira da porta e levanta a mão em um aceno atrapalhado. Britt-Marie recua, profundamente perturbada, mas sem saber direito por quê, e fecha a porta do banheiro. Depois de ter ajeitado o cabelo direito, ela respira fundo e volta a sair.

— Sim? — diz ela ao policial.

O policial sorri e estende uma folha de papel, que ele deixa cair assim que entrega a Britt-Marie.

— Epa, desculpe, desculpe, só pensei que devia entregar-lhe isto. Bom, eu pensei, ou nós, nós pensamos...

Ele faz um gesto para a pizzaria. Britt-Marie supõe que ele quer dizer que falou com Alguém. Ele volta a sorrir. Cruza as mãos por cima da barriga, depois muda de ideia e cruza os braços pouco abaixo do queixo.

— Estávamos pensando que você precisa de um lugar para morar, é claro, claro, e eu entendo que você não ia querer ficar no hotel na cidade... Não que você não possa morar onde quiser. Claro que pode! Só pensamos que esta pode ser uma boa alternativa para você. Quem sabe?

Britt-Marie olha para a folha de papel. É um anúncio escrito à mão e com erros de ortografia de um quarto disponível para locação. Ao pé da página, a imagem de um homenzinho de chapéu, que parece estar dançando. A relação entre o homem e o anúncio é extremamente obscura.

— Fui eu que a ajudei a fazer o anúncio — diz o policial com entusiasmo. — Fiz um curso, na cidade. Ela é uma mulher muito gentil, esta senhora que está cedendo o quarto, quero dizer; ela se mudou para Borg há pouco tempo. Bem, é

só temporário, claro, ela está vendendo a casa. Mas fica aqui em Borg, não é longe... Dá para ir a pé, mas eu posso lhe dar uma carona, se quiser.

Britt-Marie franze as sobrancelhas. Há uma viatura policial estacionada do lado de fora.

— Naquilo ali?

— Sim, soube que seu carro está na oficina. Mas eu posso te levar, não tem problema nenhum!

— Evidentemente não é um problema para você. Mas eu devo ser conduzida por esta comunidade em uma viatura policial, devo mesmo, para que todos pensem que sou uma criminosa, é o que você está me dizendo?

O policial parece envergonhado de si mesmo.

— Não, não, não. Claro, você não ia querer isso.

— Certamente que não — diz Britt-Marie. — Mais alguma coisa que queira me falar?

Ele nega com a cabeça, desanimado, e se vira para ir embora. Britt-Marie fecha a porta.

As crianças ficam no centro recreativo até ela retirar as roupas delas da secadora.

As roupas que não podem ser colocadas na secadora ela pendura para secar, e assim as crianças podem buscá-las no dia seguinte. A maioria vai para casa com suas camisas de futebol. Em certo sentido, é assim que Britt-Marie se transforma na treinadora do time. Só que ninguém ainda contou isso a ela.

Nenhuma das crianças lhe agradece por lavar suas roupas enlameadas. A porta se fecha quando saem e o centro recreativo mergulha no tipo de silêncio que só crianças e bolas de futebol podem preencher. Britt-Marie retira pratos e latas de refrigerante da mesa de centro. Omar e Vega deixaram seus pratos no corredor. Não lavaram, não colocaram no lava-louça, nem mesmo enxaguaram. Tudo que fizeram foi colocá-los ali.

Kent às vezes também fazia a mesma coisa, como se esperasse receber um agradecimento por isso. Como se quisesse que Britt-Marie soubesse que quando o prato estava, lavado e seco, em seu lugar no armário no dia seguinte, ele certamente tinha feito sua parte na tarefa.

Há uma batida na porta do centro recreativo. Não é uma hora civilizada, e assim Britt-Marie supõe que seja uma das crianças que esqueceu alguma coisa. Ela abre com um:

— Ha?

Depois ela vê que é o policial parado ali fora de novo. Ele sorria, sem jeito. Britt-Marie no mesmo instante muda o tom para um:

— Ha!

O que é algo bem diferente. Pelo menos na forma de dizer de Britt-Marie. O policial engole em seco e parece estar criando coragem. Meio abruptamente, ele saca uma cortina de bambu, quase batendo com ela na testa de Britt-Marie.

— Desculpe, bom, eu só queria... isto é uma tela de bambu! — diz ele e quase a deixa cair na lama.

— Ha... — diz Britt-Marie, agora mais reservada.

Ele assente com entusiasmo.

— Fui eu que fiz! Fiz um curso na cidade. “Decoração Oriental de Interiores.”

Ele assente de novo. Como se Britt-Marie devesse dizer alguma coisa. Ela não fala nada. Ele segura a cortina de bambu na frente do próprio rosto.

— Você pode colocar na janela. Assim, ninguém vê que é você.

Ele aponta, animado, para a viatura policial. Depois para a tela de bambu.

Depois para a chuva, que começou a cair de novo. Como a chuva costuma fazer em Borg. O que, evidentemente, deve ser muito divertido para a chuva, sem ter nada melhor para fazer do seu tempo.

— E você pode colocar sobre a cabeça quando sair do carro, como um guarda-chuva, assim não vai estragar seu cabelo. — Ele engole em seco de novo e passa os dedos pelo bambu.

— Você não precisa, claro, claro. Eu só estava pensando que você precisa morar em algum lugar enquanto estiver em Borg. Eu pensei, por assim dizer, bom, humm, você entende. Não é adequado para uma dama morar num centro recreativo, por assim dizer.

Eles ficam parados em silêncio por um bom tempo depois disso. Britt-Marie inverte a posição das mãos; depois, enfim, solta o ar profundamente com uma paciência imensurável. E não é um suspiro. Em seguida ela fala:

— Preciso pegar minhas coisas.

Ele assente, ansioso. Ela fecha a porta e o deixa ali fora, na chuva.

E é assim que continua — a coisa que havia começado.

Britt-Marie abre a porta. Ele entrega a ela a tela de bambu e ela passa para ele as jardineiras da varanda.

— Soube que tem um pacote grande da IKEA no banco traseiro do seu carro. Devo colocar no meu? — pergunta ele, todo prestativo.

— Certamente que não deve! — responde Britt-Marie, como se ele tivesse sugerido incendiar o pacote.

— Claro que não, claro que não — diz ele, desculpando-se.

Britt-Marie vê os homens de barba e boné saírem da pizzeria. Eles cumprimentam o policial com a cabeça, e este acena. Parece que eles não enxergam Britt-Marie.

O policial corre para a viatura levando as jardineiras de varanda, depois corre de volta para acompanhar Britt-Marie. Ele não a segura pelo braço, apenas posiciona o braço centímetros abaixo do dela, sem de fato tocá-la. Assim ele pode ampará-la, caso ela escorregue.

Ela segura a tela de bambu como um guarda-chuva acima do cabelo (porque de fato a tela funciona maravilhosamente como um guarda-chuva) e a mantém presa no alto da cabeça durante toda a viagem, assim o policial não percebe que seu penteado foi arruinado.

— Eu deveria parar em um caixa eletrônico no caminho, assim posso pagar pelo quarto — diz ela. — Se não for problema para você. Evidentemente não quero causar-lhe nenhum incômodo — acrescenta num tom de voz incomodado.

— Não é incômodo nenhum! — diz o policial, que parece livre de qualquer tendência a ser incomodado. Ele não menciona o fato de que o caixa eletrônico mais próximo na verdade fica em um desvio de quase vinte quilômetros.

Ele fala durante todo o trajeto, como Kent costumava fazer quando eles estavam no carro. Mas com Kent era diferente, porque ele sempre lhe afirmava coisas, enquanto o policial lhe faz perguntas. Isso irrita Britt-Marie. Ficamos irritados com alguém que demonstra interesse por nós quando não estamos acostumados com isso.

— O que você achou do jogo, então? — pergunta ele.

— Eu fiquei no banheiro — diz Britt-Marie.

Ela fica incrivelmente irritada quando ouve a si mesma dizendo isso. Porque qualquer um que chegue a conclusões precipitadas pode acreditar que ela tem

graves problemas intestinais. O policial não responde na hora, então ela chega à conclusão de que ele de fato está sentado ali tirando conclusões precipitadas, e não gosta nada que ele faça isso. Então, acrescenta de modo incisivo:

— Na verdade não tenho graves problemas intestinais, mas foi importante para mim ficar no banheiro, caso contrário, ao que parece, algo teria dado errado no jogo.

Ele ri. Ela não sabe se está rindo dela. Ele para quando nota que ela não gostou muito.

— Como foi que você veio parar aqui, em Borg?

— Me ofereceram um emprego aqui.

Os pés dela estavam semienterrados entre caixas de pizza vazias e sacos de papel da loja de hambúrguer. No banco traseiro, há um cavalete de pintor e uma confusão de pincéis e telas.

— Gosta de pintura? — pergunta o policial, num estado de espírito animado, quando vê que ela olha as telas.

— Não.

Ele se remexe, constrangido, no volante.

— Quer dizer, não me refiro a minhas próprias pinturas, é claro. Sou apenas um amador feliz. Estou fazendo um curso de pintura em aquarela na cidade. Não, quero dizer pintura de modo geral. Pinturas de verdade. Pinturas bonitas.

Alguma coisa dentro de Britt-Marie deseja dizer “Suas pinturas também são bonitas”, mas outra parte mais pragmática dela responde em seu lugar:

— Não temos nenhum quadro em casa. Kent não gosta de arte.

O policial aquiesce em silêncio. Eles entram de carro na cidade, que na verdade também mais parece um pequeno vilarejo do que uma cidade de fato. Semelhante a Borg, só que um pouco maior. Indo na mesma direção, mas não com igual rapidez. Britt-Marie para em um caixa eletrônico ao lado de um salão de bronzeamento, que ela não acha muito higiênico, porque leu que as câmaras de bronzeamento provocam câncer, e não se pode dizer que câncer seja higiênico.

Demora um pouco para conseguir sacar o dinheiro, porque ela tem tanta cautela para esconder sua senha que acaba pressionando os botões errados. Também não ajuda o fato de que ainda tem uma tela de bambu no alto da cabeça.

Mas o policial não diz a ela para se apressar. Ela percebe, para sua própria surpresa, que gosta disso. Kent sempre dizia a ela para correr, por maior que fosse a rapidez com que fizesse alguma coisa. Ela volta para a viatura e começa a sentir que deve dizer algo sociável. Assim, respira fundo e aponta para as caixas vazias de pizza e os sacos no chão.

— Imagino que não estejam oferecendo um curso de culinária na cidade, ah, não.

O policial se ilumina.

— Sim, na realidade, fiz um curso de sushi. Você já fez sushi?

— Certamente que não. Kent não gosta de comida estrangeira.

— É verdade, é verdade, bom, não tem muito que cozinhar quando você faz sushi. É principalmente só... cortar. E eu não fiz tantas vezes, para ser sincero com você. Quer dizer, desde que fiz o curso. Não é muito divertido cozinhar só para mim, entende o que quero dizer?

Ele sorri com constrangimento. Ela não abre sorriso nenhum.

— Não — diz ela.

Eles seguem de carro de volta a Borg. Por fim, o policial parece criar coragem suficiente para levantar outro assunto:

— Bom, mas então é gentil de sua parte acolher os jovens como você faz. Borg não é um lugar fácil para se crescer hoje em dia. O pessoal jovem precisa de alguém, como sabe, para olhar por eles.

— Eu não acolhi ninguém. Certamente eles não são minha responsabilidade! — protesta Britt-Marie.

— Eu não quis dizer nesse sentido, é claro, só quis dizer que eles *gostam* de você. Os jovens. Não vejo eles gostando de alguém desde que morreu o último treinador deles.

— O que quer dizer com o “último treinador deles”?

— Eu, bom, sim, acho que só quis dizer que eles estão muito felizes por você ter se mudado para cá — diz o policial, optando por “eles” quando na realidade preferiria dizer “nós”. Em seguida, ele pergunta: — O que você fazia antes de vir para cá?

Britt-Marie não responde. Em vez disso, olha pela janela as casas que passam. Na frente de quase todas, uma placa de “vende-se” foi pregada no gramado, assim ela declara com secura:

— Parece que não existe muita gente que queira continuar morando em Borg.

Os cantos da boca do policial fazem o que os cantos das bocas fazem quando tentam vencer a melancolia.

— A crise financeira foi muito feia por aqui, depois que a empresa de transporte demitiu todos os motoristas. Os que colocaram placas são aqueles que ainda têm esperanças de vender. Os outros desistiram. Os jovens fogem para as cidades e só os mais velhos, como nós, ficam, porque somos os únicos que ainda têm um emprego.

— A crise financeira acabou. Meu marido me disse isso e ele é empresário — Britt-Marie informa a ele, escondendo o cabelo e a marca branca no dedo anular

embaixo da tela de bambu. Ele vira a cara, sem jeito, enquanto ela olha fixamente de sua janela para uma comunidade em que até quem mora ali preferiria não morar.

— E você também gosta de futebol, pelo que entendo — disse ela por fim.

— Uma vez me disseram: “A gente ama o futebol porque é puro instinto. Se uma bola vem rolando pela rua, você dá um chute. Você ama o futebol pelo mesmo motivo que se apaixona. Porque não sabe como evitar.” — O policial sorri, um tanto envergonhado.

— Quem fez essa afirmação?

— O antigo treinador das crianças disse uma vez. É lindo, não é?

— Ridículo — diz Britt-Marie, embora parte dela quisesse dizer “poético”.

Ele segura o volante com mais força.

— É provável que sim, é provável, eu só quis dizer que... bem, que todo mundo adora futebol, não é? Por assim dizer?

Ela não diz uma palavra.

Eles passam pela loja da esquina, seguem adiante mais um pouco, depois param na frente de uma casa pequena, cinza e atarracada, construída em dois andares. Em um jardim do outro lado da rua, estão duas mulheres que são tão velhas que parecem ter vivido ali antes que se tornasse uma comunidade. Apoiadas em seus andadores, elas lançam olhares desconfiados para a viatura policial. Sven acena para elas enquanto ele e Britt-Marie saem do carro; elas não retribuem o gesto. Parou de chover, mas Britt-Marie ainda segura a tela de bambu acima dos cabelos. Sven toca a campainha da casa. A cega, não menos cuboide do que a própria casa — embora Britt-Marie jamais sonharia em se referir a ela como gorda —, abre a porta.

— Oi, Bank — diz Sven, todo animado.

— Olá, Sven. Então você a trouxe? — diz Bank com indiferença, agitando a bengala na direção de Britt-Marie. — O aluguel do quarto é de 250 coroas por semana, adiantado. Você só pode alugar até eu conseguir vender a casa — continua Bank, aos resmungos, e volta para dentro de casa sem convidá-los a entrar.

Britt-Marie entra atrás dela, ligeiramente na ponta dos pés, porque o chão está tão sujo que ela não quer andar nele nem mesmo de sapatos. Um cachorro branco está deitado no corredor, cercado por caixas de mudança preparadas com desleixo e totalmente desorganizadas. Britt-Marie supõe que tudo isso se deva à falta de cuidado, e não ao fato de que esta tal de “Bank” seja cega. Embora Britt-Marie não tenha opiniões preconcebidas, ela está convencida de que até os cegos podem ser desleixados.

Por toda a casa há fotos de uma garota de camisa de futebol amarela, e em algumas delas a garota está ao lado do velho que também aparece nas fotos do centro recreativo. Nestas fotografias, ele está mais novo. Ele devia ter mais ou menos a idade de Britt-Marie quando o encontraram no chão da cozinha dessa casa, percebe Britt-Marie. Ela não saberia dizer se isso a torna velha. Ela não teve muitas pessoas com quem se comparar nos últimos anos.

Sven fica junto da porta com as jardineiras de varanda e a bolsa dela nos braços.

Ele tem a idade aproximada dela e isso parece bem velho, quando ela olha para ele.

— Sentimos muito a falta de seu pai, Bank. Toda Borg sente falta dele — diz ele com tristeza.

Bank não responde. Britt-Marie não sabe o que fazer, então pega as jardineiras das mãos de Sven. Ele tira o quepe de policial, mas continua na soleira como sempre fazem os homens de sua espécie, porque, para eles, não é apropriado entrar na casa de uma mulher sem ser convidado.

Britt-Marie não o convida a entrar, embora lhe dê agonia vê-lo parado ali na soleira de uniforme. Ela olha para as velhas do outro lado da rua, ainda paradas no jardim, olhando feio para eles.

O que os vizinhos vão pensar?

— Tem mais alguma coisa? — diz ela, embora o que realmente quisesse dizer fosse “Obrigada”.

— Não, não, não tem mais nada...

— Obrigada — diz Britt-Marie num tom que mais parece “Adeus” do que “Obrigada”.

Ele assente desajeitado e se vira. Quando está a meio caminho para o carro, Britt-Marie respira fundo, dá um pigarro e eleva só um pouquinho a voz:

— Pela carona. Eu gostaria de... bom, o que eu estou dizendo é que gostaria de agradecer pela carona.

Ele se vira e todo o seu rosto se ilumina. Ela rapidamente fecha a porta, antes que ele tenha alguma ideia.

Bank sobe a escada. Parece usar a bengala mais como um apoio para andar do que para se orientar. Britt-Marie vai meio cambaleando atrás dela com as jardineiras e a bolsa nos braços.

— Banheiro. Pia. Você terá de comer em algum lugar, porque não quero cheiro de fritura na casa. Trate de sair durante o dia, porque é quando o corretor de imóveis traz os compradores para visitar a casa — ela bufa e se afasta para a escada.

Britt-Marie segue atrás dela e fala com diplomacia:

— Ha. Gostaria de me desculpar por meu comportamento de antes. Eu não percebi que você era cega.

Bank resmunga alguma coisa e tenta descer a escada, mas Britt-Marie ainda não terminou.

— Mas gostaria de salientar que você não pode esperar que as pessoas saibam que é cega quando elas estão vendo você de costas — diz ela, solícita.

— Mas que merda, mulher, eu não sou cega! — rosna Bank.

— Ha?

— Tenho uma dificuldade visual, mas de perto consigo enxergar muito bem.

— De perto quanto?

— Estou vendo onde o cachorro está. O cachorro vê o resto — diz Bank, apontando para o cachorro, a cerca de um metro da escada.

— Bom, então você é praticamente cega.

— Foi o que eu disse. Boa noite.

— Certamente não sou do tipo que se apega à semântica, é claro que não, mas eu seguramente ouvi você dizer “cega”...

Bank parece alguém avaliando a possibilidade de causar estrago na parede com a própria testa.

— Se eu digo que sou cega, as pessoas ficam envergonhadas demais para fazer outras perguntas e me deixam em paz. Se eu digo que tenho dificuldade visual, elas ficam falando sem parar para saber a diferença entre dificuldade visual e cegueira. Agora, boa noite! — ela conclui e desce a escada.

— Posso perguntar por que você usa bengala, cachorro e óculos escuros, se nem mesmo é cega?

— Meus olhos são sensíveis à luz, e eu já tinha o cachorro antes de meus olhos começarem a falhar. É a merda de um cachorro comum. Boa noite!

O cão parece visivelmente ofendido.

— E a bengala? — questiona Britt-Marie.

— Não é uma bengala para cegos, é uma bengala para andar. Tenho um joelho ruim. E também é muito conveniente quando as pessoas não saem do caminho.

— Ha — diz Britt-Marie. Bank empurra o cachorro do caminho com a bengala.

— Pagamento adiantado. E não quero ver você aqui durante o dia. Boa noite!

— Posso perguntar quando você espera vender esta casa?

— Assim que encontrar alguém demente o bastante para querer morar em Borg.

Britt-Marie fica parada no alto da escada, que parece desolada e muito íngreme assim que Bank e o cachorro saem de vista. Um instante depois, a porta da frente bate e a casa é tragada pelo silêncio que se segue.

Britt-Marie olha em volta. Está chovendo de novo. A viatura policial se foi. Um caminhão solitário passa por ali. Depois, mais silêncio. Britt-Marie sente frio por dentro.

Ela tira os lençóis da cama e cobre o colchão com bicarbonato de sódio.

Ela pega sua lista na bolsa. Não há nada nela. Nenhum item para ticar. A escuridão entra pela janela assolando o quarto, envolvendo Britt-Marie. Ela não acende luz nenhuma. Encontra uma toalha na bolsa e chora com o rosto enfiado nela, enquanto está de pé. Só vai sentar-se no colchão quando estiver imaculadamente limpo.



Passa da meia-noite quando ela percebe a porta. Fica ao lado de uma das janelas, dando para o nada. A princípio, Britt-Marie tem dificuldade para acreditar no que está vendo. Ela precisa ir buscar um frasco de Faxin, depois limpar todo o vidro da porta, antes que possa se obrigar a tocar na maçaneta. Está emperrada. Ela puxa com determinação, escora o corpo no batente e usa seu peso, que na verdade não é muito. Por um momento fugaz, ela vê o mundo através do vidro e pensa em Kent e em todas as coisas que ele sempre disse que ela não podia fazer e, naquele momento, algo a faz invocar todas as suas forças numa demonstração furiosa de desafio que finalmente vence a porta. Ela recua abruptamente para o interior do quarto quando a porta se escancara. A chuva cai no chão.

Britt-Marie vai se sentar e se recosta na cama. Respirando com dificuldade, ela olha para fora.

É uma varanda.

Uma varanda pode mudar tudo.

São seis horas da manhã e Britt-Marie está entusiasmada. É uma nova experiência para ela. O estado de espírito de Alguém poderia ser descrito como do tipo irascível por motivo de ressaca. Britt-Marie a acordou, batendo na porta da pizzaria às seis horas para lhe pedir, toda animada, uma furadeira.

Alguém abre a porta de má vontade e informa a Britt-Marie que a pizzaria e todas as outras atividades financeiras estão fechadas a essa hora do dia. Britt-Marie então pergunta por que Alguém está ali, já que, como Britt-Marie pode ver, não pode ser higiênico morar em uma pizzaria. Alguém explica, da melhor maneira possível diante de seu estado — olhos entreabertos, com vários restos de comida na camisa que não conseguiram chegar a sua boca, ou por um ou outro motivo voltaram dela —, que ela estava “bêbada demais” depois da partida de futebol na noite anterior para ir para casa. Britt-Marie aquiesce com aprovação e diz pensar ter sido uma decisão sensata, porque não se deve mesmo beber e dirigir. Ela não olha para a cadeira de rodas quando diz isso.

Alguém resmunga e tenta fechar a porta. Porém, como já dissemos, Britt-Marie está entusiasmada e não se deixará abalar. Porque agora Britt-Marie tem um lugar para colocar suas jardineiras.

Tudo muda quando se tem um lugar para colocar as jardineiras. Britt-Marie se sente pronta para dominar o mundo. Ou pelo menos Borg.

Alguém não parece reagir tão bem a entusiasmos às seis da manhã, e assim Britt-Marie pergunta se Alguém por acaso teria uma furadeira elétrica. E, de fato, Alguém tem uma. Ela vai buscá-la. Britt-Marie pega a furadeira com as duas mãos e acidentalmente a liga. Como resultado, acontece de a máquina furar só um pouco a mão de Alguém. Alguém então pega a furadeira de volta e exige saber o que Britt-Marie pretende fazer com ela. Britt-Marie anuncia que planeja pendurar um quadro.

Assim, agora Alguém está no centro recreativo, de ressaca e um tanto irascível, com uma furadeira na mão. Britt-Marie está de pé no meio da sala, olhando com entusiasmo para a pintura. Ela encontrou o quadro no depósito do centro recreativo no início desta manhã, porque Bank, como sabemos, ordenou que ela saísse da casa durante o dia e, de todo modo, Britt-Marie teve dificuldades para dormir, com todas as emoções vindo à tona depois da

descoberta da varanda. O quadro estava encostado na parede, atrás de uma pilha inenarrável de lixo, coberto por uma camada de poeira tão grossa que parecia cinza vulcânica. Britt-Marie levou-o para dentro do centro recreativo e limpou com um trapo úmido e bicarbonato de sódio. Agora ele parece muito estiloso.

— Eu nunca pendurei um quadro, você precisa entender — explica Britt-Marie, com muita consideração, quando nota que Alguém parece exausta.

Alguém termina de usar a furadeira, depois pendura o quadro. Não é realmente uma pintura em tela, só um quadro informativo muito, mas muito velho com um mapa em preto e branco de Borg. “Bem-vindo a Borg”, diz no alto. Para alguém que detesta viajar, Britt-Marie sempre teve muito amor pelos mapas. Há algo de tranquilizador neles, ela sempre achou, desde que Ingrid costumava falar com ela à noite sobre Paris, quando elas eram crianças. Você pode olhar o mapa e apontar para Paris. As coisas são compreensíveis quando você pode apontar para elas. Ela assentiu com seriedade para Alguém.

— Não temos nenhum quadro em casa, eu e Kent, você precisa entender. Kent não gosta de arte.

Alguém ergue as sobrancelhas para o quadro informativo quando Britt-Marie menciona a palavra “arte”.

— Não poderíamos pendurá-lo um pouco mais alto?

— Mais alto?

— Está muito baixo — observa Britt-Marie, evidentemente não de um jeito crítico.

Alguém olha para Britt-Marie. Olha para a cadeira de rodas. Britt-Marie olha para a cadeira de rodas também.

— Mas evidentemente está ótimo onde está também. Evidentemente.

Alguém resmunga algo que é melhor que ninguém ouça e roda na direção da porta, de volta à pizzaria, do outro lado do estacionamento. Britt-Marie vai atrás dela porque precisa de Snickers e bicarbonato de sódio.

Dentro da pizzaria há um cheiro insuportável de fumaça de cigarro e cerveja. As mesas estão cobertas de louça e copos sujos. Alguém mexe atrás do balcão, resmungando algo do tipo “Comprimidos pra dor de cabeça... onde é que Vega guarda essa merda?”. Ela desaparece dentro da cozinha.

Britt-Marie estende a mão, hesitante, para dois pratos sujos, quando Alguém, como se pudesse sentir o que ela está prestes a fazer, grita:

— Não toque na louça pra lavar!

Britt-Marie abre a gaveta de talheres e começa a organizá-los na ordem correta. Alguém avança rodando e fecha a gaveta. Britt-Marie puxa o ar, pacientemente.

— Só estou tentando deixar as coisas bonitas por aqui.

— Pare de mudar! Não vou encontrar merda nenhuma assim! — exclama Alguém quando Britt-Marie volta sua atenção para o armário onde são guardados os copos de bebida, não como se escolhesse fazer isso, mas como se não tivesse escolha.

— É extraordinário como você consegue encontrar alguma coisa aqui — Britt-Marie informa a ela.

— Você está colocando no lugar errado! — Alguém protesta.

— Ha, ha, porque tudo que eu faço é errado, claro, não é sempre assim?

Alguém resmunga alguma incoerência, ergue os braços para o teto como se a culpa fosse dele e sai da cozinha. Britt-Marie fica onde está e tenta se conter para não abrir de novo a gaveta de talheres. Funciona muito bem por quinze segundos. Quando ela sai da cozinha, encontra Alguém sentada na loja, comendo uma pilha do tamanho de um punho de cereais matinais direto do pacote.

— Você podia pelo menos usar um prato — diz Britt-Marie, e pega um prato.

Alguém, extremamente contrariada, come pilhas do tamanho de um punho de cereais matinais direto do prato.

— Acho que você não tem nenhum iogurte natural para comer com isso, tem?

— Eu sou, como se diz mesmo? Intolerante a lactose.

— Ha — diz Britt-Marie com tolerância, e arruma algumas latas numa prateleira.

— Por favor, Britt-Marie, não mexa em merda nenhuma — sussurra Alguém, como se faz quando temos uma forte dor de cabeça.

— Quer dizer que minha limpeza também está errada, é isso que quer dizer? — pergunta Britt-Marie, indo até a caixa registradora, onde começa a arrumar os maços de cigarro em pilhas, seguindo um código de cores.

— Pare! — Alguém grita e tenta arrancá-los das mãos de Britt-Marie.

— Só estou tentando arrumar um pouco aqui!

— Não pode ser junto! — Alguém geme e aponta para uma marca de cigarros com caracteres estrangeiros na embalagem, e outra que não tem caracteres estrangeiros. — Por causa da autoridade fiscal! — diz Alguém, com uma expressão muito séria ao apontar para os maços de caracteres estrangeiros: — Pedras voadoras!

Britt-Marie dá a impressão de que precisa de algo em que se segurar para não perder o equilíbrio.

— Quer dizer que são contrabando?

— Não, sabe como é, Britt-Marie. Eles, humm, eles caíram de um caminhão — diz Alguém num tom de desculpas.

— Isso é *ilegal*!

Alguém roda de volta à cozinha. Abre a gaveta de talheres e xinga muito alto, depois segue-se uma longa arenga em que Britt-Marie só consegue distinguir, “Vem aqui pegar a furadeira emprestada e pendurar um quadro, eu quero dormir, mas, ah, não, eu sou uma criminosa, a Mary Poppins aí tá começando no centro recreativo e mexendo em tudo e trocando as merdas de lugar”.

Britt-Marie fica na área demarcada entre os mantimentos e a pizzaria, organizando latas e maços de cigarros. Na realidade, ela só pretendia comprar um pouco de bicarbonato de sódio e Snickers e depois ir embora, mas não parece responsável comprar bicarbonato de sódio de uma pessoa que está visivelmente embriagada, então decidiu esperar até Alguém ficar sóbria.

Alguém parece ter fugido para a cozinha, e assim, nesse meio-tempo, Britt-Marie faz o que sempre faz em situações como esta: ela limpa. O lugar parece bem decente quando ela termina, de fato parece. Infelizmente não há flores, mas tem um vaso no balcão, ao lado da caixa registradora, com um pedaço branco de fita adesiva, onde alguém escreveu “Gorjetas”. Está vazio. Britt-Marie o lava e o devolve ao lado da caixa. Depois pega todas as moedas em sua bolsa e joga dentro dele. Tenta dar a impressão de que elas são fofas, como se fossem terra para vaso. Quando termina, o vaso parece muito mais decorativo.

— Talvez você não tivesse tantas alergias se mantivesse as coisas um pouco mais higiênicas por aqui — explica com consideração quando Alguém sai da cozinha.

Alguém massageia as têmporas, gira a cadeira de rodas e volta a desaparecer na cozinha. Britt-Marie continua trabalhando nas moedas no vaso para que elas fiquem ainda mais decorativas.

A porta da frente tilinta e dois homens de barba e boné entram. Eles também parecem estar de ressaca.

— Devo pedir que limpem os sapatos lá fora — Britt-Marie informa aos dois. — Acabei de limpar o chão, como podem ver. — Eles fazem uma expressão irônica, mas obedecem.

— Ha. Em que posso ajudá-los? — pergunta Britt-Marie quando eles voltam para dentro.

— *Café?* — os homens conseguem dizer e olham em volta como se tivessem entrado em uma dimensão paralela onde há uma pizzaria igual àquela em que costumam beber seu café, só que esta é limpa.

Britt-Marie faz um gesto de concordância e vai à cozinha. Alguém está dormindo com uma lata de cerveja na mão e a cabeça descansando na gaveta de talheres. Britt-Marie não consegue encontrar nenhum pano de prato, então pega dois rolos de toalhas de papel, levanta com cuidado a cabeça de Alguém e coloca os rolos de papel-toalha na gaveta de talheres como almofadas, em que

delicadamente baixa a cabeça de Alguém. Ela prepara café em uma cafeteira inteiramente normal, imune a pedras voadoras, e serve aos homens de boné e barba. Fica parada perto da mesa deles por um tempo, na vaga esperança de que um deles possa dizer que o café está bom. Nenhum dos dois diz nada.

— Ha. Pretendem fazer as palavras cruzadas?

Os homens a encaram como se ela tivesse se dirigido a eles sem usar as vogais, depois voltam a seus jornais. Britt-Marie assente, prestativa.

— Se não têm a intenção de fazer, será que eu posso?

Os homens reagem como se ela tivesse perguntado se eles pretendiam usar os rins num futuro próximo, ou se ela poderia tirá-los deles.

— Quem é você, afinal? — pergunta um dos homens.

— Eu sou Britt-Marie.

— Você é da cidade grande?

— Sim. — Ela sorri.

Os homens balançam a cabeça, como se isso explicasse tudo.

— Compre a porra do seu próprio jornal, então — diz um deles. O outro concorda com um grunhido.

— Ha — diz Britt-Marie, e decide que não vai oferecer a eles para completar a xícara.

Alguém continua dormindo na cozinha; possivelmente é culpa de Britt-Marie, porque ela a deixou confortável demais, entretanto Britt-Marie se sente na obrigação de cuidar dos fregueses até a chegada de Vega. Não que haja um número particularmente grande de fregueses. Ou unzinho que seja, pode-se dizer, se quisermos ser pedantes a respeito disso. O único que entra é o garoto de cabelo ruivo cujo nome é Pirata, embora isto não seja um nome. Ele pergunta timidamente se Britt-Marie tem tempo para fazer o cabelo dele. Ela informa que agora está terrivelmente ocupada. Ele acena com a cabeça, animado, e espera em um canto.

— Se você vai só ficar parado aí, bem que poderia ajudar — diz por fim Britt-Marie.

Ele assente tão sofregamente que é de admirar que não tenha mordido a língua.

Vega aparece. Ela para na porta, dando a impressão de que chegou ao lugar errado.

— O que... aconteceu aqui? — ela diz ofegante, como se a pizzeria tivesse sido assaltada durante a noite por um grupo de pedantes que a limparam como forma de deixar uma declaração política.

— O que está tentando dizer? — diz Britt-Marie, meio ofendida.

— Está tão... limpo! — Ela parte para a cozinha, mas Britt-Marie a impede:

— Ela está dormindo ali.

Vega dá de ombros.

— Ela está de ressaca. Sempre fica assim quando tem futebol.

Karl, que sempre parece ter algum pacote para pegar, entra.

— Podemos ajudá-lo em alguma coisa? — pergunta Britt-Marie, cercando-se de todos os cuidados para proporcionar um bom atendimento, sem nenhuma sugestão de recriminação.

— Vim pegar um pacote — diz Karl, pouco se lixando para o bom atendimento de quem quer que seja.

Suas costeletas chegam até o queixo, Britt-Marie nota. Parecem campânulas-brancas — uma das flores do campo preferidas de Britt-Marie —, só que, no caso dele, as campânulas-brancas estão de cabeça para baixo.

— Não recebemos nenhum pacote hoje — diz Vega.

— Então vou esperar — responde Karl, seguindo depois na direção dos homens de boné.

— E evidentemente você não vai pedir nada. Só vai ficar sentado aqui — diz Britt-Marie de um jeito muito, muito, muito amistoso.

Karl para. Os homens à mesa olham para ele como se quisessem deixar claro que, para eles, ele não devia negociar com terroristas.

— Café — Karl rosna por fim.

O Pirata já está a caminho com a jarra.

O próximo a entrar é Sven. O sorriso ilumina sua carinha redonda quando ele vê Britt-Marie.

— Olá, Britt-Marie!

— Limpe os sapatos.

Ele assente, ansiosamente. Sai e depois volta a entrar.

— É bom ver você aqui — diz ele.

— Ha. Está trabalhando hoje? — pergunta Britt-Marie.

— Sim, sim, claro, claro. — Ele faz que sim com a cabeça.

— Não é fácil de saber, você parece estar sempre de uniforme, quer esteja trabalhando ou não — diz Britt-Marie, sem nenhuma crítica.

Sven parece não entender direito o que ela está falando. Em vez disso, seu olhar vai para o que claramente é um maço de cigarros estrangeiros, deixado no balcão, ao lado da caixa registradora, depois da discussão de Alguém com Britt-Marie sobre contrabando.

— Que letras interessantes estas... — diz ele, num tom inquisitivo.

Os olhos de Britt-Marie e Vega se encontram e o pânico da garota é visivelmente comunicado.

— São meus! — exclama Britt-Marie, arrebanhando os cigarros.

— Ah — diz Sven, surpreso.

— Certamente não é crime fumar! — afirma Britt-Marie, embora ela certamente pense que deveria ser.

Depois ela se põe ostensivamente ocupada, organizando uma prateleira na seção de mantimentos.

— Deu tudo certo com o quarto na casa de Bank? — pergunta Sven atrás dela, mas, para alívio de Britt-Marie, ele é interrompido pelos resmungos de Vega:

— Nãããão, ele não...

Britt-Marie olha pela janela. Uma BMW parou no estacionamento. Britt-Marie sabe disso porque Kent tem uma BMW. A porta tilinta e um homem mais ou menos da idade de Alguém e um menino mais ou menos da idade de Vega entram na pizzeria.

Não fica claro qual deles Vega não queria ver. O homem veste um casaco muito caro. Britt-Marie sabe disso porque Kent tem um igual. O menino está com um blusão de moletom surrado, em que o nome da cidade a vinte quilômetros dali está escrito, seguido da palavra “Hockey”. Ele olha para Vega com interesse e ela o olha com desprezo. O homem sorri, zombeteiro, para os homens no canto, e eles o olham como se torcendo para que, ao fazerem isso, conseguissem incendiá-lo. O homem vira a cara e, em vez disso, começa a implicar com Vega:

— Atividades frenéticas por aqui, como sempre?

— Por quê? Veio aqui pra demitir alguém? — retruca Vega com acidez e depois, fingindo subitamente ter entendido algo, bate na testa de um jeito teatral: — Ah, não! É verdade, você não pode, porque não trabalha aqui! E onde você trabalha não sobrou ninguém pra demitir, porque você já demitiu todo mundo!

As pupilas do homem se dilatam de pura fúria. O garoto fica espetacularmente envergonhado.

O homem bate duas latas de refrigerante no balcão.

— Vinte e quatro coroas — diz Vega com indiferença.

— Vamos querer pizzas também — diz o homem, tentando recuperar a vantagem.

— A pizzeria está fechada — informa Vega.

— Como assim?

— O forno de pizza está temporariamente com defeito.

O homem bufa com desdém e bate com uma cédula de 500 coroas no balcão.

— Uma pizzeria sem pizza, parece um empreendimento bem lucrativo o que vocês têm aqui.

— Meio parecido com uma transportadora de um só gerente e nenhum motorista — responde Vega com sarcasmo.

O homem cerra o punho no balcão, mas, pelo canto dos olhos, vê Karl saindo de sua cadeira, embora os outros dois homens estejam fazendo o máximo para que ele se sente de novo.

— Faltam seis coroas aqui — diz ele com severidade a Vega, depois de examinar o troco que ela jogou de volta.

— Não temos mais nenhuma moeda — diz Vega entredentes.

Sven agora está ao lado deles. Ele parece inseguro.

— Talvez seja melhor você ir embora agora, Fredrik — diz ele.

O olhar do homem passa de Vega ao policial. Para no vaso, onde são depositadas as gorjetas.

— Não tem problema — diz ele, seu rosto se abrindo num sorriso desdenhoso enquanto mete a mão no vaso e pesca seis coroas.

Ele sorri para Sven, depois para o menino com moletom de hóquei no gelo. O garoto baixa os olhos para o chão e dirige-se para a porta. Sven fica onde está, derrotado. O homem de casaco caro olha nos olhos de Britt-Marie.

— Quem é você? — pergunta.

— Eu trabalho no centro recreativo — diz Britt-Marie, olhando feio para as impressões digitais no recém-polido vaso das gorjetas.

— Pensei que a Câmara de Vereadores tivesse fechado o centro recreativo. Se quer minha opinião, ele é um desperdício de dinheiro dos contribuintes. Invistam em centros de detenção juvenil, é onde as crianças acabam parando mesmo!

Britt-Marie aparenta toda a calma do mundo.

— Meu marido tem um casaco igual a esse — diz ela.

— Seu marido tem bom gosto — responde o homem com um sorriso.

— Só que o dele é do tamanho certo — diz Britt-Marie. Faz-se um silêncio longo, muito longo. Depois Vega, seguida por Sven, explodem numa gargalhada. Britt-Marie não consegue pensar num motivo para o riso deles. O garoto sai correndo, o homem anda a passos pesados atrás dele e bate a porta com tanta força que a lâmpada fluorescente no teto pisca. A BMW arranca a toda ao partir do estacionamento.

Britt-Marie fica sem saber para onde olhar. Sven e Vega ainda estão rindo alto, o que a deixa pouco à vontade. Ela supõe que estão rindo dela. Também segue apressada para a porta.

— Agora tenho tempo para o seu cabelo — ela sussurra para o Pirata, depois foge pelo estacionamento.

A porta se fecha com um tilintar alegre.

Todo casamento tem seu lado ruim, porque todas as pessoas têm pontos fracos. Se você mora com outro ser humano, aprende a lidar com esses pontos fracos de várias maneiras. Por exemplo, você pode considerar que os pontos fracos são um pouco parecidos com um móvel pesado e, com base nisso, deve aprender a limpar aqui e ali. Para manter a ilusão.

É claro que há poeira que se acumula sem ser vista, mas você aprende a contê-la para que passe despercebida pelas visitas. E então, um dia, alguém desloca um móvel sem a sua autorização e tudo entra à plena vista. Poeira e arranhados. Danos permanentes no piso de tacos. Mas aí é tarde demais.

Britt-Marie está no banheiro do centro recreativo, olhando para todos os seus piores ângulos no espelho. Ela tem medo — tem certeza absoluta de que aquele é o seu pior lado. Mais do que qualquer outra coisa, ela gostaria de ir para casa. Passar a ferro as camisas de Kent e se sentar na própria varanda. Mais do que qualquer outra coisa, ela gostaria que tudo voltasse ao normal.

— Quer que eu vá embora? — pergunta o Pirata ansiosamente da porta.

— Não vou tolerar você rindo de mim — diz Britt-Marie com todo o rigor que consegue invocar.

— Por que eu ia rir de você? — pergunta o Pirata.

Ela suga as bochechas, sem responder. Hesitante, ele estende um maço de cigarros com caracteres estranhos.

— Sven disse que você esqueceu isso.

Consternada, Britt-Marie pega o maço. Contrabando. Que ela agora ou roubou, ou comprou no crédito, dependendo da perspectiva positiva que se queira dar. Tudo isso é altamente vexaminoso, porque Britt-Marie agora nem tem certeza de que tipo de criminosa ela é. Mas não há dúvida de que é uma criminosa. Embora Kent decerto fosse concordar com Alguém de que não há nada de criminoso em esconder cigarros da autoridade fiscal e da polícia. “Esqueça, querida! Não é trapaça, se você não é apanhada!”, ele sempre dizia quando ela assinava sua declaração do imposto de renda e perguntava o que eram todos aqueles outros papéis que o contador de Kent havia colocado no envelope. “Não se preocupe, são deduções fiscais completamente legais! Pode assinar!”, dizia ele num tom tranquilizador. Kent adorava deduções e detestava

pagar impostos. Britt-Marie nunca se atreveu a confessar a ele que ela não sabia o que era certo ou errado naquele assunto.

O Pirata toca delicadamente em seu ombro.

— Eles não estavam rindo de você. Na pizzaria, quero dizer. Estavam rindo de Fredrik. Ele era o chefe da transportadora quando todos foram demitidos, então não gostam dele.

Britt-Marie faz um gesto de concordância e tenta dar a impressão de que, de fato, ela não ficou nem um pouco preocupada com isso. O Pirata parece encorajado por esta reação, porque continua:

— Fredrik é treinador do time de hóquei da cidade, eles são muito bons! Aquele garoto alto que estava com ele na pizzaria é filho dele, ele tem a minha idade, mas quase tem barba! Você viu só? É esquisito, não é? Ele é muito bom no futebol também, mas Fredrik quer que ele jogue hóquei, porque acha o hóquei melhor!

— Por que raios ele acha isso? — pergunta Britt-Marie, porque, com base em seu escasso conhecimento do hóquei, parece-lhe uma das poucas coisas no universo mais ridícula do que o futebol.

— Provavelmente porque é caro. Fredrik gosta das coisas que a maioria das pessoas não pode pagar — diz o Pirata.

— Então, por que vocês são tão espantosamente apaixonados por futebol? — questiona Britt-Marie.

O Pirata parece achar a pergunta enigmática.

— Como assim? As pessoas gostam de futebol só porque gostam de futebol, é só isso.

Ridículo, pensa Britt-Marie, mas não diz. Em vez disso, aponta para uma sacola na mão do menino.

— O que é isso?

— Tesoura, um pente e produtos, essas coisas! — responde o menino alegremente.

Britt-Marie não pergunta o que ele quer dizer com “produtos”, mas ainda assim nota que ele trouxe muitos frascos. Ela pega um banco na cozinha, coloca toalhas no chão e gesticula para ele se sentar. Depois lava seu cabelo e corta as partes irregulares. Ela costumava fazer isso para Ingrid.

De súbito, as palavras saem dela se atropelando; ela não consegue entender por que raios teve de abrir a boca, mas:

— De vez em quando, fico incerta se as pessoas estão rindo de mim ou de outra coisa, você precisa entender. Meu marido diz que eu não tenho senso de humor.

Ela rapidamente é silenciada pelo seu bom senso. Constrangida, fecha os lábios.

O menino olha para ela pelo espelho, seu ar é de consternação.

— É uma coisa horrível de se dizer a alguém!

Britt-Marie não responde. Mas concorda. É uma coisa horrível de se dizer a alguém.

— Você ama... o seu marido? — pergunta o menino tão de repente que Britt-Marie quase corta sua orelha.

Ela espana o ombro dele com as costas da mão. Crava o olhar no couro cabeludo do garoto.

— Sim.

— Então, por que ele não está aqui?

— Porque às vezes amar não basta.

Então eles ficam em silêncio até Britt-Marie terminar de cortar. A cabeleira rebelde do Pirata foi carinhosamente persuadida a transformar-se num penteado tão bom quanto permitem as circunstâncias biológicas. Ele fica onde está, admirando-se no espelho. Britt-Marie limpa e olha para a área do estacionamento. Dois rapazes estão parados ali, nenhum deles chega a ter 20 anos, fumando e encostados em um carro preto e grande. Usam o mesmo tipo de jeans, rasgados nas coxas, como as crianças do time de futebol. Mas aqueles dois não são crianças. Parecem o tipo de jovens que obrigariam Britt-Marie a segurar mais firmemente a bolsa enquanto passa. Ela não é de julgar as pessoas, de jeito nenhum, mas um dos rapazes tem tatuagens nas mãos.

— Aqueles são Sami e o Psicopata — diz o Pirata, atrás dela.

Ele parece assustado.

— Isso não são nomes — Britt-Marie informa a ele.

— Acho que Sami é um nome. Mas Psicopata é chamado assim porque ele é um psicopata — diz o Pirata em voz baixa, como se não quisesse se atrever a pronunciar os nomes alto demais.

— E imagino que eles não tenham um emprego aonde ir?

O Pirata dá de ombros.

— Ninguém aqui tem emprego. Tirando algumas pessoas muito velhas.

Britt-Marie coloca a mão cobrindo a outra. Depois a outra cobrindo a primeira. Enquanto tenta não ficar ofendida.

— Aquele da direita tem tatuagens nas mãos — observa ela.

— É o Psicopata. Ele é louco. Sami é legal, mas o Psicopata é... sabe, ele é perigoso. É preciso evitar qualquer problema com ele. Minha mãe diz que não posso ir na casa de Vega e Omar quando o Psicopata está lá.

— Por que raios ele estaria na casa de Vega e Omar?

— Sami é o irmão mais velho deles.

A porta da pizzaria se abre. Vega sai com duas pizzas e entrega a Sami. Ele dá um beijo no rosto dela. O Psicopata sorri com insolência para ela. Ela o olha como se tivesse acabado de comprar uma bolsa nova e ele tivesse vomitado nela. Depois ele bate a porta. O carro preto arranca do estacionamento.

— Eles não comem na pizzaria quando Sven está lá. Vega disse que eles não têm permissão — explica o Pirata.

— Ha. É bem compreensível. Porque ela sabe que eles têm medo da polícia, é claro.

— Não, porque ela sabe que a polícia tem medo deles.

As sociedades são como as pessoas nesse aspecto. Se você não fizer muitas perguntas e não deslocar móveis pesados, não é preciso notar seus piores lados. Britt-Marie espana a saia. Depois espana a manga do Pirata. Ela gostaria de mudar de assunto e, sem mais delongas, ele a ajuda:

— Vega já perguntou a você?

— Sobre o quê? — pergunta Britt-Marie.

— Se você quer ser nossa técnica?

— De forma alguma!

Extremamente ofendida, ela cobre uma das mãos com a outra em concha e pergunta:

— De todo modo, o que isso quer dizer?

— Quer dizer uma treinadora. Precisamos de uma. Tem o torneio na cidade, e a gente só pode participar se tiver um time com técnico.

— Um torneio? Como uma competição?

— Como um torneio.

— Neste clima? Ao ar livre? Isso é ridículo!

— Não, é uma competição *indoor*. Em um centro esportivo na cidade — diz o Pirata. Britt-Marie está prestes a pronunciar algumas palavras escolhidas a dedo sobre o tipo de gente que gosta de chutar bolas em ambientes fechados quando há uma batida na porta. Um garoto da mesma idade do Pirata está do lado de fora. Cabelo comprido, pode-se acrescentar.

— Ha? — diz Britt-Marie.

— O Ben está, tipo, aqui? — pergunta o garoto.

Não fica muito claro que significado o “tipo” tem na construção da frase. Como se o garoto simplesmente perguntasse: “Ben está quase aqui?”

— Quem? — diz Britt-Marie.

— Ben? Ou, tipo, como eles chamam no time dele. O Pirata?

— Ha. Ha. Ha. Ele está aqui, mas está ocupado — diz firmemente Britt-Marie, já prestes a fechar a porta.

— Com o quê? Que tipo de coisa? — pergunta o garoto.

— Ele tem um encontro marcado com alguém. Ou ele tem um “*date*” com alguém. Seja lá como chamam.

— Eu sei. Comigo! — diz o garoto com um gemido de frustração.

Britt-Marie, que não é sujeita a nenhum preconceito, coloca a mão sobre a outra e fala:

— Ha.

O garoto masca chiclete. Ela não gosta disso. Na verdade, não tem problema não gostar de mascar chiclete, mesmo que você seja uma pessoa sem preconceito nenhum.

— É, tipo, tosco demais dizer “*date*” — diz o garoto.

— Foi o Pir... foi Ben quem disse isso. Na minha época, dizíamos “encontro” — afirma Britt-Marie, se defendendo.

— Também é tosco — o garoto bufa.

— O que você diz, então? — pergunta Britt-Marie, só com um toque de crítica.

— Nada. É só “sair junto”, esse tipo de coisa — responde o garoto.

— Tenho de pedir que você espere aqui — diz Britt-Marie e fecha firmemente a porta.

O Pirata está no banheiro, ajeitando o cabelo. Ele começa a pular no mesmo lugar quando a vê no espelho.

— Ele está aqui? Ele não é incrível?

— Ele é de uma grosseria impressionante — responde Britt-Marie, mas o Pirata evidentemente não consegue ouvir nada, porque o barulho de seus pulos ecoam sem parar no banheiro.

Britt-Marie pega um pedaço de papel higiênico, recolhe com cuidado um fio de cabelo do blusão do Pirata e o dobra no papel higiênico, depois dá descarga na privada.

— Eu tive a impressão de que você tinha *dates* com garotas.

— Às vezes eu tenho *dates* com garotas — diz o Pirata.

— Mas este é com um garoto — diz Britt-Marie.

— Este é com um garoto — confirma o Pirata, assentindo, como se eles estivessem fazendo algum jogo de salão cujas regras não foram explicadas a ele.

— Ha — diz Britt-Marie.

— A gente tem de decidir por um ou por outro?

— Não sei nada a respeito disso. Não tenho preconceitos com isso — Britt-Marie garante a ele.

O Pirata ajeita o cabelo, sorri e pergunta:

— Acha que ele vai gostar do meu cabelo?

Britt-Marie parece não ter ouvido a pergunta e, em vez disso, fala:

— Seus amigos no time de futebol evidentemente não sabem que você sai com garotos. Evidentemente eu não vou falar nisso.

O Pirata fica surpreso:

— Por que eles não saberiam?

— Você contou a eles?

— Por que eu não contaria a eles?

— O que eles disseram?

— Eles disseram “tudo bem”. — Depois ele parece inseguro. — O que mais eles deveriam dizer?

— Ha, ha, evidentemente nada, evidentemente — responde Britt-Marie de um jeito que podemos descrever como nada defensivo, depois acrescenta: — Não tenho preconceitos com isso!

— Eu sei — diz o Pirata.

Depois ele sorri, nervoso.

— Meu cabelo está bonito?

Britt-Marie não consegue se obrigar a responder, então simplesmente faz que sim. Pega um último fio de cabelo no blusão dele e o segura, sem jeito. Ele a abraça. Ela não consegue imaginar por que raios ele meteu na cabeça de fazer tal coisa.

— Você não devia ficar sozinha. É um desperdício quando alguém com o cabelo tão bonito como o seu está sozinha — cochicha ele.

Ele está quase na porta quando Britt-Marie, ainda segurando o fio de cabelo, se recompõe, dá um pigarro e responde aos sussurros:

— Se ele não falar que seu cabelo está lindo, ele não merece você!

O Pirata se vira, corre pela sala e a abraça novamente. Ela o afasta, amistosa, porém firme, porque não se deve esquecer dos limites. Ele pergunta se pode pegar o celular dela emprestado. Ela fica em dúvida e avisa a ele para não fazer uma ligação cara. Ele digita seu próprio número, deixa tocar uma vez, depois desliga. Em seguida, tenta abraçá-la de novo, ri quando ela se retrai, e parte correndo. A porta se fecha.

Quinze minutos depois, Britt-Marie recebe uma mensagem de texto: “Ele falou! :)”

O centro recreativo fica em silêncio em volta dela. Ela passa o aspirador de pó por todo o cabelo no chão só para fazer algum barulho. Lava e seca as toalhas nas máquinas.

Depois tira a poeira de todos os quadros, com um cuidado a mais com o quadro informativo e mapa, que Alguém pendurou um metro mais baixo do que todos os outros.

Ela abre a embalagem de uma barra de Snickers, coloca em um prato, coloca o prato em cima de uma toalha e deixa tudo isso na soleira. Abre a porta da frente. Fica sentada por muito tempo em seu banco, tentando sentir o vento no cabelo. Por fim, ela pega o telefone.

— Alô? — diz a garota da agência de empregos.

Britt-Marie respira fundo.

— Foi falta de educação minha dizer que você tem o cabelo de um garoto.

— Britt-Marie?

Britt-Marie engole em seco, concentrada.

— Evidentemente eu não devia me meter nisso, quer dizer, no corte de cabelo que você tem. Ou se você sai com meninos ou meninas. De forma alguma.

— Você não falou nada a respeito... disso.

— Ha. Ha. Ha. Não está além do reino das possibilidades que eu tenha pensado, talvez sim. De todo modo, foi falta de educação minha — diz com irritação Britt-Marie.

— O que... mas o que você quer dizer com... o que tem de errado com meu cabelo?

— Absolutamente nada. É o que estou dizendo — insiste Britt-Marie.

— Eu não... quer dizer, eu... não gosto de... — diz a garota na defensiva numa voz um tanto arrogante.

— Eu não tenho o direito de meter o nariz onde não devo.

— Quer dizer, não que... sabe... não que haja algo de errado em ser assim! Ou não ser — insiste a garota.

— Certamente eu não disse nada desse gênero!

— Nem eu! — protesta a garota.

— Bom, então — diz Britt-Marie.

— Sem dúvida! — diz a garota.

Há um longo silêncio entre elas que dura até a garota dizer “Alô?”, porque pensa que Britt-Marie desligou. E é quando Britt-Marie desliga.



O rato está uma hora e seis minutos atrasado para o jantar. Ele entra correndo e se atira no maior pedaço possível de Snickers que pode carregar, para por um segundo e olha fixamente para Britt-Marie, depois sai correndo lá para fora, para o escuro. Britt-Marie embrulha o resto do chocolate na embalagem plástica e coloca na geladeira. Lava o prato. Lava, seca com o pano de prato e o pendura em seu lugar. Pela janela, ela vê Sven saindo da pizzaria. Ele para junto da viatura e olha para o centro recreativo. Britt-Marie esconde-se atrás da cortina.

Ele entra no carro e dá a partida. Por um breve momento, ela receia que ele vá voltar e bater na porta. Depois fica decepcionada, porque não é o que ele faz.

Ela apaga todas as luzes, menos a do banheiro. O brilho da lâmpada solitária encontra seu caminho por baixo da porta e ilumina a área exata da parede onde Alguém pendurou o quadro informativo, meio baixo demais, mas evidentemente não muito baixo. “Bem-vindo a Borg”, Britt-Marie lê, sentada em um banco no escuro e olhando o ponto vermelho que a fez apaixonar-se pelo quadro. O motivo por que ela adora mapas. Está meio gasto, o ponto, e a cor vermelha desbotou. No entanto, está ali, visível entre o canto inferior esquerdo e o centro do mapa, e perto dele está escrito “Você está aqui”.

Às vezes é mais fácil continuar vivendo sem nem mesmo saber quem você é, quando pelo menos você sabe exatamente onde está, embora continue sem saber.

Às vezes as pessoas se referem à escuridão como algo que cai, mas em lugares como Borg ela não cai simplesmente, ela desaba. Engolfa as ruas num instante. Nas cidades grandes, tem tanta gente que não quer passar a noite toda sentada em casa, que você pode abrir instalações especializadas e administrar indústrias do entretenimento que ficam abertas para estas ocasiões. Em Borg, porém, a vida é encapsulada com o cair da escuridão.

Britt-Marie tranca a porta do centro recreativo e fica sozinha no estacionamento.

Seus bolsos estão cheios de papel higiênico bem dobrados, porque ela não encontrou um envelope. O letreiro no alto da pizzeria está desligado, mas ela consegue distinguir a sombra de Alguém andando lá dentro de um lado para o outro. Alguma coisa em Britt-Marie quer ir falar com ela, possivelmente comprar algo. Outra coisa consideravelmente mais racional ordena que ela não faça isso. Está escuro do lado de fora. Não é civilizado entrar em lojas quando está escuro do lado de fora.

Ela para junto à porta, ouvindo o rádio lá dentro, que toca alguma música pop. Britt-Marie sabe disso porque a música pop não é de todo desconhecida para ela. Há muitas perguntas nos jogos de palavras cruzadas relacionadas a esse tema, e Britt-Marie gosta de manter-se informada. Mas esta música em particular é nova para ela; um rapaz está cantando com uma voz rouca sobre como você pode ser “alguém” ou “um ninguém”.

Britt-Marie ainda segura o maço de cigarros coberto de caracteres estrangeiros. Ela não sabe quanto custam cigarros estrangeiros, mas retira da bolsa uma quantia de dinheiro consideravelmente maior do que o razoável e dobra no papel higiênico até que fique parecido com um pequeno envelope com uma capacidade fenomenal de absorver água. Depois passa o pacote por baixo da porta com cuidado.

O jovem continua cantando no rádio. O mais forte que pode. Sobre nada de especial.

“O amor não tem piedade”, ele canta. Uma, duas vezes. O amor não tem piedade. Kent inunda o peito de Britt-Marie até ela não conseguir respirar.

Depois ela anda sozinha por uma rua que sai da comunidade em duas direções. Enquanto a escuridão desaba. Para uma cama e uma varanda que não

lhe pertencem.

O caminhão aparece à sua direita, por trás. Perto demais. Depressa demais.

É por esse motivo que ela se joga para o outro lado da rua. O cérebro humano tem uma capacidade monstruosa de recriar lembranças com tamanha clareza que o resto do corpo perde toda a noção de tempo. Um caminhão que se aproxima pode fazer os ouvidos acreditarem que estão escutando o grito de uma mãe, pode fazer as mãos acreditarem que estão se cortando no vidro, pode fazer a boca sentir gosto de sangue. Por dentro, Britt-Marie tem tempo para gritar mil vezes o nome de Ingrid.

O caminhão passa com um estrondo, tão perto que o coração dela não sabe se foi atropelado ou não, lançando para os lados uma chuva de grumos duros de lama da superfície da estrada. Britt-Marie dá alguns passos hesitantes; seu casaco está molhado e sujo, e ela tem um som de uivo nos ouvidos. Talvez um único segundo tenha se passado, talvez cem. Ela pisca os olhos para os faróis cada vez mais consciente de que o uivo não vem de dentro dela. Na realidade, há um carro tocando a buzina. Ela ouve alguém gritar. Ergue a mão para proteger os olhos dos faróis da BMW. Fredrik, o homem que foi comprar café mais cedo, está de pé na frente dela, gritando furiosamente:

— Você é senil ou o quê, sua velha maluca?! O que está fazendo andando no meio da porra da estrada? Eu quase matei você!

Da forma como diz, é como se a morte dela teria sido para ele uma inconveniência maior do que a de qualquer outra pessoa. Ela não sabe o que dizer. Seu coração dispara tão freneticamente que chega a lhe dar uma pontada aguda. Fredrik joga os braços para o alto.

— Não consegue ouvir o que estou dizendo ou é retardada?

Ele dá dois passos na direção dela. Ela não sabe por quê. Pensando bem agora, ela não sabe se ele pretende bater nela, mas nenhum deles chega a descobrir porque ele é interrompido por outra voz. Uma voz diferente. Fria.

— Problemas?

Fredrik vira-se primeiro, e assim Britt-Marie tem tempo para ver que os olhos dele registram o perigo antes de ela ter tempo de ver com o que ele se preocupa. Ele engole em seco.

— Não... ela estava and...

Sami está parado a uma curta distância, de mãos nos bolsos. Ele tem no máximo uns 20 anos, mas a julgar pelo aperto sufocante de sua presença no escuro, ele pode ser descrito como um “espírito de violência”. Britt-Marie imagina se em um jogo de palavras cruzadas isso pode ser colocado como “Deus da agressão”. Vertical, quatorze letras. As pessoas têm tempo para pensar em todo tipo de coisa quando estão diante do que imaginam que seja sua morte

violenta iminente, e isto por acaso é a primeira coisa que passa pela cabeça de Britt-Marie. Fredrik gagueja algo indecifrável. Sami não diz nada. Outro jovem se aproxima atrás dele. É mais alto. Não é de todo difícil adivinhar por que ele é conhecido como Psicopata. Sua boca está sorrindo, não é bem um sorriso, parece mais uma exibição de dentes.

Britt-Marie ouviu falar desse tipo de coisa nos programas de história natural que Kent costumava ver quando não tinha futebol na televisão. Os seres humanos são os únicos animais que sorriem como um gesto de paz, enquanto outros animais mostram os dentes como uma ameaça. Agora isto é perfeitamente compreensível; ela pode ver o animal dentro do ser humano.

O sorriso do Psicopata fica mais largo. Sami não tira as mãos dos bolsos. Nem mesmo eleva a voz.

— Não toque nela — diz ele, referindo-se a Britt-Marie enquanto mantém os olhos fixos em Fredrik.

Fredrik cambaleia de volta à sua BMW. Sua autoconfiança parece aumentar a cada passo que dá até o carro, como se o veículo lhe conferisse superpoderes. Mas ele espera estar bem ao lado da porta para sibilar:

— Retardado! Todo este maldito lugar é completamente retardado!

O Psicopata dá meio passo para a frente. A BMW arranca por sobre a lama e o cascalho e foge na chuva. Britt-Marie tem tempo de ver o garoto no banco do carona, aquele da mesma idade de Ben, Vega e Omar, porém mais alto e mais adulto. Usando o blusão de moletom que diz “Hockey”. Ele parece assustado.

O Psicopata olha para Britt-Marie. Exibe os dentes. Britt-Marie se vira e faz o máximo possível para andar rapidamente sem desatar a correr, porque nos programas de história natural sempre dizem que não se deve tentar correr de animais selvagens. Ela ouve Sami gritando a suas costas, sem raiva nem ameaça, na verdade quase com brandura:

— A gente se vê, treinadora!

Ela se afastou uns noventa metros quando enfim tem a coragem de parar e recuperar o fôlego. Quando se vira, vê que os dois rapazes haviam voltado para perto de um grupo de outros jovens em um trecho de asfalto entre um prédio de apartamentos e um grupo de árvores. O carro preto está ali, com o motor ligado e os faróis acesos. Os jovens andam perto dos facho de luz. Sami grita alguma coisa e avança, chutando o ar com a perna direita. Depois dá um soco no ar e grita alto para o céu.

Britt-Marie demora um minuto para entender o que estão fazendo.

Estão jogando futebol.

Jogando.

À noite, a temperatura cai abaixo do congelamento. A chuva transforma-se em neve.

Britt-Marie está de pé na varanda, observando tudo isso acontecer. Ela passa uma quantidade incomum de tempo pensando em sushi e em como prepará-lo.

Ela limpa o colchão. Pendura seu casaco. Quando ouve Bank voltar e fechar a porta no primeiro andar, Britt-Marie dá três passos batendo os pés com toda força no chão. Só para deixar claro que está ali. Depois dorme o sono sem sonhos da exaustão, porque nem mesmo conseguiria dizer que sonhos poderia ter tido.

O sol já está alto quando ela acorda. Ela quase cai da cama quando percebe isso. Acordar muito depois do nascer tardio do sol em janeiro! O que as pessoas vão pensar? Ainda meio sonolenta, ela se levanta para procurar uma roupa quando percebe por que acordou. Alguém está batendo na porta. Tudo aquilo é terrivelmente vexaminoso, de fato, acordar numa hora em que as pessoas já se acham no direito de bater à sua porta.

Ela arruma o cabelo com a maior rapidez que pode, depois desce trôpega quase toda a extensão da escada, correndo o risco de quebrar o pescoço. É o tipo de coisa que acontece com demasiada frequência — pessoas que caem de escadas e acabam se matando. Ela está quase conseguindo colocar os dois pés no chão do térreo quando começa a readquirir seu autocontrole. Depois de certa hesitação, ela se apressa até a cozinha, que, evidentemente, está tão suja quanto se pode imaginar, em seguida olha todas as gavetas até encontrar um avental.

Ela o coloca.

— Ha? — diz ela de sobrelhas erguidas ao abrir a porta.

Ela ajeita o avental, como fazemos quando somos interrompidos por alguém que bate em nossa porta enquanto estamos ocupados lavando a louça. Vega e Omar estão parados ali.

— O que está fazendo? — pergunta Vega.

— Estou ocupada — responde Britt-Marie.

— Estava dormindo? — pergunta Omar.

— Certamente que não! — Britt-Marie protesta, enquanto ajeita o cabelo e o avental.

— Nós ouvimos você descendo a escada — diz Vega.

— Isto não é um crime, é?

— Calma, tá bom? A gente só perguntou se você estava dormindo!

Britt-Marie cruza as mãos.

— É possível que eu tenha dormido demais. Não é algo que aconteça com frequência.

— Você tem alguma coisa pra fazer? — pergunta Omar.

Britt-Marie não tem uma resposta convincente para essa pergunta. Há um silêncio de alguns segundos, até a paciência de Vega se esgotar e ela ir direto ao assunto com um grunhido frustrado:

— A gente queria saber se você quer comer conosco hoje à noite.

Omar balança a cabeça entusiasmado.

— E depois a gente estava se perguntando se você quer ser a treinadora do nosso time!

E então Omar grita “Ai!” e Vega cochicha “Idiota!”, tentando lhe dar outro chute na canela, mas desta vez ele sai do caminho.

— Queríamos convidar você pra jantar, assim podíamos pedir a você pra ser nossa treinadora. É meio assim que fazem quando oferecem um contrato nos times de futebol *decentes* — diz Vega com azedume.

— Não sou particularmente apreciadora de futebol — diz Britt-Marie com a maior educação de que é capaz, o que bem possivelmente não sai nada educado.

— Você não precisa fazer nada, só o que tem de fazer é assinar um maldito formulário e aparecer na merda dos nossos treinos! — protesta Vega.

— Tem uma competição superimportante na cidade. A Câmara de Vereadores está organizando e qualquer time pode participar, mas é preciso ter um técnico.

— Deve haver mais alguém em Borg a quem vocês possam dar esta atribuição — diz Britt-Marie, já se afastando para o corredor.

— Ninguém mais tem tempo — diz Vega.

— Mas estávamos pensando que você não tem nada pra fazer mesmo, quer dizer, mais ou menos! — diz Omar, assentindo, animado.

Britt-Marie para e olha com ar de ofendida.

Ajeita o avental.

— Devo informar a vocês que tenho muito a fazer.

— Tipo o quê?

— Eu tenho uma lista!

— Mas, olha, meu Deus, isso não vai consumir tempo nenhum. Você só precisa estar lá quando estivermos treinando, caso apareçam os organizadores da competição! Assim eles podem ver que temos a porcaria de um técnico! — Vega geme.

— Vamos treinar às seis esta noite, no estacionamento do centro recreativo — diz Omar, assentindo.

— Mas eu não entendo nada de futebol!

— Nem Omar, mas a gente ainda assim deixa ele jogar conosco — diz Vega.

— Vocês o quê?! — exclama Omar.

Vega, aparentemente perdendo a paciência, meneia a cabeça para Britt-Marie.

— Deixa pra lá, então! A gente pensou que você ia fazer esse favor pra gente. Aqui em Borg não tem muitos outros adultos pra escolher, que droga. Você é a única.

Britt-Marie não tem nada a dizer quanto a isso. Vega se vira para descer a escada e faz um gesto irritado a Omar para acompanhá-la. Britt-Marie fica na porta, mantendo as mãos cruzadas enquanto abre e fecha a boca repetidamente, até que por fim exclama:

— Não posso às seis horas!

Vega se vira. Britt-Marie olha fixamente para o avental.

— As pessoas civilizadas jantam às seis. Vocês não podem jogar futebol no meio do seu jantar.

Vega dá de ombros. Como se isso não fizesse a menor diferença.

— Tudo bem. Passe na nossa casa e jantamos às seis, então. Vamos treinar depois.

— Vamos comer tacos! — diz Omar, assentindo cheio de satisfação.

— O que são tacos?

As crianças a encaram.

— Tacos — diz Omar, como se o problema fosse apenas o de ela não ter ouvido direito.

— Não como comida estrangeira — diz Britt-Marie, embora o que realmente quisesse dizer fosse “Kent não come comida estrangeira”.

Vega dá de ombros novamente.

— Se não comer as tortillas, é tipo comer salada.

— Moramos num dos prédios altos, bloco 2, segundo andar — diz Omar, assinalando um ponto na direção da rua.

É claro que ele não está lá à vista, e assim Britt-Marie torna-se a treinadora de um time de futebol. É só o ponto em que alguém diz a ela no que ela vai se tornar.

Ela fecha a porta. Tira o avental. Recoloca na gaveta. Depois limpa a cozinha, porque não sabe não limpar. Em seguida, sobe e pega o celular. A garota da agência de empregos atende no primeiro toque.

— Você entende alguma coisa de futebol?

— É Britt-Marie? — pergunta a garota, embora a esta altura deva saber.

— Preciso saber como treinar um time de futebol — Britt-Marie informa a ela. — É preciso permissão da autoridade local para esse tipo de coisa?

— Não... ou melhor... o que você quer dizer? — diz a garota.

Britt-Marie solta o ar. Mas não suspira.

— Minha cara, se, por exemplo, você quiser ter sua varanda envidraçada, precisa de uma autorização. Estou supondo que a mesma coisa se aplica a times de futebol. Certamente eles não estão acima da lei só porque os jogadores correm por aí chutando tudo que encontram pela frente.

— Não... eu... quer dizer, acho que os pais precisam assinar algum documento dizendo que eles têm permissão para jogar no time — diz a garota, em dúvida.

Britt-Marie toma nota em sua lista. Assente com seriedade e pergunta:

— Ha. Assim, posso perguntar qual é a primeira coisa que você precisa fazer em um treino de futebol?

— Eu diria que... mas não sei... a primeira coisa que você faz no treino... quer dizer, é fazer a chamada?

— Como disse?

— Você faz uma chamada. Marca as pessoas que estão ali — diz a garota.

— Uma lista?

— Sim...?

Britt-Marie já desligou.

Ela pode não entender muito de futebol, mas até os deuses sabem que ninguém é mais habilidoso nas listas do que Britt-Marie.

Dino abre a porta. Ele ri quando vê Britt-Marie, que supõe ter tocado a campainha errada, mas na verdade o que acontece é que Dino sempre janta com Vega e Omar, e Dino não está necessariamente rindo dela. Pelo visto, apesar das primeiras impressões de Britt-Marie, é assim que as coisas funcionam em Borg. Parece que as pessoas sempre jantam na casa dos outros desse jeito, depois ficam rindo como se não tivessem nenhuma preocupação no mundo. Omar aparece correndo na porta e aponta para Britt-Marie.

— Tire os sapatos. Sami vai ficar muito irritado se não tirar, porque ele limpou o chão agora!

— Eu não fico irritado! — diz uma voz vindo da cozinha, soando muito irritada.

— Ele sempre fica louco quando é nosso dia de limpeza — explica Omar a Britt-Marie.

— Talvez eu não ficasse louco se *todos nós* tivéssemos uma merda de dia de limpeza, mas sempre sou *eu* que tenho a merda de dia de limpeza neste lugar. *Todo dia!* — grita Sami da cozinha.

Omar assente sugestivamente para Britt-Marie.

— Viu? Irritado.

Vega aparece na porta com as costas arriadas, balançando uma garrafa de bebida invisível, imitando Alguém.

— Sabe de uma coisa, Britt-Marie, Sami tem, como se diz mesmo? Um limão enfiado no rabo, entendeu?

Dino e Omar riem até ficarem sem fôlego. Britt-Marie responde com uma série de movimentos rápidos e educados da cabeça, porque isso é o mais próximo que ela consegue chegar de rir alto. Ela tira os sapatos, entra na cozinha e cumprimenta cautelosamente Sami com a cabeça. Ele aponta para uma cadeira.

— A comida está pronta — diz ele, retirando o avental, antes de imediatamente gritar para o corredor:

— *Tá na mesa!*

Britt-Marie olha o relógio. São exatamente seis horas.

— Estamos esperando seus pais? — pergunta ela, cordialmente.

— Eles não estão em casa — Sami responde e passa a colocar porta-copos na mesa.

— Suponho que estejam atrasados na volta do trabalho — diz Britt-Marie num tom agradável.

— Mamãe é motorista de caminhão. No exterior. Ela não aparece muito em casa — responde Sami rispidamente, colocando copos e tigelas nos porta-copos.

— E seu pai?

— Ele deu no pé.

— Deu no pé?

— É isso mesmo. Quando eu era pequeno. Omar e Vega tinham nascido há pouco tempo. Acho que ele não aguentou. Então não falamos nele nesta casa. Minha mãe cuidou de nós. *A comida está pronta, então venham comer antes que eu dê uma surra em vocês, porra!*

Vega, Omar e Dino entram na cozinha e começam a devorar a comida, mal parando para mastigar; podia muito bem ter sido passada no liquidificador e servida com canudinhos.

— Mas, então, quem cuida de vocês agora que sua mãe não está aqui? — pergunta Britt-Marie.

— Nós nos cuidamos sozinhos — diz Sami, ofendido.

Ela não sabe exatamente qual é a prática comum de conversa depois disso, então pega o maço de cigarros com os caracteres estrangeiros.

— É claro que em geral eu trago flores quando sou convidada para jantar, mas não tem florista em Borg. Notei que você gosta de cigarros. Suponho que os cigarros devem ser como flores para alguém que gosta de cigarros — explica ela, como quem se defende.

Sami pega o maço de cigarros. Parece quase emotivo. Britt-Marie se senta em uma cadeira extra e dá um pigarro.

— Imagino que você não tenha medo de câncer.

— Existem coisas piores para temer — diz Sami com um sorriso.

— Ha — diz Britt-Marie, e pega algo no prato que ela supõe ser um taco.

Omar e Vega começam a falar ao mesmo tempo. Principalmente sobre futebol, pelo que Britt-Marie consegue entender. Dino não diz quase nada, mas ri o tempo todo. Britt-Marie não entende do que ele está rindo. Ele e Omar nem precisam dizer alguma coisa para começarem a gargalhar, basta um olhar para o outro. As crianças são um mistério insondável.

Sami aponta para Omar com o garfo.

— Quantas vezes eu tenho de dizer, Omar? Tira a porra dos cotovelos da porra da mesa!

Omar revira os olhos. Retira os cotovelos.

— Não entendo por que não se pode colocar os cotovelos na mesa. Que diferença faz?

Britt-Marie o olha atentamente.

— Faz diferença, Omar, porque não somos animais — explica ela.

Sami olha para Britt-Marie com apreciação. Omar olha para os dois com perplexidade.

— Animais não têm cotovelos — protesta ele.

— Coma a merda da sua comida — diz Sami.

Quando Omar e Dino terminam, eles se levantam e correm para outro cômodo, ainda rindo. Vega coloca o prato no escorredor e dá a impressão de que espera um diploma pelo esforço. Depois disso, também sai às pressas.

— Vocês poderiam pelo menos agradecer pela comida! — grita Sami para eles, irritado.

— *Obrigado pela comida!* — as crianças berram de uma parte indefinível do apartamento.

Sami se levanta e coloca os pratos na pia fazendo barulho, propositalmente. Depois olha para Britt-Marie.

— Muito bem. Então não gostou da comida, né?

— Como disse? — diz Britt-Marie.

Sami balança a cabeça, fala sozinho algo pontuado por várias referências a “porra”, depois pega o maço de cigarros e desaparece na varanda.

Britt-Marie fica sozinha na cozinha. Come o que ela tem quase certeza de serem tacos. Têm um gosto menos estranho do que esperava. Ela se levanta, coloca o que resta da comida na geladeira, lava e enxuga os pratos, os talheres, em seguida abre a gaveta de talheres. Curva-se sobre ela, prende a respiração. Garfos-facas-colheres. Na ordem correta.

Sami está fumando na varanda quando ela sai.

— Um ótimo jantar, Sami. Obrigada por isso — diz ela, com a mão firmemente entrelaçada na outra.

Ele assente:

— Às vezes é bom quando alguém diz que gosta da comida sem que você precise perguntar sempre, entende o que estou dizendo?

— Sim — diz ela. Porque ela entende perfeitamente.

Depois ela sente que seria bom dizer algo educado, então fala:

— Você tem uma bela gaveta de talheres.

Ele a olha por um bom tempo, depois sorri.

— Você é legal, treinadora.

— Ha. Ha. Você também é... legal. Sami.

Ele leva a todos no carro preto até o local de treinamento. Vega discute em voz alta com ele durante todo o trajeto — o que, em Borg, não é muito longo. Britt-Marie não entende o motivo da discussão, mas parece ter algo a ver com aquele amigo deles, o Psicopata. Algo a respeito de dinheiro. Quando eles param, Britt-Marie tem a sensação de que alguma coisa deve ser feita para mudarem de assunto, porque esse Psicopata a deixa nervosa do mesmo jeito que alguém falando de aranhas venenosas. Assim, ela diz:

— Você também tem um time, Sami? Você e aqueles rapazes que estavam jogando na outra noite?

— Não, não temos um... time — diz Sami, parecendo achar aquela pergunta meio estranha.

— Então, por que vocês jogam futebol? — pergunta Britt-Marie, confusa.

— Como assim “por quê”? — indaga Sami, igualmente confuso.

Nenhum dos dois consegue pensar em uma boa resposta.



O carro para. Vega, Omar e Dino descem. Britt-Marie verifica o conteúdo da bolsa para certificar-se de que não esqueceu nada.

— Está pronta, Britt-Marie? — pergunta Vega, como se já estivesse entediada.

Britt-Marie faz que sim com muita concentração e aponta para a própria bolsa.

— Sim, sim, é evidente que estou pronta. Gostaria de dizer a você que fiz uma lista!

Sami estaciona o carro e deixa o motor ligado, para que os faróis iluminem o estacionamento. As crianças põem quatro latas de refrigerante funcionando como balizas. As latas de refrigerante podem ser mágicas assim — podem transformar estacionamentos em campos de futebol com sua mera existência.

Britt-Marie está segurando sua lista.

— Vega? — chama ela, alto e bom som, enquanto as crianças correm, chutando a bola, com graus variados de sucesso.

— Que foi? — diz Vega, que está parada bem na frente dela.

— Isto é um “sim”?

— Do que você está falando?

Britt-Marie bate a caneta na lista com extrema paciência.

— Minha cara, estou lendo a chamada. Quando isso é feito, lemos os nomes, depois cada pessoa responde “sim” ou “presente”. É prática comum.

Vega franze os olhos com reprovação.

— Mas você está vendo que eu estou aqui!

Britt-Marie concorda com cordialidade.

— Minha cara, se pudéssemos simplesmente ticar as pessoas de qualquer jeito de uma lista, não teria sentido nenhum fazer a chamada, você precisa entender.

— Esqueça a merda da sua lista! Vamos jogar! — diz Vega e chuta a bola.

— Vega?

— *Sim?! Ai, meu Deus do céu...*

Britt-Marie assente atentamente e tica o nome de Vega na lista. Depois de fazer o mesmo com as outras crianças, ela distribui bilhetes escritos à mão com uma mensagem curta e muito formal seguida por duas linhas horizontais embaixo, onde está escrito “Assinatura dos pais”. Britt-Marie tem muito orgulho desses bilhetes. Ela os escreveu à tinta. Qualquer um que conheça Britt-Marie entenderá que realização extraordinária é para ela controlar sua compulsão de jamais escrever nada à tinta. As pessoas de fato mudam quando viajam.

— Os dois pais precisam assinar? — pergunta o Pirata, que arrumou tão bem o cabelo que faz Britt-Marie sofrer quando, no segundo seguinte, uma bola bate em sua cabeça.

— Desculpe aí! Eu estava mirando na Vega! — grita Omar.

Vega e Omar acabam tendo uma briga. As outras crianças se lançam no caos. Britt-Marie fica andando por ali em círculos, tentando pensar em como entregar os bilhetes a Vega e Omar em meio a todos aqueles punhos voando no ar, mas no fim ela desiste e anda decidida pelo estacionamento e entrega as tiras de papel a Sami. Ele está sentado no capô do carro preto, bebendo uma das balizas.

Britt-Marie limpa a poeira de cada parte do corpo. Certamente o futebol não é muito higiênico.

— Precisa de ajuda? — pergunta Sami.

— Não estou familiarizada com o que um treinador de futebol deve fazer quando os jogadores brigam como cães selvagens — confessa Britt-Marie.

— Você deixa que eles corram... sabe como é, bobinha! — Sami sorri.

— Certamente que não tenho nada de bobinho! — protesta Britt-Marie.

— Não, é um exercício. É chamado de “bobinho”. Vou mostrar a você.

Ele escorrega do capô e contorna o carro. Britt-Marie o acompanha. Cruza as mãos e pergunta, num tom nada acusador:

— Posso incomodá-lo com a pergunta de por que você não treina essas crianças, se entende tanto desse negócio de futebol?

Sami pega meia dúzia de latas de refrigerante na mala do carro. Entrega uma delas a Britt-Marie.

— Não tenho tempo — diz ele.

— Talvez tivesse, se não passasse uma quantidade absurda de tempo comprando refrigerantes — observa Britt-Marie.

Sami ri de novo.

— Para com isso, treinadora, você deve entender que os vereadores não deixariam que alguém com minha ficha criminal treinasse um time juvenil — diz ele. Como se nem precisasse mencionar isso. Britt-Marie mantém a mão firme na bolsa depois disso. Não porque ela julgue as pessoas, evidentemente, mas porque sopra um vento muito forte em Borg esta noite. Só por isso.

O tal de bobinho, do jeito que eles fazem em Borg, é um exercício feito com meia dúzia de latas de refrigerante colocadas a intervalos de dois metros. As crianças se posicionam junto à cerca entre o centro recreativo e a pizzeria, depois correm o mais rápido possível até a primeira lata, depois voltam com a maior rapidez possível para a cerca, em seguida o mais rápido possível até a segunda lata de refrigerante um pouco mais distante, voltando o mais rápido possível também. Depois para a terceira lata de refrigerante e assim por diante.

— E por quanto tempo eles ficam ali fazendo isso? — pergunta Britt-Marie.

— Pelo tempo que você quiser — responde Sami.

— Pelo amor de Deus, não posso obrigá-los a fazer isso! — protesta Britt-Marie.

— Você é a treinadora deles agora. Se eles não fizerem o que você mandar, não podem participar da competição.

Aquilo parece insano demais, na opinião de Britt-Marie, mas Sami não entra em maiores detalhes, porque seu telefone começa a tocar.

— Como você disse que se chama o exercício? — pergunta Britt-Marie.

— Bobinho! — diz Sami, depois atende o telefone dizendo “Sim” para o aparelho, como fazem as pessoas que não veem utilidade para pontos de exclamação ou de interrogação.

Britt-Marie remói isso por um bom tempo, até que por fim consegue falar:

— Esse é um bom nome tanto para o exercício como para a pessoa que o inventou.

A essa altura, Sami começou a se afastar do carro com o telefone no ouvido, então não consegue mais escutá-la. Ninguém consegue escutá-la. Mas isso não preocupa muito Britt-Marie. As crianças correm entre as latas de refrigerante e Britt-Marie fica lá ao lado delas com uma espécie de alegre efervescência em todo o corpo, repetindo “um bom nome para o exercício e para a pessoa que o inventou”, num tom bem baixo, para si mesma. Repetindo sem parar.

É a primeira vez em muito tempo que ela se lembra de fazer intencionalmente uma piada.

Em defesa das crianças, elas não fizeram de propósito. Ou melhor, evidentemente fizeram de propósito, mas nenhuma delas acreditou que o Sapo de fato acertaria o alvo, por assim dizer. Elas nunca acertavam nada para onde apontavam. Ainda mais Sapo, que é o mais novo e o pior jogador naquele time já deplorável.

Então acontece de Bank, em um estado de espírito ainda mais sombrio do que o habitual, vir atravessando o estacionamento com seu cachorro branco no meio do treino.

Omar a vê entrar na pizzeria ou loja da esquina ou oficina mecânica ou o que for, e depois de um tempo sair com uma sacola que parece conter chocolate e outra que parece conter cerveja. Omar dá uma cutucada no Sapo para chamar sua atenção e diz:

— Acha que ela tem superpoderes?

Sapo responde com um som feito por crianças cuja boca está cheia de balizas. Omar gesticula para explicar a Britt-Marie, como se Britt-Marie fosse mais receptiva a essa linha de raciocínio, o que deve ser considerado um otimismo pra lá de exagerado.

— Sabe como é, ora essa, nos filmes os cegos têm superpoderes! Tipo o Demolidor!

— Não estou familiarizada com esse Demolidor — explica Britt-Marie com a maior amabilidade que consegue reunir, considerando a enorme estupidez daquela conversa.

Bank anda pelo estacionamento com a bengala na mão, ao lado e um pouco atrás do cachorro branco. Omar aponta para ela, exultante:

— Demolidor! É um super-herói! Só que cego! Em vez disso, ele tem supersentidos. Você acha que ela tem? Será que ela vai sentir se a gente jogar uma bola de futebol na cabeça dela, mesmo que ela não consiga enxergar?

— Ela não é cega. Tem apenas dificuldade visual — diz Britt-Marie. Omar, que há muito tempo parou de ouvir Britt-Marie, vira-se e fala:

— Vai, Sapo!

Sapo, que por acaso tem a bola naquele momento, parece pensar que aquela não é uma boa ideia. Mas aí Omar pronuncia as palavras de ouro que têm o

poder mágico de obliterar o autocontrole de toda criança em qualquer lugar do mundo:

— Você não tem coragem pra isso!

Para fazer justiça ao Sapo, evidentemente ele nunca pensou em atingi-la. Todos ficam muito surpresos quando ele consegue.

A surpresa maior, claro, é de Bank.

— *Quemerdaéessa...!* — ela grita.

A princípio, as crianças ficam imóveis, boquiabertas. Como nós estamos. Depois Omar começa a rir baixinho. Em seguida, Vega faz o mesmo. Bank parte intempestiva na direção deles, incandescente, sua bengala cortando o ar.

— *Qual é a graça? Pirralhos!*

Britt-Marie dá um pigarro e quase estende os braços.

— Por favor... Bank, ele não teve a intenção, evidentemente não mirou em você, evidentemente não foi assim. É óbvio que foi um acidente.

— *Acidente! Acidente, sei!* — grita Bank, e não fica muito claro o que ela quer dizer com isso.

— Como assim não foi de propósito? Ele estava mirando, não estava? — grita Omar, cheio de confiança, enquanto ao mesmo tempo sai do raio de alcance da bengala atrás de Britt-Marie.

— Foi mesmo? — pergunta Britt-Marie ao Sapo, assombrada.

— *Quem fez isso?!* — grita Bank, e toda sua cara está pulsando como se uma única veia grossa saísse da garganta.

Sapo, petrificado, assente e recua. Britt-Marie bate palmas, entusiasmada, e não sabe muito bem o que fazer de si mesma.

— Mas... é absolutamente maravilhoso! — ela consegue deixar escapar.

— *O que você está dizendo, sua velhota?* — grita Bank.

A essa altura, tudo que há de lógico dentro de Britt-Marie tenta insistentemente frear seu entusiasmo, mas é claro que não tem muito sucesso, porque Britt-Marie se curva e sussurra feliz:

— Veja bem, eles nunca acertam nada quando querem. Este é de fato um excelente sinal de progresso!

Bank encara Britt-Marie. Pelo menos parece estar encarando. É difícil ter certeza, com aqueles óculos escuros. Britt-Marie engole em seco, hesitante.

— Evidentemente não é maravilhoso que ele tenha acertado... você. É claro que não foi o que eu quis dizer. Mas é excelente que ele tenha acertado... alguma coisa.

Bank sai do estacionamento em uma tempestade das palavras mais feias e mais pitorescas que Britt-Marie já ouviu na vida. Na verdade, Britt-Marie nem sabia que era possível combinar dessa maneira palavras para a genitália com

palavras que descrevem outras partes do corpo. Não se chega a esse nível de inovação verbal nas palavras cruzadas.

Um silêncio profundo envolve o estacionamento. Obviamente, quem o rompe é a voz de Alguém:

— É como eu falei a respeito dessa daí. Limão. Enfiado. No rabo.

Ela está sentada à porta da pizzaria, sorrindo na direção de Bank.

Britt-Marie espana a saia.

— Eu não sugeriria que você está enganada, certamente que não. Mas de fato penso que, neste caso, o problema de Bank não é bem de um limão enfiado no rabo, mas de uma bola na cabeça.

Todos começam a rir. Britt-Marie não fica zangada com isso. É uma sensação nova para ela.

O garoto com blusão de moletom escrito “Hockey” sai da pizzaria com uma caixa de pizza nas mãos. Não consegue esconder seu interesse pelo treino de futebol, percebe seu equívoco e tenta rapidamente continuar andando, mas Vega já o avistou.

— O que você tá fazendo aqui? — grita ela.

— Comprando pizza — diz o garoto do moletom, já arrependido.

— Vocês não têm pizza na cidade ou o quê?

O garoto olha para a caixa de pizza.

— Gosto da pizza daqui.

Vega cerra os punhos, mas não fala mais nada. O garoto passa espremido por Alguém na porta e corre para a estrada. A BMW está estacionada uns noventa metros adiante, com o motor ligado.

Alguém se vira para Vega com uma careta.

— Ele não é o pai dele. O pai pode ser ruim, o filho pode ser bom. Se tem alguém que devia saber, é você.

Vega parece ficar magoada com aquelas palavras. Ela se vira e chuta a bola com tanta força que ela voa por cima da cerca para o escuro.

Alguém roda a curta distância até Britt-Marie e aponta para a pizzaria.

— Vem! Tem uma coisa pra você!

A essa altura, Sapo bebeu todas as balizas e Vega entrou numa discussão barulhenta com Sami, da qual Britt-Marie só consegue distinguir algo sobre o “Psicopata” e “deve dinheiro”, então ela chega à conclusão de que o treino acabou. Não sabe se deve fazer algo em particular, como soprar um apito ou coisa parecida, mas decide não fazer. Principalmente porque não tem um apito.

Dentro da pizzaria, Alguém desliza um punhado de dinheiro e um pedaço de papel pelo balcão.

— Pegue. Seu troco e a nota fiscal, humm.

Ela aponta para a base da porta, por onde Britt-Marie empurrou o dinheiro na noite anterior.

— Da próxima vez você pode, como se diz mesmo? Entrar! — Ela sorri.

Como Britt-Marie parece não saber o que dizer, ela acrescenta:

— Você deixou dinheiro demais pelos cigarros, Britt-Marie. Você é, como se diz mesmo? Ou sua matemática é uma porcaria, ou você é muito generosa, tá? Eu penso: Britt-Marie é generosa, tá? Não é como aquele Fredrik, por exemplo, ele é tão mau que grita toda vez que faz merda!

Ela assente com ânimo. Britt-Marie resmunga “ha” repetidamente. Dobra direito o recibo e o coloca na bolsa. Pega o troco e o coloca no vaso das gorjetas. Alguém gira meia roda para a frente, depois meia roda para trás.

— Ficou bom, sabe? Ficou bom quando você... limpou, é. Obrigada! — diz ela.

— Não era minha intenção esconder seus pertences para que você não conseguisse achar — diz Britt-Marie, dirigindo a voz para a bolsa.

Alguém coça o queixo.

— Os talheres, é. Garfo, faca, colher. Nesta ordem. Eu posso, como se diz mesmo? Me acostumar com isso!

Britt-Marie suga as bochechas. Vai até a porta. Ela já está na soleira quando para e invoca suas forças para falar.

— Gostaria só de informar a você que não tem urgência, no momento, para o conserto do meu carro.

Alguém olha da porta para as crianças e seu campo de futebol. Ela assente. Britt-Marie também assente. É a primeira vez, pelo tempo que Britt-Marie consegue se lembrar, que ela tem uma amiga. As crianças tiram as camisas sujas e as largam no centro recreativo, sem que Britt-Marie sequer tenha se oferecido para lavar. Não havia ninguém no estacionamento quando ela lavou e secou as camisas de futebol e as colocou em uma pilha arrumada, prontas para o treino do dia seguinte. Borg está vazia, a não ser por uma silhueta solitária no ponto de ônibus na estrada. Britt-Marie nem mesmo sabia que havia um ponto de ônibus ali, só quando viu alguém esperando junto do poste de luz.

Ela só reconhece o Pirata quando está a uma curta distância dele. Seu cabelo ruivo está embaraçado e enlameado e ele fica imóvel, como se tentasse ignorar a presença dela. O bom senso de Britt-Marie tenta fazê-la continuar seguindo em frente. Mas, em vez disso, ela diz:

— Eu tinha a impressão de que você morava em Borg.

Ele continua segurando firme o bilhete que Britt-Marie entregou no início do treino.

— Diz aqui que precisa ter a assinatura dos dois pais. Então eu preciso pedir a meu pai pra assinar.

Britt-Marie assente.

— Ha. Então, tenha uma boa noite — diz ela, e vai andando para o escuro.

— Quer ir comigo? — ele diz às costas dela.

Ela se vira como se ele tivesse perdido o juízo. O papel nas mãos dele está manchado de suor.

— Eu... isto é... acho que seria melhor pra mim se você estivesse lá — ele consegue dizer.

É evidente que aquilo é inteiramente ridículo. Britt-Marie tem o tato de não dizer isso a ele durante toda a viagem de ônibus.

Que leva quase uma hora. E termina de súbito, na frente de uma enorme construção branca. Britt-Marie segura a bolsa com tanta força que tem cãibra nos dedos. Apesar de tudo, ela é uma pessoa civilizada com uma vida normal para tocar.

Pessoas civilizadas com vidas normais não têm o hábito de visitar prisões.

“Malditos bandidos”, Kent costumava sempre chamá-las assim, as pessoas que eram responsáveis por coisas como violência nas ruas, impostos extorsivos, bater carteiras, pichações em banheiros públicos e hotéis em que todas as cadeiras do deque estavam ocupadas quando Kent chegava à piscina. Todas as coisas desse tipo eram provocadas por “bandidos”. Era um sistema eficaz ter sempre alguém para culpar por tudo sem sequer precisar definir quem eram de fato essas pessoas.

Britt-Marie nunca descobriu o que ele de fato queria. O que o satisfazia? Um monte de dinheiro teria bastado, ou cada último centavo seria necessário? Certa vez, quando eram adolescentes, David e Pernilla deram a ele uma caneca de café com uma mensagem: “Aquele que morre com a maioria dos brinquedos vence.” Os amigos disseram que era uma “ironia”, mas Kent parece ter interpretado a frase como um desafio. Ele sempre tinha um plano, sempre havia um “maldito grande negócio” ao dobrar de cada esquina. Sua empresa estava prestes a fechar contratos cada vez maiores com a Alemanha; o apartamento que eles herdaram dos pais de Britt-Marie finalmente podia passar para o nome deles para que pudessem vendê-lo e obter mais dinheiro. Só mais alguns meses. Só alguns anos. Eles se casaram porque o contador de Kent disse que isso seria mais lógico da “perspectiva do planejamento fiscal”. Britt-Marie nunca teve um plano, esperava que bastasse ter fé e amor. Até que chegou o dia em que isso não bastou.

“Malditos bandidos”, teria dito Kent se estivesse sentado com Britt-Marie naquela noite, na pequena sala de espera da prisão. “Coloque os criminosos numa ilha deserta com uma pistola para cada um e eles vão limpar a lamentável sujeira sozinhos.” Britt-Marie jamais gostou que ele falasse assim, mas nunca disse nada. Agora, quando pensa nisso, ela tem dificuldade para se lembrar da última vez em que disse alguma coisa, até que um dia o abandonou sem dizer uma palavra. Por conta disso, sempre pareceu que tudo era culpa dela.

Ela imagina o que ele estaria fazendo agora. Se ele se sente bem e usa camisas limpas. Se toma seu remédio. Se procura pelas coisas nas gavetas da cozinha e grita o nome dela antes de se lembrar de que ela não está mais lá. Ela se pergunta se ele estaria com ela, a jovem bonita, e se a mulher gosta de pizza. Britt-Marie imagina o que ele diria se soubesse que ela estava sentada numa sala

de espera de prisão cheia de bandidos. Se ele ficaria preocupado. Se faria piada dela. Se tocaria nela e sussurraria que ia ficar tudo bem, como costumava fazer nos dias que se seguiram ao enterro da mãe dela.

Naquela época, eles eram pessoas muito diferentes. Britt-Marie não sabe se foi Kent ou ela própria que mudou primeiro. Ou o quanto disso era culpa dela. Ela estava disposta a dizer “tudo”, se pudesse ter sua vida de volta.

O Pirata está sentado ao lado dela, segura sua mão, e Britt-Marie, por sua vez, segura a mão dele com muita força.

— Você não pode contar para minha mãe que viemos aqui — ele sussurra.

— Onde ela está?

— No hospital.

— Ela sofreu um acidente?

— Não, não, ela trabalha lá — diz o Pirata, antes de acrescentar como quem explica uma lei da natureza: — Todas as mães de Borg trabalham no hospital.

Britt-Marie não sabe o que dizer em relação a isso. Mas faz uma pergunta:

— Por que chamam você de Pirata?

— Porque meu pai escondeu o tesouro.

Assim que ouve isso, ela decide que nunca mais voltará a chamá-lo de Pirata.

Uma grossa porta de metal se abre e Sven para na soleira, suado e de nariz vermelho, com o quepe da polícia nas mãos.

— Mamãe está furiosa de novo? — diz Ben prontamente, com um suspiro.

Sven balança lentamente a cabeça. Coloca a mão no ombro do garoto.

Olha nos olhos de Britt-Marie.

— A mãe do Ben é do turno da noite. Ela me ligou assim que eles telefonaram daqui. Vim o mais rápido que pude.

Britt-Marie gostaria de abraçá-lo, mas ela é uma pessoa sensata. Os guardas não queriam deixar Ben ver o pai porque não está na hora da visita, mas depois de muita persuasão Sven consegue convencê-los a concordar em levar o papel para dentro da prisão. Eles voltam com uma assinatura. Ao lado da assinatura o pai escreveu: “Amo você!”

Ben segura o papel com tanta força no caminho de volta que ele está ilegível quando chegam a Borg. Nem ele, nem Britt-Marie e nem Sven pronunciam uma só palavra. Não há muito que se possa dizer a um adolescente que precisa pedir permissão a estranhos de uniformes para ver o pai. Mas quando eles deixam Ben na frente de casa e a mãe sai, Britt-Marie sente que é apropriado dizer algo encorajador, assim ela faz uma tentativa com:

— Era muito limpa, Ben, preciso dizer. Sempre imaginei as prisões como lugares sujos, mas esta certamente parecia muito higiênica. Pelo menos é um motivo para ficar satisfeito.

Ben dobra o papel com a assinatura do pai sem olhar nos olhos dela, depois lhe entrega. Sven diz na mesma hora:

— Devia guardar isso, Ben.

Ben assente, sorri e segura o papel com uma força ainda maior.

— Tem treino amanhã? — pergunta ele em voz baixa.

Britt-Marie procura a lista que está em sua bolsa, mas Sven garante a ele calmamente:

— É claro que tem treino amanhã, Ben. No horário de sempre.

Ben olha para Britt-Marie. Ela tenta responder afirmativamente. Ben parte pela calçada, depois se vira, abre um leve sorriso e acena. Eles esperam, até que ele enterra o rosto nos braços da mãe. Sven acena, mas ela não vê, só encosta o rosto no cabelo do menino e cochicha alguma coisa.

Sven dirige lentamente por Borg. Dá um pigarro pouco à vontade, como fazemos quando temos um peso na consciência.

— Eles passaram por maus momentos, Ben e ela. Ela faz três turnos no trabalho para conseguirem manter a casa. Ele é um bom garoto e o pai não é um mau sujeito. Bom, claro, sei que o que ele fez foi errado, evasão fiscal é crime. Mas ele estava desesperado. A crise financeira pode deixar as pessoas desesperadas e o desespero faz com que cometam loucuras...

Ele fica em silêncio. Britt-Marie não fala nada sobre a crise financeira ter acabado. Por vários motivos, não lhe parece apropriado nesta ocasião em particular.

Sven limpou a viatura. Todas as caixas de pizza foram retiradas do chão, ela nota. Eles passam pelo trecho de asfalto onde Sami e o Psicopata estão jogando futebol de novo esta noite com os amigos.

— O pai de Ben não é como eles. Só quero que você entenda que ele não é um criminoso. Não como esses rapazes — explica Sven.

— Sami também não é como esses rapazes! — protesta Britt-Marie, e as palavras escapolem rapidamente dela: — Ele não é um bandido, tem uma gaveta de talheres com uma organização espetacular!

O riso de Sven sai abruptamente, grave e ondulante, como uma fogueira acesa para aquecer suas mãos.

— Não, não, não há nenhum problema com o Sami. Ele só anda em má companhia...

— Vega parece ser da opinião de que ele deve dinheiro às pessoas.

— Não o Sami, mas o Psicopata. O Psicopata sempre deve dinheiro às pessoas — diz Sven e seu riso diminui, se derrama no chão e desaparece.

A viatura reduz a velocidade. Os rapazes que jogam futebol veem, mas não reagem. Há uma certa arrogância naquela desconsideração deles pela polícia.

Sven estreita um pouco os olhos.

— Sami também não teve uma criação fácil. Mais desgraças atingiram essa família do que você acharia justo por qualquer parâmetro, se quer minha opinião. Ele é mãe, pai e irmão mais velho de Vega e Omar, e esta não é uma responsabilidade que se deva colocar nos ombros de um garoto que ainda nem completou 20 anos.

Possivelmente Britt-Marie quer perguntar o que isso significa, a parte sobre ser “mãe e pai”, mas consegue se calar, então ele continua:

— O Psicopata é o melhor amigo dele e tem sido assim desde que eles tiveram tamanho para chutar aquela bola. Sami podia ter sido um jogador muito bom; todo mundo viu o seu talento, mas ele estava ocupado demais sobrevivendo, talvez.

— O que isso significa? — pergunta Britt-Marie, um tanto magoada pelo modo como Sven fala, como se ela devesse entender sem uma explicação.

Sven levanta as palmas das mãos, como quem se desculpa.

— Desculpe, eu... estava pensando alto. Ele, eles, como posso explicar? A mãe de Sami, Vega e Omar fez tudo o que pôde, mas o pai deles, ele... não é um bom homem, Britt-Marie. Quando vinha para casa e tinha seus ataques de raiva, as pessoas ouviam por toda Borg. E Sami na época mal tinha idade para ir à escola, mas pegava os irmãos mais novos e fugia. O Psicopata os encontrava na frente da porta deles, sempre. O Psicopata carregava Omar nas costas e Sami levava Vega, depois eles entravam na floresta. Até que o pai caísse num estupor, embriagado. Noite após noite, até que o pai deles um dia foi embora. E então aconteceu aquela coisa com a mãe deles... foi...

Ele se cala, como fazemos quando percebemos mais uma vez que estamos pensando alto. Ele não tenta esconder que está escondendo algo, mas Britt-Marie não vai bisbilhotar. Sven passa as costas da mão na testa.

— O Psicopata tornou-se um louco perigoso, Sami sabe disso, mas Sami não é o tipo de gente que dá as costas a alguém que no passado carregou seus irmãos mais novos nas costas. Talvez em um lugar como Borg você não tenha o luxo de conseguir escolher seu melhor amigo.

A viatura mais uma vez parte devagar pela estrada. A partida de futebol dos rapazes continua. O Psicopata marca um gol, grita algo na noite e corre pelo campo de braços estendidos como se fosse um avião. Sami ri tanto que se curva, com as mãos nos joelhos. Eles parecem felizes.

Britt-Marie não sabe o que dizer, nem no que acreditar.

Ela jamais conheceu um bandido com uma gaveta de talheres corretamente arrumada.

O olhar de Sven se perde em algum lugar onde os faróis terminam e começa a escuridão.

— Fazemos o possível em Borg. Sempre fizemos. Mas tem um fogo ardendo naqueles rapazes e mais cedo ou mais tarde vai consumir todos em volta deles, ou eles próprios.

— Isso foi bem colocado — diz Britt-Marie.

Ele sorri timidamente.

Ela baixa os olhos para a bolsa. Depois, desanimada, força-se a continuar:

— Você tem filhos?

Ele faz que não. Olha pela janela como fazemos quando não temos filho nenhum, apesar de todos terem um vilarejo cheio de crianças.

— Eu fui casado, mas... ah. Ela jamais gostou de Borg. Dizia que era um lugar aonde se vinha para morrer, não para viver.

Ele tenta sorrir. Britt-Marie pensa que devia ter trazido a tela de bambu.

Ele morde o lábio. Quando encostam na frente da casa de Bank, ele parece hesitar, depois cria coragem e fala:

— Se não for, quer dizer, se não for inconveniente para você, eu gostaria de lhe mostrar uma coisa.

Ela não protesta. Ele sorri de um jeito que mal dá para notar. Ela sorri de um jeito que ninguém jamais notaria.

Ele dirige a viatura por Borg e sai do outro lado. Pega uma rua de cascalho. Aparentemente continua para sempre, mas quando eles enfim param, de súbito parece inconcebível que estivessem há pouco em uma área construída. O carro é cercado de árvores e o silêncio é daquele tipo que só existe onde não há ninguém.

— É... bom... ah. Deve ser ridículo, é claro, mas este é meu... bom, meu lugar preferido no mundo... — murmura Sven.

Ele fica vermelho. Parece que quer dar a volta com o carro e partir rapidamente dali sem nunca mais falar nisso. Mas Britt-Marie abre a porta e sai.

Eles estão em um rochedo que dá para um lago cercado de árvores por todos os lados.

Britt-Marie olha pela beira, até sentir um frio no estômago. O céu está claro e brilha de estrelas. Sven abre a porta e, aparecendo atrás dela, dá um pigarro.

— Eu... ah. É tolice, mas gostaria que você visse que Borg também pode ser bonita — sussurra ele.

Britt-Marie fecha os olhos. Sente o vento no cabelo.

— Obrigada — responde aos sussurros.

Eles não falam no trajeto de volta. Ele sai do carro na frente da casa de Bank, contorna e abre a porta para Britt-Marie. Depois abre a porta traseira e mexe em

alguma coisa, voltando com uma pasta de plástico muito usada.

— Isso é... ah, é só... uma coisa — ele consegue dizer.

Era um desenho. Do centro recreativo e da pizzaria, e entre os dois as crianças jogando futebol. Britt-Marie no meio da imagem. Todo feito a lápis. Britt-Marie o segura com certa força excessiva e Sven retira o quepe um tanto de repente demais.

— Bom, deve ser uma tolice, é claro, claro que é, mas eu estava pensando... tem um restaurante na cidade...

Como Britt-Marie não responde de imediato, ele acrescenta rapidamente:

— Um restaurante decente, quero dizer! Não como a pizzaria aqui de Borg, mas um bom restaurante. Com toalhas brancas. E talheres.

Levará um bom tempo para Britt-Marie perceber que ele tenta esconder a insegurança com piadas, em vez do contrário. Mas quando ela parece não entender na mesma hora, ele levanta a palma da mão e se desculpa:

— Não que haja algum problema com a pizzaria, claro que não, claro que não, mas...

Agora ele segura o quepe com as duas mãos e parece aqueles homens consideravelmente mais jovens quando querem convidar mulheres consideravelmente mais jovens para algo específico. No fundo, grande parte de Britt-Marie anseia saber o que é. Mas a parte sensata dentro dela já entrou na casa e fechou a porta.

“A outra” é como chamam, mas Britt-Marie sempre teve dificuldades para ver a outra de Kent desta forma. Talvez porque ela própria soubesse como era ser esta mulher. Evidentemente, Kent já estava divorciado quando voltou para casa naquele dia, muito tempo atrás, depois que Britt-Marie enterrou a mãe, mas os filhos dele nunca viram desse jeito. Os filhos nunca enxergam as coisas assim. Para David e Pernilla, Britt-Marie era a outra, não importa quantas histórias infantis ela lesse para eles e quantos jantares preparasse — e talvez Kent também a considerasse assim. E apesar do número de camisas que ela lavou, talvez Britt-Marie jamais tenha ela própria se sentido a mulher principal.

Ela está sentada na varanda, vendo a manhã avançar sobre Borg, como as manhãs de Borg têm o hábito de fazer em janeiro. Aparentemente, a luz do dia surge sem nenhuma necessidade do nascer do sol. Ela ainda segura o desenho de Sven.

Ele não é um desenhista particularmente bom, longe disso, e se ela fosse mais crítica por natureza, poderia ter reservas sobre o que aqueles contornos borrados e silhuetas irregulares diziam a respeito do modo como ele a via. Mas pelo menos ele a via. É difícil ficar insensível diante disso.

Ela pega o celular e telefona para a garota da agência de empregos.

A voz da garota atende com um tom animado demais, e assim Britt-Marie entende que deve ser a secretária eletrônica. É óbvio que ela pretende desligar, porque não acha adequado deixar recados em máquinas, a não ser que você esteja ligando de um hospital ou vendendo narcóticos. Por algum motivo, porém, ela não desliga; em vez disso, fica sentada em silêncio depois do sinal sonoro e por fim declara:

— Aqui é Britt-Marie. Uma das crianças do time de futebol conseguiu acertar a pontaria e colocar a bola onde queria. Achei que você estaria interessada em saber disso.

Ela se sente tola quando desliga. Evidentemente, a garota não vai estar interessada nisso. Kent teria rido dela se estivesse ali.

Bank está sentada na cozinha, tomando sopa, quando Britt-Marie desce a escada. O cachorro está sentado ao lado da mesa, esperando. Britt-Marie para no corredor e olha o prato de sopa. Ela se pergunta como a sopa foi preparada,

porque não viu panela e a cozinha não tem micro-ondas. Bank sorve a sopa ruidosamente.

— Tem alguma coisa a me dizer, ou você simplesmente nunca viu uma cega tomando sopa? — pergunta sem levantar a cabeça.

— Tive a impressão de que você tinha “dificuldade visual”.

Bank toma mais uma ruidosa colherada da sopa à guisa de resposta. Britt-Marie pressiona as palmas das mãos na saia.

— Você gosta de futebol, pelo que vejo — diz ela, apontando para as fotografias nas paredes.

— Não — responde Bank.

Britt-Marie cruza as mãos sobre a barriga e olha as sequências de fotos na parede, cada uma delas de Bank com o pai e pelo menos uma bola de futebol.

— Eu virei uma espécie de treinadora de um time.

— Eu soube. — Ela recomeça a aspirar a sopa. Não levanta a cabeça. Britt-Marie passa a mão por vários objetos no corredor para retirar algumas partículas de pó.

— Ha. Em todo caso, eu notei todas essas fotografias e assim achei que seria apropriado, nas circunstâncias, tendo em mente sua evidente experiência com o futebol, eu pedir a você um conselho.

— Conselho sobre o quê?

— Sobre futebol. — Ela não sabe se Bank revirou os olhos, mas certamente deu essa impressão. O cachorro vai para a sala de estar. Bank segue atrás dele, guiando-se com a bengala pelas paredes.

— Onde estão essas fotos de que está falando? — pergunta ela.

— Mais para cima.

A bengala de Bank bate no vidro de uma das fotos emolduradas, em que uma versão mais nova dela está de pé, com uma camisa de futebol tão suja que nem mesmo bicarbonato de sódio teria ajudado. Bank curva-se para a fotografia até o nariz quase tocar o vidro. Depois anda pela sala e bate sistematicamente em todas as fotos, como se quisesse memorizar onde elas estão.

Britt-Marie fica parada no corredor e espera pelo que considera um tempo apropriado, até que toda a coisa deixa de ser apenas desconfortável e passa a ser inteiramente estranha. Em seguida, ela veste o casaco e abre a porta. Pouco antes de fechá-la, Bank resmunga para ela:

— Quer um bom conselho? Esse time não sabe jogar. Nada do que você faça terá resultado, não faz diferença.

Britt-Marie sussurra “Ha” e sai.

Ela se tranca na lavanderia do centro recreativo. Senta em um dos bancos enquanto sua saia, ainda enlameada do incidente com o caminhão, roda na

máquina de lavar. Depois de ter se vestido e ajeitado o cabelo, ela fica de pé por um longo tempo na cozinha, observando a cafeteira que foi destruída por pedras voadoras.

Britt-Marie decide montar um móvel inteiro da IKEA naquele dia e por algum motivo acaba fazendo isso na pizzaria. Quase inteiramente sozinha. Não é necessário chave de fenda, mas a trabalhadeira consome aproximadamente umas dez horas, porque na realidade são três móveis — uma mesa e duas cadeiras. Próprias para varandas. Britt-Marie as empurra o máximo que pode para um canto, coloca um papel-toalha como toalha de mesa, depois se senta ali sozinha, comendo a pizza que Alguém preparou para ela. É um dia excepcional na vida de Britt-Marie, único, mesmo entre os dias consistentemente excepcionais que ela teve desde sua chegada a Borg.

Sven janta em outra mesa da pizzaria, mas depois eles tomam café juntos. Sem dizer nada um ao outro. Só tentando se acostumar com a presença um do outro. Como costuma acontecer quando faz muito tempo desde que a presença de outro tem um efeito físico sobre nós. Um bom tempo desde que uma pessoa podia ser sentida sem precisar de nenhum contato físico.

Karl entra para pegar um pacote. Senta-se a uma mesa no canto e toma uma xícara de café ao lado dos homens de boné e barba. Eles ainda ignoram Britt-Marie propositalmente, como se isso pudesse fazê-la desaparecer. Vega entra com a bola de futebol debaixo do braço, suja como só uma criança pode ficar na curta distância entre o carro do irmão mais velho e a pizzaria. Omar entra atrás dela e, quando vê a nova mobília de varanda montada por Britt-Marie, na mesma hora tenta lhe vender lustra-móveis.

Quando Britt-Marie sai para o treino, Sven levanta-se com o quepe de policial nas mãos, mas não diz nada, e ela aperta o passo para assegurar-se de que ele não tenha a oportunidade.

A mãe de Ben está do outro lado da porta. Está vestida com o uniforme de hospital e segura algo nas mãos.

— Olá, Britt-Marie. Não nos conhecemos, mas sou a mãe de B...

— Eu sei quem você é — diz Britt-Marie cautelosamente, como quem se prepara para levar respingos de lama de novo por um caminho de passagem.

— Eu só queria agradecer a você por, bom... por cuidar de Ben. Não são muitos adultos que fazem isso — diz a mãe de Ben, e estende o que tem nas mãos.

É um frasco de Faxin. Britt-Marie fica sem palavras. A mãe de Ben aclara a garganta, meio sem jeito.

— Espero que não pareça uma bobagem. Ben perguntou a Omar do que você gostava e Omar disse que era isso. Ele fez um preço especial para nós, então nós... bom, Ben e eu queríamos agradecer. Por tudo.

Britt-Marie segura o frasco como se tivesse medo de deixá-lo cair. A mãe de Ben dá outro passo, para e acrescenta:

— Queremos que você saiba que existe outra Borg além desta, com dois velhos sentados numa pizzeria bebendo o dia todo. Tem o resto de nós também. Aqueles que não desistiram.

Com isso, ela se vira antes que Britt-Marie tenha a oportunidade de responder, entra em um carro pequeno e parte. O treino começa, Britt-Marie faz a chamada e toma nota em sua lista, e as crianças fazem o “bobinho”, porque é o próximo item na lista de Britt-Marie depois de “fazer a chamada”.

As crianças não reclamam de nada, a única exceção é quando Vega pergunta se já treinaram o bastante e Britt-Marie diz que sim, e Vega imediatamente fica agitada e fala que o time nunca vai melhorar se a treinadora pegar leve com eles!

É muito difícil entender as crianças, isto é fartamente evidente. Assim, Britt-Marie escreve em sua lista que eles devem “fazer o bobinho” mais vezes e é precisamente o que eles fazem. Depois disso, eles se reúnem em círculo em volta de Britt-Marie e parecem esperar que ela diga alguma coisa, então Britt-Marie vai até Sami, que está sentado no capô de seu carro preto, e lhe pergunta que tipo de coisa pode ser.

— Ah, sabe como é. Eles ficaram correndo um tempo e agora querem jogar, treino com bola. Faça uma preleção e jogue a bola para eles.

— Uma preleção?

— Diga algo encorajador — esclarece ele.

Britt-Marie pensa nisso por um tempo, depois vira-se para as crianças e fala com todo o encorajamento que consegue invocar:

— Procurem não se sujar demais.

Sami ri. As crianças ficam completamente perplexas e começam a jogar. Sapo, que é o goleiro em um lado, leva mais gols do qualquer outro. Sete ou oito, um após o outro. Sempre que isso acontece, seu rosto fica todo escarlate e ele grita:

— Vamos lá, gente! Vamos *virar esse placar*!

Sami ri sempre que isso acontece. Isso deixa Britt-Marie nervosa, então ela pergunta:

— Por que ele se comporta desse jeito?

— O pai dele torce pro Liverpool — responde Sami, sem dar explicações.

Ele pega duas latas na traseira do carro e entrega uma a Britt-Marie.

— Se você tem um pai torcedor do Liverpool, sempre acha que pode virar a merda do jogo em tudo. Sabe como é! Desde aquela final da Liga dos Campeões.

Britt-Marie bebe o refrigerante da lata e pensa que, ao fazer isso, enfim ultrapassou todos os limites da honra e da decência. Assim, ela decide que pode muito bem dizer o que sente:

— Não quero ser desagradável, de jeito nenhum, Sami, porque você tem uma gaveta de talheres impecável. Mas, de modo geral, acho tudo que você diz deveras intrigante!

Sami solta uma gargalhada.

— Também acho, Britt-Marie. Também acho.

Depois ele conta sobre uma partida de futebol, quase uma década atrás, numa época em que Vega e Omar mal tinham saído das fraldas, mas ainda assim se sentavam com ele e o Psicopata na pizzaria. O Liverpool jogava com o Milan na final da Liga dos Campeões. Britt-Marie pergunta se aquilo é uma competição e Sami responde que é uma Copa, Britt-Marie pergunta o que é uma Copa e Sami responde que é uma espécie de competição, após o que Britt-Marie observa que ele podia simplesmente ter dito isto desde o começo, em vez de ficar cheio de empáfia.

Sami respira fundo, o que está longe de ser um suspiro.

Depois ele explica que o Milan vencia por 3-0 no intervalo do jogo, e nenhum time em nenhuma final de nenhuma competição de futebol, pelo que Sami podia se lembrar, tinha sido tão exposto e arrasado como o Liverpool nessa partida. Mas, no vestiário, um dos jogadores do Liverpool se levantou gritando feito um louco para os outros, porque ele não ia aceitar um mundo em que existissem certas coisas que não podiam sofrer uma virada. No segundo tempo, ele partiu para o gol, marcou e o placar foi para 3-1, depois agitou os braços feito louco e correu para o meio de campo. Quando o time marcou novamente, fazendo 3-2, ele estava quase no paraíso, porque ele e todos os outros agora viam claramente que havia uma avalanche em movimento e ninguém poderia impedi-los de virar o jogo. Nem muralhas, fossos e dez mil cavalos selvagens poderiam contê-los naquele momento.

Eles empataram por 3-3, sobreviveram à prorrogação, depois ganharam nos pênaltis.

Depois disso, não se pode mais dizer a alguém que tenha um pai torcedor do Liverpool que nem tudo pode levar uma virada.

Ele olha para Vega e Omar, então sorri.

— Ou um irmão mais velho, acho. Pode ser um irmão mais velho também.

Britt-Marie bebe sua baliza.

— É quase poético o jeito como você descreve.

Sami sorri.

— O futebol é poesia para mim, sabe. Nasci no verão de 1994, bem no meio da Copa do Mundo.

Britt-Marie não tem a menor ideia do que isso possa significar, mas não pergunta, porque pensa que deve haver um limite para observações casuais, mesmo que por acaso sejam poéticas.

— O pai do Sapo vem aqui vê-lo jogar? — pergunta ela.

— Ele está bem ali — diz Sami, apontando para a pizzeria.

Karl está parado na soleira, bebendo café. Tem um boné vermelho na cabeça. Parece quase feliz. É um dia muito extraordinário para Britt-Marie. Um jogo extraordinário.

Sven espera por ela na pizzeria no final do treino. Oferece-lhe uma carona para casa, mas ela insiste que não é necessário. Depois ele pergunta se pode levar de carro seus móveis de varanda e enfim ela concorda com isso. Ele os carrega para fora, coloca no carro e está quase no banco do motorista quando ela fecha os olhos e invoca toda a energia que tem para soltar:

— Eu janto às seis horas.

— Como disse? — diz Sven depois que sua cabeça aparece do outro lado da viatura.

Ela enfia os saltos do sapato na lama.

— Não precisa ter uma toalha branca na mesa. Mas quero talheres e quero comer às seis.

— Amanhã? — diz ele, efervescente.

Ela assente com severidade e pega sua lista.

Quando a viatura some de vista na estrada, Vega, Omar e Sami chamam por ela do outro lado do estacionamento. Sami está sorridente. Vega chuta a bola, que atravessa todo o cascalho e lama e vem parar a pouca distância dela. Britt-Marie coloca sua lista na bolsa e a segura com tanta força que os nós dos seus dedos ficam brancos, como costumamos fazer quando esperamos a vida inteira pelo início de alguma coisa.

Depois ela dá uns passinhos para a frente e chuta a bola com toda a força que pode.

Porque ela não sabe mais como deixar de fazer.

Este é o dia seguinte ao acontecido, e um dos piores dias da vida de Britt-Marie. Ela tem um galo na cabeça e aparentemente quebrou dois dedos. Pelo menos é o que lhe diz a mãe de Ben, e a mãe de Ben afinal é enfermeira, assim Britt-Marie precisa supor que ela é qualificada para comentar sobre essas questões. Elas estão sentadas em um banco pequeno atrás de uma cortina em um hospital da cidade. Britt-Marie está com um Band-Aid na testa e na mão tem uma atadura, mas faz o máximo possível para não chorar. A mãe de Ben mantém a mão em seu pulso dolorido, mas não pergunta como tudo aquilo aconteceu. Britt-Marie fica agradecida, porque prefere que ninguém jamais descubra.

Dito isto, foi assim que tudo aconteceu:

Para começar, Britt-Marie dormiu a noite inteira pela primeira vez desde que chegou a Borg. Dormiu o sono natural das crianças e acordou de ótimo humor. Mais um dia. Só isto deveria de imediato deixá-la desconfiada, porque coisa boa não costuma vir ao acordarmos com todo esse entusiasmo. Ela pulou da cama e logo começou a limpar a cozinha de Bank. Não porque precisasse, mas porque Bank não estava em casa e a cozinha estava bem ali quando Britt-Marie desceu a escada. Dizendo de forma simples, ela nunca encontrou uma cozinha que não quisesse limpar. Depois de terminada esta tarefa, ela seguiu andando até Borg, para o centro recreativo. E limpou-o de alto a baixo. Cuidou para que todos os quadros estivessem retos, mesmo aqueles que tinham bolas de futebol. Ficou completamente imóvel diante deles e olhou seu reflexo no vidro das molduras.

Em seguida, esfregou a marca branca no dedo anular. As pessoas que nunca usaram uma aliança de casamento por quase toda a vida não sabem como fica uma marca dessa. Algumas tiram a aliança de vez em quando — enquanto lavam a louça, por exemplo —, mas Britt-Marie nem uma vez sequer tirou o anel, até o dia em que o retirou de uma vez por todas. Assim, a marca branca é permanente, como se sua pele tivesse outra cor quando ela era casada. Como se fosse isto que restasse dela, por baixo, se você raspasse tudo em que ela se transformou.

Com isso em mente, Britt-Marie partiu para a pizzaria, a fim de acordar Alguém. Elas beberam café e Britt-Marie perguntou, em um tom amistoso, sobre cartões-postais e se Alguém tinha alguns no estoque. Alguém de fato tinha. Eram extremamente antigos e traziam a legenda “Bem-vindo a Borg”,

atravessada neles. Era assim que se sabia que eram velhos, disse Alguém; já fazia muito tempo que essas palavras não eram pronunciadas.

Britt-Marie escreveu um postal para Kent. A mensagem era muito curta: “Olá. Aqui é Britt-Marie. Lamento por toda a dor que lhe causei. Espero que esteja bem. Espero que tenha camisas limpas. Seu barbeador elétrico está na terceira gaveta do banheiro. Se precisar entrar na varanda para limpar as janelas, terá de sacudir um pouco a maçaneta, puxá-la na sua direção e dar um leve empurrão na porta. Tem Faxin no armário de vassouras.” Ela queria descrever o quanto sentia falta dele. Mas não o fez. Não queria causar nenhum incômodo.

— Posso saber onde fica a caixa de correio mais próxima? — perguntou ela a Alguém.

— Aqui — respondeu Alguém, e apontou para a palma da própria mão.

Na mesma hora Britt-Marie fez cara de cética, mas Alguém garantiu-lhe que seu serviço postal era “o mais rápido da cidade!”.

Depois as duas mulheres tiveram uma breve discussão sobre a camisa de futebol amarela pendurada na parede da pizzaria, com a palavra “Bank” nas costas, porque Britt-Marie não conseguia deixar de olhar para ela.

Como se fosse uma pista para algum mistério. Alguém explicou, prestativa, que Bank não sabia que estava pendurada ali e, se descobrisse, provavelmente ficaria tão zangada que Alguém achava que ela podia se comportar como uma pessoa “com algo enfiado no rabo, como todo um maldito, como se diz mesmo? Pomar de limoeiros!”.

— Por quê?

— Sabe como é, Bank detesta futebol, é! Como se diz mesmo? Ninguém gosta das lembranças dos bons tempos quando os tempos são ruins, né?

— Eu tive a impressão de que você e Bank eram boas amigas.

— Mas somos! Nós somos! Mas era melhor antes, sabe. Toda essa história dos olhos. Antes de Bank se mudar, é.

— Mas vocês nunca conversaram sobre futebol?

Alguém soltou um riso seco.

— Nos velhos tempos... Bank adorava futebol. Adorava mais do que a vida. Depois veio esse problema dos olhos, é. Os olhos tiraram o futebol dela, então agora ela detesta futebol. Entendeu? Assim é a vida, né? Amor, ódio, um ou outro. Então ela se afastou. Por muito, muito tempo, sabe. O velho de Bank não era nada parecido com Bank, e sem o futebol eles não teriam, como se diz mesmo? Do que conversar! E depois o velho morreu. Bank veio pra cá pra enterrá-lo e vender a casa, é. Ela e eu agora somos mais como, como se diz mesmo? Companheiras de copo! Pode-se dizer que agora conversamos menos. Bebemos mais.

— Ha. Posso saber para onde ela foi quando saiu de Borg?

— Sabe como é, aqui e ali, quando você tem um limão no rabo não quer ficar parada, entende? — Alguém riu.

Britt-Marie não riu. Alguém deu um pigarro.

— Ela esteve em Londres, Lisboa, Paris, recebi um daqueles postais! Está em algum lugar por aqui, é. Bank e seu cachorro, pelo mundo. Sabe de uma coisa? Às vezes acho que ela foi embora porque estava zangada. Mas às vezes penso que ela partiu porque esse problema com os olhos ficou cada vez pior, entende? Talvez Bank quisesse ver o mundo antes de ficar completamente cega.

Ela encontrou o postal de Paris. Britt-Marie queria desesperadamente segurá-lo, mas se conteve. Em vez disso, tentou distrair Alguém e a si mesma apontando para a parede e perguntando:

— Por que a camisa é amarela? Eu achava que as camisas de futebol de Borg fossem brancas.

— Seleção nacional.

— Ha. Isso é algo especial?

— É a... Seleção — disse Alguém, como se achasse a pergunta estranha.

— É difícil entrar nela?

— É a... Seleção — respondeu Alguém com um ar de ironia.

Britt-Marie ficou irritada com isso, então não perguntou mais nada. Em vez disso, de súbito soltou, para própria consternação:

— Como aconteceu? Como Bank perdeu a visão?

Britt-Marie não era do tipo que mete o nariz na vida dos outros, claro que não, mas ainda assim... Ela acordou sentindo-se entusiasmada e é evidente que qualquer coisa pode acontecer quando você acorda assim. Por dentro, seu bom senso gritava para ela, mas a essa altura já era tarde demais.

— Uma doença. Uma merda aí. Chegou, como se diz mesmo? De mansinho! Muitos anos. Como a crise financeira...

Alguém franze o cenho e olha para seu suéter.

— Sabe de uma coisa, Britt-Marie, as pessoas dizem que Bank é boa, *apesar* do problema dos olhos, dizem isso. Eu digo que Bank é boa *por causa* do problema dos olhos. Entendeu? Teve de lutar mais do que todo mundo. E assim... ela se tornou a melhor. Como se diz mesmo? Foi um incentivo! Você consegue entender?

Britt-Marie não estava inteiramente segura de ter entendido. Ela queria aproveitar a oportunidade e perguntar a Alguém como aconteceu de ela parar numa cadeira de rodas, mas a essa altura a parte sensata de Britt-Marie deu um ponto final nas coisas e nisto ela foi auxiliada pela prática comum, porque é claro que não era conveniente fazer perguntas desta natureza. Assim, a conversa

murchou. Enquanto isso, Alguém dava uma volta inteira nas rodas, e avançava de novo.

— Eu caí de um barco. Quando era pequena. Se estiver se perguntando.

— Certamente eu não estava me perguntando! — insistiu Britt-Marie.

— Eu sei, Britt, eu sei — disse Alguém, sorrindo. — Você não tem preconceitos. Você entende que eu sou humana, eu sei. Por acaso tenho a cadeira de rodas. Eu não sou a cadeira de rodas que por acaso tem uma humana nela, né? — Ela deu um tapinha no braço de Britt-Marie e acrescentou: — É por isso que gosto de você, Britt. Você também é humana.

Britt-Marie queria dizer que também gostava de Alguém, mas ela era sensata a respeito disso.

Assim, elas não disseram mais nada. Britt-Marie comprou uma barra de Snickers para o rato e perguntou se Alguém por acaso sabia de algum lugar que vendesse flores.

— Flores? Para quem?

— Para Bank. Parece-me falta de educação alugar e morar num quarto dela por esse tempo todo e nunca ter lhe oferecido nem mesmo uma flor, é uma prática comum dar flores.

— Mas Bank gosta de cerveja! Leve cerveja pra ela, né?

Britt-Marie não achava isso muito civilizado, mas admitiu que a cerveja pode meio que se equiparar a flores para alguém que gosta de cerveja. Insistiu que Alguém encontrasse uma folha de celofane, Alguém não encontrou, mas alguns minutos depois Omar apareceu na porta e gritou: “Precisa de celofane? Eu tenho um pouco! Preço especial para uma amiga!”

Porque evidentemente era assim que as coisas aconteciam em Borg.

Com este celofane, que tinha um preço que Britt-Marie certamente não estava preparada para classificar como muito amigável, Britt-Marie embrulhou uma lata de cerveja para deixá-la decorativa, com um lacinho por cima e tudo. Depois foi ao centro recreativo, deixou a porta entreaberta e colocou um prato com o Snickers na soleira. Ao lado do prato, deixou um bilhete, escrito de modo elegante à tinta: “Saí para um *date*. Ou um encontro. Seja lá como se chama hoje em dia. Não precisa tirar seu prato quando tiver terminado, não é problema nenhum para mim.” Ela queria escrever algo a respeito do quanto torcia para que o rato encontrasse alguém com quem dividir seu jantar, porque ela sentia que o rato não merecia comer sozinho. A solidão é um desperdício para ratos e gente. Mas seu bom senso lhe ordenou não se envolver nas decisões pessoais do rato sobre relações sociais, então ela deixou por isso mesmo.

Ela apagou as luzes e esperou pelo crepúsculo, porque, convenientemente, nesta época do ano o sol se põe bem antes da hora do jantar. Depois de ter

certeza de que ninguém poderia vê-la, ela partiu rapidamente até o ponto de ônibus na estrada que sai de Borg nas duas direções e tomou um ônibus para uma dessas duas direções disponíveis. Parecia uma aventura. Como a liberdade. Não a ponto de ela ficar despreocupada com o estado do banco, é claro, e assim ela abriu de forma organizada quatro guardanapos brancos nele antes de se sentar. É preciso ter alguns limites, afinal, mesmo quando se sai em aventuras.

Mas, apesar de tudo: parecia algo novo viajar em um ônibus sozinha.

Por todo o trajeto, ela ficou esfregando a marca branca no dedo anular.

O salão de bronzeamento ao lado do caixa eletrônico na cidade estava deserto. Britt-Marie seguiu as instruções em uma máquina que lhe dizia para colocar moedas. Seu mostrador começou a piscar, depois meia dúzia de lâmpadas fluorescentes grandes na cama de plástico duro se acenderam.

Britt-Marie não era uma especialista quando se tratava de câmaras de bronzeamento e, por conseguinte, possivelmente não estava familiarizada com as funções básicas da máquina. Sua ideia era se sentar em um banquinho ao lado da cama iluminada, estender a mão para a luz e delicadamente fechar a tampa por cima dela. Quanto tempo ela teria de ficar sentada ali bronzeando a mão para que aquela marca branca sumisse ela não sabia, mas imaginou que o processo não poderia ser mais complicado do que preparar salmão no forno. Seu plano era apenas retirar a mão de vez em quando e ver o andamento do processo.

Deve ter sido algo provocado pelo zumbido soporífero da máquina, talvez, bem como o calor que irradiava, ainda mais porque ela havia passado o dia todo entusiasmada demais — e foi assim que aconteceu. Sua cabeça arriou, como uma cabeça costuma fazer quando alguém adormece em um banco, depois a testa bateu na tampa da máquina de bronzeamento com muita força e sua mão ficou dolorosamente torcida embaixo da tampa. Ela rolou para o chão, desmaiou e agora está no hospital. Com um galo na cabeça e dedos quebrados.

A mãe de Ben está sentada ao lado dela, acariciando seu braço.

A equipe de limpeza a encontrou e isso deixou Britt-Marie ainda mais indignada, porque todo mundo sabe como as equipes de limpeza fofocam quando se reúnem.

— Não fique zangada, coisas assim acontecem com as melhores pessoas — sussurra a mãe de Ben num tom de estímulo.

— Não, não acontecem — diz Britt-Marie, com a voz falha. Ela se levanta do banco. A mãe de Ben estende a mão, mas Britt-Marie se afasta. — Muita gente em Borg está desistindo, Britt-Marie. Não se torne uma delas, por favor.

Britt-Marie talvez quisesse responder alguma coisa, mas a humilhação e o bom senso compelem-na a sair da sala. As crianças do time de futebol estão sentadas na sala de espera. Arrasada, Britt-Marie evita o olhar delas. Aquilo era uma novidade para ela — a sensação de ter ansiado por alguma coisa, só para desmaiar no chão. Britt-Marie não está acostumada a ter esperanças.

Assim, ela passa pelas crianças e deseja de todo coração que não estivessem ali.

Sven espera por ela com o quepe nas mãos. Ele trouxe um pequeno cesto com baguetes.

— Bom, ah, eu pensei que... bom, achei que você não ia querer ir ao restaurante agora... Depois de tudo isso, então preparei um piquenique. Eu pensei... mas, é, talvez você só prefira ir para casa. É claro. — Britt-Marie fecha os olhos com força e mantém a mão com um curativo às costas. Ele baixa os olhos para o cesto.

— Comprei as baguetes, mas eu mesmo teci o cesto.

Britt-Marie suga as bochechas e as morde. Não há como Sven e as crianças saberem o que ela fazia no salão, mas isso faz com que ela se sinta ainda mais ridícula. Assim, ela sussurra:

— Por favor, Sven, eu só quero ir para casa.

Então Sven a leva para a casa de Bank, embora ela desejasse que ele não levasse. E desejasse que ele nunca a visse assim. Ela esconde a mão embaixo da tela de bambu e mais do que qualquer coisa gostaria de ter de volta sua casa de verdade. Sua vida real. E ser deixada lá. Ela não está preparada para entusiasmos.

Ele tenta dizer algo quando eles param, mas ela sai do carro antes que ele tenha tempo. Ele ainda está parado do lado de fora da viatura, com o quepe nas mãos, quando ela fecha a porta da casa. Ela fica imóvel do outro lado, prendendo a respiração até ele ir embora.

Ela limpa a casa de Bank de alto a baixo. Toma sopa no jantar, sozinha. Depois, lentamente, sobe a escada, pega uma toalha e se senta na beira da cama.

Bank chega em casa espetacularmente bêbada em algum momento entre a meia-noite e o amanhecer. Traz uma caixa de pizza da pizzaria de Alguém e está cantarolando músicas tão incivilizadas que fariam ruborizar um marinheiro. Britt-Marie está sentada na varanda e o cachorro parece olhar para ela, estabelecendo contato visual, enquanto Bank fica ali de pé, xingando e mexendo com a chave na fechadura. O cachorro quase parece dar de ombros, como sinal de uma resignação cansada. Britt-Marie sente-se solidária a ele.

O primeiro baque lá embaixo é o som de um quadro emoldurado sendo derrubado da parede pela bengala de Bank. O segundo baque é seguido por um espatifar, quando a moldura bate no chão e o vidro que cobre a fotografia de uma menina jogadora de futebol junto do pai é quebrado e se espalha por todo o chão. Isso continua metodicamente por quase uma hora. Bank andando lá embaixo de um lado para o outro, indo e voltando várias vezes, quebrando todas as suas lembranças, não com fúria e violência, mas com a investida simples e sistemática da tristeza. Um por um, os quadros são quebrados, até só restarem paredes vazias e pregos abandonados. Britt-Marie fica sentada imóvel na varanda e deseja poder chamar a polícia. Mas não tem o número do telefone de Sven.

Então, por fim, o barulho cessa. Britt-Marie fica na varanda até perceber que Bank deve ter desistido e foi dormir. Em seguida, ela ouve passos leves na escada, o ranger de sua porta, depois sente algo tocando as pontas dos seus dedos. O focinho do cachorro. Ele se deita ao lado dela, distante o suficiente para não ser invasivo, mas perto o bastante para cada um sentir a presença do outro, em caso de movimento. Depois disso, tudo é silêncio até a manhã chegar a Borg, isso se a manhã chegar a Borg.

Quando Britt-Marie e o cachorro enfim se atrevem a descer, Bank está sentada no chão do corredor, encostada na parede. Tem cheiro de álcool. Britt-Marie não sabe se ela está dormindo, mas certamente não vai levantar seus óculos escuros para verificar, e assim ela apenas pega uma vassoura e começa a varrer os cacos de vidro. Recolhe todas as fotografias e as coloca em uma pilha arrumada.

Encosta as molduras uma na outra em um canto. Dá o café da manhã do cachorro.

Bank ainda não se mexe quando Britt-Marie veste o casaco e verifica se sua lista está na bolsa, mas Britt-Marie ainda assim se acalma, coloca a cerveja ao lado dela e diz:

— Isto é um presente. Gostaria de insistir que você não bebesse hoje, porque me parece que já bebeu o bastante ontem, e se você quiser ter o cheiro de uma pessoa civilizada de novo, vai precisar de um banho com bicarbonato de sódio e extrato de baunilha, mas não pense que eu esteja tentando me intrometer na sua vida.

Bank está sentada tão imóvel que Britt-Marie precisa se curvar para saber se ela está respirando. O fato de que a respiração de Bank parece arder na superfície das retinas de Britt-Marie indica que ela faz exatamente isso. Britt-Marie pisca, endireita o corpo e de repente ouve a si mesma dizendo o que se segue:

— Acho que devo supor que você não é o tipo de pessoa cujo pai era torcedor do Liverpool. Veja bem, fui informada de que qualquer pessoa cujo pai torcesse para o Liverpool é uma pessoa que nunca desiste... Ou um irmão mais velho. Pelo que entendi, em alguns casos acontece o mesmo para um irmão mais velho que torce para o Liverpool.

Ela para na varanda da frente e só falta fechar a porta quando ouve Bank resmungar de dentro, no escuro:

— Papai era torcedor do Tottenham.



Alguém está sentada na cozinha da pizzaria com um cheiro igual ao de Bank, embora seu humor seja muito melhor. Se ela notou o curativo na mão de Britt-Marie, certamente não comentou nada. Ela entrega a Britt-Marie uma carta que pelo visto foi “um cara da cidade” que trouxe.

— Algo relacionado ao técnico de futebol. “Aos cuidados do técnico.”

— Ha — diz Britt-Marie. Ela lê a folha de papel sem entender direito o que significa — algo a respeito de uma “necessidade de registro” e uma “licença”.

Ela está ocupada demais para se preocupar com uma carta tola, então a enfia na bolsa e vai servir café aos homens de boné e barba, que têm a cabeça enterrada em seus jornais. Ela não pede o suplemento de palavras cruzadas e eles também não oferecem a ela. Karl pega um pacote e toma um café. Quando ele acaba, leva a xícara ao balcão, assente para Britt-Marie sem olhar para ela e balbucia:

— Obrigado, estava bom.

O bom senso de Britt-Marie a impede de perguntar o que ele pode estar recebendo pelo correio o tempo todo, o que provavelmente também deve ser bom. Esses pacotes podem conter de tudo. Talvez ele esteja montando uma bomba. Esse tipo de coisa sobre a qual costumamos ler. De fato, Karl parece um homem taciturno que se mantém reservado a maior parte do tempo e não se incomoda com os outros, mas na verdade é precisamente esse tipo de gente que os vizinhos descrevem sempre que uma explosão de bomba acontece.

Os bons criadores de palavras cruzadas gostam de bombas, e assim Britt-Marie sabe tudo a respeito delas.

Sami e o Psicopata aparecem depois do almoço. O Psicopata se demora na porta, com o olhar um tanto desconsolado enquanto esquadrinha o lugar, parecendo procurar algo que perdeu. Britt-Marie deve estar visivelmente inquieta com isso, porque Sami lhe lança um olhar tranquilizador, depois vira-se para o Psicopata e fala:

— Você pode ver se deixei meu telefone no carro?

— Por quê? — pergunta o Psicopata.

— Porque estou te pedindo, porra!

O Psicopata faz um gesto com os lábios, como se estivesse cuspiendo sem saliva nenhuma na boca. A porta tilinta alegremente às costas dele. Sami vira-se para Britt-Marie.

— Você venceu?

Britt-Marie o olha fixamente, perplexa. O rosto dele se abre num sorriso intencional enquanto aponta para os dedos com curativos.

— Parece que você se meteu numa briga. Em que estado deixou a outra mulher?

— Devo informar que foi um acidente — protesta Britt-Marie, rezando para ser capaz de não entrar em detalhes.

— Tudo bem, técnica, tudo bem. — Sami ri, com uma saraivada de socos no ar. Ele pega um saco, tira dele três camisas de futebol e coloca no balcão. — Este é o kit de Vega, Omar e Dino. Eu lavei várias vezes, mas algumas manchas não saem, por mais que eu tente.

— Experimentou bicarbonato de sódio?

— Isso ajudaria?

Britt-Marie precisa se segurar na caixa registradora para conter o entusiasmo.

— Eu... eu... posso tentar me livrar das manchas para você. Não há problema nenhum!

Sami assente, agradecido.

— Obrigado, técnica. Eu poderia fazer se soubesse disso. Essas manchas na roupa das crianças, qualquer um vai até pensar que elas moram na porra das árvores.

Britt-Marie espera até ele ter ido embora com o Psicopata antes de ir para o centro recreativo. As manchas somem com o bicarbonato de sódio. Ela também lava toalhas e aventais para Alguém, embora Alguém insista que não é necessário. Não é que Alguém tenha um problema com Britt-Marie lavando a roupa para ela, é mais porque ela de fato não acha necessário lavar a roupa. Elas têm um breve entrevero a respeito disso. Alguém chama Britt-Marie de “Mary Poppins” de novo e Britt-Marie reage dizendo que ela era uma “porquinha suja”. Alguém dá uma gargalhada prolongada e assim a discussão perde o gás.

Britt-Marie coloca um Snickers para o rato. Não vai esperar que ele apareça, porque não quer explicar como foram as coisas com seu *date*. Ela não sabe se o rato vai querer saber a respeito disso, mas, de todo modo, não está preparada para falar no assunto. Depois disso, ela volta à pizzeria para jantar com Alguém, porque Alguém parece se importar ou muito pouco, ou demais com Britt-Marie para perguntar.

Sven não passa na pizzeria naquela noite, mas Britt-Marie se vê dando um salto da cadeira, e com o coração em disparada, sempre que há um tilintar na porta. Ela não teria se aborrecido mesmo que ele aparecesse no meio de uma refeição. Mas nunca é Sven. Só uma criança ou outra, até que todas estejam reunidas, com camisas de futebol limpas e imaculadas, porque as crianças parecem ter alguém em casa que cuide disso.

Isso enche Britt-Marie de uma espécie de esperança por Borg. Que ainda exista gente aqui que entenda o valor de uma camisa de futebol recém-lavada.

As crianças estão saindo para o treino quando o garoto aparece na porta. Ele veste seu blusão de moletom escrito “Hockey”, mas não há sinal do pai.

— Mas o que você está fazendo aqui? — Vega quer saber.

O garoto mete as mãos no fundo dos bolsos e aponta com a cabeça para a bola nas mãos dela.

— Eu estava esperando poder jogar com vocês... posso?

— Você pode ir pra cidade e jogar lá! — Vega sibila.

O queixo do garoto está encostado na clavícula, mas ele não recua.

— O time de futebol da cidade treina às seis horas. É quando eu tenho meu treino de hóquei. Mas notei que vocês treinam mais tarde...

Britt-Marie tem uma clara percepção da necessidade de defender esta decisão, assim ela fala:

— Você não pode treinar no meio do jantar!

— Nem no meio do hóquei também — diz o garoto.

— Seu lugar não é aqui, riquinho de merda — Vega diz com desprezo ao passar por ele às cotoveladas. — De qualquer jeito, não somos tão bons como o time da cidade, então por que você não dá o fora e joga com eles se quer jogar futebol?

Ele ainda não recua. Ela para. Ele empina o queixo.

— Não estou nem aí se vocês são bons ou não. Eu só quero jogar. É assim que se faz um time.

Vega abre caminho para fora com uma seleção de palavras que, no entender de Britt-Marie, estão longe de civilizadas, mas Omar dá um leve empurrão nas costas do garoto e diz:

— Se conseguir tirar a bola dela, tá dentro. Mas não acho que você tenha coragem pra isso.

O garoto correu pelo estacionamento antes que a frase chegasse ao fim. Vega deu uma cotovelada na cara dele. Ele cai de joelhos com sangue nas narinas, mas, ao mesmo tempo, se coloca de pé e pega a bola, em um gancho longo. Vega cai e arranha o corpo todo no cascalho, com uma expressão beligerante nos olhos. Omar cutuca Britt-Marie, parada na porta da pizzeria, e aponta para os dois, animado.

— Presta atenção agora, quando Vega vai dar, tipo, o pior carrinho nele!

— O que isso quer dizer? — pergunta Britt-Marie, mas logo descobre, quando Vega corre pelo campo e, a pouca distância do garoto, atira-se no ar com as pernas esticadas, deslizando pelo cascalho até chocar-se com os pés do garoto e fazendo o corpo dele dar uma perigosa meia cambalhota no escuro.

É assim que Britt-Marie passa a entender por que todas as crianças em Borg têm os jeans rasgados nas coxas. Vega levanta-se e coloca o pé na bola em um gesto não tanto de propriedade, mas de dominação. O garoto espana a roupa um pouco, exibindo uma necessidade alarmante de bicarbonato de sódio, e tira pedrinhas afiadas da pele do rosto. Vega olha para Britt-Marie, dá de ombros e ri:

— Ele pode ficar.

Britt-Marie pega a lista em sua bolsa.

— Você poderia fazer o favor de declarar seu nome? — pergunta ela.

— Max — responde o garoto.

Omar, muito sério, aponta primeiro para Vega, depois para Max.

— Vocês *não podem* jogar no mesmo time se estivermos jogando com duas balizas!

E então eles fazem o bobinho. Jogam com duas balizas. E eles são um time. Sami não pôde vir esta noite para iluminar o campo com os faróis, mas há outro veículo no mesmo lugar de faróis acesos. É o caminhão de Karl, com uma

quantidade impressionante de ferrugem nas laterais, tanto que parece improvável que tanto tempo tenha se passado desde a invenção dos caminhões.

Quando a mulher e o homem do carro vermelho param do outro lado do estacionamento, nem Britt-Marie nem as crianças reagem inicialmente, porque começaram a se acostumar com novos jogadores e espectadores aparecendo nos treinos do time de futebol de Borg como se fosse a coisa mais natural do mundo. Só quando Max aponta para eles e fala “Eles são da cidade, não são? Ela é diretora da Associação de Futebol do distrito. Meu pai a conhece” é que o jogo para e os jogadores e até a técnica esperam, desconfiados, que os estranhos se apresentem.

— Você é Britt-Marie? — pergunta a mulher ao se aproximar.

Ela está vestida de forma elegante, assim como o homem. O carro vermelho é extremamente limpo, Britt-Marie percebe com um senso inicial de aprovação de sua antiga vida, que logo é substituído por um ceticismo instintivo que ela adquiriu em Borg por todas as coisas que parecem elegantes e limpas.

— Sou eu — responde Britt-Marie.

— Deixei um documento para você hoje, teve tempo de dar uma olhada? — pergunta a mulher, com um gesto para a pizzaria.

— Ha. Ha. Não, não, não tive. Eu estive envolvida em outra coisa.

A mulher olha para as crianças. Depois para Britt-Marie.

— É sobre as regras da competição, a Copa de Janeiro, para a qual este... *time*... entrou.

Ela diz a palavra “time” da mesma forma como Britt-Marie diz “copo” quando está com uma caneca de plástico na mão.

— Ha — diz Britt-Marie, pegando o bloco e a caneta, como quem se arma.

— Você foi nomeada treinadora de futebol no formulário. Tem licença para isso?

— Como disse? — pergunta Britt-Marie, e ao mesmo tempo escreve “licença” no bloco.

— *Licença* — repete a mulher, apontando para o homem ao lado dela como se ele fosse alguém que Britt-Marie devesse reconhecer. — A Associação de Futebol do distrito e o Conselho Municipal só permitem a participação de times na Copa de Janeiro se tiverem um treinador com licença concedida pela autoridade local.

Britt-Marie escreve “Adquirir licença de treinadora com a autoridade local” no bloco.

— Ha. Pode fazer a gentileza de me dizer como posso pegar essa tal licença? Verei imediatamente com meu contato na agência de empregos para garantir a...

— Meu Deus, a licença não é algo que você simplesmente possa *pegar*! Você precisa fazer um *curso* inteiro para isso! — o homem ao lado da mulher na frente do carro vermelho explode com certa histeria.

Irritado, ele gesticula apontando para o estacionamento.

— Vocês não têm um time adequado! Vocês nem mesmo têm um campo para treinar!

A essa altura, Vega fica farta, porque a sua paciência claramente é do tipo muito curta, e ela sibila para ele:

— Olha aqui, seu velho desgraçado, nós jogamos futebol aqui ou não?

— O quê? — disse o velho.

— Você é surdo? Eu perguntei se nós jogamos a merda do futebol aqui ou não, porra? — grita Vega.

— Aqui? — diz o velho com um sorriso irônico, esticando os braços.

— Se jogamos futebol aqui, então aqui é a merda de um campo de futebol — determina Vega.

O velho olha para Britt-Marie em choque, como se sentisse que ela deveria dizer alguma coisa. Britt-Marie de fato sente que não seria adequado, porque, pela primeira vez, apesar de seu uso do linguajar, ela acha que Vega está coberta de razão. Então fica em silêncio. A mulher ao lado do velho dá um pigarro.

— Há um clube de futebol excelente na cidade, estou certa de que...

— Temos um clube de futebol excelente aqui! — interrompe Vega.

A mulher respira espasmodicamente pelas narinas.

— Precisamos ter regras e regulamentos para a Copa de Janeiro. Caso contrário, qualquer um pode aparecer de repente e jogar. Isso seria um caos, vocês precisam entender. Se vocês não têm um treinador com licença para ser treinador, não podemos deixar que participem, infelizmente; neste caso, vocês terão de se inscrever outra vez no ano que vem e depois processaremos o...

A voz que a interrompe, de algum lugar no escuro entre o carro vermelho e o caminhão de Karl, está de ressaca e sem humor nenhum para ser contrariada, isso fica bastante evidente.

— Eu tenho uma licença. Escreva meu nome no papel, se essa merda é tão importante assim.

A mulher encara Bank. Todos os outros fazem o mesmo. Para onde Bank está olhando, sem nenhum preconceito quanto a isso, não fica claro. Mas o cachorro

pelo menos olha para Britt-Marie. Britt-Marie olha para ele com um rápido olhar de esguelha, como faria um criminoso numa conspiração.

— Deus do céu, *ela* voltou a Borg? — sibila o velhote para a mulher assim que vê Bank.

— Fique quieto! — adverte baixinho a mulher.

Bank sai das sombras e agita a bengala na direção da mulher e do velhote, e assim, por acidente, bate com força na coxa do velho. Duas vezes.

— Ah, meu Deus — diz Bank num tom de desculpas, depois aponta a bengala para a mulher.

— Coloque meu nome aí. Imagino que você não tenha esquecido — diz ela, e por acaso bate com muita força, três ou talvez quatro vezes, nos braços do velhote.

— Eu nem sabia que você tinha voltado a Borg — diz a mulher com um sorriso frio.

— Agora você sabe.

— Nós... quer dizer... os regulamentos da competição estipularam que... — a mulher tenta dizer.

Bank rosna, alto e de ressaca.

— Cale a sua boca, Annika, cale a sua boca. As crianças querem jogar. Antigamente havia um time, quando também só queríamos jogar, e velhos como este tentavam nos impedir.

Bank vira a bengala na direção do velhote quando diz essa última parte, mas desta vez ele consegue sair do caminho num salto. A mulher fica parada ali por um bom tempo e parece pensar em uma variedade de respostas. Ela parece cada vez mais jovem a cada minuto que passa. Abre a boca e volta a fechá-la. Por fim, de um jeito resignado, escreve o nome de Bank na papelada. O velho ainda está cuspidando e sibilando quando eles entram no carro vermelho e deixam Borg para trás, a caminho da cidade.

Bank não perde tempo com superficialidades. Em seu estado de ressaca, sua paciência parece comparável à de Vega. Ela gesticula com a bengala de um jeito ameaçador para as crianças e resmunga:

— Se vocês não são cegos, a essa altura já devem ter notado muito bem que eu sou. Mas eu não preciso ver vocês jogarem para entender o fato de que são uns inúteis. Temos alguns dias até essa Copa imbecil, então precisamos usar este tempo ao máximo para podermos tirar de vocês o máximo possível dessa inutilidade.

Ela pensa nisso por um momento, depois acrescenta:

— Provavelmente vocês devem manter as expectativas baixas.

Não é uma preleção das melhores, longe disso. Possivelmente, Britt-Marie tem a sensação de que gostava mais de Bank quando ela quase não falava nada. Mas é claro que Omar é o primeiro deles a criar coragem suficiente para discordar dela, em parte porque ele se atreve a dizer o que todo o time está pensando, e em parte porque é burro o bastante para isso.

— Merda! Sem chance, não vamos ter uma técnica cega!

Britt-Marie bate palmas para restaurar a ordem.

— Não deve dizer coisas assim, Omar. É tremendamente incivilizado.

— Ela é cega! Como pode entender de futebol?

— Na verdade, o que ela tem é um caso de dificuldade visual — observa Britt-Marie, acrescentando com um certo tom de indignação: — Não tem nada a ver com cegueira.

Omar solta um palavrão. Bank apenas balança a cabeça calmamente. Aponta a bengala para a bola de futebol com uma precisão que faz com que até Omar se sintam um tanto espantados.

— Me dê a bola aqui — diz ela e ao mesmo tempo assovia para o cachorro. Este se aproxima no mesmo instante e se posiciona bem do lado de Omar.

Os olhos de Omar saltam nervosos do cão ao lado dele para Bank à sua frente.

— Tudo bem... o que eu... espere aí, eu não quis...

Bank avança com uma aceleração surpreendente para reaver a bola. Ao mesmo tempo o cachorro, ao lado de Omar, coloca-se de pernas bem abertas e urina. A urina do cachorro forma uma poça redonda e perfeita no cascalho. O pé de Bank acaricia a bola de couro e faz um movimento súbito, como quem vai chutar com força na direção da cabeça de Omar. Ele se abaixa e recua, assustado, esbarrando no cachorro e parando em cheio dentro da poça.

Bank para subitamente com o pé em cima da bola. Aponta a bengala para Omar e resmunga:

— Pelo menos eu sei o que é um chute no vácuo. E mesmo sendo quase cega, aposto um bom dinheiro que você agora está parado em cima do xixi do cachorro. Assim, quem sabe podemos concordar que pelo menos eu entendo mais de futebol do que você?

Vega posiciona-se na beira da poça de urina, fascinada com tudo aquilo.

— Como você ensinou o cachorro a fazer isso?

Bank assovia para o cachorro. Coça seu focinho. Abre o bolso do casaco e deixa que ele pegue o que tem dentro.

— O cachorro conhece muitos truques. Ele já era meu antes de eu ficar cega. Sei como treinar as coisas.

Britt-Marie já está a caminho do centro recreativo para pegar bicarbonato de sódio.

Quando volta ao estacionamento, as crianças estão jogando futebol, pode-se ouvir isso. Deve ser vivenciado antes que você possa entender, a diferença entre o futebol silencioso e o não silencioso. Britt-Marie para no escuro e escuta. Sempre que uma das crianças pega a bola, os companheiros de time gritam: “Aqui! Estou aqui!”

— Se você pode ser ouvido, então você existe — resmunga Bank, de ressaca, massageando as têmporas.

As crianças jogam. Gritam. Explicam onde estão. Britt-Marie aperta o recipiente de bicarbonato de sódio até deixar uma marca nele.

— Estou aqui — sussurra ela, desejando que Sven estivesse presente para poder dizer a ele.

É um time extraordinário. Um jogo extraordinário.

Eles se separam no fim do treino. Sapo volta para seu pai no caminhão, Sami vem buscar Vega, Omar e Dino. Max vai a pé sozinho para casa, pela estrada. Ben é recebido por sua mãe. Ela acena para Britt-Marie e Britt-Marie acena de volta. Bank não diz uma palavra a caminho de casa e Britt-Marie acha que é inadequado desafiar o destino. Sobretudo, ela não acredita que seja adequado desafiar uma bengala que esteve na lama e dentro da boca de pelo menos uma pessoa esta noite. Então ela continua em silêncio.

Em casa, Bank abre o celofane em volta da cerveja e bebe direto da lata. Britt-Marie vai pegar um copo e um porta-copos.

— Já basta, na verdade — diz ela firmemente a Bank.

— Você é chata pra cacete, alguém já te disse isso?

— Muitas vezes — diz Britt-Marie e, dependendo do sistema que se estiver usando, pode-se dizer que Britt-Marie encontra sua segunda amiga de verdade esta noite.

A caminho da escada, ela muda de ideia, vira-se e pergunta:

— Você disse que seu pai torce para o Tottenham. Se não for muito incômodo, o que isso quer dizer?

Bank bebe a cerveja do copo. Arria na poltrona. O cachorro deita a cabeça em seu colo.

— Se você é torcedor do Tottenham, sempre dá mais amor do que recebe — diz ela.

Britt-Marie coloca a mão que não está machucada em concha sobre o curativo da outra. Certamente há uma quantidade medonha de complicações desnecessárias em gostar de futebol.

— Suponho que com isso você queira dizer que é um time ruim.

Os cantos da boca de Bank saltam para cima.

— O Tottenham é o pior tipo de time ruim, porque é quase bom. Eles sempre prometem que serão fantásticos. Fazem você ter esperanças. Então, você continua amando esse time e eles inventam formas cada vez mais inovadoras de te decepcionar.

Britt-Marie balança a cabeça como se aquilo parecesse lógico. Bank se levanta e declara:

— Neste sentido, a filha dele sempre foi como seu time preferido.

Ela coloca a garrafa vazia na bancada da cozinha e, sem depender da bengala, passa por Britt-Marie e entra na sala de estar.

— A cerveja estava ótima. Obrigada.

Britt-Marie fica sentada na beira da cama durante horas naquela noite. Fica de pé na varanda, esperando por uma viatura. Depois volta para a cama. Ela não chora, não está deprimida; na verdade, é quase o contrário. Ela está quase ávida. Só não sabe o que fazer de si mesma. É como uma inquietude. As janelas estão limpas, o chão foi esfregado e a mobília da varanda, polida. Ela colocou bicarbonato de sódio nos vasos de plantas e no colchão. Passa os dedos da mão ilesa pelo curativo que recobre a marca branca antes coberta pela aliança de casada. Assim, de certo modo, ela alcançou o resultado desejado de sua visita ao salão de bronzeamento, mesmo que não tenha sido do jeito que pensava. Nada aconteceu como ela pensava desde que chegou a Borg.

Pela primeira vez desde sua chegada à cidade, ela aceita que pode não ser algo inteiramente ruim.

Quando ouve a batida na porta da frente pela qual esteve esperando durante tanto tempo, chega a achar que deve ser pura invencionice de sua imaginação. Mas então há outra batida e Britt-Marie pula da cama e desce a escada como uma completa lunática. Evidentemente um comportamento nada característico dela, é incivilizado demais sob todas as circunstâncias. Ela não desce correndo a escada desse jeito desde que era adolescente, quando seu coração chegava à porta de casa antes dos pés. Por um momento, ela para e invoca todo o bom senso à sua disposição para ajeitar o cabelo e todos os vincos invisíveis na saia.

— Sven! Eu... — ela tem tempo de dizer, com a mão na maçaneta.

Depois fica parada ali. Tentando, sem sucesso, respirar. Ela sente as pernas cederem.

— Olá, minha querida — diz Kent.

“Garotos bonzinhos não conseguem beijar garotas bonitas”, a mãe de Britt-Marie costumava dizer. Mas o que ela realmente queria dizer era que garotas bonitas não deviam beijar garotos bonzinhos, porque quando nos enredamos com garotos bonzinhos não há certeza alguma de sequer desejarmos uma renda confiável.

“Precisamos rezar para que Britt-Marie encontre um homem que possa sustentá-la, caso contrário ela terá de viver na sarjeta, porque não tem talento nenhum para nada”, Britt-Marie costumava ouvir a mãe dizer ao telefone. “Estou pagando todos os meus pecados com ela”, ela também costumava dizer, ao telefone, se estivesse embriagada, ou mordazmente a Britt-Marie depois de muitos goles de xerez.

É impossível ser boa o suficiente para os pais depois de se perder uma irmã que, em todos os sentidos mais relevantes, era uma versão melhorada de você mesma. Ainda assim, Britt-Marie tentou. Mas com um pai que chegava em casa cada vez mais tarde e, no fim, nem aparecia mais, ela não teve muitas alternativas. Em vez disto, Britt-Marie aprendeu a não ter expectativa nenhuma dela própria e a tolerar o ceticismo da mãe a respeito de suas perspectivas.

Alf e Kent moravam no mesmo andar e eles brigavam, como os irmãos costumam fazer. Mais cedo ou mais tarde, os dois iriam querer a mesma garota. Se eles quisessem Britt-Marie porque realmente a queriam, ou porque irmãos sempre desejam o que o outro irmão deseja, ela nunca teve certeza. Se Ingrid estivesse ali, eles a teriam cortejado, Britt-Marie não tinha ilusões quanto a isso. Tendemos a não alimentar ilusões se estamos habituados a viver na sombra de outra pessoa. Mas os garotos foram persistentes, competiram, brigaram pela atenção dela de muitas formas diferentes.

Um dos irmãos era insensível demais para ela, sempre falando de quanto dinheiro ia ganhar. O outro era gentil demais. Britt-Marie não queria decepcionar a mãe, assim escolheu Alf e rejeitou Kent.

Kent ficou parado no patamar da escada com flores nas mãos e seus olhos se fecharam quando ela saiu com seu irmão. Quando ela voltou, ele já tinha ido embora.

Não durou muito tempo com Alf. Ele era enfadonho, ela se lembra. Já cansado de tudo. Como um vencedor depois que a adrenalina baixa. Em certa manhã, ele a deixou para cumprir o serviço militar e ficou longe durante meses.

Na manhã em que ele deveria estar de volta, pela primeira vez na vida Britt-Marie passou horas na frente do espelho e experimentou um vestido novo. A mãe deu uma olhada nela e disse:

— Vejo que está tentando se fazer de vagabunda. Bom, missão cumprida. — Britt-Marie tentou explicar que o vestido estava na moda. A mãe lhe disse para não elevar a voz, fazia com que ela parecesse vulgar demais. Britt-Marie tentou explicar gentilmente que queria surpreender Alf na estação de trem e a mãe zombou: — Ah, ele vai mesmo ficar surpreso. — Ela estava com a razão.

Britt-Marie apareceu com um vestido velho, as mãos suadas e o coração batendo como cascos de um cavalo numa calçada de pedras. É evidente que ela já ouvira histórias de como os soldados tinham uma garota em cada cidade, mas ela nunca chegou a pensar que isso valeria para Alf. Pelo menos nunca pensou que ele teria duas garotas na mesma cidade.

Ela ficou sentada a noite toda na cozinha, chorando num pano de prato quando a mãe, enfim, saiu da cama e a repreendeu por fazer barulho demais. Britt-Marie contou-lhe sobre a outra garota com quem ela vira Alf. “Ora, o que você esperava quando escolheu um homem daqueles?”, sibilou a mãe antes de voltar para a cama. No dia seguinte, a mãe se levantou mais tarde do que o habitual. No fim, ela não se levantava mais. Em vez de continuar com seus estudos, Britt-Marie arrumou um emprego de garçoneiro, assim poderia cuidar das coisas em casa. Levava o jantar no quarto para a mãe, que havia parado de falar, embora de vez em quando fosse capaz de se sentar na cama e dizer “Ah, trabalhando de garçoneiro... deve ser bom para você não sentir que deve mais a seus pais depois de todas as vantagens que lhe demos. Acho que nenhuma educação era boa para você, é evidente que você prefere ficar em casa e viver das minhas economias”.

O apartamento ficou cada vez mais silencioso. E, por fim, em absoluto silêncio. Britt-Marie limpava as janelas e esperava que algo novo acontecesse.

Um dia, Kent estava parado ali, no patamar. Foi no dia seguinte ao funeral da mãe dela. Ele falou em seu divórcio e nos filhos.

Britt-Marie tinha esperado por tanto tempo que pensou que aquilo devia ser fruto de sua imaginação, e quando ele sorriu para ela a sensação foi a do sol em sua pele. Ela fez dos sonhos dele os seus sonhos. A vida dele tornou-se a sua vida. Ela era boa nisso, e as pessoas querem fazer as coisas nas quais são boas. As pessoas querem alguém que saiba que elas estão ali.

Agora Kent está na soleira de sua porta em Borg, segurando flores. Ele sorri. A luz do sol na pele dela. É difícil não querer voltar para sua vida normal depois que você sabe como é complicado recomeçar.

— Estava esperando alguém? — pergunta Kent, inseguro, e mais uma vez ele parece aquele garoto no patamar da escada.

Britt-Marie nega com a cabeça, em choque. Ele sorri.

— Recebi seu cartão-postal. E eu... bom... o contador verificou seus saques — diz ele quase com constrangimento, depois aponta para a estrada na direção da cidade.

Como Britt-Marie não sabe o que dizer, ele continua:

— Perguntei por você na pizzeria. Aquela mulher na cadeira de rodas não queria dizer onde você estava, mas uns dois velhos que bebiam café lá se mostraram muito prestativos em me contar. Sabe quem eles são?

— Não — sussurra Britt-Marie, sem saber se ele está inventando isso.

Kent estende as flores.

— Querida... eu... que droga, me perdoe! Eu, ela, aquela mulher, nunca significou nada. Acabou. É você que eu amo. Que droga. Querida!

Britt-Marie olha com preocupação para a bengala que ele usa para se apoiar.

— Que raios aconteceu com você?

Ele faz um gesto para ela não se importar.

— Ah, não se preocupe com isso, os médicos só queriam que eu usasse por algum tempo depois do infarto, é só isso. A carroceria está meio enferrujada, depois de ficar parada na garagem por metade do inverno! — Ele sorri, apontando para as pernas.

Ela quer segurar a mão dele.

Não parece natural convidá-lo a entrar. Nunca pareceu, nem quando eles eram adolescentes. Na casa da mãe, ela não tinha permissão para levar os garotos ao seu quarto, e assim a primeira vez que Britt-Marie levou um garoto até lá, foi Kent. Depois da morte da mãe. E esse garoto ficou. Fez da casa dela a sua própria casa, e da vida dela, a dele. Então agora parece muito natural para ambos andar de carro por Borg na BMW dele, porque de muitas formas eles sempre estavam em seu máximo quando dentro do carro. Ele no banco do motorista, ela no do carona. Neste momento eles podem fingir que só estavam de passagem e que deixariam Borg, como fazemos com esses lugares de onde mandamos cartões-postais.

Eles vão de carro até a cidade e voltam. Kent mantém a mão na alavanca de câmbio, e assim Britt-Marie pode cuidadosamente alcançá-la com a ponta dos dedos da mão que não está machucada e colocá-los na dele. Só para sentir que ambos estão indo na mesma direção. A camisa dele está amarrotada e tem

manchas de café na barriga. Britt-Marie se lembra de Sami dizendo como algumas crianças parecem morar nas árvores, e Kent dá a impressão de que caiu de uma árvore dormindo, batendo em cada galho durante a queda. Ele sorri como quem se desculpa.

— Não consegui encontrar aquele maldito ferro de passar, querida. Nada fica organizado quando você não está em casa. Você sabe disso.

Britt-Marie não responde. Está preocupada com o que as pessoas pensarão. Será que vão dizer que ele tem uma esposa que o abandonou enquanto ele andava de bengala e sabe-se lá o quê? Seu dedo anular parece frio e ela fica infinitamente agradecida pelo curativo, que impede Kent de vê-lo. Ela sabia que ele a decepcionou, mas não consegue se livrar da sensação de que também o deixou na mão. De que vale o amor se você deixa alguém quando esse alguém mais precisa de você?

Kent tosse e tira o pé do acelerador, embora a estrada esteja vazia à frente.

Britt-Marie nunca o viu reduzir a velocidade por nenhum motivo em particular.

— Os médicos dizem que eu não fiquei lá muito bem. Por um bom tempo, quero dizer. Não fiquei bem sozinho. Andei tomando uns malditos comprimidos, antidepressivos, ou sei lá como eles chamam.

O seu jeito de dizer isso é o mesmo de quando ele está falando de seus planos, como se fosse tudo um desfecho natural.

Como se o que o fazia voltar para casa tarde da noite cheirando a pizza não fosse nada além de um defeito de produção, fácilimo de corrigir. Agora está tudo bem.

Ela deseja perguntar por que ele nunca telefonou; afinal, ela estava com um celular. Mas depois percebe que ele teria suposto que ela não saberia usar o aparelho. Assim, ela fica em silêncio a respeito disso. Ele olha pela janela no caminho de volta a Borg.

— Que lugar esquisito aonde você veio parar, não é? Como é que sua mãe costumava chamar esses lugares no fim do mundo? “Onde Judas perdeu as botas”? Ela era muito engraçada, a sua mãe. E é meio irônico que você tenha terminado justo aqui, não é? Logo você, que mal colocou o pé para fora do nosso apartamento em quarenta anos!

Ele diz isso como uma piada. Ela não consegue aceitar a coisa com o mesmo espírito. Mas quando eles param na frente da casa de Bank, ele tem a respiração tão pesada que ela ouve a dor dentro dele. As lágrimas dele são as primeiras que ela já viu em seus olhos. Não havia lágrimas ali nem mesmo quando ele enterrou a própria mãe, enquanto segurava a mão de Britt-Marie.

— Acabou tudo. Com ela. Aquela mulher. Ela nunca significou nada. Não é como você, Britt-Marie.

Ele segura os dedos da mão sem curativo, acaricia gentilmente e fala em voz baixa:

— Preciso de você em casa, querida. Preciso de você lá. Não jogue uma vida inteira fora, a vida que tivemos juntos, só porque eu cometi um erro idiota!

Britt-Marie espana migalhas invisíveis da saia. Respira a fragrância das flores em seus braços.

— Não podem entrar garotos em meu quarto. Nem naquela época nem agora — sussurra ela.

Ele dá uma gargalhada. A pele dela está ardendo.

— Amanhã? — ele diz alto quando ela sai do carro.

Ela assente.

Porque a vida é mais do que os sapatos que os seus pés calçam. Mais do que a pessoa que você é. É o sentimento de união. As partes de você em outra pessoa. Lembranças, paredes, armários e gavetas com compartimentos para talheres, só assim você sabe onde tudo está.

Uma vida de adaptação para chegar à organização perfeita, uma existência estruturada com base em duas personalidades. Uma vida partilhada de tudo que é normal. Cimento e pedra, controles remotos e palavras cruzadas, camisas e bicarbonato de sódio, armários de banheiro e barbeadores elétricos na terceira gaveta. Ele precisa dela por tudo isso. Se ela não estiver lá, nada é como deve ser.

Ela sobe para o seu quarto. Abre gavetas. Dobra toalhas.

O celular toca, a tela mostra o número da garota da agência de empregos, mas Britt-Marie não atende a ligação. Fica sentada sozinha na varanda a noite toda. Com as malas prontas ao seu lado.

— Você me olha como se estivesse me julgando. Devo lhe informar que não gosto nada disso — afirma Britt-Marie. Como não obtém uma resposta, ela continua de um jeito mais diplomático:

— Pode não ser sua intenção olhar para mim como se me julgasse, mas é assim que parece.

Como ainda não obtém uma resposta, ela senta em um banco com as mãos cruzadas no colo e observa:

— Gostaria de observar que a toalha foi deixada onde está para você limpar as patas nela. Não é um enfeite.

O rato come um pedaço de Snickers. Não diz nada. Mas Britt-Marie sente que está sendo julgada. Ela bufa, na defensiva.

— O amor não precisa necessariamente ser fogos de artifício e orquestras sinfônicas para todo ser humano, acredito de fato que você possa vê-lo assim. Para algum de nós, o amor pode ser outras coisas. Coisas sensatas!

O rato come Snickers. Faz uma incursão na toalha. Volta ao Snickers.

— Kent é meu marido. Eu sou esposa dele. Certamente não vou ficar sentada aqui, recebendo sermão de um rato — esclarece Britt-Marie. Depois organiza um pouco os pensamentos, altera a posição das mãos e acrescenta:

— Não que haja algo de errado nisso, claro. Ser um rato. Estou certa de que é excelente.

O rato não tenta ser nada além de um rato. As palavras seguintes de Britt-Marie saem em uma longa expiração:

— É só que eu fiquei melancólica por muito tempo, você precisa entender.

O rato come Snickers. As crianças jogam futebol no estacionamento, na frente do centro recreativo. Britt-Marie vê a BMW de Kent pela porta. Ele está jogando com as crianças. Elas gostam dele. Todo mundo gosta de Kent assim que o conhece. Leva anos para ver seu lado ruim. Com Britt-Marie é justamente o contrário.

Na verdade, ela não sabe se “melancólica” seria a palavra certa. Procura uma expressão melhor, como numa palavra cruzada. Vertical: “Pessoa desalentada.” “Como se sente uma pessoa infeliz.” Ou possivelmente: “Do grego, bile negra.”

— Talvez “pesarosa” seja uma palavra melhor — diz ela ao rato.

Ela já se sente pesarosa há muito tempo.

— Pode parecer ridículo para você, mas de certo modo eu tive menos tempo para ficar pesarosa em Borg do que em casa... Não que eu tenha sido obrigada a ter a vida que tive. Eu poderia ter feito mudanças. Poderia ter procurado um emprego para mim — diz Britt-Marie, e ela pode ouvir que na realidade está defendendo Kent e não a si mesma.

Por outro lado, é bem verdade. Ela poderia ter procurado um emprego. O problema é que Kent pensava que seria bom se ela esperasse algum tempo. Só um ou dois anos. Quem mais cuidaria de tudo em casa, perguntou ele, e pelo jeito dele de perguntar ficou claro que ele não estava se oferecendo para a tarefa.

Assim, depois de esperar em casa com sua mãe por alguns anos, Britt-Marie esperou em casa com os filhos de Kent por alguns anos, depois a mãe de Kent ficou doente e Britt-Marie esperou em casa com ela por mais alguns anos. Kent achava que assim era melhor, evidentemente só durante um período de transição, até que todos os planos de Kent tivessem se encaixado e, é claro, era melhor para toda a família se Britt-Marie estivesse em casa na parte da tarde, caso os alemães quisessem jantar. Quando ele disse “toda a família”, é evidente que estava se referindo a todos na família, exceto Britt-Marie. “Entretenimento corporativo pode ser deduzido do imposto de renda”, Kent sempre explicava, mas nunca explicou quem se beneficiaria com isso.

Um ano se transformou em vários anos, e vários anos se transformaram em todos os anos. Até que numa determinada manhã você acorda com mais vida às suas costas do que o que tem pela frente, sem conseguir entender como isso aconteceu.

— Eu poderia ter procurado um emprego. Foi minha decisão ficar em casa. Não sou uma vítima — observa Britt-Marie.

Ela não diz nada sobre o quanto chegou perto. Ela foi a entrevistas de emprego. Várias. Mas não contou a Kent sobre elas, é claro, porque ele só teria perguntado que salário ela receberia, e se ela lhe contasse, ele teria rido e falado: “Não seria muito melhor, então, se eu te pagasse para você ficar em casa?” Ele faria parecer uma piada, mas ela não teria conseguido achar graça e assim, portanto, nunca disse nada. Ela estava sempre presente no horário das entrevistas e sempre havia mais alguém esperando ali, na sala de espera. Quase exclusivamente mulheres jovens. Uma delas começou a falar com Britt-Marie, porque não conseguia imaginar que alguém tão velho estivesse ali para o mesmo emprego que ela queria. A mulher tinha três filhos e fora abandonada pelo marido. Um dos filhos tinha uma doença. Quando ela foi chamada para a entrevista, Britt-Marie se levantou e foi para casa. Podem-se dizer muitas coisas de Britt-Marie, mas certamente ela não é alguém que rouba o emprego de quem precisa mais.

Evidentemente, ela não conta isso ao rato; não quer se fazer de mártir. Depois, é claro, nunca se sabe que experiências de vida o rato teve.

Talvez ele tenha perdido toda a família num ataque terrorista, por exemplo; é o tipo de coisa que a gente sempre lê por aí.

— Há muita pressão sobre Kent, você precisa entender — explica ela.

Porque há, sim. Sustentar toda uma família consome tempo e isso é digno de respeito.

— Leva muito tempo para se conhecer uma pessoa — diz Britt-Marie ao rato, sua voz ficando pouco a pouco mais baixa a cada palavra.

Kent crava os calcanhares quando anda. Não é todo mundo que nota esse tipo de coisa, mas é assim. Ele se enrosca quando dorme, como se sentisse frio, não importa quantos cobertores ela abra delicadamente sobre ele. Ele tem medo de altura.

— E seus conhecimentos gerais são extraordinários, em particular quando se trata de geografia! — observa ela.

Geografia é uma habilidade muito boa para se compartilhar no sofá quando você resolve palavras cruzadas. Não é muito fácil de adquirir, na verdade. O amor não precisa ser fogos de artifício para todo mundo. Pode ser uma pergunta sobre capitais com cinco letras, ou saber exatamente quando está na hora de colocar um salto novo nos sapatos.

— Ele poderia mudar. — Britt-Marie quer dizer isso alto e bom som, mas, em vez disso, solta em um sussurro.

Mas ele certamente poderia. Ele nem mesmo precisa se tornar uma pessoa inteiramente nova. Já basta voltar a ser quem era antes de ser infiel.

Ele está tomando remédios, afinal, e hoje em dia fazem-se maravilhas com os remédios.

— Alguns anos atrás, clonaram uma ovelha, dá para imaginar? — diz Britt-Marie ao rato.

A essa altura, o rato decide ir embora.

Ela retira o prato. Lava. Seca. Limpa a janela e vê, do lado de fora, Kent jogando futebol com Omar e Dino. Ela também pode mudar, está certa disso. Não precisa ser tão chata. A vida pode não ficar diferente se ela voltar para casa com Kent, mas pelo menos voltará ao normal.

— Não estou preparada para uma vida incomum — diz Britt-Marie ao rato, antes de se lembrar de que ele já partiu.

Leva tempo para se conhecer uma pessoa. Ela não está preparada para conhecer uma nova. Concluiu que precisa aprender a viver consigo mesma como é.

Ela para na soleira, observando Kent marcar um gol. Ele se apoia na bengala e dá um pulo, fazendo uma pirueta. Pode não ser o tipo de comportamento que os médicos recomendariam depois de um infarto, mas Britt-Marie se contém e não o critica, porque ele parece muito feliz. Ela supõe que também pode haver vantagens, para a saúde, em ficar feliz depois de um infarto.

Omar resmunga que quer pegar uma carona na BMW, justificando isto com o argumento de que é “supermaneiro”. Britt-Marie percebe que deve ser algo bom, assim ela consegue se conter e não critica isso também. Kent dá um jeito de dizer aos meninos quanto custa o carro, o que parece impressioná-los terrivelmente. Na terceira volta, ele deixa Omar dirigir e o garoto parece ter recebido permissão para cavalgar um dragão.

Sven não está de uniforme quando sai da pizzeria, então ela mal dá pela presença dele, só quando eles estão a uma curta distância. Ele olha para a BMW, olha para Britt-Marie e dá um pigarro.

— Oi, Britt-Marie — diz ele.

— Oi — diz ela, surpresa.

Ela segura a bolsa com muita força. Ele enterra as mãos no fundo dos bolsos, como um adolescente. Veste uma camisa e o cabelo está molhado e penteado. Ele não diz que fez isso por ela, e antes que ela tenha tempo de dizer algo irracional, seu bom senso solta:

— Aquele é meu marido!

Ela aponta para a BMW. As mãos de Sven se enterram mais fundo nos bolsos do casaco.

Kent para o carro quando os vê, sai com sua bengala balançando, cheio de autoconfiança. Aproxima-se de Sven e seu aperto de mãos é um pouco mais longo e mais firme do que o necessário.

— Kent! — Kent exulta.

— Sven — Sven murmura.

— Meu marido — Britt-Marie lembra a ele.

A mão de Sven volta ao bolso do casaco. Suas roupas parecem estar causando uma desagradável fricção no corpo.

A mão de Britt-Marie aperta a bolsa com uma força cada vez maior, até que seus dedos doem, e talvez também outras partes dela. Kent sorri alegremente.

— Crianças legais! Aquele de cabelo cacheado quer ser empresário, ele te contou?

Ele ri na direção de Omar. Britt-Marie olha para o chão. Sven está carrancudo quando ergue os olhos para Kent.

— Não pode estacionar ali — observa ele, apontando para a BMW com o cotovelo, sem tirar a mão do bolso.

— Ah, sim — diz Kent sem se importar, gesticulando para ele com cansaço.

— Estou lhe dizendo que não pode estacionar ali e não permitimos que adolescentes dirijam carros por aqui. É irresponsável! — Sven fala com insistência, com uma ferocidade que Britt-Marie nunca viu nele.

— Relaxe, está bem? — Kent sorri, com um ar de superioridade.

Sven está elétrico. Aponta com os indicadores através do forro do casaco.

— Seja como for, você não pode estacionar ali e é ilegal deixar que menores dirijam seu carro. Você deve aceitar isso, venha você de onde...

As últimas palavras são pronunciadas em um tom muito mais baixo. Como se elas já comesçassem a se arrepender. Kent se escora na bengala e tosse, meio perdido.

Ele olha para Britt-Marie, mas ela não olha para ele, e assim, em vez disso, ele espia Sven.

— Qual é o seu problema... Você é o quê, um policial?

— Sim! — diz Sven.

— Ora, vejam só! — Kent ri, na mesma hora fazendo uma cara séria, endireitando as costas e fazendo uma saudação debochada.

Sven fica vermelho e fixa os olhos no zíper do casaco. A respiração de Britt-Marie se acelera e ela avança o passo como quem está prestes a se colocar fisicamente entre os dois. No fim, ela apenas baixa o pé com força no cascalho e fala:

— Por favor, Kent, por que não tira o carro dali? Na verdade, está no meio do campo de futebol.

Kent suspira, depois assente para ela com malícia e levanta as mãos como se alguém o estivesse ameaçando.

— Claro, claro, claro, se o xerife insiste. Não tem problema. Mas não atire!

Ele dá alguns passos ostensivos para a frente e se curva para Britt-Marie. Ela não consegue se lembrar da última vez em que ele lhe deu um beijo no rosto.

— Fiz o registro no hotel da cidade. É uma espelunca, sabe como são esses lugares, mas notei que tem um restaurante do outro lado da rua. Parecia bom, nas circunstâncias — diz ele para que Sven possa ouvir. Quando ele fala “circunstâncias”, faz um gesto de superioridade para a pizzaria, o centro recreativo e a estrada. Ele acelera o motor mais do que o necessário quando desloca o carro. Depois que acaba, entrega seu cartão de visitas a Omar, porque Kent gosta de dar seu cartão às pessoas quase tanto quanto gosta de dizer a elas o valor de seus bens. O garoto fica profundamente impressionado. Britt-Marie nota que ela não sabe em que momento exato Sven se virou e foi embora, só que ele agora não está mais ali.

Ela fica sozinha na frente da pizzeria. Se algo dentro dela foi derrubado e se quebrou, ela tenta dizer a si mesma que é tudo culpa dela, porque esses sentimentos que ela tem em seu íntimo nunca deveriam ter sido libertados. É tarde demais para começar uma nova vida.

Ela janta com Kent no restaurante da cidade. Tem toalhas de mesa brancas, um cardápio sem fotografias e parece encarar com seriedade a questão dos talheres. Ou pelo menos não os trata como uma piada. Kent diz que se sente sozinho sem ela. “Perdido” é a palavra que usa. Ele parece levá-la a sério, ou pelo menos não a está tratando como uma piada. Está usando seu cinto velho e quebrado, ela percebe, e nota que deve ser porque ele não encontrou o que costuma usar, o cinto que ela consertou pouco antes de partir. Ela quer dizer a ele que o cinto está enrolado na segunda gaveta do guarda-roupa no quarto. No quarto deles. Ela quer que ele grite o nome dela.

Mas só o que ele faz é coçar a barba por fazer e tentar aparentar despreocupação quando pergunta:

— Mas aquele policial, então... ele é... como vocês ficaram... amigos?

Britt-Marie faz o máximo para aparentar igual despreocupação quando responde:

— Ele é só um policial, Kent.

Kent assente e pisca com ênfase.

— Você precisa acreditar em mim quando digo que cometi um erro, querida. Agora acabou. Eu nunca mais voltarei a vê-la. Não pode me castigar pelo resto da vida por causa de um movimento em falso, não é? — diz ele, e suavemente segura sua mão machucada através da mesa.

Ele está usando a aliança de casamento. Ela pode sentir a marca branca no dedo. Arde e a denuncia. Ele acaricia o curativo, como se nem mesmo refletisse por que está ali.

— Vamos lá, querida, você provou o que tinha a provar. Alto e bom som! Eu entendi!

Ela concorda. Porque é verdade. Porque ela jamais quis que ele sofresse, só que ele soubesse que estava errado.

— É claro que você pensa que essa história do time de futebol é ridícula — ela sussurra.

— Está brincando? Acho absolutamente incrível!

Ele solta a mão dela assim que chega a comida e ela logo sente falta da mão. Parece como sair do cabeleireiro depois de perder mais cabelos do que queria.

Ela coloca o guardanapo no colo com muito cuidado, passa a mão ternamente nele como se estivesse dormindo, e sussurra:

— Eu também. Também acho incrível.

Kent se ilumina. Curva-se para a frente. Olha bem fundo nos olhos dela.

— Olha, querida, vamos fazer assim: você fica aqui até as crianças terem jogado esta Copa que o garoto de cabelos cacheados falava hoje. Depois vamos para casa. Para nossa vida. Está bem?

Britt-Marie inspira tão profundamente que sua respiração falha no meio do caminho.

— Eu gostaria disso — sussurra ela.

— Qualquer coisa por você, querida — diz Kent assentindo, depois olha para a garçonete para pedir pimenta, embora ainda nem tenha experimentado a comida.

É uma comida normal, é claro, mas antes que o bom senso coloque algum freio, Britt-Marie pensa por um breve instante em contar a Kent que experimentou tacos. Ela quer que ele saiba que aconteceram muitas coisas na sua vida nos últimos tempos. Mas ela se contém, porque provavelmente agora não importa e, de todo modo, Kent quer lhe contar coisas sobre seus negócios com os alemães.

Britt-Marie pede batatas fritas com a comida. Ela não come batatas fritas porque não gosta, mas sempre pede de qualquer forma, quando vai a restaurantes com Kent; ela sempre tem medo de que não haja comida o suficiente para satisfazê-lo.

Enquanto ele estende a mão pela mesa para as batatas fritas dela, Britt-Marie olha pela janela e por um momento tem a sensação de que há uma viatura na rua. Mas isso pode ter sido apenas fruto de sua imaginação. Envergonhada, ela baixa os olhos para o guardanapo. Ali está ela, uma mulher adulta, fantasiando com veículos de emergência. O que as pessoas iam pensar?

Kent a leva de carro ao treino de futebol e espera na BMW até terminar. Bank também está lá, então Britt-Marie fica apenas de pé ali, segurando a lista. Quando acaba, Britt-Marie mal consegue se lembrar do que eles fizeram, ou se falou com as crianças, se ela se despediu delas.

Kent a leva com Bank e o cachorro no banco traseiro até a casa de Bank. Bank e o cachorro saltam sem perguntar quanto o carro custou, o que parece aborrecer Kent terrivelmente. Por acidente, Bank bate a bengala na pintura e quase certamente não é proposital nas duas primeiras vezes. Kent mexe no telefone e Britt-Marie fica sentada esperando ao lado dele, porque ela é muito boa nisso. Por fim, ele fala.

— Preciso ir ver o contador amanhã. Há muitas coisas em andamento com os alemães, sabe, grandes planos!

Ele assente insistentemente, para mostrar o quanto os planos são grandes.

Britt-Marie abre um sorriso encorajador. Abre a porta ao mesmo tempo que a ideia lhe ocorre, e por conseguinte ela pergunta sem pensar bem:

— Você torce para que time de futebol?

— Manchester United — responde ele, surpreso, desviando os olhos do telefone.

Ela assente e sai.

— Foi um ótimo jantar, Kent. Obrigada.

Ele se curva pelo banco e olha para ela.

— Quando voltarmos para casa, vamos ao teatro, só nós dois. Está bem, querida? Eu prometo!

Ela fica com a porta da frente aberta até ele arrancar. Depois vê a velha no jardim do outro lado da rua a encarando, recurvada no andador. Ela entra, apressada.

Bank está na cozinha, comendo bacon.

— Meu marido torce pelo Manchester United — Britt-Marie informa a ela.

— É de pensar mesmo — diz Bank.

Britt-Marie não tem a menor ideia do que isso significa.

Britt-Marie dedica a manhã seguinte a limpar os móveis de varanda. Vai sentir saudade deles. As mulheres de andadores do outro lado da rua saem para pegar os jornais na caixa de correio. Em um ataque súbito de querer parecer sociável, Britt-Marie acena para elas, mas elas só a olham feio e batem a porta.

Bank está fritando bacon quando ela desce, mas evidentemente não ligou o exaustor. Deve ser bom para Bank, pensa Britt-Marie, não se incomodar com o cheiro de carne de porco queimada, nem se preocupar com o que os vizinhos possam pensar.

Hesitante, ela se coloca na soleira entre o corredor e a cozinha. Como Bank parece não ter consciência de sua presença, ela dá um pigarro duas vezes, porque tem a sensação de que, afinal, talvez deva uma explicação à senhoria.

— Suponho que você mereça uma explicação sobre toda essa história do meu marido — diz ela.

— Não — diz Bank com firmeza.

— Ah — diz Britt-Marie, decepcionada.

— Bacon? — resmunga Bank, e despeja um pouco de cerveja na panela.

— Não, obrigada — diz Britt-Marie, nem um pouco enojada com isso, e continua: — Ele é meu marido. Nunca nos divorcíamos de verdade. Eu só fiquei fora de casa por algum tempo. Quase como se fossem férias. Mas agora vou para casa, você precisa entender. Eu entendo muito bem que talvez você não compreenda esse tipo de coisa, mas ele é meu marido. Certamente não é adequado deixar o marido na minha idade.

Bank olha como alguém faz quando não quer discutir a relação de Britt-Marie e Kent.

— Tem certeza de que não quer bacon? — murmura ela.

Britt-Marie meneia a cabeça.

— Não, obrigada. Mas quero que você entenda que ele não é um homem ruim. Ele cometeu um erro, mas todo mundo pode errar. Tenho certeza de que ele teve muitas oportunidades de cometer um erro antes, sem sequer ter feito. Não se pode riscar um ser humano para sempre só por causa de um único erro.

— É um bacon bom — diz Bank.

— Existem obrigações. Deveres conjugais. Não se pode simplesmente desistir — explica Britt-Marie.

— Eu teria oferecido ovos, se tivesse algum ovo. Mas o cachorro comeu. Então, você terá de se virar com bacon.

— Não se pode abandonar o outro depois de uma vida inteira.

— Então, você vai comer um pouco de bacon? — determina Bank, e se vira para o exaustor.

Podemos inferir disso que ela está mais incomodada com a voz de Britt-Marie do que com o cheiro de bacon frito. Assim, Britt-Marie bate o pé no chão.

— Eu não como bacon! Não é bom para o colesterol. Kent também cortou, posso lhe dizer. Ele foi ao médico no outono. Temos um médico extraordinariamente competente. É imigrante, sabe? Da Alemanha!

Bank aumenta o exaustor ao nível máximo, e assim Britt-Marie é obrigada a elevar a voz para se fazer ouvir com todo aquele barulho e, por conseguinte, ela está quase aos gritos quando observa:

— Na verdade, não é muito edificante abandonar o marido quando ele acaba de ter um infarto! Não sou esse tipo de mulher!

O prato é batido na mesa diante dela, e assim a gordura espirra pela borda.

— Coma o seu bacon — diz Bank.

Britt-Marie dá ao cachorro. Mas não diz mais nada a respeito de Kent. Ou pelo menos se esforça para não dizer. Em vez disso, pergunta:

— O que significa quando alguém torce pelo Manchester United ou coisa parecida?

Bank responde com a boca cheia de bacon:

— Eles sempre vencem. Então, passam a acreditar que merecem vencer.

— Ha.

Bank não fala mais nada. Britt-Marie se levanta e lava seu prato. Enxuga. Fica de pé ali, para o caso de Bank ter algo mais a acrescentar, mas quando Bank passa a se comportar como se tivesse até esquecido da presença de Britt-Marie, Britt-Marie dá um pigarro e diz com uma ênfase irreprimível:

— Kent não é um homem ruim. Nem sempre ele venceu.

O cachorro olha para Bank como se sentisse que Bank deveria ter um peso na consciência. Bank parece captar isso, porque continua comendo, em um silêncio ainda mais rabugento do que o de costume. Britt-Marie já saiu da cozinha, vestiu o casaco e guardou bem sua lista na bolsa quando o cachorro rosna da cozinha e Bank geme alto como resposta, depois enfim grita na direção do corredor:

— Quer uma carona?

— Como disse? — pergunta Britt-Marie.

— Quer que eu leve você de carro ao centro recreativo? — pergunta Bank.

Britt-Marie vai até a porta da cozinha e a encara, e quase deixa cair sua bolsa.

— De carro? Mas como... eu... não, está tudo bem... obrigada. Não quero... eu não sei... certamente não estou querendo julgar, mas como...

Ela para de falar quando vê o sorriso satisfeito na cara de Bank.

— Sou quase cega. Não dirijo. Eu estava brincando, Britt-Marie.

O cachorro sinaliza seu encorajamento. Britt-Marie ajeita o cabelo.

— Ha. Isso foi... gentileza sua.

— Não se preocupe demais, Britt-Marie! — exclama Bank às costas dela, e Britt-Marie não tem a menor ideia do que dizer a esta concepção absurda.

Ela vai a pé para o centro recreativo. Lava. Limpa as janelas e olha por elas. Agora pode ver outras coisas diferentes de quando chegou a Borg. O Faxin pode fazer isso por uma pessoa.

Ela serve a barra de Snickers perto da porta. Atravessa o campo de futebol que antes pensava ser só um estacionamento. O carro de Sven está parado na frente da pizzaria. Britt-Marie respira fundo antes de entrar.

— Olá — diz ela.

— Britt! Tudo bem aí! — grita Alguém rodando pela cozinha, segurando um bule de café.

Sven está de pé perto da caixa registradora, de uniforme. Rapidamente, ele tira o quepe da polícia e o segura nas mãos.

— Oi, Britt-Marie — diz ele. Ele sorri e parece alguns centímetros mais alto.

Depois vem outra voz da janela:

— Bom dia, querida!

Kent está sentado a uma mesa, tomando café. Ele tirou os sapatos e tem um dos pés apoiado em uma cadeira. É um de seus principais talentos. Ele pode se sentar em qualquer lugar para beber café e parecer tão à vontade como se estivesse na sua própria sala de estar. Ninguém se iguala a ele quando se trata de se colocar à vontade em qualquer lugar, sem ter sido convidado a tanto.

Sven se retrai de novo. Como se lhe faltasse o ar. Britt-Marie tenta não dar a impressão de que seu coração já saltou duas vezes dentro dela.

— Pensei que você tivesse ido procurar seu contador — ela consegue dizer.

— Vou em um minuto, aquele garoto, Omar, só queria me mostrar umas coisas primeiro — diz Kent, sorrindo como se tivesse todo o tempo do mundo, depois dá uma piscadela jocosa para Sven e observa em voz alta:

— Não se preocupe, xerife, hoje não estacionei ilegalmente. Estou do lado certo da estrada.

Sven passa as palmas das mãos nas pernas da calça e baixa os olhos para o chão ao responder:

— Também não pode estacionar lá.

Kent assente com uma falsa seriedade.

— Será que o xerife quer lavrar uma multa? O xerife aceita dinheiro em espécie?

Ele pega a carteira, tão grossa que precisa colocar um elástico em volta para fazê-la entrar no bolso de trás da calça, e coloca na mesa. Depois ri como se aquilo fosse só uma brincadeira. Ele é bom nisso, o Kent — bom em rir como se tudo não passasse de uma piada. Porque se for assim, ninguém pode se ofender, e Kent sempre pode dizer: “Ah, o que é isso, você não tem senso de humor?” A pessoa com menos senso de humor sempre perde neste mundo.

Sven olha para o chão.

— Eu não lavro multas de estacionamento. Não sou um guarda de trânsito.

— Tudo bem, xerife! Tudo bem! Mas o próprio xerife obviamente estaciona onde o xerife tem vontade de estacionar. — Kent sorri e aponta para a viatura, que pode ser vista pela janela.

Antes que Sven tenha tempo de responder, Kent grita para Alguém:

— Não se preocupe com o café do xerife, eu vou pagar! Quer dizer, nós, os contribuintes, é que pagamos o salário do xerife mesmo, então coloque na nossa conta!

Sven não responde. Só deposita algum dinheiro no balcão e diz em voz baixa a Alguém:

— Posso pagar o meu próprio café.

Depois olha para Britt-Marie e fala em voz baixa:

— Preciso ir embora, se estiver tudo bem.

Ela quer dizer alguma coisa. Não tem tempo.

— Olha só isso, querida! Mande imprimir para o Omar! — grita Kent e agita um punhado de cartões de visita.

Como cada pessoa disponível na pizzaria não corre imediatamente para sua mesa, Kent se levanta de um jeito muito elaborado e suspira como se nenhum deles tivesse senso de humor. Depois vai ao balcão, de meias, o que faz Britt-Marie gritar por dentro, e entrega a Sven um cartão de visita.

— Tome, xerife! Fique com um cartão!

Depois ele sorri para Britt-Marie e mostra um deles a ela, em que está escrito: “Omar — empresário.”

— Tem uma gráfica na cidade. Eles imprimiram isso na mesma hora esta manhã, ficaram felicíssimos, os coitados não têm cliente nenhum! — Kent conta com jovialidade e faz aspas enfáticas no ar quando diz “cidade”.

Sven fica ali engolindo em seco. Assim que Alguém serviu seu café em um copo de papel, Sven toma e vai direto para a porta.

Quando passa por Britt-Marie, ele reduz o passo e a olha brevemente nos olhos.

— Tenha um... tenha um bom dia — murmura ele.

— Você... bom, quer dizer... você também — diz Britt-Marie, sugando as bochechas.

— Cuidado aí fora, xerife! — grita Kent com um sotaque americano.

Sven fica paralisado, com o olhar concentrado no chão. Britt-Marie tem tempo de ver seu punho, fechado até os nós dos dedos ficarem brancos, antes de ele enfiá-lo no bolso da calça como um animal dentro de um saco. A porta tilinta alegremente depois que ele sai.

Britt-Marie fica na frente da caixa registradora, sentindo-se perdida. Uma coisa curiosa que Kent pode fazer é que ele consegue se sentir tão à vontade em um lugar que Britt-Marie no mesmo instante se sente uma estranha. Ele dá tapinhas nas costas e agita os cartões de visita pelo ambiente.

— Por favor, Kent. Não poderia pelo menos calçar os sapatos? — sussurra ela.

Kent olha para as próprias meias, surpreso. Mexe o dedão do pé pelo buraco de uma delas.

— Claro, claro, querida. É claro. Eu preciso mesmo ir embora. Entregue isto ao garoto quando ele aparecer!

Ele sacode o punho de um jeito dramático, para que o relógio chocalhe. É um relógio muito caro, Britt-Marie sabe disto, e todo mundo que já encontrou Kent numa fila para pagar o posto de gasolina também sabe. Depois ele coloca os cartões na mão dela e lhe dá um beijo no rosto.

— Voltarei esta noite! — exclama ao sair pela porta e, no segundo seguinte, ele se foi.

Britt-Marie fica parada ali, mais perdida do que nunca. Como não sabe o que fazer de si mesma, ela lida com isso de seu jeito habitual. Ela limpa.

Alguém deixa que ela aja assim. Ou porque não se importa, ou exatamente porque se importa.



Omar aparece na hora do almoço. Logo persegue Britt-Marie pela pizzaria como se eles fossem as últimas duas pessoas no planeta e ela guardasse o último pacote de batatas fritas.

— Kent está aqui? Ele veio? Ele está? — ele grita, puxando seu braço.

— Kent está com o contador dele. Vai voltar esta noite.

— Eu arranjei as calotas mais legais para a BMW dele! Muito bacanas! Quer ver? Vou fazer um precinho especial por elas... sabe como é!

Britt-Marie não pergunta o que aquilo significa, porque supõe que um ou outro caminhão, apesar de nunca estar programado para parar em Borg, saiu da comunidade um pouco mais leve do que quando encostou.

Quando Britt-Marie entrega ao garoto os cartões de visita, ele cai num silêncio repentino. Segura os cartões como se fossem feitos de uma seda inestimável. A porta tilinta e Vega entra. Ela nem mesmo olha para Britt-Marie.

— Olá, Vega — diz Britt-Marie.

Vega a ignora.

— Olá, Vega! — repete Britt-Marie.

— Olha só esses cartões *fan-tás-ti-cos*, que maneiro. Ganhei do Kent! — grita Omar, com os olhos brilhando.

Vega recebe esta informação com indiferença e entra intempestivamente na cozinha. Logo podemos ouvir que ela lava a louça. Parece que alguma coisa rasteja pela pia e ela tenta matá-la a pancadas. Alguém sai rodando da cozinha e dá de ombros para Britt-Marie, como quem se desculpa.

— Vega está muito zangada, sabe como é.

— Como você sabe? — pergunta Britt-Marie.

— Adolescente. Lavando a louça sem precisar mandar. É muita raiva quando isso acontece, né?

Britt-Marie tem de admitir que há uma boa lógica nisso.

— Por que ela está tão zangada?

Omar responde com avidez:

— Porque ela sabe que Kent está aqui, então está chateada porque você vai embora!

Ele próprio não parece muito aborrecido, porque a oportunidade de trocar uma técnica de futebol por um investidor em calotas parece um acordo aceitável para ele.

— Vou ficar em Borg até o final da competição — diz Britt-Marie, dirigindo isto tanto a si mesma quanto aos outros.

O menino parece não estar ouvindo. Nem mesmo se incomoda de corrigi-la, dizendo que se chama uma “copa”. Britt-Marie quase deseja que ele fale. Os barbudos com boné entram, bebem café e leem os jornais sem nenhum reconhecimento de Britt-Marie, mas há certa tranquilidade neles hoje, como se soubessem que logo não terão mais de fingir que não notam a presença dela.

Evidentemente, Vega ficou sem ter o que bater, então ela sai de rompante da cozinha, na direção da porta da pizzeria.

— Ha. Acho que está saindo? — diz Britt-Marie de um jeito indulgente.

— Até parece que você se importa — sibila Vega.

— Vai voltar na hora do treino?

— E que merda de diferença isso faz?

— Pelo menos vista um casaco. Está frio lá fo...

— Vai pro inferno, sua velhota! Pode voltar pra porcaria da sua vida com a merda do seu homem!

A menina bate a porta, que tilinta alegremente. Omar pega seus cartões de visita e corre atrás dela. Britt-Marie chama por ele, mas ele ou não escuta, ou não se importa.

Depois disso, Britt-Marie limpa a pizzaria inteira em um silêncio sombrio. Ninguém tenta impedi-la.

Quando termina, ela arria em um banco na cozinha. Alguém se senta ao lado dela, bebendo uma cerveja e a observando pensativamente.

— Cerveja, Britt-Marie. Quer?

Britt-Marie pisca para ela.

— Sim, quer saber? Quero mesmo. Acho que com toda certeza gostaria de uma cerveja.

Então elas bebem a cerveja sem dizer mais nada. Britt-Marie deve ter tomado dois ou três goles quando a porta tilinta de novo.

Ela tem tempo de ver o jovem entrar e certamente não está acostumada a ter níveis de álcool desta magnitude no sangue a essa hora da tarde, e pode ser este um motivo para ela não perceber de imediato que o homem usa um capuz preto cobrindo a cabeça.

Mas Alguém percebe. Baixa a cerveja. Roda para trás de Britt-Marie e puxa o braço de seu casaco.

— Britt-Marie. Para o chão. Agora!

E é quando Britt-Marie vê a pistola.

É muito estranho olhar fixamente para o buraco do cano de uma arma. Ele abraça você. Você cai dentro dele.

Algumas horas depois, alguns policiais da cidade aparecem na pizzeria para perguntar a Britt-Marie se ela podia descrever o jovem, o que ele vestia e se era alto ou baixo, se falava um dialeto ou tinha sotaque. A única descrição que ela consegue dar a eles é “ele segurava uma pistola”. Um dos policiais explica que ela “não deve levar aquilo para o lado pessoal” porque um assalto visa apenas o dinheiro.

Pode ser fácil para a polícia dizer isso, mas na verdade é extremamente difícil ter uma arma apontada para alguém e *não* levar para o lado pessoal — pelo menos esta é a opinião ponderada de Britt-Marie.

— Abre a porra da caixa registradora então, pelo amor de Deus! — o assaltante diz a ela num silvo.

Ela vai se lembrar disso depois, que falaram com ela como se ela fosse um instrumento, e não uma pessoa. Alguém tenta rodar até a caixa, mas Britt-Marie está no caminho e parece paralisada ali.

— *Abre!* — grita o ladrão de tal modo que Alguém e os homens de boné cobrem instintivamente a cara com as mãos, como se isso pudesse ajudar.

Mas Britt-Marie não se mexe. Seu pavor a deixa tão petrificada que ela nem mesmo é capaz de sentir medo. Por que ela reage desta forma é algo que é incapaz de entender, mas há muitas coisas que você não está preparado para saber a respeito de si mesmo, só quando tem uma arma apontada para a sua cara. E assim, para surpresa de Britt-Marie e consternação de Alguém e dos homens de boné, ela ouve algumas palavras saindo de sua boca:

— Primeiro você precisa comprar alguma coisa.

— *Abreeeeee!* — berra o ladrão.

Mas Britt-Marie não se mexe. Coloca a mão com o curativo por cima da outra. As duas mãos estão tremendo e Britt-Marie pensa por um instante que certamente existem limites, mas em última análise foi o tipo de dia que Britt-

Marie considera ter passado dos limites. Assim, ela responde de um jeito inteiramente atencioso:

— Você precisa entrar com um valor antes de poder abrir a caixa, entenda. Caso contrário, o recibo sai errado.

A arma sobe e desce na mão do assaltante. Quantidades iguais de fúria e surpresa.

— *Entre com uma merda qualquer, então!*

Britt-Marie troca a posição das mãos. Seus dedos estão escorregadios de suor. Mas algo em seu íntimo decide, contrariando os protestos mais lógicos de seu bom senso, que aquela é uma boa oportunidade na vida de Britt-Marie para firmar um pouco sua posição.

— Você precisa entender que não pode entrar com qualquer coisa. Assim os recibos não saem corretos.

— *Não estou nem aí pra merda dos seus recibos, sua velha...!* — grita o ladrão.

— Não há necessidade de elevar sua voz — Britt-Marie o interrompe com firmeza, depois fala com ele cheia de paciência:

— E certamente não há motivo para usar este linguajar!

A cadeira de rodas de Alguém vem atravessando o chão às pressas e bate em Britt-Marie na altura da coxa, jogando Alguém, a cadeira de rodas e Britt-Marie ao chão. O ruído do disparo no teto deixa um zumbido penetrante nos ouvidos de Britt-Marie, que a faz perder todo o senso de orientação. Fragmentos de vidro da lâmpada fluorescente caem como neve e ela não sabe se está deitada de costas ou de bruços, onde ficam as paredes, ou onde fica o chão. Só consegue sentir a respiração pesada de Alguém em seu ouvido e, longe, algo parece fazer um tilintar.

E então ela ouve as vozes de Vega e Omar.

— Mas o que ele... — Vega consegue dizer e nesse momento, por instinto, Britt-Marie se coloca de pé, embora seus ouvidos ainda estejam tinindo e seu bom senso lhe diga para não fazer besteira e ficar no chão como uma pessoa civilizada.

Há muitas coisas que você não pode saber sobre uma pessoa, a não ser que vocês sejam íntimos. Quais são suas capacidades. A coragem que ela tem. O assaltante se vira para Vega e Omar com seu choque se irradiando quente pelos buracos da touca ninja.

— O que você tá fazendo aqui?

— Psicopata? — cochicha Omar.

— *Que merda vocês estão fazendo aqui? Eu esperei até vocês saírem! O que estão fazendo aqui, pirralhos de merda?*

— Esqueci meu casaco — Vega consegue dizer.

O Psicopata agita furiosamente a arma na direção dela, mas Britt-Marie já está de pé entre o cano da arma e as crianças. Ela estende os braços para trás, para garantir que esteja dando cobertura à garota e ao menino com seu corpo, mas não se mexe um centímetro. Fica petrificada, presa no mesmo lugar por toda uma vida de ambições frustradas.

— Agora já chega! — ela sibila num tom ameaçador.

Na verdade, ela não consegue se lembrar de ter feito nada de ameaçador a vida toda.

Há uma atmosfera um tanto ambivalente na pizzeria depois disso; provavelmente é assim que você poderia descrever. Fica evidente que o Psicopata não sabe muito bem o que fazer com a arma e, até que ele tome sua decisão, ninguém mais na pizzeria sabe o que fazer também. Britt-Marie olha para os sapatos dele com irritação.

— Eu limpei o chão agora há pouco.

— *Cala a porra da sua boca, caralho!*

— Certamente que não vou me calar!

O Psicopata começou a transpirar e o suor pinga dos buracos da touca ninja. Ele dá duas voltas pela pizzeria com a pistola no nível dos olhos, fazendo os homens de boné se jogarem de novo no chão. Depois encara Britt-Marie com ódio pela última vez e foge.

A sineta da porta tilinta obediente e o corpo de Britt-Marie começa a derreter para o chão, embora Vega e Omar estejam fazendo o máximo para segurá-la com seus braços trêmulos. O casaco dela está molhado de lágrimas, mas ela não sabe se são lágrimas dela ou das crianças, ou exatamente em que momento ela deixou de estar nos braços deles e eles é que estão nos dela. Quando ela percebe que eles estão prestes a cair, invoca as próprias forças para ficar firme sobre os próprios pés. Porque é isso que fazem mulheres como Britt-Marie. Elas encontram forças quando precisam fazer algo pelos outros.

— Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe, desculpe — diz Vega, ofegante.

— Shhhh — sussurra Britt-Marie e balança a menina e Omar nos braços.

— Desculpe por ter chamado você de velhota — Vega soluça.

— Certamente não é nada que eu já não tenha ouvido — diz Britt-Marie para acalmá-la.

Com delicadeza, ela coloca as crianças para sentar em duas cadeiras. Passa cobertores em volta delas e prepara chocolate quente com cacau de verdade, porque era o que os filhos de Kent costumavam querer quando acordavam no meio da noite, depois de terem pesadelos terríveis. É verdade que a qualidade do cacau é um tanto duvidosa, porque Alguém se gaba de que é “quase cacau, é! Da

Ásia!”, mas, de todo modo, as crianças estão abaladas demais para se preocuparem com isso.

Omar gagueja insistentemente que eles precisam encontrar Sami, e Vega liga repetidas vezes para o celular do irmão mais velho. Britt-Marie tenta tranquilizá-los dizendo que tem certeza de que Sami não tem nada a ver com o assalto, e nesse momento as duas crianças a encaram boquiabertas e Omar cochicha:

— Você não está entendendo. Quando Sami descobrir que o Psicopata apontou uma arma pra nós, vai procurar ele pra matar. Precisamos encontrar Sami!

Mas Sami não está atendendo. As crianças ficam cada vez mais assustadas. Britt-Marie as enrola melhor nos cobertores e prepara mais chocolate quente. Depois faz o que pode fazer. O que ela sabe. Pega uma vassoura, um esfregão, bicarbonato de sódio, varre todos os cacos de vidro e esfrega o chão.

Quando termina com isso, ela se coloca ao lado da caixa registradora, aguentando com todas as suas forças para não desmaiar. Alguém entrega a ela um comprimido para dor de cabeça e outra cerveja. Os homens de boné e barba levantam-se da mesa, levam as xícaras de café para o balcão e colocam-nas em silêncio diante de Britt-Marie. Depois tiram o boné, baixam os olhos para os jornais e começam a folhear, até que descobrem o que procuram e entregam devidamente a Britt-Marie.

Os suplementos de palavras cruzadas.

Britt-Marie não sabe se é a voz de Kent ou de Sven que ela ouve primeiro.

Sven aparece porque Vega telefonou para ele. Kent aparece porque Omar ligou para ele.

A viatura e a BMW avançam pela área do estacionamento. Os dois homens entram aos tropeções, pálidos, param envergonhados depois que a porta se fecha e olham para a lâmpada fluorescente em pedaços no teto. Em seguida, olham fixamente para Britt-Marie. Ela vê o medo deles. Vê como estão assolados pela consciência pesada por não estarem ali para protegê-la na hora em que precisava. Ela vê o quanto isso é doloroso para eles, esta oportunidade perdida de ser seu herói. Eles engolem em seco. Parece que não sabem em que pé apoiam o corpo. Depois, por instinto, fazem o que quase todos os homens fariam nesta situação.

Começam a bater boca sobre quem é o culpado por tudo aquilo.

— Todo mundo está bem? — Sven pergunta primeiro, mas é interrompido por Kent, que aponta para a rua, esticando todo o braço, e ordena a todos:

— Agora vamos ficar calmos aqui até a polícia chegar!

Sven gira o corpo como um manequim ofendido.

— O que você acha que estou vestindo, seu yuppie de merda? Uma fantasia de Carnaval?

— Quero dizer a polícia de verdade, aquela que consegue *impedir* assaltos! — vocifera Kent.

Sven dá dois passos curtos e furiosos para a frente e empina o queixo.

— Claro, claro, você teria impedido com sua *carteira* se estivesse aqui!

A cara branca dos dois fica vermelha num instante. Britt-Marie nunca tinha visto Sven tão furioso assim e, a julgar pelas expressões faciais de Vega, Omar e Alguém, nenhum deles também viu. Kent, que logo sente que sua posição de liderança no ambiente está ameaçada, tenta elevar ainda mais a voz para assumir o controle da situação:

— Vocês estão bem, crianças? — pergunta ele a Omar e Vega.

— Não pergunte a eles se estão bem! Você nem mesmo *conhece* essas crianças! — diz Sven, interrompendo e empurrando furiosamente a mão de Kent, que ainda aponta, depois se vira para as crianças e aponta com todo o braço. — Vocês estão bem, crianças?

Vega e Omar acedem, confusos. Alguém tenta dizer algo, mas não tem a menor chance. Kent avança à frente de Sven aos empurrões e agita as palmas das mãos.

— Agora todo mundo se acalmando aqui para podermos chamar a polícia.

— Eu *estou bem aqui!*

Os ouvidos de Britt-Marie ainda estão zumbindo. Ela clareia a garganta e fala:

— Por favor, Kent. Por favor, Sven. Posso pedir a vocês que se acalmem...

Mas os homens não lhe dão ouvidos. Continuam a brigar e gesticular como se ela fosse algo que se pudesse desligar com um controle remoto.

Kent bufa alguma coisa sobre Sven, dizendo que ele não conseguiria “proteger a mão nem com uma luva”, e Sven bufa em resposta que ele tem certeza de que Kent é “muito corajoso dentro de sua BMW com as portas trancadas”. Kent grita que Sven não devia ficar tão cheio de si assim porque ele não passa de “um guardinha numa cidadezinha de merda”, e Sven grita então que Kent não deve pensar que pode simplesmente ir parar lá e “comprar a admiração das pessoas com cartões de visita e merdas desse tipo!”. No que Kent grita que “o garoto quer ser a porra de um empresário, é o que ele quer!”. E nisto Sven grita que “ser empresário não é um trabalho!”. No que Kent replica: “Ah, então você quer que ele seja policial, é isso? Hein? E que salário um policial leva para casa?” E aí Sven explode de raiva: “Temos dois e meio por cento de aumento por ano e eu tenho rendimentos muito bons com os fundos de pensão! Eu fiz um curso para isso!”

Britt-Marie tenta se intrometer entre eles, mas eles não dão por sua presença.

— Eu fiz um *currrrrso* — Kent o imita com desdém.

— Ei! É crime de desacato puxar o uniforme de um policial, droga! — grita Sven, e segura a camisa de Kent.

— Cuidado com a minha camisa! Tem ideia de quanto esta aqui custa?!

— Seu esnobe metido a besta, não admira que Britt-Marie tenha te abandonado!

— Me abandonado?! Você acha que ela vai ficar aqui com *você*, com o glorioso guardinha de segurança?!

Britt-Marie agita os braços o máximo que pode na frente deles, tentando fazer com que a enxerguem.

— Por favor, Kent! Por favor, Sven! Parem agora! Acabei de limpar o chão!

Mas é inútil, porque cada um dos homens esticou seu respectivo braço direito para dar uma chave no pescoço do outro e eles começaram a se embolar em uma dança ofegante e suada, e segundos depois, com um forte estrondo, a porta da pizzeria se quebra em lascas de madeira quando os dois homens caem por cima dela como ursos bêbados. Eles aterrisam formando uma pilha indecorosa sobre

as lascas e, ao fazerem isso, parecem chamar ainda mais atenção para suas imperfeições físicas.

Britt-Marie sai correndo e encara os dois. Eles olham para ela e fazem um repentino silêncio ao tomarem consciência dos problemas que causaram.

Kent tenta se levantar primeiro.

— Querida, você pode ver por si mesma, não pode? O sujeito é um rematado idiota!

— Ele é que começou! — Sven protesta de imediato, colocando-se de pé ao lado de Kent.

E é nessa hora que Britt-Marie fica farta. Farta de toda aquela história. Gritaram na cara dela, foi empurrada e ameaçada com uma arma, e agora precisa limpar o chão mais uma vez por causa das lascas de madeira por toda a pizzaria. Já chega.

Eles não a ouvem na primeira, na segunda, nem na terceira vez. Mas então ela enche os pulmões de ar e diz com a maior ênfase possível:

— Gostaria de pedir que vocês fossem embora.

Como eles ainda não a escutam, ela faz algo que não faz há vinte anos, desde que uma de suas flores foi soprada da varanda pelo vento. Ela grita.

— *Saiam daqui! Vocês dois!*

A pizzaria fica num silêncio ainda maior do que ficaria mesmo que um novo assaltante à mão armada tivesse entrado. Kent e Sven ficam ali de boca aberta, soltando ruídos que provavelmente teriam sido palavras se eles fechassem a boca entre uma sílaba e outra. Britt-Marie crava os saltos dos sapatos ainda mais no chão e aponta para a porta quebrada.

— Saiam daqui. Agora.

— Mas, pelo amor de Deus, queri... — Kent começa a falar, mas Britt-Marie corta o ar com a mão com o curativo no que pode ser classificado como uma nova forma de arte marcial que o silencia abruptamente.

— Você podia ter perguntado como machuquei a mão, Kent. Podia ter perguntado, porque assim eu teria acreditado que você realmente se importava.

— Eu pensei: bem, o que é isso, querida, eu pensei que você tivesse prendido a mão no lava-louça ou alguma merda dessas... sabe como é. Não achei que fosse alguma coisa séri...

— Porque você não perguntou!

— Mas... querida... não fique tão irritada... — gagueja Kent.

Sven estufa o peito para ele.

— Exatamente! Exatamente! Saia daqui, seu yuppie de merda, Britt-Marie não quer você aqui! Você não enten... — ele começa a dizer, transbordando autoconfiança.

Mas a mão de Britt-Marie corta o ar na frente dele e assim ele recua perdendo o apoio dos pés.

— E você, Sven! Não diga o que eu sinto! Você não me conhece! Nem eu me conheço muito bem, porque este certamente não é o comportamento normal para mim!

Em algum lugar nas instalações, Alguém se esforça para reprimir o riso. Vega e Omar parecem estar tomando notas para jamais esquecerem de nenhum detalhe. Britt-Marie se recompõe e ajeita o cabelo, espana algumas lascas de madeira da saia, depois coloca delicadamente a mão com o curativo por cima da outra e esclarece num tom absolutamente ponderado:

— Agora vou limpar aqui. Boa tarde aos dois.

A sineta no alto da porta tilinta fraca e desanimada depois da passagem de Kent e Sven. Eles ficam um bom tempo do lado de fora gritando “Viu o que você fez?” um para o outro. Depois tudo fica em silêncio.

Britt-Marie começa a limpar.

Alguém e as crianças se escondem na cozinha até que ela tenha terminado. Elas nem se atrevem a rir.

É preciso admitir que não é culpa dos dois policiais, de fato não é.

Eles vieram da cidade para Borg e só estão tentando fazer o seu trabalho da melhor maneira possível.

No entanto, é possível que Britt-Marie só esteja sendo um pouco irascível. É assim que ficamos quando as pessoas atiram em nós.

— Entendemos que esteja em choque, mas precisamos que nossas perguntas sejam respondidas — um dos policiais tenta explicar.

— E eu entendo que vocês não estão nem um pouco preocupados em pisarem com sapatos enlameados num chão que acabou de ser limpo, vejo isso bem. Não deve ser problema nenhum para vocês.

— Já pedimos desculpas por isso. Sinceras desculpas. Mas, como já explicamos várias vezes, precisamos interrogar todas as testemunhas na cena — o outro policial tenta dizer.

— Minha lista foi destruída.

— O que quer dizer?

— Você pediu meu testemunho. Minha lista está destruída. Nada disso estava em minha lista quando saí de casa hoje de manhã, e agora toda a minha lista está desorganizada.

— Não foi isso que quisemos dizer — fala o primeiro policial.

— A-ha. Então agora meu testemunho também está errado, é?

— Precisamos saber se você deu uma boa olhada no perpetrador — o outro policial tenta dizer.

— Gostaria de informar a vocês que tenho uma visão perfeita. Falei com meu optometrista sobre isso. Ele é um excelente profissional, vocês devem entender. Muito bem-criado. Ele não anda pelos lugares com lama nos sapatos.

Os policiais soltam suspiros sincronizados. Britt-Marie suspira também, muito sugestivamente.

— Seria de grande ajuda para nós se você pudesse descrever o perpetrador — pede um dos policiais.

— É claro que posso fazer isso — sibila Britt-Marie.

— E como você o descreveria?

— Ele tinha uma pistola!

— Mas você não se lembra realmente de mais nada? Alguma característica que o distinguísse?

— Uma pistola não é uma característica que distingue? — pergunta Britt-Marie.

É neste momento que a polícia decide voltar para a cidade.

Britt-Marie limpa o chão novamente. Com tanta força que no fim Alguém precisa fazer com que ela pare.

— Cuidado com o esfregão, Britt-Marie, esfregão caro, pelo amor de Deus!
— Ela sorri.

Britt-Marie não acha que aquele é o melhor dia para se ficar rodando numa cadeira, sorrindo para as pessoas, certamente que não acha. Mas Alguém cuida para que ela beba sua cerveja e coma um pedaço de pizza e depois lhe entrega as chaves de seu carro.

— Eu tive a nítida impressão de que o carro ainda não tinha sido consertado!
— solta Britt-Marie.

Alguém dá de ombros, envergonhada.

— Ah, sabe como é. Está pronto há vários dias, é, mas... sabe como é.

— Não. Eu certamente não sei de nada.

Alguém esfrega as mãos no colo, sentindo-se culpada.

— O carro está pronto há muitos dias. Mas se Britt não tem carro, não pode sair dirigindo e deixar Borg, né?

— Então você vem me enganando esse tempo todo? Mentiu na minha cara?
— diz Britt-Marie com um tom magoado.

— Sim — admite Alguém.

— Posso saber por que fez isso?

Alguém dá de ombros.

— Eu gosto de você. Você é, como se diz mesmo? Um sopro de ar fresco!
Borg é chata sem Britt, tá?

Britt-Marie não tem à mão uma resposta particularmente boa para isso, é preciso dizer. Assim, Alguém pega outra cerveja e fala, como que ao acaso:

— Mas sabe, Britt, deixa eu te fazer uma pergunta: o que você acha de um carro azul?

— O que quer dizer com isso? — Britt-Marie pergunta num arquejo.

Depois elas passam um bom tempo no campo de futebol, discutindo a respeito disso, porque Alguém insiste muito em explicar que ela poderia, sem problema algum, pintar o carro de Britt-Marie com a mesma cor da nova porta azul. Não

seria problema nenhum. Na verdade, Alguém tem certeza quase absoluta de haver registrado um serviço de pintura na autoridade local.

No fim, Britt-Marie fica tão afetada com tudo isso que pega seu bloco e rasga a lista do dia inteiro, começando uma inteiramente nova. Ela nunca fez isso em toda a vida, mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

Ela volta a pé por Borg com Vega e Omar, porque Britt-Marie a essa altura consumiu meia lata de cerveja, o que significa que está fora de cogitação para ela subir ao volante. Ainda mais de um carro que tem uma porta azul. O que os outros vão pensar? Omar fica em absoluto silêncio até eles chegarem em casa, o que representa mais minutos de silêncio do que Britt-Marie já ouviu dele desde que eles se conheceram.

Vega liga insistentemente para Sami, sem ter resposta alguma. Britt-Marie tenta convencê-la de que Sami talvez não tenha tomado conhecimento do assalto, mas Vega diz a ela que ali é Borg. Todo mundo sabe de tudo sobre todo mundo em Borg. Então Sami sabe e não está atendendo o telefone porque está ocupado tentando localizar o Psicopata para matá-lo.

Nessas circunstâncias, Britt-Marie não tem coragem de deixar as crianças sozinhas, assim ela sobe ao apartamento com elas e começa a preparar o jantar. Elas jantam exatamente às seis horas. As crianças comem fitando os pratos, como fazem as crianças que aprenderam a esperar pelo pior. Quando o telefone de Britt-Marie toca pela primeira vez, elas têm um sobressalto, mas é apenas Kent, e Britt-Marie não atende. Quando Sven liga um minuto depois, ela também não atende, e quando a garota da agência de empregos liga três vezes seguidas, ela desliga o aparelho.

Vega liga para Sami mais uma vez. Não obtém resposta. É quando ela começa a lavar a louça, sem que ninguém tenha pedido, e então Britt-Marie percebe que a situação é de fato grave.

— Estou certa de que não aconteceu nada de grave — diz Britt-Marie.

— E como você pode saber disso? — diz Vega.

Omar resmunga da mesa:

— Sami nunca se atrasa pro jantar. Ele é o louco do jantar.

Depois ele leva seu prato para o lava-louça. Voluntariamente. E é nessa hora que Britt-Marie entende que algo extremamente drástico precisa ser feito, e assim se concentra em inspirar e expirar meia dúzia de vezes, depois dá um abraço forte nas crianças e fica ali. Quando elas caem aos prantos, ela faz o mesmo.

Quando a campainha por fim soa, todos se atropelam para abrir a porta. Ninguém pensa nem por um momento que fosse Sami voltando, ele simplesmente teria aberto a porta com a própria chave, e assim, quando eles puxam a maçaneta da porta e descobrem o cachorro branco sentado do lado de fora, Omar fica decepcionado, Vega fica furiosa e Britt-Marie, ansiosa. Porque estas parecem ser as emoções mais básicas na vida deles.

— Você não pode entrar com as patas sujas — Britt-Marie informa ao cachorro.

O cachorro olha para as patas e parece subjugado por uma falta de autoconfiança.

Ao lado dele está Bank e, ao lado dela, Max, Ben, Dino e Sapo.

Bank aponta sua bengala, cutucando delicadamente a barriga de Britt-Marie.

— Oi, Rambo!

— Que ousadia a sua! — protesta por instinto Britt-Marie.

— Você assustou o ladrão — explica Sapo. — Como Rambo. Isso significa que você tem um puta sangue-frio!

Pacientemente, Britt-Marie coloca a mão com o curativo sobre a outra e volta os olhos para Ben. Ele sorri e assente, encorajadoramente.

— Isso é, tipo, uma coisa boa.

Britt-Marie absorve esta informação, depois seus olhos vagam por todos eles até Bank.

— Ha, obrigada. Muita gentileza sua dizer isso.

— Não há de quê — resmunga Bank com impaciência e faz um gesto para o pulso, como se usasse um relógio: — E o treino?

— Que treino? — pergunta Britt-Marie.

— O treino! — responde Max, que está com sua camisa do time de hóquei nacional e se mexendo pra lá e pra cá como se precisasse ir ao banheiro.

Britt-Marie se balança dos calcanhares à ponta dos dedos, pouco à vontade.

— Imaginei que fosse evidente que o treino foi cancelado. Em vista das circunstâncias.

— Que circunstâncias?

— O assalto, meu caro.

Max dá a impressão de forçar muito o cérebro para esclarecer que relação pode haver entre essas duas coisas distintas. Depois chega à única conclusão lógica possível:

— O ladrão roubou a bola?

— Como disse?

— Se ele não roubou a bola, ainda podemos jogar, não é?

O grupo reunido no patamar leva em consideração esta conclusão, e como nenhum deles parece capaz de pensar em uma linha racional de argumento que se oponha a ela, não há muito mais a fazer.

Então eles vão jogar. No pátio na frente do prédio, entre a lixeira e o bicicletário, usando três luvas e um cachorro como traves.

Max derruba Vega quando ela está prestes a marcar um gol e ela desfere dois golpes nele com os punhos. Ele recua. Ela grita:

— Não toque em mim, riquinho! — Todos voltam a suas posições. Omar evita a bola como se fosse assustadora para ele.

O carro preto para na rua assim que Sapo acerta o focinho de uma das traves pela terceira vez e ela se recusa a continuar participando. Omar corre para os braços de Sami e Vega se vira e anda a passos firmes para casa sem dizer nada.

A trave agora está recebendo alguns doces do bolso de Bank e carinho atrás das orelhas enquanto Sami se aproxima.

— Oi, Bank — diz ele.

— Você o encontrou? — pergunta Bank.

— Não — responde Sami.

— Que sorte do Psicopata! — grita Sapo todo animado, fazendo arminha com o polegar e o indicador, depois interrompendo esta atividade quando Britt-Marie o olha como se ele se recusasse a usar porta-copos.

Bank cutuca a barriga de Sami com a bengala.

— Sorte do Psicopata. Mas sorte principalmente sua, Sami.

Ela vai para casa com Max, Dino, Sapo e Ben a reboque. Antes de eles virarem a esquina, Ben para e grita para Britt-Marie:

— Você ainda vai amanhã, não vai?

— Vou aonde? — Britt-Marie quer saber e é recebida por uma encarada coletiva do grupo, como se ela tivesse enlouquecido.

— À Copa! Amanhã é a Copa! — grita Max.

Britt-Marie espana a saia para que eles não vejam que ela tem os olhos fechados e está sugando as bochechas.

— Ha. Ha. Evidentemente que vou. Evidentemente.

Ela não diz nada que este será seu último dia em Borg. Eles também não falam nada.

Ela fica sentada na cozinha até Sami sair do quarto de Vega e Omar.

— Eles estão dormindo — diz ele com um sorriso um tanto forçado.

Britt-Marie se levanta, recompõe-se e informa a ele com frieza:

— Não quero me meter, porque certamente não sou do tipo de gente que faz isso, mas se for verdade que você pretendia tirar a vida desse tal de Psicopata

esta noite por causa de Vega e Omar, gostaria de esclarecer que não é condizente com um cavalheiro andar por aí tirando a vida das pessoas.

Ele ergue as sobrancelhas. Ela aperta os dedos na bolsa.

— Não sou um cavalheiro — diz ele com um sorriso.

— Não, mas pode se tornar um!

Ele ri. Ela não. Ele para de rir.

— Ah, deixa disso, eu não poderia matá-lo. Ele é meu melhor amigo. Ele só é doente pra caralho da cabeça, está entendendo? Ele deve dinheiro às pessoas. Ao tipo de gente errado. Então, está desesperado. Ele achava que Vega e Omar não estariam lá.

— Sei — diz Britt-Marie.

— Não quero dizer com isso que você não seja importante também! — Sami se corrige. — Desculpe. Preciso de um cigarro — diz Sami com um suspiro, e só então Britt-Marie nota que as mãos dele estão tremendo.

Ela vai com ele para a varanda, tossindo discretamente, sem querer demonstrar isso. Ele sopra a fumaça para longe dela e se desculpa:

— Perdão, a fumaça incomoda você?

— Gostaria de perguntar se você tem mais um cigarro — diz Britt-Marie sem piscar um olho.

Ele começa a rir.

— Não pensei que você fosse fumante.

— Certamente que não sou — diz ela, na defensiva. — Só tive um dia difícil.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele sorri com malícia, entregando a ela um cigarro e o acendendo.

Ela tira tragos curtos e superficiais. Fecha os olhos.

— Gostaria que soubesse que certamente você não é o único com tendências a ter uma vida rebelde e irresponsável. Eu fumei muitos cigarros em minha juventude.

Ele dá uma sonora gargalhada e ela sente que ele está rindo dela, e não com ela, e assim continua para esclarecer sua declaração:

— Por um período de minha juventude, eu de fato cheguei a ter um emprego de garçonele!

Ela assente com ênfase, só para salientar que não está tirando aquelas coisas todas da própria cabeça, de jeito nenhum. Sami parece impressionado e indica para ela se sentar em um dos engradados de bebidas virado de cabeça para baixo.

— Quer um uísque, Britt-Marie?

Obviamente o bom senso de Britt-Marie parece estar trancado em algum lugar, porque de súbito Britt-Marie se ouve dizendo:

— Sim, claro que sim. Sabe de uma coisa, Sami? Eu adoraria um uísque agora!

E assim eles bebem uísque e fumam. Britt-Marie tenta fazer anéis de fumaça, porque se lembra de que desejava saber fazê-los na época em que trabalhou como garçoneiro. Os chefs sabiam fazer. Parecia tão relaxante.

— Meu pai não nos abandonou, nós é que o enxotamos daqui, eu e Magnus — Sami conta a ela sem preâmbulo algum.

— Quem é Magnus?

— Ele prefere “Psicopata”, as pessoas não ficam tão assustadas com “Magnus” — diz Sami com um sorriso.

— Ha — diz Britt-Marie, só que na verdade é mais um “hã?” do que um “ha”.

— Meu pai batia na minha mãe sempre que bebia. Ninguém sabia disso, entende, mas uma vez Magnus foi me pegar para ir ao treino de futebol quando éramos pequenos e ele nunca tinha visto nada parecido. Ele vem de uma família nuclear certinha, o pai trabalhava numa seguradora e dirigia um Opel, esse tipo de coisa. Mas ele... eu não sei, porra. Ele viu eu me meter entre minha mãe e meu pai, e eu levei uma surra do meu pai, como sempre, e aí, do nada, Magnus estava parado lá gritando, com uma faca na garganta do meu pai. E acho que na época eu não entendia o que passei a entender, que nem todas as crianças viviam como nós. Nem todas as crianças tinham medo sempre que iam pra casa. Omar chorava. Vega chorava. Assim, sabe como é... parecia que aquilo já tinha sido o suficiente. Entende o que quero dizer?

Britt-Marie tosse a fumaça pelo nariz. Sami dá alguns tapinhas prestativos nas costas dela e vai pegar um pouco de água. Depois fica de pé junto da grade da varanda, olhando pela beira como se ele medisse a distância até o chão.

— Magnus ajudou a expulsar meu pai. Não se encontram amigos assim em qualquer lugar.

— Onde está sua mãe, Sami?

— Só está longe por um tempo, ela vai voltar logo — tenta Sami.

Britt-Marie se recompõe e aponta para ele com o cigarro de um jeito ameaçador.

— Eu posso ser muita coisa, Sami, mas não sou idiota.

Sami esvazia o copo. Coça a cabeça.

— Ela morreu — ele admite por fim.



Exatamente quanto tempo Britt-Marie leva para entender com absoluta clareza toda a história, ela não saberia dizer. A noite caiu em Borg e ela acha que deve

estar nevando. Quando o pai de Sami, Vega e Omar foi embora, a mãe deles passou a trabalhar mais dirigindo caminhões para a transportadora. Ano após ano. Quando a transportadora demitiu todos os motoristas, ela começou a trabalhar para empresas estrangeiras, sempre que conseguia encontrar uma. Ela dava o máximo de si. Ano após ano, como fazem as mães. Certa noite, ela ficou presa num engarrafamento, atrasou-se e sua bonificação estava em jogo. Então, ela dirigiu a noite toda debaixo de um clima adverso, com um caminhão que era velho demais. Ao amanhecer, ela topou com um carro vindo na direção contrária, o motorista distraiu-se pegando o celular e de repente descambou para o lado errado da estrada. Ela deu uma guinada para evitar o choque, os pneus do caminhão perderam a aderência na estrada molhada e a coisa toda virou. Houve um dilúvio de sangue e vidro, e três crianças sentadas esperando a 3.200 quilômetros de distância pelo barulho de uma chave na porta de casa.

— Ela era uma mãe boa pra cacete. Era uma guerreira — sussurra Sami.

Britt-Marie precisa se servir de outra dose antes de conseguir falar.

— Eu lamento muito, muito mesmo, Sami.

Pode parecer insignificante e menos do que se pode esperar. Mas é só o que ela consegue.

Sami faz um carinho no braço dela de um jeito compreensivo, como se ele é que a estivesse consolando, não o contrário.

— Vega tem medo, embora aparente ter raiva. Omar tem raiva, embora aparente ter medo.

— E você?

— Não tenho tempo para sentimentos, preciso cuidar deles.

— Mas... como... quer dizer... as autoridades — começa Britt-Marie, em um tumulto de pensamentos desconexos.

Sami acende outro cigarro para ela, depois outro para ele.

— Nunca informamos a ninguém que meu pai deu o fora. Ele deve estar em algum lugar fora do país, mas ainda está registrado neste endereço. Temos sua antiga carteira de habilitação e um dia Omar subornou um motorista de caminhão no posto de gasolina para ir à polícia na cidade fingindo ser ele para assinar uma papelada. Recebemos uns dois mil do seguro da mamãe. Ninguém nunca perguntou nada a respeito disso.

— Mas você não pode simplesmente... meu Deus, Sami, isto não é as aventuras de *Pippi Meialonga*! Quem vai cuidar das crianças...

— Eu vou. Vou cuidar delas — diz ele simplesmente, interrompendo-a.

— Por... quanto tempo?

— O máximo que eu puder. Sei que eles podem descobrir tudo muito em breve, não sou idiota. Mas só preciso de algum tempo, Britt-Marie. Só um

pouco. Tenho planos. Só preciso mostrar que posso sustentá-los financeiramente, entendeu? Se não, eles vão pegar Vega e Omar e colocar numa merda de orfanato qualquer. Não posso permitir que façam isso. Não sou do tipo que apenas dá as costas.

— Eles podem deixar que você cuide das crianças. Se você explicar exatamente como aconteceu, eles podem...

— Olhe só pra mim, Britt-Marie. Fichado na polícia, desempregado e com amigos como o Psicopata. Você deixaria que eu cuidasse de duas crianças?

— Podemos mostrar a eles sua gaveta de talheres! Podemos explicar que você tem potencial para se tornar um cavalheiro!

— Obrigado — diz ele, e coloca a mão no ombro dela.

Ela se encosta nele.

— E Sven? Ele sabe de tudo?

Sami passa a mão no cabelo dela para acalmá-la.

— Foi ele que recebeu a ligação internacional da polícia que encontrou o caminhão. Ele veio aqui para dar a notícia. Chorava tanto quanto a gente. É como ter um pai no exército, quando sua mãe é motorista de caminhão. Se alguém fardado bate na sua porta, você já sabe do que se trata.

— Então... Sven...

— Ele sabe de tudo.

Os olhos de Britt-Marie piscam com força enquanto estão fixos na camisa dele. É uma coisa curiosa de se fazer. Uma mulher madura na varanda de um jovem, no meio da noite, desse jeito. O que as pessoas pensariam?

— Eu achava que uma pessoa se tornava policial porque acreditava em leis e regulamentos.

— Acho que Sven tornou-se policial porque acredita na justiça.

Britt-Marie endireita o corpo. Enxuga o rosto.

— Vamos precisar de mais uísque. E se não for incômodo demais, eu gostaria de pedir um frasco de limpa-vidros também.

Depois de refletir consideravelmente, ela acrescenta:

— Na atual circunstância, posso me ver aceitando uma marca qualquer.

Britt-Marie acorda com uma dor de cabeça das mais espetaculares. Está deitada em sua cama, na casa de Bank. Um vizinho parece estar furando a parede. Todo o quarto gira quando ela se levanta. Ela está transpirando, sente dor no corpo e a boca está impregnada de um sabor amargo e penetrante. Evidentemente, Britt-Marie é uma mulher com certa experiência de vida, assim ela entende de imediato seu estado. Um dia depois de ter bebido mais álcool na casa de Sami do que a soma total do que bebeu nos últimos quarenta anos, só pode haver uma conclusão lógica:

— Peguei uma gripe! — explica ela a Bank com um certo tom de conhecedora, quando desce para a cozinha.

Bank está preparando bacon e ovos. O cachorro fareja o ar e se afasta um pouco de Britt-Marie.

— Você está cheirando a bebida — declara Bank, tentando esconder sua ironia, sem muito sucesso.

— É isso mesmo. E evidentemente é por isso que me sinto assim hoje — diz Britt-Marie, concordando.

— Pensei que tivesse dito que pegou uma gripe — diz Bank.

Britt-Marie assente prestimosamente.

— Mas, minha cara, é justamente o que estou dizendo! É a única explicação lógica. Beber álcool derruba o sistema imunológico, você precisa entender. Por isso eu peguei a gripe.

— É gripe, então, tudo bem — resmunga Bank, colocando os ovos na mesa para Britt-Marie.

Britt-Marie fecha os olhos, contendo a náusea, e dá os ovos para o cachorro. Bank bota um copo de água gelada na frente dela. Britt-Marie bebe. A gripe deixa as pessoas desidratadas, ela leu sobre isso em algum lugar.

— Os nossos filhos, meus e de Kent, ficavam doentes o tempo todo. Se não era uma coisa, era outra... mas, quanto a mim, nunca adoeci. “Britt-Marie, você é saudável como uma semente de noz!” É o que meu médico sempre diz, é verdade!

Como nem Bank, nem o cachorro respondem, Britt-Marie respira fundo e seus olhos piscam desanimados. Suas palavras parecem ter perdido o oxigênio quando ela se corrige:

— Os filhos de Kent, eu quis dizer.

Ela toma água em silêncio. O cachorro e Bank comem os ovos. Eles vão com ela para encontrar o time de futebol, porque Britt-Marie não é o tipo de mulher que falta ao trabalho só porque se gripou. O cachorro dá um salto impetuoso para desviar-se do canteiro de flores na frente da casa porque fede como se alguém tivesse vomitado ali durante a noite.

Alguém está sentada do lado de dentro da porta quebrada da pizzaria, tomando café, quando elas chegam. Ela faz uma careta quando Britt-Marie chega perto demais e Britt-Marie faz uma cara ainda mais feia.

— Está fedendo aqui. Andou fumando aqui dentro? — pergunta ela, quase com um tom de acusação.

Alguém torce o nariz.

— E você, Britt? Você esteve, como se diz mesmo? Num incêndio e tentou apagar com uísque?

— Devo informá-la de que peguei uma gripe — Britt-Marie bufa.

Bank cutuca a cadeira de rodas de Alguém com a bengala.

— Agora pare com isso e dê um Bloody Mary a ela.

— O que é isso? — pergunta Britt-Marie com o maior ânimo de que é capaz.

— Ajuda para curar a... gripe — resmunga Bank.

Alguém desaparece na cozinha e volta com um copo cheio do que parece suco de tomate. Britt-Marie toma um gole com ceticismo e depois cospe a bebida no cachorro. Ele não parece nada satisfeito com isso.

— Isso tem gosto de *pimenta*! — reclama Britt-Marie.

O cachorro vai se sentar no cascalho, se colocando com cuidado a favor do vento. Bank estende a bengala com o braço esticado para ficar fora do alcance do cuspe. Alguém franziu o cenho e pega um pano para limpar a mesa entre elas, enquanto resmunga:

— Não sei que gripe você tem, Britt, mas me faça um favor, tá, como se diz mesmo? Não acenda um fósforo perto do seu bafo antes de escovar os dentes, tá? A pizzaria não tem seguro contra incêndio, sabe como é.

Britt-Marie certamente não tem ideia do que isso pode significar. Mas pede desculpas educadas a Alguém e a Bank e explica que tem algumas coisas para fazer no centro recreativo e na verdade não pode ficar ali a manhã toda se queixando e se preocupando com tudo. Depois segue rapidamente pela área do estacionamento, procura andar de um jeito controlado até o banheiro do centro recreativo e tranca a porta depois de entrar.

Quando ela sai, Sven está agachado perto da porta da pizzaria, reinstalando as dobradiças. Ele se coloca de pé, atrapalhado, e tira o quepe quando a vê. Há uma caixa de ferramentas aos pés dele. Ele tenta sorrir.

— Eu só pensei que, bom, que podia consertar a porta. Pensei...

— Ha — diz Britt-Marie, e olha as lascas de madeira em volta dos pés dele.

— Sim, quer dizer, vou limpar aqui. Foi... eu, quer dizer, me desculpe!

Ele dá a impressão de que esta última parte se refere a coisas muito mais importantes do que lascas de madeira. Ele sai do caminho e ela passa se esquivando. Prendendo a respiração, embora tenha escovado os dentes.

— Eu, quer dizer, peço desculpas por ontem — diz ele às costas dela, com ar de tristeza.

Ela para sem se virar. Ele dá um pigarro.

— Quer dizer, nunca foi minha intenção fazer você se sentir... como se sentiu. Eu jamais quis ser o responsável por você se sentir... daquele jeito.

Ela fecha os olhos e assente. Espera até que seu bom senso silencie a parte dela que deseja ser tocada por ele.

— Vou pegar o aspirador de pó — ela sussurra depois disso. Sabe que ele está olhando enquanto ela se afasta. Seus passos ficam desajeitados, como se tivesse se esquecido de como se anda sem colocar um pé na frente do outro. Todas as suas palavras para ele são como estar em um hotel, novas, curiosas e tateando hesitantes à procura de interruptores de luz na parede, acendendo repetidamente luzes diferentes das que ela quer ligar.

Alguém vem rodando atrás dela na cozinha, onde ela está abrindo o armário de vassouras para pegar o aspirador de pó da pizzaria.

— Toma. Chegou pra você.

Britt-Marie olha o buquê nas mãos de Alguém. Tulipas. Roxas. Britt-Marie adora tulipas roxas, na mesma medida em que Britt-Marie consegue adorar qualquer coisa quando não a vê como uma explosão imprópria de emoções. Com ternura, ela segura o buquê nas mãos e faz o máximo que pode para não estremecer. “Eu te amo”, diz o cartão. De Kent.

A gente leva muitos anos para conhecer um ser humano. Uma vida inteira. É o que faz de uma casa um lar.

Em um hotel, você é apenas uma visita de passagem. Hotéis não conhecem suas flores preferidas.

Ela enche os pulmões com tulipas; durante uma longa inalação, está lá mais uma vez, junto de seu próprio corredor de pratos, seu próprio armário de vassouras e dos tapetes cujo paradeiro ela conhece porque ela própria os colocou lá. Camisas brancas, sapatos pretos e uma toalha molhada no chão do banheiro. Todas as coisas de Kent. Todas as coisas-Kent. Não se podem reconstruir coisas assim. Você acorda certa manhã e percebe que está velha demais para se registrar em um hotel.

Ela não olha nos olhos de Sven quando volta da cozinha. Fica agradecida porque o ruído do aspirador de pó está tragando todas as coisas que não devem ser ditas.

E então chegam Vega, Omar, Ben, Sapo e Dino, exatamente no horário, e Britt-Marie se ocupa em entregar-lhes seus uniformes recém-lavados. Vega olha de um jeito inquiridor para Britt-Marie e pergunta se ela está de ressaca, porque ela parece estar de ressaca, diz a menina. Britt-Marie deixa claro de todas as formas possíveis que certamente não está com nada disso, que apenas pegou uma gripe.

— Ah. Esse tipo de gripe. Sami também estava assim hoje de manhã. — Omar ri.

O primeiro leve tilintar da amigável sineta acima da porta, depois que Sven a conserta, soa quando os homens de barba e boné entram para beber café e ler os jornais. Porém, um deles pergunta quando vai começar a primeira partida, e quando Omar lhes conta, os homens olham seus relógios de pulso. Como se pela primeira vez em séculos eles tivessem um compromisso a que comparecer.

O segundo tilintar da sineta no alto da porta soa quando duas mulheres idosas com andadores passam se arrastando pela soleira.

Uma delas crava os olhos em Britt-Marie e aponta para ela.

— Eivoxeki trena oxgaurotos?

Britt-Marie não saberia dizer se aquilo são palavras ou apenas sons. Vega se curva para a frente e cochicha:

— Ela está perguntando se você é a nossa treinadora.

Britt-Marie faz que sim sem tirar os olhos da ponta do dedo da velha, como se ela estivesse prestes a abrir fogo. Com esta confirmação, a velha pega uma sacola de uma pequena prateleira embaixo do punho do andador e coloca nos braços de Britt-Marie.

— Frulta puxgaurotos!

— Ela diz que é fruta para os meninos do time — Vega traduz.

— Ha. Gostaria de informá-la de que também tem uma menina no time — informa Britt-Marie.

A velha a olha de cara feia. Depois olha feio para Vega e a camisa de futebol que ela veste. A outra velha abre caminho para a frente e grunhe alguma coisa para a primeira velha, e nisto a primeira velha aponta para Vega e olha feio para Britt-Marie:

— Eilatendetê frulta ekstra!

— Elas estão dizendo que eu devo ter fruta extra — diz Vega, satisfeita ao ouvir isto e pegando a sacola com Britt-Marie para olhar o que tem dentro.

— Ha — diz Britt-Marie, ajeitando freneticamente a saia de cada jeito possível em que consegue pensar.

Quando ergue os olhos novamente, as duas velhas estão tão perto dela que não dá para passar uma folha de papel A4 entre elas. As mulheres apontam para ela e Bank.

— Voxesxovens levamaxcrianças pamauditacitadi e dizeles kiBorg naum morreu! Naum tem ningueim morto aki! Dizisso puxfilhodaputa, ouviu beim?

— Ela está dizendo que você e Bank têm de nos levar pra cidade e dizer pros filhos da puta de lá que Borg não morreu — diz Vega, com a boca cheia de maçã.

Bank se coloca do outro lado de Britt-Marie, com um sorriso na cara.

— E ela chamou você de “jovem”, Britt-Marie.

Britt-Marie, que nunca foi chamada de “jovem” quando era nova, não consegue pensar no que dizer. Assim, ela dá um tapinha no andador de uma das mulheres, um tanto perdida, e fala:

— Ha. Então, obrigada. Obrigada por sua gentileza.

As mulheres grunhem e se arrastam para fora dali. Alguém pega as chaves do carro branco de porta azul e, entre uma mastigada e outra, Vega informa a Britt-Marie que elas precisam pegar Max no caminho.

— Ha. Tive a impressão de que você não gostava dele — diz Britt-Marie, surpresa.

— *Você também vai começar com isso agora?! —* grita Vega prontamente, e a maçã espirra de sua boca e ricocheteia entre as duas.

Omar dá uma gargalhada de zombaria. Vega o persegue até o estacionamento com maçãs e mangas que passam zunindo pela nuca dele.

Britt-Marie fecha os olhos e aperta as pálpebras com força até sua dor de cabeça recuar. Depois, nervosa, mexe nas chaves do carro, tosse baixo e as estende para Sven sem olhá-lo nos olhos.

— Não é apropriado dirigir um carro quando se tem uma... gripe.

Sven retira o quepe quando eles entram no carro. Ele nem precisa dizer que está fazendo isso por empatia. Ele não quer que Britt-Marie comece a se preocupar com o que os outros pensariam se ela fosse levada à competição de futebol por um policial. Ainda mais em um carro branco com uma porta azul.

Ele também não fala nada sobre o fato de haver consideravelmente mais passageiros e cachorros no carro do que é adequado, do ponto de vista legal e higiênico, em particular porque o cachorro e o Sapo precisam se sentar na mala, porque não há nenhum outro espaço disponível. No fim, ele observa timidamente que o carro precisa ser abastecido. E pergunta se ela gostaria que ele fizesse isso. Ela responde que certamente não há necessidade, porque pode

muito bem resolver essa parte ela mesma. É o carro dela, afinal, tenha ele uma porta azul ou não.

Depois ela fica parada com a mão cobrindo a outra na frente da bomba de gasolina por dez minutos. A porta traseira abre e Vega se arrasta do emaranhado de braços, pernas, chuteiras e cabeça de cachorro e vai se colocar ao lado dela, posicionando-se com cautela para bloquear a visão de Sven.

— É essa do meio — diz ela em voz baixa a Britt-Marie, sem que ela mesma encoste na bomba de gasolina.

Britt-Marie olha para Vega em pânico.

— Só pensei nisso depois que saí do carro, você precisa entender. Que eu não sei como se...

Sua voz falha. Vega tenta deixar seu peito o mais largo possível para que Sven não consiga ver nada pela janela. Ela estende o braço e toca na mão de Britt-Marie.

— Isso não importa, técnica.

Britt-Marie abre um leve sorriso e carinhosamente retira um fio de cabelo do ombro da camisa de Vega.

— Kent sempre abasteceu o carro. Foi sempre ele que... sempre foi ele.

Vega aponta para a bomba do meio. Britt-Marie segura a mangueira como se temesse que ela estivesse viva. Vega curva-se para a frente e abre a tampa do tanque.

— Quem ensinou tudo isso a você? — pergunta Britt-Marie.

— Minha mãe — diz Vega.

Depois ela sorri e assim é possível ver com mais clareza do que nunca que ela é irmã de Sami.

— Você não precisa torcer para o Liverpool desde o dia em que nasceu, técnica. Pode aprender isso quando fica adulta.

É o dia da Copa e de despedidas, e é o dia em que Britt-Marie coloca combustível no próprio carro. Ela seria capaz de escalar montanhas ou atravessar oceanos, bastava alguém pedir.

Britt-Marie não sabe exatamente em que momento o sol rompeu a eterna névoa cinzenta do céu de janeiro, mas parece estar se antecipando a nova estação. Borg de algum modo está diferente hoje. Eles passam de carro pela casa do Sapo, a que tem uma estufa do lado de fora. Uma mulher grávida está andando lá dentro. Eles passam por mais jardins, com mais pessoas neles, o que é profundamente estranho, agora que Britt-Marie se acostumou com a única rua de Borg sempre deserta. Alguns são jovens, alguns têm filhos, outros acenam para o carro. Um homem de boné está parado ali com uma placa na mão.

— Ele está colocando uma placa de “Vende-se”? — pergunta Britt-Marie.

Sven reduz a velocidade e acena para o homem.

— Ele a está retirando.

— Por quê?

— As coisas mudaram. Eles vão à Copa de futebol. Não querem mais ir embora, querem ver o que vai acontecer. Já faz algum tempo que alguém em Borg quer saber o que vai acontecer em breve.

O carro branco de porta azul atravessa Borg e só quando eles passam pela placa que anuncia estarem saindo dos limites da cidade é que Britt-Marie percebe que estão sendo seguidos por outros veículos. A história se lembrará disso como a primeira vez na vida em que houve um engarrafamento no trânsito de Borg.

Max mora em um dos casarões logo após os limites do vilarejo, em sua própria rua retirada e com janelas tão grandes que só podem ter sido colocadas ali por alguém que achava mais importante que as pessoas fossem capazes de olhar para dentro do que para fora. Sven explica a Britt-Marie que os moradores dali brigaram com a Câmara de Vereadores durante anos, com uma hostilidade crescente, para que fossem colocados sob a jurisdição da cidade, em vez de continuarem sendo parte de Borg. No momento seguinte, ele pisa no freio quando uma BMW vem saindo de ré, sem olhar, de uma garagem na extremidade da rua. Fredrik, de óculos de sol, está girando o volante como se precisasse de todo o esforço do mundo para fazer isso. Sven acena, mas a BMW passa disparando; podia muito bem tê-los atravessado.

— O babaca com limão no rabo — resmunga Vega, e sai do banco traseiro.

Britt-Marie também desce e a acompanha. Max abre a porta antes mesmo que elas tenham tocado a campainha, sai às pressas, parecendo estressado, e fecha a porta. Ainda está com o blusão de moletom com “Hockey” impresso no peito, mas tem uma bola de futebol debaixo do braço.

— Não precisa trazer a bola, Vega já colocou uma no carro — Britt-Marie informa a ele.

Max pisca sem compreender.

— Certamente vocês não precisam mais do que uma bola, não? — continua Britt-Marie.

Max olha para a bola. Olha para Britt-Marie.

— Precisam?

Como se esta fosse uma palavra que tivesse alguma relação com bolas de futebol.

— Bom, *eu* preciso usar o seu banheiro — Vega geme, andando com impaciência para a porta. A mão de Max segura seu ombro; ela a afasta com um tapa no mesmo instante.

— Você não pode! — diz ele, parecendo preocupado. — Desculpe!

Vega olha desconfiada para ele.

— Tem medo de que eu veja como é a merda da sua casa bacana? Acha que eu ligo se você é milionário?

Max tenta afastá-la da porta, mas ela é rápida demais; escapole do braço dele e entra. Ele corre atrás dela, depois os dois de repente param, ambos petrificados. Ela de boca aberta, ele de olhos fechados.

— Eu... mas o que aconteceu... cadê a sua mobília?

— Tivemos que vender — diz Max em voz baixa depois de um momento, fechando a porta sem olhar a sala.

Vega o olha de lado.

— Vocês não têm dinheiro nenhum?

— Ninguém tem dinheiro em Borg — diz Max, abrindo a porta e saindo na direção do carro.

— Então por que seu pai não vende a merda da BMW? — Vega grita para ele.

— Porque se ele fizer isso todo mundo vai saber que ele desistiu — diz Max com um suspiro e sobe no banco traseiro.

— Mas... o quê... — Vega começa a falar enquanto sobe atrás dele, até ser impedida por um forte empurrão de Omar.

— Para com isso, mana, você é o quê? Da polícia ou algo assim? Deixa ele em paz.

— Eu só quero sab... — ela protesta, mas Omar lhe dá outro empurrão.

— Deixa pra lá! Ele fala como um deles, mas joga futebol como um de nós. Entendeu? Deixa ele em paz.

Max não diz uma palavra no caminho para a cidade. Quando eles param na frente do centro de lazer, ele sai do banco traseiro com sua bola de futebol metida debaixo do braço, larga-a no asfalto e a chuta contra a parede com o que é praticamente o chute mais forte que Britt-Marie já viu ser dado em uma bola. Britt-Marie solta o cachorro e o Sapo da mala. Bank os acompanha para dentro. Dino, Omar e Vega vêm atrás. Sven vem na retaguarda. Britt-Marie conta todos eles várias vezes e tenta descobrir quem está faltando, depois ouve a voz de Ben, fraquinha e patética, de algum lugar lá pelo canto do banco traseiro.

— Desculpe, Britt-Marie. Não era minha intenção.

Como Britt-Marie não consegue localizar imediatamente a voz, ele fala:

— Eu nunca joguei numa Copa. Estou muito... nervoso. Eu não quis dizer nada quando a gente estava no posto de gasolina.

Britt-Marie ainda não tem certeza se consegue ouvir o que ele diz, e assim ela mete a cabeça dentro do carro. Vê a mancha escura em sua calça e o banco onde está sentado.

— Desculpe — diz ele, fechando os olhos com força.

— Ah... eu... sinto muito. Não se preocupe com isso! Vai sair tudo com bicarbonato de sódio! — Britt-Marie gagueja, e vai buscar uma roupa extra na mala do carro.

Porque é esse tipo de pessoa que ela se tornou em Borg, ela percebe. Alguém que vai a competições de futebol com roupas de reserva na mala do carro.

Ela segura a tela de bambu, cobrindo a janela do carro, enquanto Ben se troca ali dentro. Depois cobre o banco com bicarbonato de sódio. Leva a calça dele para o centro esportivo e passa uma água em uma pia de um vestiário.

Ele fica ao lado dela com um beicinho constrangido, mas seus olhos brilham, e quando ela termina, ele diz:

— Minha mãe vem me assistir hoje. Ela tirou o dia de folga no trabalho!

Pelo modo como ele fala, é como se o prédio em que eles estão fosse feito de chocolate.

As outras crianças estão chutando as duas bolas de futebol no corredor e Britt-Marie precisa exercer um autocontrole considerável para não sair às pressas e passar um sermão nelas sobre a impropriedade de se chutar bolas dentro dos lugares. Na verdade, até acha inadequado ter campos esportivos fechados, mas não pretende dar a impressão de que *ela* é que tem opiniões malucas sobre a questão, então guarda silêncio a respeito disto.

O centro esportivo possui uma arquibancada alta e um lance de escadas de igual altura, descendo até uma superfície retangular cheia de linhas coloridas

que correm de um lado para o outro, o que Britt-Marie supõe que seja onde serão jogadas as partidas de futebol. *Indoor*.

Bank reúne as crianças em uma roda no alto da escada e diz a elas coisas que Britt-Marie não entende, mas ela chega à conclusão de que é outra daquelas preleções de que todas elas gostam tanto.

Depois de ter terminado, Bank agita a bengala no ar na direção de onde ela deduz que Britt-Marie esteja parada, e fala:

— Há alguma coisa que você queira dizer antes da partida, Britt-Marie?

Britt-Marie não está preparada para uma eventualidade dessa, não está em sua lista, então ela segura firme a bolsa e pensa por um momento, antes de dizer:

— Acho importante que tentemos causar uma boa primeira impressão.

Ela não sabe exatamente a quem está dirigindo isso; é só algo que Britt-Marie considera uma boa regra geral na vida. As crianças olham para ela, com as sobrancelhas em alturas variadas. Vega continua comendo fruta da sacola e aponta com amargura para os espectadores na arquibancada.

— Uma boa impressão para quem? Essa gente? Eles nos odeiam, você não entende?

Britt-Marie precisa admitir que a maioria das pessoas na arquibancada, muitas vestindo camisas de futebol e cachecóis com o nome de seu próprio time, de sua própria cidade, olha para eles como quem olha para um estranho no metrô que acabou de espirrar na sua cara.

Na metade inferior da escada está o velhote do Conselho Municipal e a mulher da Associação de Futebol, os mesmos que fizeram uma visita a um treino em Borg alguns dias antes. A mulher parece preocupada, o velho tem os braços tomados de papéis e ao lado deles está um homem muito sério, com uma camisa de futebol que diz “Funcionário” e outra pessoa de cabelos compridos e blusão de moletom com o nome do time da cidade impresso de um lado e a palavra “*Coach*” do outro. Ele aponta para o time de Borg e grita algo parecido com “isto aqui é uma competição séria, não uma creche!”.

Britt-Marie não entende bem o significado disso, mas, quando Sapo tira uma lata de refrigerante do bolso, ela conclui que certamente aquele não é o jeito certo de causar uma boa primeira impressão, e assim ela o alerta para não abri-la. Na mesma hora Sapo insiste que seu açúcar no sangue está meio baixo, e nesse momento Vega se intromete e empurra o ombro dele, falando num silvo:

— Você é surdo ou o quê? Não abra a lata! — Infelizmente ela tira o equilíbrio do Sapo e ele cai para trás, indefeso. Ele tomba por metade da escada, gritando a cada degrau, até que seu corpo bate nas pernas da mulher da Associação de Futebol, do velhote do Conselho Municipal, do funcionário e do técnico local.

— *Não abra essa lata!* — grita Vega.

E nisso ele decide abrir a lata.

Não é o que descreveríamos como a melhor primeira impressão do mundo, sinceramente não é.

Quando Britt-Marie e Bank chegam à parte da escada onde Sapo foi parar, o técnico local está gritando com uma indignação ainda maior, pelos motivos já descritos. O velhote, a mulher e os papéis estão rodopiando numa chuva inclemente de limonada. O técnico tem tanta limonada no cabelo, na cara e nas roupas que a quantidade na lata de algum jeito deve ter se desviado das leis naturais da física. O técnico aponta para Bank e Britt-Marie, tão furioso a essa altura que o ato de apontar é executado com as duas mãos, o que, naquela distância, dificulta determinar se ele está de fato apontando ou só demonstrando o tamanho aproximado de um texugo.

— Vocês são as *treinadoras* deste suposto *time*?

Ele faz aspas com os dedinhos no ar quando diz “*treinadoras*” e “*time*”. A bengala de Bank cutuca o técnico acidentalmente na primeira vez e talvez um pouco menos acidentalmente nas cinco vezes seguintes. A mulher parece preocupada. O velhote dos papéis se mexe atrás dela e, castigado pela experiência, usa a mão para cobrir a boca.

— Nós somos as *treinadoras*, sim — Bank confirma.

O técnico sorri e olha irritado ao mesmo tempo.

— Uma velhinha e uma cega, é *sééério*? Esta é uma competição *sééééria*? Hein?

O funcionário meneia a cabeça com gravidade. A mulher, mais preocupada do que nunca, olha para Bank.

— Um dos jogadores do seu *time*, este Patrik Ivars...

— O que é que tem eu? — o Sapo pula ansiosamente do chão.

— O que é que tem ele? — rosna Bank.

— É, o que é que tem o Patrik? — pergunta uma terceira voz.

O pai do Sapo está de pé atrás de Britt-Marie agora. Ele penteou o cabelo e está bem-vestido. Traz uma tulipa vermelha presa na lapela do paletó. Kent está ao lado dele com uma camisa amarrotada. Ele sorri para Britt-Marie e ela imediatamente quer segurá-lo pela mão.

— Patrik é dois anos mais novo do que os outros. Ele é jovem demais para jogar nesta competição sem que um pedido de exceção seja concedido — diz a mulher, tossindo para o chão.

— Então, organize essa exceção! — resmunga Bank.

— Regras são regras!

— É mesmo? *É mesmo! Vem cá, seu...* — grita Bank, batendo furiosamente no técnico com a bengala, enquanto ele tenta segurar a bengala para não cair e ao mesmo tempo consegue puxar Bank com ele escada abaixo, os dois perdendo o equilíbrio e já começando a cair, até que alguém de mão grande em um movimento único e poderoso fecha o punho como uma algema no braço vestido de moletom e impede a queda dos dois.

O técnico oscila, curvado para trás na escada, seus olhos arregalados voltados para Kent, que mantém o aperto implacável em seu braço, curva-se para a frente e declara daquele jeito claro e franco que costuma usar quando explica às pessoas que realmente fará negócios com a Alemanha:

— Se tentar empurrar uma cega pela escada, vou processar você nos tribunais até que sua família fique soterrada em dívidas pelas próximas dez gerações.

O técnico o encara. Bank recupera o equilíbrio ao colocar a bengala na barriga do técnico umas duas ou três vezes. A mulher preocupada, tentando uma abordagem diferente, estende uma folha de papel.

— Há também um protesto de seus adversários relacionado com esta “Viga” em seu time. Podemos ver, pelo número do seguro social dela, que...

— Meu nome é *Vega*! — Vega rosna mais do alto da escada.

A mulher coça o lóbulo da orelha, constrangida. Depois sorri, como quem usou um anestésico local. E se vira para Britt-Marie, que a essa altura parece ser a única pessoa racional naquele grupo reunido.

— Vocês precisam que uma exceção seja aberta para que meninas e jogadores mais novos possam participar.

— Então vocês vão proibir Patrik e Vega de jogar só porque o time desta cidade está tremendo de medo de jogar contra uma menina e um garoto dois anos mais novo!! — diz Kent.

— *Vocês estão com medo!* — grita Bank, e acidentalmente cutuca o blusão de moletom com a bengala que acaba resvalando no velho com os papéis.

— Nós não temos medo nenh... — resmunga o técnico.

E é assim que Vega e Patrick conseguem que as exceções sejam concedidas para poderem jogar. Patrik desce a escada até o campo com os braços do pai nos ombros, tão feliz que é de pensar que brotaram asas nele.

As outras crianças correm para o campo e começam a fazer um aquecimento com chutes a gol, que na verdade dá a impressão de ser um aquecimento geral com chutes para tudo quanto é lado, menos para o gol.

Britt-Marie e Kent ficam ali na escada, só os dois. Ela tira um fio de cabelo do ombro da camisa dele e ajeita um vinco no braço com tanta delicadeza que é como se nunca o tivesse tocado.

— Como você sabia que devia dizer aquilo sobre eles terem medo? — pergunta ela.

Kent ri de um jeito que faz com que Britt-Marie também comece a rir por dentro.

— Eu tive um irmão mais velho. Isso sempre deu certo comigo. Lembra quando eu pulei da varanda e quebrei a perna? Todas as coisas mais estúpidas que fiz na vida começaram com Alf me dizendo que achava que eu não tinha coragem para fazer!

— Foi muito bom de sua parte. E você foi gentil ao mandar as tulipas — sussurra Britt-Marie, sem perguntar se ela também era uma daquelas coisas estúpidas que ele fez.

Kent ri de novo.

— Comprei do pai daquele garoto, o Sapo. Ele as cultivava numa estufa no jardim. Que maluco, né? Ele ficou me enchendo para que eu comprasse as vermelhas porque elas são “melhores”, mas eu disse a ele que você gostava das roxas.

Britt-Marie espana uma poeira invisível do peito dele. Ela se controla.

Em uma abordagem sensata, ela cruza as mãos e diz:

— Preciso ir. O jogo vai começar daqui a pouco.

— Boa sorte! — diz Kent, curvando-se para a frente e lhe dando um beijo no rosto tão caloroso que ela precisa se segurar no corrimão de metal para não rolar escada abaixo.

Quando ele vai se sentar na última cadeira vaga da arquibancada ali perto, ela percebe que aquela é a primeira vez que Kent está em um lugar por causa dela. A primeira vez na vida dos dois que ele se faz presente para estar na companhia dela, em vez de o contrário.

Ao lado dele, Sven está sentado. Com os olhos fixos no chão.

Britt-Marie respira fundo a cada degrau. Bank e o cachorro esperam por ela em um banco ao lado do campo. Alguém também, com uma expressão particularmente satisfeita.

— Como foi que você chegou aqui? — pergunta Britt-Marie.

— De carro, sabe como é — responde Alguém despreocupadamente.

— E a pizzeria e mercadinho e agência de correio? Quem toma conta?

Alguém dá de ombros.

— Quem vai aparecer na loja, Britt? Todo mundo de Borg... está aqui!

Britt-Marie ajeita vincos invisíveis na saia com tanta rapidez que parece estar tentando fazer fogo. Alguém tenta acalmá-la com alguns tapinhas.

— Nervosa, né? Não tem problema, Britt, eu falei com aquele funcionário: vou ficar na lateral com a Britt. Porque eu tenho um daqueles, como se diz

mesmo? Efeito calmante em Britt, é. O funcionário só disse “Pode esquecer”, então eu falei “Não estou vendo aqui uma daquelas áreas para deficientes, isso é ilegal, sabia?”. Eu falei: “Eu podia processar vocês, sabe?” E agora estou sentada aqui. Melhor lugar, não é?

Britt-Marie pede licença, sai da lateral, anda por um corredor e entra em um banheiro, onde vomita. Quando volta ao banco, Alguém ainda está falando, os dedos tamborilando nervosos qualquer coisa ao seu alcance. O cachorro fareja na direção de Britt-Marie. Bank oferece a ela um pacote de chicletes.

— Isso é normal. Em geral a gente tem intoxicação alimentar pouco antes de jogos importantes.

Britt-Marie mastiga o chiclete, cobrindo a boca com a mão, porque as pessoas podem chegar à conclusão de que ela tem tatuagens (ou coisas do tipo). Depois os espectadores explodem em aplausos, o juiz entra no campo e um time de Borg que nem mesmo tem seu próprio campo começa a jogar.

Com o apoio vocal de toda uma comunidade onde praticamente tudo foi fechado. Mas só praticamente.

A primeira coisa que acontece é que Dino sofre uma falta — uma cotovelada, na verdade — de um garoto parrudo com um corte de cabelos complexo. Da próxima vez que Dino pega a bola, acontece exatamente a mesma coisa, só que ainda mais dura. A pouca distância de Britt-Marie, o técnico rival pula com seu blusão de moletom encharcado enquanto grita suas palavras de encorajamento:

— Isso *aíiii!* Eles têm que *respeitaaaar* você!

Britt-Marie, convencida de estar à beira de um ataque cardíaco, explica o que sente a Bank, que responde: “É assim mesmo que deve ser quando se vê um jogo de futebol.” Quem ia querer então ver um jogo de futebol?, pensa Britt-Marie, sobressaltada. Na terceira vez que Dino pega a bola, o garoto parrudo acelera do outro lado do campo e corre a toda a velocidade de cotovelos erguidos. Segundos depois, ele está caído no chão. Max em cima dele, com o peito empinado e os braços esticados. Ele já está retornando ao banco quando o juiz o expulsa.

— Max! Ei! Você é um, como se diz mesmo? — diz Alguém, tomada de alegria.

Bank bate a bengala nos sapatos de Max.

— Ele fala como um deles. Mas joga como um de nós.

Max sorri e diz alguma coisa, mas Britt-Marie não consegue ouvir.

A partida recomeça e Britt-Marie descobre, para sua surpresa, que está de pé. Tem a boca aberta e nem mesmo sabe como. No campo, três jogadores se chocaram e a bola saiu quicando sem rumo para a lateral. Mas de repente ela vai

parar aos pés de Ben, com uma linha clara para o gol. Ele encara a bola. Toda a multidão presente no centro esportivo olha para ele.

— Chuta — sussurra Britt-Marie.

— Chuta! — grita uma voz da arquibancada.

É Sami. Ao lado dele está uma mulher com as faces vermelhas. É a primeira vez que Britt-Marie a vê sem o uniforme de enfermeira.

— *Chutaaaaaaaaaaaaaa!!* — grita Bank, agitando a bengala de um lado para o outro no ar.

E então Ben chuta. Britt-Marie esconde o rosto nas palmas das mãos; Bank quase vira a cadeira de rodas de Alguém quando grita:

— O que está acontecendo? Me diz o que está acontecendo!

A arquibancada está em silêncio, como se ninguém conseguisse acreditar em como aquilo aconteceu. A princípio Ben parece que vai cair aos prantos, depois, como se procurasse um lugar para se esconder. Mas ele não tem tempo para fazer qualquer coisa quando se vê num emaranhado barulhento de braços, pernas e camisas brancas. Borg está na frente por 1-0. Sami corre pelas cadeiras da arquibancada de braços estendidos, como um avião. Kent e Sven pulam das cadeiras tão abruptamente que sem querer começam a se abraçar.

Uma mulher de faces vermelhas abre caminho em meio ao caos e desce correndo a escada. Funcionários do centro esportivo tentam segurá-la quando veem que ela corre para o campo, mas não conseguem impedi-la. Eles não poderiam impedi-la nem mesmo se portassem armas. Ben dança com sua mãe como se ninguém pudesse tirar isso dele.

Borg perde a partida por 14-1. Isso não faz diferença. Eles jogam como se aquela partida fizesse toda a diferença no universo.

E faz.

Chega uma certa idade em que quase todas as perguntas que uma pessoa faz a si mesma giram em torno de uma só coisa: como se deve viver a vida?

Se a pessoa fechar os olhos com bastante força e por um longo tempo, talvez possa se lembrar muito bem de tudo que a fez feliz. A fragrância da pele da mãe aos 5 anos de idade e como vocês fugiam aos risos para uma varanda a fim de escapar de um temporal repentino. A ponta fria do nariz do pai em seu rosto. O consolo da pata áspera de um brinquedo macio que ela se recusou a deixar que lavassem. O som das ondas batendo nas pedras durante as últimas férias na praia. Aplausos em um teatro. Os cabelos da irmã, depois, balançando distraidamente ao vento enquanto vocês desciam pela rua.

E além disso? Quando ela foi feliz? Em uns poucos momentos. O barulho das chaves na porta. A pulsação do coração de Kent nas palmas de suas mãos enquanto ele dormia. O riso de crianças. A sensação do vento em sua varanda. O perfume das tulipas. O amor verdadeiro.

O primeiro beijo.

Uns poucos momentos. Um ser humano, qualquer ser humano, tem poucas oportunidades de se agarrar a esses momentos, de largar mão do tempo e se entregar ao puro momento. E amar alguém sem limites. Explodir de paixão.

Umas poucas vezes, quando somos crianças, talvez, para aqueles de nós que têm condição de ser. Mas, depois disso, quanto de fôlego podemos tirar dos confins de nós mesmos? Quantas emoções puras nos fazem gritar alto, sem o menor constrangimento? Quantas chances temos de sermos abençoados pela amnésia?

Toda paixão é infantil. É banal e ingênua. Não é nada que se aprende; é instintiva, e por ser assim nos domina, nos derruba, nos arrasta em uma torrente. Todas as outras emoções pertencem à Terra, mas a paixão habita o universo.

É por esse motivo que a paixão vale alguma coisa, não pelo que ela nos dá, mas pelo risco que exige de nós. A nossa dignidade. A perplexidade dos outros e sua condescendência, os gestos mudos de reprovação.

Britt-Marie grita quando Ben marca aquele gol. As solas de seus pés são catapultadas do chão do centro esportivo. A maioria das pessoas não é abençoada com esse tipo de coisa no mês de janeiro. O universo.

É preciso amar o futebol por isso.

É tarde da noite, a Copa acabou várias horas atrás, e Britt-Marie está no hospital. Está lavando o sangue de uma camisa branca do uniforme na pia enquanto Vega está sentada na privada ao lado dela, a voz ainda tem uma efervescência eufórica. Como se ela não conseguisse ficar parada. Como se ela pudesse correr na vertical.

O coração de Britt-Marie bate tão loucamente que ela ainda não entende como alguém pode ter energia para viver assim — isto é, se for verdade o que as crianças dizem, que é possível ter um time de futebol que jogue uma partida toda semana. Quem estaria disposto a fazer isso consigo mesmo semanalmente?

— Eu sinceramente não entendo como você pôde meter na cabeça se comportar desse jeito — Britt-Marie consegue sussurrar, porque sua voz se perdeu, estragada pelos gritos.

— Eles teriam marcado se eu não fizesse isso! — explica Vega pela milésima vez.

— Você se jogou bem na frente da bola — sibila Britt-Marie, com um gesto de censura da pia, vendo as manchas de sangue na camisa.

Vega pisca. Dói quando ela faz isso, porque metade de seu rosto está roxa e inchada por conta da sobrelha lacerada descendo pelo olho injetado, as narinas empapadas de sangue coagulado e seu lábio inferior com um corte tão grande que parece que ela tentou comer uma vespa.

— Eu dei cobertura ao chute — ela afirma.

— Sim, com a sua cara. Pelo amor de Deus, não se dá cobertura a um chute com a cara de alguém. — Não fica claro se ela está com raiva porque Vega tem sangue no rosto ou na camisa.

— Eles teriam marcado. — Vega dá de ombros.

— Nem por toda minha vida vou entender por que vocês amam tanto o futebol a ponto de estarem dispostos a arriscar a vida desse jeito — sibila Britt-Marie enquanto esfrega furiosamente bicarbonato de sódio na camisa.

Vega fica pensativa. Depois hesitante.

— Você nunca amou nada desse jeito?

— Ha. Não. Eu... ha. Não sei. Na verdade, não sei.

— Não sinto mais dor nenhuma quando estou jogando futebol — diz Vega, de olhos fixos no número nas costas da camisa ensopada na pia.

— De que dor está falando?

— Qualquer dor.

Britt-Marie fica em silêncio, com vergonha de si mesma. Abre a água quente. Fecha os olhos. Vega inclina a cabeça para trás e olha para o teto do banheiro.

— Eu sonho com futebol quando estou dormindo — diz ela, como se isto fosse muito lógico, e depois pergunta, com sincera curiosidade, como se não

conseguisse entender com que outra coisa se pode sonhar:

— Você sonha com o quê?

A resposta escapole de Britt-Marie e ela sussurra por instinto:

— Às vezes eu sonho com Paris.

Vega balança a cabeça, compreensiva.

— Neste caso, o futebol é pra mim o que Paris é pra você. Já foi muitas vezes lá?

— Nunca.

— Por que não?

— É uma daquelas coisas que simplesmente... nunca acontecem. Agora venha aqui e lave o rosto...

— Por que não?

Britt-Marie regula a torneira para a água não ficar quente demais.

Seu coração ainda pulsa com tanta força que ela é capaz de contar os batimentos. Ela olha para Vega, tenta tirar alguns fios de cabelo de sua testa e gentilmente sonda o inchaço na beira de seu olho, como se doesse mais em Britt-Marie do que em Vega. Depois sussurra:

— Você precisa entender que quando eu era pequena minha família e eu íamos à praia. Minha irmã sempre encontrava as pedras mais altas para pular na água e, quando mergulhava e vinha à tona, eu sempre estava ali, ainda no alto da pedra, e ela me chamava: “Pula, Britt! É só pular!” Você precisa entender que enquanto alguém fica apenas parado ali olhando, leva um segundo se preparando para pular. Se essa pessoa pula, ela tem ousadia para fazer. Mas se espera, nunca vai acontecer.

— Você pulou?

— Não sou do tipo que pula.

— Mas sua irmã era?

— Ela era parecida com você. Não tinha medo.

Depois ela dobra um papel higiênico e sussurra:

— Mas nem ela teria metido na cabeça se jogar de cara na frente de uma bola de futebol como uma louca completa!

Vega se levanta e deixa Britt-Marie cuidar de seus cortes.

— Então por que você não vai pra Paris agora? Porque você é do tipo que não pula? — pergunta a menina.

— Estou velha demais para Paris.

— Quantos anos tem Paris?

Agora Britt-Marie não tem uma boa resposta. Embora pareça uma dica excelente de palavras cruzadas. Ela se olha rapidamente no espelho. É claro que é tudo muito ridículo. Ela é uma mulher adulta, é sim, e ali está ela, de pé em

um hospital pela segunda vez em poucos dias. Uma criança sentada ali na privada, com o rosto coberto de sangue, enquanto em outro quarto, na ponta do corredor, outra criança está deitada, com a perna quebrada.

Porque eles estavam bloqueando a bola. Quem quer viver assim?

Vega encontra os olhos dela no espelho, depois ri tanto que o sangue escorre do lábio até os dentes. O que a faz rir ainda mais, a louca.

— Se você não é do tipo que pula, Britt-Marie, como então veio parar na merda de Borg?

Britt-Marie pressiona o papel higiênico em seu lábio e sibila alguma coisa para ela não usar aquele linguajar inadequado. Vega resmunga algo com raiva através do papel, e assim Britt-Marie pressiona com uma força ainda maior. Depois empurra a menina para a sala de espera, antes que ela diga mais alguma coisa.

O que evidentemente não é uma ideia muito bem pensada, porque é onde está Fredrik. Ele anda de um lado para o outro na frente da porta do banheiro. Sapo, Dino, Ben e Omar estão dormindo nos bancos em um canto. Fredrik imediatamente aponta para Britt-Marie de um jeito hostil.

— Se Max quebrou a perna e vai perder o treino de elite, vou fazer com que você nunca mais chegue perto d...

Sua voz some enquanto ele fecha os olhos e tenta se acalmar. Vega se coloca na frente de Britt-Marie e bate no dedo dele.

— Cala a sua boca! A perna vai ficar curada! Max estava bloqueando uma bola!

Fredrik cerra os punhos e se afasta dela, como se, em seu desespero, tivesse medo do que poderia acontecer se assim não agisse.

— Eu o proibi de jogar futebol antes do treino de elite. Disse a ele que se ele se machucasse agora, poderia prejudicar toda a sua carreira. Eu disse a el...

— Que merda de carreira é essa? Ele está na merda do secundário! — Vega o interrompe.

Fredrik aponta de novo para Britt-Marie. Afunda em um banco como se alguém o tivesse largado ali.

— Sabe o que significa ir para o treino de elite quando você joga hóquei no gelo? Entende o que sacrificamos para dar essa oportunidade a ele?

— Você perguntou se Max quer ou não?

— Você é retardada ou o quê? É um campo de treinamento de elite! É claro que ele quer! — grita Fredrik.

— Ninguém precisa gritar com ele pra jogar futebol! — Vega responde aos berros.

— Talvez você até conseguisse com alguém gritando com você!

— *E talvez você até conseguisse arrumar uma mobília!*

Eles param com uma testa junto da outra, a respiração pesada, e ambos completamente exaustos. Os dois têm lágrimas nos olhos. Nenhum deles jamais se esquecerá da partida da Copa que Borg jogou hoje. Ninguém em Borg vai esquecer.

Na verdade, eles perderam a segunda partida por 5-0. O jogo precisou ser interrompido por vários minutos na metade porque o Sapo salvou um pênalti e todos tiveram de esperar até ele parar de correr pelo campo como um avião. A multidão dava a impressão de que Borg tinha vencido a Copa do Mundo, o que, depois de repetidas explicações, Britt-Marie entendeu que era outra competição de futebol de particular importância, se você tivesse inclinação para isso.

Na terceira e última partida, o barulho no centro esportivo era tanto que só o que Britt-Marie conseguia ouvir era uma espécie de rugido constante, e seu coração batia com tanta força que ela perdeu o sentido do tato, enquanto os braços se agitavam em volta do corpo como se não lhe pertencessem mais. Os adversários estavam na frente por 2-0, mas ainda restando alguns minutos, Vega marcou um gol para Borg com o corpo todo. Logo depois, Max avançou driblando todo o time adversário e marcou, observado a cada passo pelo pai de mau humor. Quando sua cabeça apareceu no alto da pilha de braços e pernas dos companheiros de time, Fredrik virou-se decepcionado e saiu pela porta. Max ficou imóvel na lateral, olhando para ele enquanto o árbitro soprava o apito para recomençar o jogo. Quando os espectadores barulhentos despertaram o garoto, os adversários tinham chutado na trave uma vez e no travessão uma vez, e todo o time, menos Vega, estava esparramado no chão. Em seguida, um dos jogadores adversários se preparou para chutar a bola para o gol aberto, e foi quando Vega se jogou na frente da bola e bloqueou o chute. Com o rosto. Havia sangue na bola quando ela rolou de volta ao jogador.

Ele poderia ter matado a partida dando um toquinho na bola com a lateral do pé, mas, em vez disto, o jogador esticou o pé para um chute forte. Max correu direto para a pilha de corpos e se jogou para a frente de perna esticada. Fez contato com a bola, mas o adversário atingiu sua perna. Max gritou tão alto que Britt-Marie sentiu como se ela é que tivesse quebrado a perna.

A partida terminou em 2-2. Foi a primeira vez em muito, muito tempo que Borg não perdia um jogo de futebol. Vega ficou sentada ao lado de Max a caminho do hospital, cantando músicas extremamente inadequadas o tempo todo.

A mãe de Ben está parada à porta. Olha para Vega, depois para Britt-Marie, em seguida assente como fazemos no fim de um turno longo.

— Max quer ver vocês duas. Só as duas.

Fredrik xinga em voz alta, mas a mãe de Ben é implacável:

— Só elas duas.

— Achei que tinha tirado a noite de folga — diz Vega.

— Eu tinha. Mas quando é dia de Borg jogar, o hospital precisa apelar para uma equipe extra — diz ela com gravidade, embora claramente esteja se esforçando para não rir.

Ela joga um cobertor em cima de Ben em um dos bancos e lhe dá um beijo no rosto. Depois faz o mesmo com Dino, Sapo e Omar, todos ainda adormecidos em outros bancos.

Britt-Marie sente o olhar de ódio de Fredrik em suas costas enquanto ela e Vega a acompanham pelo corredor, assim reduz o passo e anda atrás de Vega, para impedir que o olhar dele atinja a menina. Max está deitado em um leito com a perna suspensa, apontada para o teto. Ele sorri quando vê a cara inchada de Vega entrando no quarto.

— Que cara bonita! Muito melhor do que sua aparência anterior!

Vega bufa e aponta para a perna dele com a cabeça.

— Acha que os médicos atarraxaram sua perna direito desta vez, pra você poder aprender a chutar direito, ou o quê?

Ele ri. Ela também.

— Meu pai está chateado? — pergunta Max.

— Os ursos cagam no mato? — responde Vega.

— Sinceramente, Vega! É esse o linguajar que você usa quando está num hospital? E então, é?

Vega ri. Max também. Britt-Marie puxa o ar, num profundo autocontrole, vira-se e os deixa com seu linguajar.

Fredrik ainda está de pé na sala de espera quando elas saem. Britt-Marie para, perdida. Resiste ao impulso de tirar um fio de cabelo de Vega do braço dele, onde caiu enquanto eles trocavam gritos cabeça com cabeça.

— Ha — sussurra Britt-Marie.

Ele não responde. Limita-se a olhar feio para o chão. Assim, ela invoca a voz que resta na garganta e pergunta:

— Algum dia já amou alguma coisa tanto quanto essas crianças amam, Fredrik?

Ele levanta a cabeça e crava os olhos nela.

— Por acaso você tem algum filho seu, Britt-Marie?

Ela engole em seco e nega com a cabeça. Ele volta a baixar os olhos para o chão.

— Então, não me pergunte o que eu amo.

Eles ficam sentados em suas cadeiras, sem dizer mais nada, até a mãe de Ben reaparecer. Britt-Marie se levanta, mas o pai de Max continua sentado como se não conseguisse reunir mais energia nenhuma. A mãe de Ben coloca a mão no ombro dele, consoladora, e fala:

— Max pediu para eu dizer a você que ele provavelmente poderá começar a jogar hóquei no gelo daqui a seis meses. A perna dele terá voltado cem por cento ao normal. A carreira dele não corre risco nenhum.

O pai de Max não se mexe. Pressiona o queixo com força no pescoço. A mãe de Ben assente para Britt-Marie. Britt-Marie suga as bochechas. A mãe de Ben está se dirigindo para a porta quando o pai de Max enfim leva as mãos aos olhos em dois movimentos rápidos, as lágrimas escorrem entre os dedos, caindo em sua barba. Ele não tem uma toalha. As lágrimas molham o chão.

— E o futebol? Quando ele poderá voltar a jogar futebol?

Chega uma certa idade em que quase todas as perguntas que uma pessoa faz a si mesma giram em torno de uma só coisa: como se deve viver a vida?

Britt-Marie está sentada sozinha em um banco na calçada na frente da emergência do hospital. Ela tem um buquê de tulipas nos braços e sente o vento nos cabelos. Está pensando em Paris. É estranho o poder que um lugar pode ter sobre você, mesmo que nunca tenha estado lá. Se fechasse os olhos, ainda assim poderia sentir as pedras da calçada sob seus pés. Talvez com mais clareza agora do que nunca. Como se no momento em que pulou no ar com o gol de Ben ela tivesse voltado à Terra como uma pessoa diferente. O tipo de pessoa que pula.

— Posso me sentar com você? — pergunta a voz.

Ela pode ouvir que a voz traz um sorriso. Ela também sorri, mesmo antes de abrir os olhos.

— Por favor — sussurra ela.

— Sua voz está rouca — diz Sven com um sorriso.

Ela faz que sim.

— É a gripe.

Ele dá uma gargalhada. Ela ri por dentro. Ele se senta e entrega um vaso de cerâmica para ela.

— Bom, é... eu fiz para você. Estou fazendo um curso. Daí pensei que você podia colocar as tulipas nele.

Ela pega o vaso e o segura apertado nos braços. A superfície é meio áspera em sua pele, como um bicho de pelúcia que você não deixa seus pais lavarem.

— Hoje foi incrível. Tenho que admitir. Absolutamente maravilhoso — ela consegue dizer.

— É um esporte maravilhoso — diz Sven.

Como se a vida fosse assim tão simples.

— Foi um paraíso sentir esse entusiasmo de novo — sussurra ela.

Ele sorri e se vira para ela, dando a impressão de que está prestes a lhe dizer alguma coisa, então ela o impede, invocando todo o seu bom senso em uma única puxada sufocante de ar e dizendo:

— Se não for incômodo demais, ficaria muito agradecida se você tivesse tempo para levar as crianças para casa.

Nos segundos que se seguem, ela vê que ele começa a encolher cada vez mais, sentado ali. Seu coração aperta dentro do peito. O dele também.

— Tenho de supor que isso, que isso quer dizer que, bom... tenho de supor que quem vai levar você para casa, então, é Kent — ele consegue dizer.

— Sim — ela sussurrou.

Ele fica sentado em silêncio, com as mãos segurando a beirada do banco. Ela faz o mesmo, porque gosta de segurar a beirada do banco enquanto ele também segura. Ela o olha rapidamente e tem vontade de dizer que não é culpa dele. Que ela só está velha demais para se apaixonar. Ela quer dizer que ele pode encontrar alguém melhor. Que ele merece algo perfeito. Mas ela não diz nada, porque tem medo de que ele diga que ela é perfeita.

Ela ainda está agarrada ao vaso quando se senta no carro, a cidade e a estrada passam zunindo. Seu peito está dolorido de anseios reprimidos. Kent fala o tempo todo, é claro. A princípio sobre futebol e as crianças, mas logo seu foco passa para os negócios, os alemães e os projetos. Ele quer tirar férias, diz ele, só os dois. Eles podem ir ao teatro. Ir à praia. Muito em breve; mas primeiro só precisa resolver alguns planos. Enquanto seguem de carro para Borg, ele faz uma piada sobre o fato de o lugar ser tão pequeno que duas pessoas podem ficar — uma ao lado da placa de bem-vindo, a outra na placa de despedida — conversando sem precisar elevar a voz.

— Se você se deitar aqui, vai descobrir que seus pés já estão no vilarejo seguinte! — Ele dá uma gargalhada e, como Britt-Marie não ri imediatamente, ele repete:

— Tudo bem, entre rapidinho e pegue suas coisas agora, depois vamos embora! — ele diz enquanto a BMW encosta na frente na casa de Bank.

— Agora mesmo?

— Sim, tenho uma reunião amanhã. Vamos sair agora, assim nós nos antecipamos ao trânsito. — Ele tamborila os dedos no painel, com impaciência.

— Na verdade, não podemos partir no meio da noite — protesta Britt-Marie, sua voz quase inaudível.

— E por que não?

— Bom, só criminosos saem de carro no meio da noite.

— Ah, meu Deus, querida, você agora precisa se controlar — ele geme.

As unhas dela se enterram no vaso.

— Eu ainda nem entreguei o aviso a meus empregadores. Não posso simplesmente sumir sem entregar um aviso. As chaves devem ser devolvidas, você precisa compreender.

— Por favor, querida, este não é exatamente um “emprego”, é?

Britt-Marie suga as bochechas.

— Pelo que entendo, é um emprego.

— Sim, sim, sim, não foi isso que eu quis dizer, querida. Não fique zangada agora. Não pode simplesmente telefonar para eles enquanto estivermos na estrada? Não é assim tão importante, é? Vamos lá, tenho uma reunião amanhã!

— Ele diz isso como se ele é que estivesse sendo flexível ali. Ela não responde.

— Por acaso você recebe um salário por este “emprego”?

As unhas de Britt-Marie doem quando encostam no vaso de cerâmica em seu colo.

— Não sou uma criminosa. Não vou viajar por aí de carro à noite. Simplesmente não vou fazer isso, Kent — sussurra ela.

— Não, não, não; então, tudo bem. — Kent suspira. — Amanhã de manhã, se é tão importante. Nem acredito como este vilarejo entrou na sua pele, minha querida. Você nem gostava de futebol!

As unhas de Britt-Marie lentamente começam a se retrair do vaso de cerâmica. Seu polegar mergulha pela borda e ajeita as tulipas.

— Ganhei uma palavra cruzada outro dia, Kent. Tinha uma pergunta sobre a Hierarquia de Necessidades de Maslow.

Kent começou a mexer no celular, então ela fala mais alto:

— É popular nas palavras cruzadas, de fato é. A Hierarquia de Necessidades. Então leia sobre isso em um jornal. A primeira categoria é das necessidades mais básicas da pessoa. Comida e água.

— Humm — diz Kent, digitando.

— Ar também, devo pressupor — acrescenta Britt-Marie, tão baixo que ela quase fica sem saber se disse alguma coisa.

A segunda categoria da Hierarquia de Necessidades é a “segurança”, a terceira é “amor e senso de pertencimento”, a quarta é “autoestima”. Ela se lembra com muita clareza, porque este sujeito, Maslow, é extraordinariamente popular nas palavras cruzadas.

— O degrau mais alto da escada é a realização pessoal. É assim que tudo isso me parece, Kent. Foi uma forma de me realizar.

Ela morde o lábio.

— Você só pensa que é tolice, suponho.

Ele ergue a cabeça do telefone. Olha para ela, respira fundo e ruidosamente, como faz antes de adormecer e começar a roncar.

— Sim, sim! É claro que eu entendo toda essa droga, querida. Eu entendo. É magnífico, de fato é magnífico! Realização pessoal. Supermagnífico. Então agora você tira isso do seu sistema. E amanhã podemos voltar para casa!

Ela morde o lábio e solta a mão dele. Segura firme o vaso e sai do carro.

— Mas que droga, querida! Não fique chateada novamente! Quer dizer, quanto tempo esse emprego vai durar? Por quanto tempo vai ficar empregada?

— Três semanas — ela se obriga a dizer.

— E depois? Quando essas três semanas acabarem e você não tiver mais emprego? Vai ficar em Borg como uma desempregada, é isso?

Como Britt-Marie não responde, ele suspira e sai do carro.

— Você entende que esta não é a sua casa, não é, querida?

Ela está se afastando, mas sabe que ele tem razão.

Ele desata a correr e a alcança. Tira o vaso de cerâmica com as tulipas das mãos dela e carrega para dentro da casa. Ela anda lentamente atrás dele.

— Me desculpe, querida — diz ele, como as mãos em concha suavemente no rosto dela, enquanto os dois estão parados na porta.

Ela fecha os olhos. Ele lhe dá um beijo nas pálpebras. Costumava fazer isso sempre, no começo, logo depois que a mãe dela morreu. Quando ela estava na maior solidão do mundo, até o dia em que ele se postou no patamar da escada do prédio deles, depois ela não estava mais solitária. Porque ele precisava dela e você não fica sozinho quando alguém precisa de você. Assim, ela adora quando ele beija suas pálpebras.

— Só estou meio estressado. Por causa da reunião de amanhã. Mas vai ficar tudo bem. Eu prometo.

Ela quer acreditar nele. Ele sorri, beija seu rosto e diz para ela não se preocupar. E que ele vai buscá-la no dia seguinte, às seis da manhã, assim eles evitarão a hora do rush matinal.

Depois ele zomba:

— Mas nunca se sabe, se todos os três carros de Borg saírem ao mesmo tempo, pode ficar meio engarrafado! — Ela sorri, como se fosse engraçado. Fica parada no corredor com a porta fechada até ele arrancar com o carro.

Depois ela sobe a escada e arruma a cama. Coloca suas malas em ordem. Dobra todas as toalhas. Desce a escada de novo, sai para a rua e anda por Borg. Está escuro e silencioso como se ninguém morasse ali, como se a Copa nunca tivesse acontecido.

Mas as luzes estão acesas na pizzaria; ela ouve Bank e alguém rindo lá dentro.

Há outras vozes também. Copos brindando. Músicas sobre futebol e outras cantadas por Bank, cujas letras, certamente no entender de Britt-Marie, não devem ser repetidas.

Ela destranca o centro recreativo e acende a luz da cozinha. Senta-se em um banco e tem esperanças de que o rato apareça. Ele não vem. Depois fica sentada com o celular nas mãos em concha, como se ele fosse líquido e pudesse ser derramado. Ela espera muito tempo antes de criar coragem de dar o telefonema.

A garota da agência de empregos atende no terceiro toque.

— Britt-Marie? — ela diz, parece sonolenta.

— Gostaria de lhe entregar minha demissão — sussurra Britt-Marie.

Parece que a garota está cambaleando e derruba alguma coisa do outro lado da linha. Talvez uma luminária.

— Não, não, mamãe só está falando ao telefone, meu bem, volte a dormir, meu amor...

— Como disse?

— Desculpe. Eu estava falando com minha filha. Nós pegamos no sono no sofá.

— Eu não sabia que você tinha uma filha.

— Tenho duas — responde a garota e parece que ela entra em uma cozinha, acende uma luz e começa a preparar café. — Que horas são?

— Não é uma boa hora para beber café — responde Britt-Marie.

— O que posso fazer por você, Britt-Marie?

— Gostaria de lhe entregar minha demissão. Eu preciso... ir para casa — sussurra Britt-Marie.

— Como foi a Copa de futebol? — pergunta a garota depois de um longo silêncio.

Algo nesta pergunta tem impacto em Britt-Marie. Pode ser que depois do gol de Ben ela tenha de fato voltado à Terra como um ser humano diferente. Ela não sabe. Mas respira fundo e conta tudo à garota.

Sobre comunidades situadas junto de rodovias e ratos e pessoas que usam boné em ambientes fechados. Sobre os primeiros *dates* dos meninos e camisas de futebol penduradas nas paredes da pizzaria. Tudo é despejado dela. Sobre o Faxin e telas de bambu, garrafas de cerveja presenteadas em celofane e móveis da IKEA. Pistolas e suplementos de palavras cruzadas. Policiais e empresários. Fazer o bobinho no treino com a luz dos faróis de um veículo. Portas azuis e antigas partidas de futebol. Tulipas roxas e uísque e cigarros e mães mortas. Gripe. Latas de refrigerante. Um a zero contra o time da cidade. Uma garota que bloqueia uma bola com a cara. O universo.

— Suponho que tudo isso deve parecer muito... bobo — ela conclui.

A garota do outro lado da linha não consegue manter a voz firme quando responde:

— Eu te contei por que trabalho aqui, Britt-Marie? Não sei se sabe disso, mas a gente está na extremidade receptora de uma quantidade inacreditável de merda quando trabalha numa agência de empregos. As pessoas podem ser terrivelmente cruéis. E quando eu digo “merda”, Britt-Marie, você precisa saber que quero

dizer isso quase literalmente. Uma vez alguém me mandou um cocô em um envelope. Como se fosse culpa minha a crise financeira, esse tipo de coisa.

Britt-Marie tosse.

— Posso perguntar como foi que conseguiram colocá-lo no envelope?

— O cocô?

— Deve ter sido bem difícil de... apontar.

A garota gargalha por vários minutos. Britt-Marie fica satisfeita por ter perdido a voz, porque isso quer dizer que a garota não pôde ouvir que ela também está rindo. Pode não ser o universo, talvez não seja, mas a emoção a levita um pouco do banco.

— Sabe por que eu trabalho quando existe toda essa merda, Britt-Marie?

— Por quê?

— Minha mãe foi assistente social a vida inteira. Ela sempre disse que apesar de toda a merda, no meio de tudo isso, sempre aparecia uma história feliz. Que faz tudo valer a pena. — As palavras seguintes são acompanhadas de um sorriso:

— Você é minha história feliz, Britt-Marie.

Britt-Marie engole em seco.

— É inadequado falar ao telefone no meio da noite. Gostaria de entrar em contato com você de novo amanhã.

— Durma bem, Britt-Marie — diz a garota em voz baixa.

— Você também.

Britt-Marie fica sentada no banco com as palmas das mãos em concha em torno do telefone.

Ela se pega desejando com tanto fervor que o rato apareça que, quando ouve uma batida na porta, ela pensa que finalmente é ele. Depois recupera a razão e percebe que ratos não conseguem bater em portas, porque eles não têm nós dos dedos. Pelo menos ela acha que não têm.

— Alguém em casa? — Sami chama da porta.

Britt-Marie voa do banco.

— Aconteceu alguma coisa? Houve um acidente?

Ele está calmamente recostado no batente da porta.

— Não. Por quê?

— Estamos no meio da noite, Sami. Certamente ninguém aparece sem avisar na casa das pessoas como um vendedor de aspirador de pó se não aconteceu alguma coisa!

— Você mora aqui? — pergunta Sami com um sorriso.

— Certamente você deve entender o que eu quis...

— Fica fria, Britt-Marie. Eu estava passando de carro e vi sua luz acesa. Queria saber se você quer um cigarro. Ou uma bebida. — Ele ri da cara dela.

Ela não gosta nada disso.

— Certamente que não — ela sibila.

— Tá bom, legal — ele diz rindo.

Ela ajeita a saia.

— Mas se uma barra de Snickers servir para você, você pode entrar.

Cada um deles pega um banco junto da janela da cozinha. Olham as estrelas pelas janelas mais limpas de Borg.

— Foi um ótimo dia — diz Sami.

— Sim. Foi... ótimo. — Ela sorri.

Ela quer dizer a ele que terá de ir embora de Borg logo de manhã cedo e voltar para casa, mas antes que tenha tempo de abrir a boca, ele fala:

— Bom, eu vou precisar ir à cidade. Tenho de ajudar um amigo.

— Que tipo de amigo é esse? Estamos no meio da noite.

— Magnus. Ele tem problemas com os caras de lá. Deve dinheiro a eles, sabe como é.

Britt-Marie o encara. Ele assente. Sorri com ironia consigo mesmo.

— Sei o que você está pensando. Mas esta é Borg. Nós perdoamos uns aos outros em Borg. Não temos alternativa. Se não fosse assim, não sobraria amigo nenhum pra deixar a gente irritado.

Ela se levanta. Pega gentilmente o prato dele. Hesita por um bom tempo, depois por fim, ternamente, coloca a mão com curativo no rosto dele.

— Não precisa ser sempre você a interceder, Sami.

— Sim, precisa.

Ela lava os pratos. Ele fica ao lado dela e os enxuga.

— Se alguma coisa acontecer comigo, prometa que você vai olhar por Omar e Vega e cuidar pra que eles fiquem bem? Pode me prometer que vai encontrar pessoas boas que cuidem deles?

— Por que aconteceria alguma coisa com você? — pergunta ela, a cor desaparecendo de seu rosto.

— Ah, não vai acontecer nada comigo, eu sou a porra do super-homem. Mas sabe como é. Se acontecer alguma coisa. Você vai cuidar pra que eles morem com pessoas boas?

Ela enxuga elaboradamente as mãos na toalha, assim ele não nota que elas estão tremendo.

— Por que está pedindo a mim? Por que não pede a Sven, a Bank ou...

— Porque você não é do tipo que dá o fora, Britt-Marie.

— Nem você!

Ele se coloca na soleira da porta e acende um cigarro. Ela fica ao lado dele, respirando a fumaça.

O sol ainda não nasceu. Ela pega um fio de cabelo no braço do casaco dele. Coloca em um lenço e dobra.

— Sua mãe torcia para que time de futebol? — pergunta ela em voz baixa.

Ele sorri, como se fosse óbvio, e responde a pergunta como fazem todos os filhos que têm mãe:

— Pro nosso time.

Ele a leva de carro até a casa de Bank. Dá um beijo em seu cabelo. Ela fica sentada na varanda com as malas prontas e o vê se afastar na direção da cidade. Ele a fez prometer que ela não ficaria sentada ali a noite toda, esperando pela volta do seu carro.

Mas ela fica mesmo assim.

— Gostaria que você soubesse que entreguei meu pedido de demissão. Preciso ir para casa, entenda.

Britt-Marie mexe no curativo em volta do dedo anular.

— É verdade que posso entender perfeitamente que você não compreende. Mas meu lugar é com Kent. Uma pessoa precisa de um lar. Evidentemente eu não quero dizer que você também precise ter um lar. Não vou me intrometer na sua vida. Tenho certeza de que você tem um lar perfeitamente adequado.

O rato está no chão, olhando para o prato diante dele como se o prato tivesse pisado em seu rabo e o chamasse de um idiota destrambelhado.

— Estou sem Snickers — diz Britt-Marie num tom de desculpas.

O rato olha para os montinhos no prato.

— Isto é pasta de amendoim. E isto é algo conhecido como Nutella — diz ela com orgulho. — Não tem mais Snickers no mercadinho, mas fui informada de que em todos os aspectos importantes isto é a mesma coisa.

Ainda é o meio da noite. Alguém não ficou nada satisfeita em ser acordada, mas Britt-Marie não conseguiu ficar sentada sozinha com suas malas na varanda de Bank. Não suportou. Então, ela voltou para lá, para se despedir. Do rato e do vilarejo.

Britt-Marie fica de pé ao lado da janela. Logo vai amanhecer. Alguém apagou as luzes da pizzeria e voltou para a cama, na esperança de que Britt-Marie não fosse bater em sua porta porque precisa de pasta de amendoim e chocolate. A festa acabou há muito tempo. A estrada está deserta. Britt-Marie esfrega a aliança de casada com uma batata com bicarbonato de sódio, porque é a melhor maneira de limpar alianças de casamento. Ela faz isso com frequência com a aliança de Kent; ele costuma deixá-la na mesa de cabeceira. Costuma ser muito distraído, o Kent, sempre que está prestes a se reunir com os alemães.

Em geral, Britt-Marie limpa a aliança até brilhar, assim ele não poderá deixar de notar quando se levanta da cama na manhã seguinte.

Esta é a primeira vez que ela limpa a própria aliança. A primeira vez que não está em seu dedo. Ela sussurra, sem olhar para o rato:

— Kent precisa de mim. Uma pessoa precisa ser necessária, você tem de entender.

Ela não sabe se os ratos ficam acordados em suas cozinhas a noite toda, pensando no que vão fazer da própria vida. Ou com quem eles vão passar a própria vida.

— Sami me disse que não sou do tipo que dá o fora, mas você precisa entender que na verdade é exatamente o que eu sou. Para onde quer que eu me vire, estou deixando alguém. Assim, a única coisa certa deve ser ficar no maldito lugar que seja verdadeiramente seu. Em sua vida normal.

Britt-Marie tenta parecer segura de si. O rato lambe as patas. Descreve um pequeno semicírculo no guardanapo. Depois dispara porta afora.

Britt-Marie não sabe se ele acha que ela fala demais. Não sabe por que ele continua vindo ali. Pelo suprimimento de Snickers, evidentemente, mas ela tem esperanças de que seja algo mais do que isso. Ela pega no prato os restos da pasta de amendoim e da Nutella, enrola com plástico, depois coloca tudo na geladeira, por um hábito antigo, porque ela não é de jogar comida fora. Enxuga com cuidado a aliança de casada e a coloca em um pedaço de papel-toalha dobrado antes de colocá-la no bolso do casaco. Será bom tirar o curativo e recolocar a aliança no dedo. É como chegar a sua própria cama depois de uma longa viagem.

Uma vida normal — ela jamais quis nada além de uma vida normal. Ela podia ter tomado outras decisões, diz a si mesma, mas escolheu Kent. Um ser humano não pode escolher suas circunstâncias, mas ela escolhe seus atos, insiste Britt-Marie para si mesma. Sami tinha razão. Ela não é do tipo de dar o fora. Então ela deve ir para casa, onde é necessária.

Ela se senta no banco da cozinha, olhando fixamente para a parede e esperando por um carro preto. Ele não vem. Pergunta-se se Sami pensa sobre como alguém deve viver a própria vida, se ele chega a ter esse luxo. Um ser humano não pode escolher suas circunstâncias, é verdade, mas na vida de Sami houve mais circunstâncias do que acontecimentos. Ela se pergunta se escolhas ou circunstâncias fazem de nós o tipo de pessoa que nos tornamos — ou o que foi que fez de Sami o tipo de pessoa que intercede. Ela se pergunta o que exige mais de uma pessoa: ser do tipo que pula, ou do que não pula?

Ela se pergunta quanto espaço sobrou na alma de uma pessoa para ela se transformar depois que envelhece. Que pessoas ela ainda tem de conhecer, o que verão nela e o que farão para que ela veja a si mesma?

Sami foi à cidade proteger alguém que não merece isso, e Britt-Marie está prestes a ir para casa pelo mesmo motivo. Porque se não perdoamos aqueles que amamos, então o que resta? O que é o amor se não amar quem amamos mesmo quando não merecem?

Um brilho repentino de faróis surge na estrada. As luzes se estendem no escuro como braços na água, passando pela placa de “Bem-vindo a Borg”.

Elas reduzem perto do ponto de ônibus. Apagam-se no estacionamento de cascalho. Britt-Marie já está parada na soleira da porta.

Mais tarde, quando as pessoas falarem no assunto, elas dirão que alguns rapazes encontraram Magnus nas primeiras horas da manhã, na frente de um bar. Um deles segurava uma faca. Outro homem se intrometeu entre eles. O homem do tipo que intercedia.

O carro para suavemente no cascalho. Solta um leve suspiro quente quando o motor é desligado. Os faróis se apagam ao mesmo tempo que se acendem as luzes da pizzeria. Em certas comunidades, as pessoas sempre sabem o que significa quando carros param na frente de suas janelas antes do amanhecer. As pessoas sabem que nunca é porque aconteceu alguma coisa boa. Alguém vem rodando para a varanda; a cadeira de rodas para prontamente quando ela avista o uniforme policial.

Sven fica parado com o quepe nas mãos e o lábio inferior cheio de marcas de dentes, provocadas por sua tentativa de se controlar. O desespero, que escorreu pelas faces e provocou rugas vermelhas, diz muito de como sua tentativa foi inútil.

Britt-Marie grita. Cai no chão. E fica prostrada ali, sob o peso de outro ser humano que não existe mais.

Não é uma tristeza que chega lentamente. Não emerge na esteira da negação, da raiva, negociação, depressão ou aceitação. Ela acende de imediato, como um fogo interior devorador, um fogo que rouba todo o oxigênio do ar até ela cair subjugada no chão, se debatendo no cascalho e lutando por um pouco de ar. Seu corpo tenta se contorcer como se não tivesse coluna vertebral, como se tentasse desesperadamente apagar as chamas que o queimam por dentro.

A morte é o estado definitivo de impotência. A impotência é o desespero definitivo.

Britt-Marie não sabe como conseguiu ficar de pé. Como Sven a colocou no carro. Ele deve tê-la carregado. Eles encontram Vega a meio caminho entre o apartamento e o centro recreativo, e ela está deitada no cascalho. Com os cabelos colados na pele, suas palavras saem em gorgolejos trêmulos, como se as lágrimas tivessem inundado seus pulmões. Como se a menina estivesse se afogando por dentro.

— Omar. Precisamos encontrar Omar. Ele vai matá-los.

Sentada ali no banco traseiro, Britt-Marie não sabe se ela é que está abraçando Vega com força demais junto a si, ou se, na verdade, é o contrário.

Em volta delas, o amanhecer desperta Borg suavemente como alguém a respirar no ouvido de quem ama. Com sol e promessas. Uma luz vibrante cai sobre cobertores quentes como o cheiro de café fresco e pão torrado. Não devia ser assim. É um dia errado para ser bonito, mas o amanhecer não se importa.

A viatura avança por esses primeiros momentos da manhã, a única coisa em movimento na estrada. Os dedos de Sven agarram com tanta força o volante que certamente isso deve machucar. Era como se ele tivesse de manter a dor em algum lugar. Ele acelera quando vê o outro carro. O único carro que tem algum motivo para sair de Borg a esta hora da manhã. O único irmão que resta para Vega salvar.



Toda morte é injusta. Todo enlutado procura alguém a quem culpar. Nossa fúria quase sempre é confrontada pelo discernimento impiedoso de que ninguém tem responsabilidade pela morte. Mas e se alguém foi responsável? E se você

soubesse que mataram a pessoa que você ama? O que faria? Em que carro estaria sentado, e o que estaria segurando nas mãos?

A viatura passa roncando e corta o outro carro. O pé de Sven bate no asfalto antes que qualquer um deles tenha chegado a parar. Por uma eternidade, ele fica de pé ali na estrada, sozinho, o rosto riscado de rugas vermelhas e o lábio inchado com as marcas de mordida. Por fim, uma porta de carro se abre e Omar sai. Os olhos de um homem no corpo de um menino. Seria este o fim de uma infância?

É o tipo de noite que não pode ser desfeita em uma pessoa.

— Que foi, Sven? O que você vai me dizer? Que tenho muito a perder? Que merda eu tenho a perder?

Sven estende as palmas das mãos. Seus olhos vão rapidamente para o que Omar tem nas mãos. Sua voz mal consegue se fazer ouvir:

— Me diga onde isso vai acabar, Omar. Depois que você os matar e eles matarem você. Me diga onde vai parar depois disso.

Omar só fica parado, sem dizer uma palavra, como se ele também precisasse concentrar sua dor em algum lugar. Dois rapazes no banco traseiro do carro abrem as portas, mas não descem, apenas ficam sentados ali, esperando que Omar tome uma decisão. Britt-Marie os reconhece. Eles jogavam futebol com Sami e Magnus iluminados pelos faróis do carro preto de Sami... Quando foi a última vez que eles jogaram? Dias atrás? Semanas? Toda uma vida atrás. Eles são quase meninos.

A morte é impotência. A impotência é desespero. Pessoas desesperadas escolhem medidas desesperadas. O cabelo de Britt-Marie balança no vento quando a porta da viatura se abre e Vega sai. Ela olha para o irmão. Ele agora está de joelhos. Ela encosta a cabeça dele no seu pescoço e sussurra:

— Onde Sami teria ficado?

Como ele não responde imediatamente, ela repete:

— Onde. Sami. Teria. Ficado?

— Entre nós — ele diz, ofegante.

Os dois rapazes lançam um último olhar para Sven. Em outro momento, talvez eles pudessem ser impedidos. Um dia talvez seja possível impedi-los novamente. Mas não esta noite.

O carro deixa Britt-Marie, Sven e as duas crianças para trás na estrada.

O amanhecer surge acima deles.

A viatura segue lentamente de volta por Borg, sai do outro lado, continua por uma trilha de cascalho. Continua rodando para sempre, até que Britt-Marie não sabe mais se adormeceu, ou se só ficou entorpecida. Eles param perto de um lago.

Britt-Marie embrulha a arma com todos os lenços que tem na bolsa, não sabe por quê, talvez porque não queira que a menina se suje. Vega insiste que ela é que tem de fazer aquilo. Ela desce do carro e a joga com a maior força possível no lago.

Britt-Marie não sabe como as horas se transformaram em dias, nem como os dias se passaram. À noite, ela dorme com as crianças na cama de Sami. O coração deles batendo em suas mãos. Ela fica ali por várias noites. Não é algo que tenha planejado, nem tomou nenhuma decisão, ela simplesmente deixa-se estar ali. Um amanhecer depois do outro, parece que se misturam com o crepúsculo. Pensando bem, ela tem uma vaga lembrança de ter falado com Kent por telefone, mas não consegue se lembrar do que disse. Acha que deve ter pedido a ele para resolver algumas coisas práticas, talvez tenha lhe pedido para dar alguns telefonemas, ele é bom nessas coisas. Todo mundo diz que Kent é bom nessas coisas.

Certa tarde, ela não saberia dizer quando, Sven veio até o apartamento. Trouxe consigo uma jovem do serviço social. Ela é calorosa e simpática. O pescoço de Sven não parece capaz de sustentar todos os seus pensamentos por muito tempo. A mulher se senta com eles à mesa da cozinha, fala lenta e suavemente, mas ninguém consegue se concentrar. Os olhos de Britt-Marie desviam-se constantemente para a janela, uma das crianças fica olhando para o teto e a outra tem os olhos voltados para o chão.

Na noite seguinte, Britt-Marie é acordada por um barulho no apartamento. Ela se levanta e se atrapalha para encontrar o interruptor de luz. O vento sopra pela porta da varanda. Vega anda como uma louca de um lado a outro da cozinha. Arrumando. Limpando tudo que encontra. Suas mãos esfregam freneticamente o escorredor de pratos e as frigideiras.

Duas, três vezes, sem parar. Como se fossem lâmpadas mágicas que pudessem devolver tudo a ela. As mãos de Britt-Marie hesitam no ar atrás dos ombros afobados da garota.

Seus dedos seguram sem tocar.

— Eu sinto muito, sei que você deve estar...

— Não tenho tempo pra sentir coisas. Preciso cuidar de Omar — a garota interrompe com a voz vazia.

Britt-Marie quer tocar nela, mas a menina sempre se afasta, e então Britt-Marie vai pegar sua bolsa. Retira de lá o bicarbonato de sódio. A menina olha

nos olhos dela e sua tristeza não tem mais nada a dizer. As palavras não conseguem alcançar tudo.

Assim, elas continuam limpando até um novo amanhecer. Mas nem todo bicarbonato de sódio do mundo poderia ajudá-las.

É um domingo de janeiro. Enquanto o Liverpool joga com o Stoke a 965 quilômetros de distância, Sami está enterrado ao lado da mãe, dormindo suavemente sob um tapete de flores vermelhas. Pranteado pelos dois irmãos, sua ausência será sentida em toda a comunidade. Omar deixa um cachecol no cemitério.

Britt-Marie serve café na pizzeria e cuida para que cada um dos enlutados tenha um porta-copos. Todo mundo de Borg está presente. A área do estacionamento está cercada de velas acesas. Camisas brancas do uniforme do time foram penduradas na cerca de madeira ao lado. Algumas são novas, outras tão velhas e desbotadas que ficaram cinzentas. Mas todas elas se lembram.

Vega está parada na porta, com um vestido recém-passado e o cabelo penteado. Ela recebe os pêsames das pessoas como se elas tivessem mais direito a lamentar do que a própria Vega. Mecanicamente, aperta a mão delas. Seus olhos estão vazios, como se alguém tivesse desligado um interruptor dentro dela. Alguma coisa faz barulho no estacionamento, mas ninguém escuta. Britt-Marie tenta fazer Vega comer, mas Vega nem mesmo responde quando falam com ela. Ela se deixa ser levada à mesa e baixada em uma cadeira, mas seu corpo reage como se estivesse adormecido. Ele se vira para que ela fique de frente para a parede, como se ela quisesse evitar qualquer contato físico possível. O ruído lá fora fica mais alto.

O desespero de Britt-Marie se intensifica. As pessoas têm diferentes formas de vivenciar a impotência e a tristeza, mas, para Britt-Marie, nunca é tão forte quando ela é incapaz de fazer alguém comer.

As vozes sussurrantes da pizzeria lotada parecem um furacão aos seus ouvidos, sua mão resignada procura o ombro de Vega como se tentasse alcançar a beira de um precipício. Mas o ombro se afasta. Desvia na direção da parede. E os olhos fogem para dentro. O prato continua intocado.

Quando o barulho no estacionamento fica ainda mais alto, como se tentasse provar alguma coisa, Britt-Marie vira-se com raiva para a porta com as mãos tão cerradas que o curativo fica frouxo nos dedos. Ela está prestes a gritar quando sente o corpo da menina passar esbarrando por ela, atravessando a multidão de gente.

Max está lá fora, apoiado nas muletas. Suspenso pelas axilas, todo o seu peso balançando no ar, ele usa a perna saudável para chutar a bola, fazendo-a disparar em um ângulo tão fechado que ela primeiro voa para a parede do centro recreativo, depois para a cerca de madeira onde estão penduradas as camisas brancas, voltando em seguida para ele. *Du-dunk-dunk* é como soa. *Du-dunk-dunk. Du-dunk-dunk.*

Du-dunk-dunk.

Como um coração batendo.

Quando Vega se aproxima o bastante, Max deixa a bola passar por ele sem se virar. Ela rola para Vega e vai parar em seus pés. Seus dedos tocam a bola através dos sapatos. Ela se curva e passa a mão no couro arranhado.

Depois chora descontroladamente.

A 965 quilômetros dali, o Liverpool vence por 5-3.

Omar e Dino são os primeiros a se lançar no jogo com Vega. No início eles estão retraídos, como se cada movimento fosse feito de tristeza, mas logo estão jogando como se fosse outra noite. Eles jogam sem memória, porque não conhecem outro jeito de se fazer isso. Mais crianças aparecem, primeiro Sapo e Ben, no entanto outras logo se juntam. Britt-Marie não reconhece todos ali, mas cada um tem jeans rasgados nas coxas. E jogam como se morassem em Borg.

— Britt-Marie? — diz Sven num tom formal com que ela não está acostumada.

Ele para ao lado dela acompanhado de um homem muito alto. Extraordinariamente alto. Britt-Marie nem mesmo sabe como se pode ter uma iluminação plenamente funcional em casa com ele por perto.

— Ha? — diz ela.

Sven apresenta o tio de Dino falando um inglês com forte sotaque, mas Britt-Marie não critica, ela não é do tipo de criticar.

— Olá — diz Britt-Marie, sendo isto a conversa máxima e mais resumida de sua parte.

Não é que Britt-Marie não saiba falar inglês. É só que ela não sabe como falar o idioma sem se sentir uma completa idiota. Ela nem mesmo sabe como dizer “completa idiota” em inglês. Para ela, isso ilustra muito bem seu argumento.

O homem muito alto, que na realidade tem uma altura ilógica, aponta para Dino e explica que eles moraram em três países e sete cidades antes de virem para Borg. Sven, prestativo, traduz. Britt-Marie entende perfeitamente o inglês, mas deixa que ele continue, com medo de que esperem que ela diga alguma coisa. A boca do homem alto treme de um jeito melancólico quando ele diz que as crianças pequenas não se lembram das coisas, o que é uma bênção. Mas Dino tem idade suficiente para ver, ouvir e se lembrar. Ele se lembra de tudo de que foram obrigados a fugir.

— Ele está dizendo que ele ainda quase não fala nada. Só com eles... — explica Sven, apontando para fora da janela.

Britt-Marie cruza as mãos. O homem alto faz o mesmo.

— Sami — diz ele com uma certa musicalidade no modo como pronuncia o nome, como se estivesse acalentando cada nuance de som. Suas pálpebras ficam pesadas.

— Ele diz que Sami viu um garoto andando sozinho na estrada. Vega e os outros o chamaram e perguntaram se ele queria jogar, mas ele não entendeu. Então Sami rolou uma bola para ele, depois ele chutou — diz Sven.

Britt-Marie olha para o homem alto e seu bom senso a impede de dizer que certa vez, quando ela e Kent estavam hospedados em um hotel e alguém deixou um jornal estrangeiro para trás, ela quase resolveu uma palavra cruzada em inglês inteiramente sozinha.

— Obrigado — diz o homem alto.

— Ele quer agradecer a você por treinar o time. Significa mui...

Britt-Marie o interrompe, porque entendeu:

— Eu é que devo agradecer.

Sven começa a traduzir para o homem alto, mas ele o impede porque também entendeu. Ele aperta a mão de Britt-Marie.

Ela volta para dentro da pizzaria, seguida por Sven, e ajuda Alguém a retirar copos e pratos das mesas.

— Foi um belo funeral — diz Sven, porque é o que se diz.

— Muito bonito — diz Britt-Marie, porque é o que se deve dizer também.

Ele tira algo do bolso e entrega a ela. A chave do carro dela. Os olhos dele cintilam. Pela janela, eles veem a BMW de Kent parando no estacionamento.

— Suponho que agora vocês vão para casa, você e Kent — diz Sven, com os olhos distantes.

— É melhor assim — diz Britt-Marie, sugando as bochechas, mas depois algumas outras palavras escapolem dela, apesar de tudo: — A não ser que eu seja necessária aqui com... Vega e Omar...

Sven ergue os olhos e desmorona no breve instante entre a primeira frase e a compreensão de que o que ela está se perguntando é se as crianças precisam dela. Não se ele precisa.

— Eu... eu, sim, claro, entrei em contato com a assistência social. Eles mandaram uma mulher a Borg — diz ele com uma expressão abatida, como se já tivesse se esquecido de que na realidade isso aconteceu várias noites antes, quando ele levou a mulher até as crianças.

— É claro — diz ela.

— Ela... você vai gostar dela. Já trabalhei com ela muitas vezes. É uma boa pessoa. Ela quer o que for o melhor para eles, ela não é como... como você imagina que possa ser a assistência social.

Britt-Marie limpa o suor da testa com um lenço, assim ele não nota que ela também enxuga os olhos.

— Prometi a Sami que eles iam ficar bem. Eu prometi... eu quero... eles precisam ter uma oportunidade de... deve haver uma história feliz na vida deles,

Sven. Em algum momento — ela enfim consegue falar.

— Vamos fazer o máximo possível. Todos nós faremos todo o possível.

— Claro, claro — responde ela, dirigindo as palavras aos próprios sapatos.

Sven passa os dedos no quepe que tem nas mãos.

— A mulher do conselho, sim, ela vai ficar com as crianças por alguns dias. Até que eles tenham resolvido tudo. Ela é muito atenciosa e solidária. Não precisa se preocupar com isso, eu, bom, me pediram para levar as crianças para casa esta noite.

Alguns segundos se passam até que o significado do que ele disse seja compreendido por Britt-Marie. Até que ela chegue à conclusão de que não é mais necessária.

— Evidentemente, sim. É a melhor maneira, evidentemente — sussurra ela.

Lá fora, no campo de futebol, Kent saiu de sua BMW. Ele vê Britt-Marie e Sven pela janela e coloca as mãos nos bolsos, um tanto confuso, parecendo que está parado em uma esquina sem se mostrar muito disposto a confessar que se perdeu. Ele nunca foi bom para falar na morte, Britt-Marie sabe disto. É o tipo de pessoa que pode resolver todos os aspectos práticos; ele pode dar telefonemas; beijará suas pálpebras. Mas nunca foi bom nessas coisas de sentimento.

Os olhos dele parecem estar considerando entrar na pizzeria, mas seus pés partem na direção contrária. Ele faz alguns movimentos que dão a impressão de que vai voltar para a BMW, mas a bola de futebol vem rolando e para junto de seus pés. Omar está a pouca distância dele. Kent coloca a sola do sapato na bola e olha para o menino. Chuta a bola para ele. Omar para a bola com a lateral do pé, depois manda de volta para Kent.

Trinta segundos depois, Kent está no meio da turma de crianças, com a camisa amarrotada e para fora do cinto, os cabelos desgrehados. Ele fica feliz instantaneamente. Quando a bola vem voando para ele na altura dos joelhos, ele se prepara para chutar com toda a força, erra a bola e vê um de seus sapatos voar e passar por cima da cerca na lateral do centro recreativo.

— Minha Nossa Senhora — resmunga Britt-Marie da janela. As crianças ficam observando o sapato voar. Viram-se para Kent. Ele olha para as crianças e começa a rir. Elas também riem. Ele joga o resto da partida com um sapato só e, quando marca um gol, corre pelo campo com Omar montado em suas costas.

Omar o abraça com uma certa força excessiva. Por um tempo longo demais. Porque os adolescentes têm poucas oportunidades de fazer isso fora de um campo de futebol. Kent também o abraça. Porque o futebol lhe permite fazer isso.

Sven se afastou da janela quando fala em voz baixa:

— Não me leve a mal, Britt-Marie, por não ter chamado a assistência social mais cedo. Eu só queria dar a Sami a chance de organizar as coisas. Pensei que... eu... eu... só queria dar essa chance a ele. Não me leve a mal por isso.

Os dedos dela roçam o ar entre eles, o mais perto que podem sem realmente tocá-lo.

— É bem o contrário, Sven. É bem o contrário.

Ele olha em volta para tentar dizer alguma coisa, mas ela intervém rapidamente:

— Tem mais crianças aqui agora do que antes. De onde elas todas vieram?

Sven recoloca o quepe de policial na cabeça. Ele fica meio torto.

— Elas têm vindo para cá toda noite desde a Copa. Em número cada vez maior a cada noite. Se continuar assim, logo Borg não será um time, será um clube.

Britt-Marie não sabe o que isso significa, mas parece bonito. Ela acha que Sami teria gostado.

— Elas parecem tão felizes. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, elas conseguem ficar muito felizes quando estão jogando — diz ela, quase com inveja.

Sven passa a mão na barba por fazer. Ele parece cansado. Ela nunca o viu cansado. Mas por fim os cantos de sua boca se torcem ligeiramente, os olhos brilham para ela e ele fala:

— O futebol obriga a vida a continuar. Sempre há uma nova partida. Uma nova temporada. Sempre há um sonho de que tudo vai ficar melhor. É um esporte que faz maravilhas.

Britt-Marie endireita um vinco na camisa dele, sua mão pousando com a leveza de uma borboleta, sem realmente tocar seu corpo abaixo do tecido.

— Se não for impróprio demais, gostaria de lhe fazer uma pergunta pessoal, Sven.

— É claro.

— Para que time de futebol você torce?

Surpreso, a expressão dele fica aliviada e se transforma.

— Nunca torci para time nenhum. Acho que gosto demais de futebol. Às vezes sua paixão por um time pode atrapalhar seu amor pelo jogo.

Parece combinar bem com um homem como Sven que ele acredite mais no amor do que na paixão. Ele é um policial que acredita mais na justiça do que na lei. Combina com ele, pensa Britt-Marie. Mas ela não diz isso a ele.

— Poético — diz ela.

— Claro. — Ele sorri.

Ela quer dizer muito mais. Talvez ele também queira. Mas, no fim, só o que ele consegue pronunciar é:

— Quero que você saiba, Britt-Marie, que sempre que ouço alguém batendo na minha porta tenho esperanças de que seja você.

Talvez ele esteja pretendendo dizer algo maior, mas se contém e se afasta. Ela quer chamar por ele, mas é tarde demais.

A porta tilinta alegremente com a passagem dele, porque as portas parecem não entender quando é ou não é o momento certo.

Britt-Marie enxuga o rosto com o lenço para que ninguém veja que está enxugando os olhos. Depois anda decidida pela pizzaria, até encontrar Alguém. Ainda tem gente por toda parte. A mãe de Ben, o tio de Dino e os pais do Sapo, mas também muitas outras pessoas cujos rostos Britt-Marie só se recorda vagamente do dia da Copa. Eles estão limpando e colocando as cadeiras em ordem, e ela por muito pouco consegue resistir ao impulso de endireitá-las de novo.

— Foi, como se diz mesmo? Um belo funeral, né? — diz Alguém, com a voz meio rouca.

— Sim — concorda Britt-Marie, antes de pegar a carteira e continuar imediatamente: — Gostaria de saber quanto lhe devo pela porta do carro.

Alguém tamborila no braço da cadeira de rodas.

— Bom. Sabe como é, estive pensando nesse carro, né, Britt-Marie. Eu não tenho um bom mecânico, né? Talvez tenha feito errado, sabe? Então primeiro você verifica o serviço, tá? Depois você volta. E paga.

— Não entendo.

Alguém coça o rosto para que ninguém possa ver que ela também enxuga os olhos.

— Britt-Marie é pessoa muito honesta, é. Britt-Marie não rouba. Então, eu sei que Britt-Marie vai voltar a Borg, é. Pra pagar.

— É claro — responde ela, virando-se. — É claro.

Ela quer se ocupar limpando, mas tem a cruel percepção de que as pessoas que ela não conhece, dentro da pizzaria, já fizeram isso. Alguém já disse a todas elas o que fazer. E agora não resta nada para terminar.

Britt-Marie não é mais necessária ali.

Ela fica de pé sozinha na soleira da porta até as crianças pararem de jogar. Elas vão para casa, uma depois da outra. A distância, Sven espera pacientemente por Vega e Omar. Ele deixa que as crianças se demorem o necessário. Vega vai diretamente para o banco traseiro e fecha a porta, mas Omar fica andando sozinho junto da cerca e passa os dedos nas camisas brancas. Curva-se para as velas no chão, pega cuidadosamente uma que apagou e acende, segurando-a

sobre a chama de outra vela, depois a coloca de volta. Quando ele endireita o corpo, vê Britt-Marie na porta. Sua mão se afasta quase imperceptivelmente do quadril, em um pequeno aceno. Um aceno de um rapazinho é muito mais do que o aceno de uma criança. Ela acena também, o máximo que pode, sem mostrar a ele que está chorando.

Ela vai para o estacionamento justo quando a viatura pega a estrada e parte para a casa das crianças. Kent está esperando por ela, suado, a camisa amarrotada e solta, o cabelo todo virado para um lado de sua cabeça grande — e ele ainda calça um sapato só. Ele parece muito, muito um maluco. Isso lembra a ela de como ele costumava ser quando eles eram crianças. Na época, ele nunca se incomodou que outras pessoas lhe fizessem gestos de reprovação; ele nunca teve medo de se fazer de bobo. Nunca precisou da aprovação de ninguém, exceto a dela.

Ele pega a mão de Britt-Marie e ela pressiona as pálpebras nos lábios dele. Diz, quase ofegante:

— Vega tem medo, mesmo que na maior parte do tempo pareça ter raiva. Omar tem raiva, mesmo que na maior parte do tempo pareça ter medo.

— Vai ficar tudo bem — diz Kent para seu cabelo.

— Eu prometi a Sami que a vida deles daria certo — Britt-Marie soluça.

— Eles vão ficar bem, você precisa deixar que as autoridades cuidem disso — diz ele calmamente.

— Eu sei. É claro que sei disso.

— Eles não são seus filhos, querida.

Ela não responde. Porque ela sabe. Evidentemente que ela sabe. Em vez disso, ela endireita as costas e enxuga os olhos com um lenço, ajeita um vinco na saia e vários na camisa de Kent. Controla-se, cruza as mãos sobre a barriga e pergunta a ele:

— Preciso cuidar de uma última coisa. Amanhã. Na cidade. Se não for problema demais.

— Eu vou com você.

— Não precisa ficar sempre do meu lado, Kent.

— Sim, preciso.

E então ele sorri. Ela tenta.

Mas quando ele segue de volta para a BMW, ela fica parada onde está, com os saltos cravados no cascalho, como fazemos quando finalmente já basta.

— Não, Kent, certamente que não! Certamente não vou à cidade com você, se você não calçar os dois sapatos!

O curioso das comunidades construídas em beira de estrada é que podemos encontrar mil motivos para deixá-las e mil justificativas para ficar. Certas pessoas nunca deixam de se dedicar a uma coisa ou outra.

No fim, quase uma semana inteira se passa depois do funeral até Britt-Marie entrar em seu carro branco de porta azul e pegar a estrada que sai de Borg. É verdade que não é inteiramente culpa dos funcionários da prefeitura. É possível que só estejam tentando fazer o seu trabalho. Não é culpa deles se ignoram a precisão com que Britt-Marie tica os itens de suas listas.

Assim, no primeiro dia, uma segunda-feira, o jovem que trabalha temporariamente na recepção da prefeitura parece pensar que Britt-Marie estava ali de brincadeira. A recepção abre às oito horas, logo Britt-Marie e Kent apareceram às 8:02, porque Britt-Marie não quer passar por obstinada.

— Borg? — diz o recepcionista temporário naquele tom que podemos usar quando pronunciamos os nomes dos animais dos contos de fada.

— Meu caro rapaz, certamente você não pode estar trabalhando para o conselho sem saber que Borg faz parte do conselho local! — diz Britt-Marie.

— Não sou daqui. Sou temporário.

— Ha. E suponho que isso sirva de desculpa para não precisar saber de absolutamente nada.

Mas Kent tem a audácia de cutucá-la de lado e cochichar que ela deve tentar ser um pouco mais diplomática, assim ela se recompõe de má vontade, abre um sorriso tolerante para o jovem e fala:

— Foi muita coragem sua colocar esta gravata. Porque ela é absolutamente ridícula.

Depois disso, há uma sequência de opiniões trocadas que não podem ser exatamente descritas como “diplomáticas”. No fim, porém, Kent consegue acalmar os dois combatentes a tal ponto que o jovem promete não chamar a segurança e Britt-Marie promete não tentar bater nele de novo com sua bolsa.

Uma coisa curiosa sobre as comunidades construídas na beira de estradas é que você não precisa passar muito tempo nelas até sentir-se profunda e pessoalmente ofendida quando os rapazes nem mesmo sabem que esses lugares estão ali — que eles até existem.

— Vim aqui exigir que um campo de futebol seja construído em Borg, para sua informação — explica Britt-Marie, com sua máxima paciência divina.

Ela aponta para a sua lista. O jovem consulta o arquivo. Vira-se ostensivamente para Kent e diz algo a respeito de uma “comissão”, que no momento está em reunião.

— Por quanto tempo?

O jovem continua vendo o arquivo.

— É uma reunião de café da manhã. Então, mais ou menos até umas dez horas.

Com isso, ela e Kent precisam deixar o prédio da prefeitura, porque uma Britt-Marie com renovada agressividade revoltou-se com a ideia de um café da manhã durar até as dez horas, fazendo com que o jovem quebrasse sua promessa de não chamar a segurança. Eles retornam às dez horas e ficam sabendo que a comissão estará em reunião até depois do almoço. Eles voltam depois do almoço e descobrem que a comissão ficará reunida pelo resto do dia. Britt-Marie esclarece sua missão ao jovem, porque ela não acredita que precise levar um dia inteiro para ser concluída. O segurança que o jovem chamou considera que o esclarecimento dela está passando das medidas. Ele diz a Kent que se Britt-Marie fizer isso mais uma vez, ele não terá alternativa senão confiscar a bolsa dela. Kent dá uma risadinha e diz que neste caso o segurança é um homem muito mais corajoso do que Kent. Britt-Marie não sabe se deve sentir-se ofendida ou orgulhosa disso.

— Vamos voltar amanhã, querida, não se preocupe — diz Kent num tom tranquilizador quando eles estão saindo.

— Você tem suas reuniões, Kent. Precisamos ir para casa, entendo isso, é claro que entendo. Só espero que a gente consiga...

Ela respira tão fundo que o ar parece ter sido extraído do fundo de sua bolsa.

— Quando Vega joga futebol, ela não sente mais nenhuma dor.

— Dor de quê?

— Tudo.

Kent abaixa a cabeça por um momento, pensando.

— Não importa, querida. Voltaremos amanhã.

Britt-Marie ajeita o curativo na mão.

— Estou ciente do fato de que as crianças não precisam de mim. Evidentemente estou ciente disso, Kent. Só gostaria de dar alguma coisa a elas. Pelo menos se eu conseguisse lhes dar um campo de futebol...

— Voltaremos amanhã — repete Kent, enquanto abre a porta do carro para ela.

— Sim, sim, você tem suas reuniões, eu entendo que você tem suas reuniões, precisamos ir para casa — diz ela com um suspiro.

Kent coça a cabeça, distraído. Tosse de leve. Fixa o olhar no lacre de borracha entre o vidro e o metal da porta e responde:

— A verdade, querida, é que só tenho uma reunião. Com o vendedor de carros.

— Ha. Não sabia que você pretendia comprar um carro novo.

— Não vou comprar. Estou vendendo este — diz Kent, com um gesto de cabeça para a BMW em que ela acabou de entrar.

A expressão facial dele é de abatimento, como se a cara soubesse que é isto que se espera dela. Mas quando ele dá de ombros, faz esse gesto como um jovem, e seus ombros parecem leves e relaxados como se tivessem sido libertados de um fardo pesado.

— A empresa pediu falência, querida. Tentei salvá-la pelo tempo que pude, mas... bom. É a crise financeira.

Britt-Marie olha para ele boquiaberta.

— Mas eu pensei... pensei que você tivesse dito que a crise acabou...

Ele considera isso por um momento, depois diz simplesmente:

— Eu estava errado, querida. Totalmente, totalmente errado.

— O que você vai fazer?

Ele sorri, despreocupado e juvenil.

— Começar de novo. É o que a gente faz, não é? Antigamente eu não tinha nada, lembra?

Ela se lembra. Seus dedos procuram os dele. Eles podem ser velhos, mas ele está rindo:

— Eu construí uma vida inteira. Uma vida inteira! Posso fazer isso de novo.

Ele segura as mãos dela e olha em seus olhos quando promete:

— Posso me tornar aquele homem de novo, minha querida.

Ele estão a meio caminho entre a cidade e Borg quando Britt-Marie se vira para ele e pergunta como foram as coisas para o Manchester United. Ele dá uma gargalhada. É o paraíso.

— Ah, de mal a pior. Tiveram a pior temporada em mais de vinte anos. O técnico está para ser demitido a qualquer momento.

— Como pode ser?

— Eles se esqueceram do que os tornou bem-sucedidos.

— O que se faz quando isso acontece?

— Você começa de novo.

Ele aluga um quarto na casa dos pais do Sapo para passar a noite. Britt-Marie não pergunta se ele prefere ficar na casa de Bank, porque Kent confessa que

“aquela velha cega me dá certo medo”.

No dia seguinte, eles voltam à prefeitura. E no dia seguinte ao seguinte. Provavelmente algumas pessoas que trabalham na prefeitura acreditam que mais cedo ou mais tarde Britt-Marie e Kent vão desistir, mas essas pessoas não têm a menor noção das profundas implicações de se escrever uma lista à tinta. No quarto dia, eles têm permissão de ver um homem de terno que é membro de uma comissão. Na hora do almoço, ele convoca uma mulher e um homem, ambos usando terno. Seja pela *expertise* deles na área pertinente, ou simplesmente porque o primeiro homem de terno quer aumentar suas chances de não ser atingido caso Britt-Marie comece a atacar com sua bolsa, isso não fica esclarecido.

— Ouvi muitas coisas boas sobre Borg. Parece um lugar encantador — diz a mulher num tom de estímulo, como se o vilarejo a vinte quilômetros de seu escritório fosse uma ilha exótica acessível apenas por feitiços de convocação.

— Estou aqui por causa de um campo de futebol — Britt-Marie começa.

— Não há orçamento para isso — informa a eles o segundo homem de terno.

— Como eu já falei — observa o primeiro homem de terno.

— Neste caso, precisarei exigir que alterem o orçamento.

— Isso está inteiramente fora de cogitação! Como ficaria? Depois teríamos de começar a fazer alterações em todos os orçamentos! — diz o segundo homem de terno, apavorado.

A mulher de terno sorri e pergunta se Britt-Marie quer um café. Britt-Marie não quer. O sorriso da mulher de terno se intensifica.

— Pelo que entendemos, Borg já tem um campo de futebol.

O segundo homem de terno solta um zumbido insatisfeito entre dentes e quase grita:

— Não! O campo de futebol foi vendido para a construção eventual de prédios de apartamentos. Está no orçamento!

— Bom, neste caso precisarei pedir que comprem o terreno de volta.

O zumbido entre dentes do homem de terno agora também é acompanhado por uma cachoeira de saliva.

— E que impressão isso daria? Se por acaso *todo mundo* quisesse vender seus terrenos de volta! Não podemos sair por aí construindo campos de futebol em toda parte! Estamos nadando em campos de futebol!

— Bom — diz o primeiro homem de terno e consulta o relógio com uma expressão muito entediada.

A essa altura, Kent precisa segurar firme a bolsa de Britt-Marie. A mulher de terno curva-se para a frente de forma apaziguadora e serve café para todos, embora ninguém de fato queira café.

— Pelo que sabemos, você estava empregada no centro recreativo de Borg — diz ela com um leve sorriso.

— Sim. Sim, é verdade, mas eu... tive de entregar meu pedido de demissão — diz Britt-Marie, sugando as bochechas.

A mulher abre um sorriso ainda mais brando e empurra a xícara de café para mais perto de Britt-Marie.

— A intenção nunca foi de haver um cargo lá, minha cara Britt-Marie. A intenção era fechar o centro recreativo antes do Natal. A vaga foi um erro.

O segundo homem de terno zumbe como um motor de popa:

— Um cargo que não está no orçamento. Que impressão isso daria?

O primeiro homem de terno se levanta.

— Vocês terão de nos dar licença. Temos uma reunião importante.

E, diante disso, Britt-Marie sai do prédio da prefeitura. Vindo em seguida a perceber que sua ida a Borg foi um fragoroso erro. Eles têm razão. Evidentemente que têm razão.

— Amanhã, querida. Vamos voltar aqui amanhã — Kent tenta dizer a ela mais uma vez enquanto eles se sentam na BMW. Em silêncio e desanimada, ela encosta a cabeça na janela e mantém um lenço de papel embaixo do queixo. Uma espécie de determinação aparece nos olhos de Kent quando ele vê isso, quase como algo vingativo, mas naquele momento ela não percebe.

O quinto dia na prefeitura é uma sexta-feira. Está chovendo de novo.

Kent precisa obrigar Britt-Marie a ir. Quando ela insiste que é tudo inútil, ele não tem alternativa a não ser ameaçar de escrever com a caneta um monte de coisas irrelevantes e maldosas na lista dela. Nesse momento, ela pega a lista de volta como se fosse um vaso de flores que ele tenha ameaçado jogar da varanda, depois entra com relutância na BMW, o tempo todo resmungando que Kent é um “vândalo”.

Uma mulher está à espera deles quando eles chegam à prefeitura. Britt-Marie reconhece que é a mulher da Associação de Futebol.

— Ha. Suponho que esteja aqui para nos impedir, não? — observa Britt-Marie.

A mulher olha para Kent, surpresa. Nervosa, começa a torcer as mãos.

— Não. O Kent me telefonou. Estou aqui para ajudá-la.

Kent acaricia o ombro de Britt-Marie.

— Dei alguns telefonemas. Tomei a liberdade de fazer o que eu sei.

Quando Britt-Marie entra no escritório das pessoas de terno, há mais ternos presentes. Diante das circunstâncias, parece que o campo de futebol em Borg tornou-se uma questão de interesse para mais do que apenas uma comissão.

— Chegou à nossa atenção que fortes interesses apoiam a iniciativa de mais campos de futebol nas fronteiras de nosso Conselho — diz um terno novo, assentindo para a mulher da Associação de Futebol.

— Também chegou à nossa atenção que interesses comerciais locais estão dispostos a exercer certa... pressão — diz outro terno.

— Uma pressão assaz desagradável, na verdade! — intervém um terceiro terno, pegando uma pasta de plástico contendo vários papéis e colocando na mesa na frente de Britt-Marie.

— Também fomos lembrados, por correspondência e vários telefonemas, que este é um ano de eleições — diz o terno supramencionado.

— Fomos lembrados de uma forma muito áspera e insistente, na verdade! — acrescenta o terno anterior.

Britt-Marie curva-se para a frente. Os papéis têm como cabeçalho “Grupo de Trabalho de Parceria Oficial de Interesses Comerciais Independentes de Borg”. Nesses documentos, pode-se ver claramente que os proprietários da pizzaria de Borg, da loja da esquina de Borg, da agência postal de Borg e da oficina mecânica de Borg se reuniram durante a noite e assinaram um pedido coletivo de um campo de futebol. Por segurança, os proprietários de empreendimentos muito recentes, “Filho & Filho Advogados”, “Cabeleireiro e Cia.” e “Importadora Bons Vinhos de Borg Ltda.” também assinaram o pedido. Por acaso, todos com a mesma letra. O único documento que se destaca por ser diferente é de um homem chamado Karl, que segundo o documento acaba de abrir uma floricultura.

Todos os outros estão com a letra de Kent. Ele se coloca atrás de Britt-Marie com as mãos nos bolsos, meio arriado, como se não quisesse que sua presença se destacasse muito. A mulher de terno serve café e assente, animada:

— A verdade é que eu nem sabia que havia uma próspera comunidade de negócios em Borg! Que encantador!

O bom senso de Britt-Marie precisa se esforçar muito para impedi-la de correr pela sala de braços estendidos como um avião, porque ela tem quase certeza de que isso não seria adequado.

O primeiro homem de terno dá um pigarro e deseja dizer mais algumas palavras. Ele fala:

— O caso é que agora a agência de empregos de sua cidade entrou em contato conosco.

— Vinte e uma vezes. *Vinte e uma* vezes eles nos procuraram — observa outro terno.

Britt-Marie vira-se e procura a orientação de Kent, mas agora ele está boquiaberto, parece tão chocado quanto ela. Um terno aparentemente aleatório aponta para outro documento.

— Chegou à nossa atenção que você foi empregada no centro recreativo de Borg.

— Por engano! — diz a mulher de terno com um sorriso brando.

O terno aleatório continua, sem se deixar interromper:

— A agência de empregos de sua cidade nos deixou cientes de certas responsabilidades políticas que advêm disto. Também tomamos conhecimento de certa flexibilidade no orçamento do conselho local relacionado a outros recrutamentos, que podem entrar em vigor agora que... bom... agora que estamos em ano de eleições.

— Vinte e uma vezes. Vinte e uma vezes fomos informados disso! — intromete-se outro terno, com raiva.

As palavras deixam Britt-Marie na mão. Ela gagueja, dá um pigarro, depois por fim consegue soltar:

— Posso perguntar que raios significa isso tudo?

Todos os ternos na sala soltam rosnados contidos sobre como certamente isto deve estar claro e evidente. As mangas dos ternos são arregaçadas coletivamente para ver se está na hora do almoço. Está. Surge uma grande impaciência. Um deles, enfim, assume a tarefa de esclarecer tudo e então olha de um jeito cansado para Britt-Marie:

— Significa que o conselho local ou dará orçamento para um novo campo de futebol, ou orçamento para você manter seu emprego. Não podemos arcar com as duas coisas.

Não é uma alternativa razoável para se dar a um ser humano.

O curioso das comunidades construídas em beira de estrada é que podemos encontrar mil motivos para deixá-las e mil justificativas para ficar.

— Devo pedir que você procure entender que não é uma alternativa razoável para se dar a um ser humano — diz Britt-Marie.

Como não há resposta, ela explica:

— É simplesmente difícil de resolver, você precisa entender. Quero lhe pedir para não me levar a mal.

Ela ainda não obtém uma resposta, então suga as bochechas e ajeita a saia.

— É muito limpo e organizado aqui. É claro que não sei se isso faz alguma diferença para você agora, mas espero que faça. É um cemitério muito limpo e organizado.

Sami não responde, mas ela espera que ele esteja ouvindo quando fala:

— Quero que saiba, meu caro rapaz, que jamais vou me arrepender de ter vindo a Borg.

Era uma tarde de sábado. Um dia depois de o Conselho Municipal ter lhe dado alternativas irracionais e no mesmo dia em que o Liverpool estaria jogando com o Aston Villa a 965 quilômetros de Borg. No início desta manhã, Britt-Marie foi ao centro recreativo.

Na segunda-feira, haverá tratores trabalhando no cascalho lá fora, o conselho prometeu. Kent os obrigou a prometer, pois disse que, caso contrário, ele não permitiria que saíssem da reunião para almoçar. E assim eles prometeram e juraram que a grama seria colocada e haveria balizas adequadas, com redes. Linhas laterais apropriadas, pintadas com cal. Não era uma alternativa razoável para se dar a um ser humano, mas Britt-Marie se lembrou de como era perder uma irmã, se lembrou de o quanto uma pessoa podia se perder. Com isto em mente, ela sentiu que era a melhor coisa possível poder dar a alguém que estava igualmente perdido. Um campo de futebol.

Ela podia ouvir vozes pela porta aberta da pizzaria, mas não entrou. Melhor assim, pensou. O centro recreativo estava vazio, mas a porta da geladeira, entreaberta. As marcas de dentes do rato no lacre de borracha da porta deixaram bem claro o que tinha acontecido. O celofane em cima do prato fora rasgado e cada migalha de pasta de amendoim e Nutella lambido. Na saída, o rato esbarrou na lata de bicarbonato de sódio de Britt-Marie, virando-a no corredor de pratos. Havia rastros no pó branco. Dois pares, na verdade. O rato esteve ali em um encontro, ou um *date*, ou sabe-se lá como chamavam hoje em dia.

Britt-Marie fica sentada em um dos bancos por um longo tempo, uma toalha em seu colo. Depois ela enxuga o rosto e limpa a cozinha. Lava a louça, desinfeta e cuida para que tudo fique imaculado. Dá um tapinha na máquina de café, que uma vez foi danificada por pedras voadoras; passa a mão no quadro com um ponto vermelho pendurado precisamente no alto da parede à direita, dizendo-lhe com exatidão onde ela estava.

Estranhamente, a batida na porta não a surpreende. A jovem da assistência social parada na soleira dá a impressão de estar exatamente no lugar certo. Como se o lugar dela fosse ali.

— Oi, Britt-Marie — diz a mulher. — Espero não estar incomodando você. Vi que a luz estava acesa.

— Certamente que não. Só vim aqui deixar as chaves — Britt-Marie informa em voz baixa, sentindo-se uma visita na casa de outra pessoa.

Ela estende as chaves do centro recreativo, mas a mulher não pega. Apenas abre um sorriso caloroso ao olhar as instalações.

— É muito bom aqui. Pelo que pude entender, este lugar significa muito para Vega e Omar, e eu queria dar uma olhada para poder compreendê-los melhor.

Britt-Marie remexe nas chaves. Sufoca tudo o que quer transbordar. Verifica várias vezes se colocou todas as suas coisas na bolsa e se apagou as luzes do banheiro e da cozinha. Procura achar forças para dizer o que quer, embora seu bom senso esteja lutando com unhas e dentes para impedi-la.

“Faria alguma diferença se alguém se oferecesse para cuidar das crianças?”, ela queria perguntar. Evidentemente, sabia que isto era um disparate. É evidente que sabia. No entanto, ela teve tempo para abrir a boca e então dizer:

— Seria... eu gostaria de sua permissão para perguntar se... é evidente que se trata de um disparate, decerto, mas gostaria de perguntar para onde... supondo-se que faria alguma diferença se alguém...

Antes que consiga chegar ao fim da frase, ela percebe que os pais do Sapo estão parados na porta. A mãe tem as mãos na barriga de grávida e o pai tem nas mãos o boné.

— É você que vai pegar as crianças? — Karl quer saber.

A mãe dá uma leve cotovelada nele de lado, depois se vira e fala sem rodeios para a mulher da assistência social:

— Meu nome é Sonja. Este é Karl. Somos os pais de Patrik. Ele joga no time de futebol de Vega e Omar.

É claro que é bem possível que a mulher da assistência social tenha a intenção de responder, mas Karl não lhe dá esta oportunidade:

— Queremos cuidar das crianças. Queremos que elas venham morar conosco. Você não pode tirá-las de Borg!

Sonja olhou para Britt-Marie. Talvez tenha visto suas mãos e, assim, atravessou a sala e, sem qualquer alerta, lhe deu um abraço. Britt-Marie resmunga alguma coisa sobre ter detergente de limpeza nos dedos, mas, apesar disso, Sonja continua a abraçá-la. Algo faz barulho na porta. A mulher da assistência social começa a rir um pouco, como se fosse seu impulso natural sempre que ela abre a boca.

— O fato é que recebi a mesma sugestão da mãe de Ben e do tio de... Dino... é esse o nome dele?

Os barulhos na porta se intensificaram e foram complementados por uma pessoa dando um pigarro ostensivo.

— Aquelas crianças! Podem morar comigo, né? Elas são, tipo, como se diz mesmo? Filhos pra mim, né? — Alguém parece disposta a lutar por isso com todos ali dentro. Ela aponta para o campo de futebol; ainda tem camisas brancas penduradas ao longo da cerca e as velas foram respeitosamente acesas mais uma vez no início daquela manhã.

— É preciso, como se diz mesmo? É preciso uma localidade para criar um filho, né? Nós temos uma localidade!

Sonja soltou Britt-Marie com relutância, como fazemos com um balão que sabemos que vai voar assim que abrimos a mão.

Karl torceu o boné e apontou, ao mesmo tempo decidido e temeroso, para a mulher da assistência social.

— Você não pode tirar as crianças de Borg, elas podem acabar morando com qualquer um! Podem acabar com um torcedor do Chelsea!

A essa altura, Britt-Marie já havia colocado as chaves do centro recreativo no corredor de pratos e escapulido atrás deles. Se eles notaram, e talvez tenham notado, deixaram que ela saísse sem dizer nada, porque gostavam o bastante dela para fazer isso.

A tarde transforma-se em noite em Borg, rápida e impiedosa, como se o crepúsculo arrancasse um Band-Aid da luz do dia. Britt-Marie se ajoelha com a testa encostada na lápide de Sami.

— Meu querido, jamais vou me arrepender de ter estado aqui.

Na segunda-feira, os tratores começam a chegar a Borg. Britt-Marie não sabe se é religiosa, mas imagina que isto é bom, saber que Deus tem planos para Borg.

Ela tem manchas de grama nas coxas quando anda sozinha pela estrada na direção do vilarejo. As camisas brancas ainda estão ali na cerca. Velas novas foram acesas mais abaixo. O centro recreativo está iluminado pelo brilho de uma televisão e ela vê a sombra das cabeças das crianças em seu interior. Mais

crianças agora do que nunca. Mais um clube do que um time. Ela quer entrar, mas entende que não seria apropriado. Entende que é melhor assim.

No estacionamento de cascalho entre o centro recreativo e a pizzaria estão dois caminhões velhos gigantescos com os faróis acesos. Um grupo de adultos de barba e boné se movem pelos facho de luz, ofegando, resmungando e se empurrando. Britt-Marie demora um bom tempo para entender que eles estão jogando futebol.

Eles estão jogando.

Ela continua pela estrada. Para por alguns segundos na frente de uma casinha modesta com um jardim pequeno e modesto. Se você não soubesse o que havia ali, poderia tranquilamente passar sem prestar muita atenção e, neste sentido, a casa tem muito em comum com seu proprietário. A viatura não está estacionada na frente, as janelas não estão iluminadas. Depois de ter absoluta certeza de que Sven não está em casa, Britt-Marie chega furtivamente até a porta e bate. Porque ela queria fazer isso uma vez na vida.

Depois ela se afasta rapidamente, mantendo-se nas sombras, e caminha pela distância que resta até a casa de Bank. O canteiro de flores do lado de fora não está mais fedendo. A placa de “Vende-se” no gramado foi retirada. Há um cheiro de ovos fritos quando Britt-Marie entra em casa. O cachorro está dormindo no chão, Bank está sentada em sua poltrona na sala de estar com a cara tão próxima da televisão que Britt-Marie quer avisá-la de que pode ser prejudicial para seus olhos, mas, pensando bem, percebe que é melhor não falar nada.

— Posso saber quem está jogando? — diz ela, em vez disso.

— Aston Villa e Liverpool! O Aston Villa está ganhando de dois a zero! — diz Bank, muito agitada.

— Ha. Assim devo supor, então, que você também torce pelo Liverpool, como todas as crianças daqui, pelo que parece.

— Está louca? Eu torço para o Aston Villa! — responde Bank num silvo.

— Posso perguntar por quê? — indaga Britt-Marie, porque, quando ela pensa mais atentamente nisso, ocorre-lhe que aquela é a primeira vez que ela vê Bank prestando atenção a uma partida de futebol transmitida pela televisão.

Bank faz cara de que aquela é uma pergunta ridícula. Pensa por um momento. Depois responde de má vontade:

— Porque ninguém mais torce pelo Aston Villa... e porque eles têm uma camisa bonita.

Britt-Marie acha o segundo argumento um pouco mais racional do que o primeiro. Bank levanta a cabeça, baixa o volume da televisão. Tomam um gole da cerveja e pigarreiam.

— Tem comida na cozinha. Se estiver com fome.

Britt-Marie meneia a cabeça, segura com força a bolsa.

— Kent está para chegar. Nós vamos para casa. Ele vai dirigindo o carro dele e eu dirijo o meu, mas ele vai na minha frente, é claro. Não gosto de dirigir no escuro. É melhor se ele estiver na frente.

Bank se coloca de pé com uma série de palavrões laboriosos para a poltrona, como se fosse culpa da cadeira as pessoas envelhecerem.

— Eu não queria me meter, mas acho que você devia aprender a dirigir no escuro.

— É muita gentileza de sua parte — responde Britt-Marie para a bolsa.

Bank e o cachorro a ajudam com as malas e as jardineiras da varanda no segundo andar. Britt-Marie lava a louça e limpa a cozinha. Arruma os talheres. Faz um carinho atrás da orelha do cachorro. Uma pessoa na televisão começa a gritar a plenos pulmões. Bank desaparece na sala de estar e volta irascível.

— O Liverpool fez um gol agora. Agora está dois a um — resmunga ela.

Britt-Marie anda pela casa pela última vez. Ajeita tapetes e cortinas.

Quando entra na cozinha, ela fala:

— Não sou do tipo que mete o nariz onde não é chamada, mas não pude deixar de notar que a placa de “Vende-se” no gramado foi retirada. Gostaria de lhe dar os parabéns por conseguir vender a casa.

Bank sorri com amargura.

— Está brincando? Quem compraria uma casa em Borg?

Britt-Marie ajeita a saia.

— Não foi uma suposição irracional concluir que você retirou a placa...

— Ah, pensei em ficar mais algum tempo em Borg, só isso. Eu estava pensando em dar uma palavrinha com meu velho. Pensei que podia ser mais fácil, agora que ele morreu, porque ele não pode me interromper o tempo todo.

Britt-Marie quer dar um tapinha no ombro dela, mas percebe que é melhor deixar pra lá. No mínimo porque Bank tem a bengala a seu alcance.

Há uma batida na porta. Bank vai até o corredor, mas depois volta para a sala, sem abrir a porta, porque ela sabe quem é.

Britt-Marie olha a cozinha pela última vez. Passa os dedos bem perto das paredes para senti-las, mas não perto o bastante para tocá-las. Afinal, estão muito sujas. Ela não teve tempo de dar um jeito nisso. Precisaria de muito mais tempo em Borg para tal.

Kent sorri com alívio quando ela abre a porta.

— Está pronta para ir? — diz ele com ansiedade, como se ainda temesse que ela mudasse de ideia.

Ela assente e segura firme a bolsa. Depois o comentarista na televisão de súbito começa a gritar feito um louco. Soa como se alguém o tivesse esmurrado.

— Mas o que está acontecendo? — exclama Britt-Marie.

— Vamos logo! Ou vamos ficar presos no trânsito! — Kent tenta, mas é tarde demais. Britt-Marie está de volta à sala de estar. Bank está apupando e xingando um jovem de camisa vermelha que está berrando até a cara ficar roxa.

— Dois a dois, o Liverpool empatou, está dois a dois — resmunga ela, chutando a poltrona como se fosse a responsável pelo problema.

Britt-Marie já está com metade do corpo para fora da porta.

A BMW de Kent está estacionada na rua. Ele estende a mão para ela e sai correndo, mas ela se afasta. É claro, não é nada adequado uma mulher adulta correr como se fosse uma criminosa fugindo da justiça. Ela para na beira da calçada, com a respiração quente na garganta, se vira e olha para Kent com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— O que está fazendo, querida? Precisamos ir agora — diz ele, mas sua voz falha porque provavelmente consegue reconhecer com muita clareza o que ela está fazendo.

A saia dela está amarrotada, mas ela não ajeita. O cabelo está quase desarrumado, ou mais desarrumado do que o permitido para ser o cabelo de Britt-Marie. Seu bom senso, no fim, joga a toalha e lhe permite elevar a voz:

— O Liverpool empatou! Acho que eles vão vencer!

Kent deixa o queixo pender até o peito. Ele se retrai.

— Você não pode ser mãe deles, querida. E mesmo que pudesse, o que vai acontecer depois? Quando eles não precisarem mais de você? E então, o que vai acontecer?

Ela meneia a cabeça. Mas com desafio, rebelde, não com tristeza e abatimento. Como se pretendesse pular da beira, mesmo que fosse apenas a beira da calçada.

— Não sei, Kent. Não sei o que vai acontecer depois.

Ele fecha os olhos, mais uma vez se parece com um garoto no patamar de uma escada, depois fala em voz baixa:

— Só posso esperar até amanhã de manhã, Britt-Marie. Vou ficar com os pais do Sapo. Se você não bater na porta pela manhã, vou para casa sozinho.

Ele tenta dizer isso de um jeito confiante, embora saiba que já a perdeu.

Ela já está a meio caminho do centro recreativo.

Omar e Vega a veem antes que ela os veja. Ela já passou correndo por eles quando os ouve chamando com irritação.

— Pelo amor de Deus... o Liverpool... bom, é claro que não sei exatamente o que eles fizeram, mas tenho a impressão de que vão ganhar desses... sei lá que nome têm. Villa-não-sei-o-quê! — Britt-Marie está ofegante, tão sem fôlego que vê estrelas e precisa se equilibrar, no meio da estrada, descansando as mãos nos

joelhos. Os vizinhos certamente devem estar se perguntando se ela começou a usar narcóticos.

— A gente tá sabendo! — Omar se junta a ela avidamente. — Nós vamos ganhar! Dá pra ver nos olhos de Gerrard quando ele fez gol que nós vamos ganhar!

Britt-Marie ergue a cabeça, com a respiração tão laboriosa que sente a chegada de uma enxaqueca.

— Posso saber que raios vocês estão fazendo aqui no meio da estrada, então?

Vega fica de frente para ela com as mãos nos bolsos, balançando a cabeça como se tivesse chegado à conclusão de que Britt-Marie é ainda mais lerda do que ela pensava.

— Quando o jogo virou, a gente queria assistir com você.

O Liverpool não virou aquela partida. O placar final foi 2-2. Não faz diferença e faz toda a diferença do mundo.

Eles comem ovos com bacon na cozinha de Bank naquela noite. Vega, Omar, Britt-Marie, Bank e o cachorro. Quando Omar coloca os cotovelos na mesa, é Vega quem diz a ele para tirar.

Os olhos deles se encontram por um momento, depois ele obedece sem protestar.

Britt-Marie está no corredor enquanto eles vestem os casacos. Ela enrosca os dedos dos pés dentro dos sapatos e espana seus braços até que eles precisam segurar suas mãos para fazê-la parar.

A jovem da assistência social estava no gramado, esperando por eles.

— Ela é legal, ela não gosta de futebol, mas é legal — diz Vega a Britt-Marie.

— Nós vamos ensinar a ela — Omar lhe garante.

Britt-Marie suga as bochechas e faz que sim.

— Eu... o caso é que eu... eu só queria dizer que eu... que vocês... que eu nunca — começa ela.

— A gente sabe — diz Vega no fundo do tecido do casaco de Britt-Marie.

— Tá tudo legal — promete Omar.

As crianças já estavam lá fora quando o menino se vira. Britt-Marie não se mexeu, como se quisesse preservar a imagem deles em suas retinas até o último minuto. Então ele pergunta:

— O que você vai fazer amanhã?

Britt-Marie cruza as mãos sobre a barriga. Puxa o máximo de ar que consegue.

— Kent estará esperando que eu bata na porta dele.

Vega coloca as mãos nos bolsos. Ergue as sobrancelhas.

— E Sven?

Britt-Marie respira fundo e solta o ar. Deixa que Borg fique dançando dentro de seus pulmões.

— Ele me disse que tem esperanças de que seja eu sempre que ouve uma batida na porta.

Iluminadas pelos postes da estrada, as crianças parecem muito pequenas. Mas Vega se estica, endireita as costas e fala:

— Me faça um favor, Britt-Marie.

— Qualquer coisa — sussurra ela.

— Não bata em porta nenhuma amanhã. Só entre no carro e dirija!



Britt-Marie está sozinha no escuro muito tempo depois de eles terem partido. Ela nunca disse nada, não prometeu nada. Sabe que seria uma promessa que não poderia cumprir.

Ela fica de pé na varanda da casa de Bank, sentindo Borg soprar ternamente em seu cabelo. Não com tanta força que estrague o penteado, só o bastante para sentir a brisa. O entregador do jornal passa de carro quando ainda está escuro. As mulheres dos andadores saem lentamente da casa do outro lado da rua, na direção da caixa de correio. Uma delas acena para Britt-Marie e ela retribui o cumprimento. Não com o braço todo, é claro, mas com um movimento controlado, um movimento discreto de uma das mãos no nível dos quadris. Como acena uma pessoa que tem bom senso. Ela espera até que as mulheres tenham voltado para dentro de casa. Depois desce furtivamente a escada e leva suas malas para o carro branco de porta azul.

Antes do amanhecer, ela está na frente de uma porta e bate.

Se uma pessoa fecha os olhos com força e por um longo tempo, pode se lembrar de todas as vezes em que tomou uma decisão na vida só para o seu próprio bem. E percebe, talvez, que isto nunca aconteceu. Se ela dirige um carro branco de porta azul lentamente por uma estrada que atravessa um vilarejo, enquanto ainda está escuro, e se abre a janela e respira fundo várias vezes, então pode se lembrar de todos os homens por quem se apaixonou.

Alf. Kent. Sven. Um que a enganou e a abandonou. Outro que a enganou e foi abandonado por ela. O terceiro que é muitas coisas que ela nunca teve, mas possivelmente nenhuma delas é o que vem desejando. E ela pode lentamente, bem lentamente, retirar o curativo da mão e olhar a marca branca em seu dedo anular. Enquanto sonha com o primeiro amor e outras chances, e pondera sobre perdão *versus* amor. Contando os batimentos do seu coração.

Se uma pessoa fecha os olhos, pode se lembrar de todas as decisões de sua vida. E percebe que todas foram tomadas pelo bem de outra pessoa.

É de manhã cedo em Borg, mas o amanhecer parece estar protelando. Como se quisesse dar a ela tempo para levantar a mão. Para se decidir.

E pular.

Ela bate na porta. A porta abre. Ela quer dizer tudo o que sente em seu íntimo, tudo o que esteve carregando, mas nunca teve a oportunidade. Ela quer explicar exatamente por que está ali e não em outro lugar, mas é interrompida. Ela fica decepcionada ao perceber que era esperada — e que ela é tão previsível.

Ela quer dizer alguma coisa do que sente, abrir o peito e deixar fluir tudo pela primeira vez, mas não lhe dão essa oportunidade. Em vez disso, ela é levada por aquela mão firme de volta à estrada. A calçada está pontilhada de galões plásticos de gasolina. Como se tivessem caído da traseira de um caminhão.

— Todo mundo do time coletou dinheiro. Nós calculamos a distância exata — diz o menino.

— Sim, aqueles de nós que sabem contar — intervém a menina.

— Eu sei contar! — exclama o menino, com raiva.

— Tanto quanto sabe chutar uma bola, então tá, tipo você sabe contar até três!

— A menina sorri.

Britt-Marie inclina-se e toca nos galões plásticos. Eles fedem.

Alguma coisa roça os seus braços e ela leva um bom tempo para perceber que as crianças estão segurando as mãos dela.

— É gasolina. Nós calculamos. Tem o bastante aqui pra ir até Paris — sussurra Omar.

— E voltar — acrescenta Vega.

Eles ficam ali acenando enquanto Britt-Marie se senta no banco do motorista. Eles acenam com o corpo todo, como os adultos nunca fazem. A manhã chega a Borg com um sol que se controla e espera respeitosamente no horizonte, como se quisesse dar a ela tempo suficiente para tomar uma última decisão, depois escolher por si mesma pela primeira vez. Quando a luz do dia enfim jorra nos telhados, um carro branco de porta azul começa a se afastar.

Talvez ela pare. Talvez ela bata só em mais uma porta.

Talvez ela só dirija.

Deus sabe que Britt-Marie certamente tem combustível suficiente.



É janeiro em um lugar que é um entre milhões, em vez de um em um milhão. Um lugar como todos os outros e um lugar como nenhum outro.

Em alguns meses, a 965 quilômetros de distância, o Liverpool quase vencerá a Premier League inglesa. Em uma das últimas partidas, eles estarão ganhando por 3-0 do Crystal Palace, mas em oito minutos surreais deixarão entrar três gols e perderão o título do campeonato. Ninguém em Liverpool jamais saberá algo sobre Borg, eles nem mesmo sabem que o lugar existe, mas ninguém que dirija nesta estrada de janelas abertas será capaz de deixar de ouvir a coisa toda enquanto acontece.

O Manchester United demite seu técnico e começa tudo de novo. O Tottenham promete que a próxima temporada será melhor. Em algum lugar por aí, ainda se pode encontrar quem seja torcedor do Aston Villa.

Agora é janeiro, mas a primavera chegará em Borg. Um jovem descansará ao lado de sua mãe em um cemitério sob um cobertor de cachecóis; duas crianças se atropelarão para deplorar e xingar árbitros inúteis e carrinhos ridículos. Uma bola chegará rolando e um pé vai chutá-la, porque esta é uma comunidade onde ninguém sabe deixar de fazer isso. Um verão chegará em que o Liverpool vai perder tudo, depois virá o outono e junto com ele uma nova temporada, quando eles têm outra chance de ganhar tudo. O futebol é um jogo poderoso por isso, porque ele obriga a vida a continuar.

Borg está exatamente onde está. Onde sempre esteve. Borg é um lugar à beira de uma estrada que tem dois sentidos. Um sentido para casa e outro para Paris.

Se você estiver apenas passando de carro por Borg, será fácil notar os lugares que foram fechados. Você precisa reduzir a velocidade para ver o que ainda tem ali. Tem gente em Borg. Tem ratos, andadores e estufas. Cercas de madeira, camisas brancas de futebol e velas acesas. Um gramado recém-colocado e histórias felizes. Tem uma floricultura onde você só pode comprar flores vermelhas. Tem uma loja de esquina, uma oficina mecânica, uma agência de correio e uma pizzaria, onde a televisão está sempre ligada toda vez em que há uma partida de futebol, e onde não é vergonha nenhuma comprar a crédito. Não existe mais um centro recreativo, mas tem crianças que comem bacon e ovos com sua nova técnica e seu cachorro em uma casa com varanda, em uma sala de estar onde há novas fotos na parede. Há menos placas de “Vende-se” ao longo da estrada hoje do que havia ontem. Tem adultos de barba e boné que jogam futebol na luz dos faróis de caminhões velhos.

Tem um campo de futebol. Tem um clube de futebol.

E aconteça o que acontecer.

Onde quer que ela esteja.

Todo mundo saberá que Britt-Marie esteve aqui.

AGRADECIMENTOS

Neda. A maior bênção na vida é poder partilhá-la com alguém muito mais inteligente do que nós. Lamento que você nunca vá experimentar isto, é de fato insuperável. *Asheghetam. Sightseeing.*

Jonas Axelsson. Meu editor e agente, que nunca perde de vista o fato de que ainda sou um iniciante, e que sua principal tarefa é me ajudar a aprimorar minha escrita. Niklas Natt och Dag, que com seus textos e seu talento artístico de respeito lembra-me diariamente que isto é um privilégio. Céline Hamilton e Agnes Cavallin, da Partners in Stories, onde uma ilimitada competência cabe entre as paredes de uma casa bem pequena; usando partes iguais do cérebro e do coração, eles mantiveram este projeto no rumo. Não teria dado certo sem vocês. Karin Wahlén, da Kult PR, que o entendeu desde o primeiro dia. Vanja Vinter, policial de elite da gramática e rigorosa e notável revisora, editora de texto e crítica, embora sua gaveta de talheres seja uma prolongada decepção. Nils Olsson, que, com paciência, sensibilidade e muito amor, projetou três capas incríveis para o livro. Andrea Fehlauer, que trabalhou como preparadora de originais das principais partes do livro, trazendo sua experiência e precisão à tarefa, e sem dúvida melhorando o livro, por consequência.

Os leitores do meu blog, que estavam presentes desde o início. Tudo isso na verdade é principalmente culpa de vocês.

Torsten Wahlund, Anna Maria Käll e Martin Wallström, que gravaram minhas histórias como audiolivros e deram voz a meus personagens de um jeito que eu não pensava ser possível. Agora eles são mais de vocês do que meus. Julie Lærke Løvgren, que supervisionou a publicação de meus livros no exterior. Judith Toth, que me colocou lá. Siri Lindgren, da Partners in Stories, que cuidou para que o barco não virasse quando Jonas se recusou a ficar parado nele. Johan Zillén. O primeiro a entrar e o último a sair.

A todos que estavam e ainda estão envolvidos com meus livros no Forum, Mån-pocket, Bonnier Audio e Bonnier Rights. Em particular a John Häggblom, sem cuja ajuda eu não estaria aqui hoje. Liselott Wennborg, editora de *Saker min son behöver veta om världen* [Coisas que meu filho precisa saber sobre o mundo]. Adam Dahlin, que viu o potencial. Sara Lindegren e Stephanie Tärnqvist, que sempre foram muito mais pacientes comigo do que eu mereço.

Natur och Kultur, que nos deu seu apoio, em especial Hannah Nilsson e John Augustsson.

Pocketförlaget e A Nice Noise, que acreditaram em tudo isso.

Todos que resenharam e escreveram e falaram sobre meus livros em blogs, no Twitter, Facebook, Instagram. Em especial àqueles de vocês que realmente não gostaram deles, e perderam tempo para explicar racional e instrutivamente por quê. Não posso prometer que me tornei um escritor melhor como consequência disto, mas pelo menos vocês me obrigaram a pensar. Não creio que isto seja uma coisa ruim.

Lennart Nilsson, em Gantofta. O melhor técnico de futebol que já tive.

Acima de tudo, obrigado a todos vocês que leram meus livros. Agradeço por seu tempo.

Título original
BRITT-MARIE WAS HERE
A Novel

Este livro é uma obra de ficção. Referências a acontecimentos históricos, pessoas reais ou lugares foram usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com fatos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2014 by Fredrik Backman

Publicado originalmente em 2014 na Suécia como Britt-Marie var här por Partners in Stories, Estocolmo, Suécia.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Salomon Son Agency.

Esta edição foi traduzida a partir da versão em língua inglesa.
Copyright © 2015 by Henning Koch.

FÁBRICA 231
O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
VANESSA GOLDMACHER

Edição digital: outubro, 2019.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B122b

Backman, Fredrik

Britt-Marie esteve aqui [recurso eletrônico] / Fredrik Backman ; tradução de Maira Parula. -
1. ed. - Rio de Janeiro : Fábrika 231, 2019.

recurso digital

Tradução de: Britt-Marie was here

ISBN 978-85-9517-060-5 (recurso eletrônico)

1. Romance sueco. 2. Livros eletrônicos. I. Parula, Maira. II. Título.

19-58513 CDD: 839.73

CDU: 82-31(485)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

O AUTOR

FREDRIK BACKMAN é jornalista e escritor nascido em Estocolmo, na Suécia, onde vive com a esposa e dois filhos. Ele é autor do best-seller do *New York Times*, *Um homem chamado Ove* e de *Minha avó pede desculpas*, publicado pela Rocco. Seus livros já foram publicados em mais de 25 países.

FREDRIK BACKMAN

AUTOR DO BEST-SELLER INTERNACIONAL
UM HOMEM CHAMADO OVE

minha avó pede desculpas



Minha avó pede desculpas

Backman, Fredrik

9788595170506

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elsa tem sete anos e é diferente. Sua avó tem setenta e sete e é maluca – maluca do tipo ficar-na-varanda-atirando-com-uma-arma-de-paint-ball-em-homens-que-querem-falar-sobre-Jesus. Ela também é a melhor e única amiga de Elsa. Todas as noites, a menina se refugia nas histórias da vovó, na Terra-dos-Quase-Despertos e no reino de Miamas, onde todo mundo é diferente e ninguém precisa ser normal. Quando a vovó morre e deixa uma série de cartas pedindo desculpas a todas as pessoas com quem já errou, tem início a maior aventura da vida de Elsa. As cartas da vovó a conduzem por um prédio repleto de bêbados, monstros e cães bravos, mas também a levam a descobrir a verdade sobre contos de fadas, reinos e a melhor avó que já existiu. Minha avó pede desculpas é contado com a mesma precisão cômica e emoção características do autor best-seller de Um homem chamado Ove. É uma história sobre vida e morte, família e amizade, realidade e fantasia, e sobre um dos direitos humanos mais importantes: o de ser diferente.

[Compre agora e leia](#)



GAIL HONEYMAN

FABRICA231

Eleanor Oliphant está muito bem

Honeyman, Gail

9788595170292

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eleanor Oliphant é uma criatura metódica e solitária, cuja total falta de habilidades sociais e ausência de filtro ao dizer o que pensa acabam por afastá-la de uma convivência normal em sociedade. Além disso, sua aparência peculiar a transforma em alvo de piadas no ambiente corporativo. Mas, para ela, está tudo muito bem: às vésperas de completar 30 anos, Eleanor está satisfeita com a vida que leva — trabalha na área administrativa de uma empresa de design gráfico há quase uma década e passa os fins de semana em seu apartamento na companhia da planta de estimação, palavras cruzadas, muita pizza congelada, vodca e breves conversas ao telefone com a mãe, que está na prisão. Eleanor não sente o vazio de uma vida sem família e amigos porque nunca soube o que é ter a companhia e o amor de outras pessoas: desde muito nova habituou-se à rotina de passar de lar adotivo a lar adotivo até concluir a faculdade e arrumar um emprego. Mas tudo muda quando Eleanor conhece Raymond, o novo funcionário de TI da empresa. Quando os dois, juntos, salvam a vida de Sammy, um senhor que desmaia no meio da rua, os três se tornam amigos que salvam uns aos outros da vida de isolamento que vinham levando até então. E, por fim, com seu grande coração, Raymond ajudará Eleanor a revisitar traumas reprimidos do passado e encontrar o caminho para curar suas dores. Eleanor Oliphant está muito bem é a história de uma heroína fora do comum. Seu estilo seco e esquisito e sua sagacidade involuntária criam uma irresistível jornada na qual, no fim das contas, ela descobre que a melhor maneira de sobreviver é abrindo o coração. Ganhador do Costa Book Award for First Novel (2017) e do WHSmith Fiction Book of the Year (2017).

[Compre agora e leia](#)

× LENDAS DE BALDÚRIA ×

UM CHAMADO DO INFERNO

ANDRÉ GORDIARO

FABRICA231



Um chamado do inferno

Gordirro, André

9788568432402

9 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Zenibar, uma pérola negra em um mar escuro. Nas entranhas da Cordilheira dos Vizeus, a cidade dos svaltares — os elfos das profundezas — ocupava uma caverna colossal, uma mancha praticamente invisível no breu, que era rompido apenas ocasionalmente pela luz bruxuleante de braseiros e incensos, acesos por motivos místicos. Proteções, rituais, pactos — os svaltares invocavam poderes sobrenaturais para quase tudo no cotidiano de sua sociedade subterrânea. Mas o objetivo que levava Vagnar a entrar em sua câmara de conjuração não era nada mundano, como causar a morte de um desafeto ou reforçar a barreira mística de seus aposentos. Ele desejava entrar em contato com um demônio de outra dimensão." Um demônio em busca de vingança. Svaltares querendo conquistar o mundo. Neste spin-off de Os portões do inferno, conheça o lado mais perverso e temido dos seres que habitam Zândia e anseiam pelas trevas eternas. O nascimento da conspiração que fez surgir seis improváveis heróis, os protagonistas das Lendas de Baldúria.

[Compre agora e leia](#)



Nana Pauvolid

REDENÇÃO PELO AMOR

*Antônio Saragoça é ambicioso e sedutor.
É obcecado pelo poder e está prestes a definir
os rumos dos negócios da família.
Seus desejos não conhecem limites.*

FABRICA 231

Redenção pelo amor

Pauvolih, Nana
9788568432532
592 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Violeta, a cor mais quente. Depois de Redenção de um cafajeste e Redenção e submissão, a autora Nana Pauvolih apresenta, em Redenção pelo amor, mais uma história de paixão arrebatadora, agora protagonizada pelo ambicioso Antônio, amigo dos protagonistas dos livros anteriores, Arthur e Matheus, e por Cecília, uma garota simples, bela e radiante. Ansiosamente aguardado pelas fãs da autora, que coleciona mais de um milhão de visualizações de suas histórias na plataforma online Wattpad e mantém contato diário com suas leitoras através das redes sociais, Redenção pelo amor é a pincelada final no retrato sedutor que a autora pinta dos três amigos capazes de qualquer loucura em nome da paixão e do desejo.

[Compre agora e leia](#)

LIVRO

2

Nana Pauvolid
**REDENÇÃO
E SUBMISSÃO**

Matthew Scott (P.O.) é um romântico assumido, mas não se deixe enganar por seus olhos azuis de anjo. Trata-se de um dos mais desejados dominadores da alta sociedade carioca. Não há mulher que não se renda a seus comandos.

FABRICA 231

Redenção e Submissão

Pauvolih, Nana
9788568432259
440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coleção Violeta, a cor mais quente. Pioneira da autopublicação no segmento erótico nacional, Nana Pauvolih estreia na Rocco com a série Redenção, um de seus maiores sucessos. A trilogia erótica revela as histórias de três amigos: Arthur, Matheus e Antônio. Quando crianças, eram o terror da escola e das meninas, competindo pelo maior número de conquistas. Depois que assumiram os negócios das famílias, o jogo passou a acontecer em um cenário bem diferente: o Clube Catana, espaço para poucos privilegiados, onde tudo é permitido, mesmo os prazeres mais perversos. Em Redenção e Submissão temos o foco no dominador Matheus ou Matt, como gosta de ser chamado pelas amigas. Matheus é um dominador fora do comum. A cara de bom moço, o romantismo e suas boas maneiras mascaram seu lado mais sombrio, que adora submeter e ter uma mulher suplicando sob suas ordens. Mestre em shibari, uma complexa técnica oriental de bondage, e especialista em chicotes longos, que exigem muita perícia, ele conhece como poucos as melhores técnicas de dominação. Sophia se orgulha de ter conquistado sozinha seu lugar no mundo. É agressiva sexualmente, dominadora e dona de si. Mas seu ar atrevido e mandão esconde um trauma do passado. Ela jurou jamais se deixar enfraquecer por amor novamente e não permite que ninguém se aproxime demais. Entregar-se completamente a um homem nunca esteve nos seus planos. Ela é exatamente o oposto de tudo que ele procura em uma mulher. Ele pode representar a ruína de tudo que ela sempre protegeu. Sem que percebam, Matt e Sophia se veem escravizados por um desejo absoluto que pode destruir ou salvar os dois. Quando dois dominadores se enfrentam em uma extasiante batalha por poder, render-se pode ser o maior triunfo. O segundo romance da trilogia Redenção fará você implorar por mais, enquanto mergulha fundo no universo repleto de erotismo da escritora Nana Pauvolih.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Agradecimientos](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)